

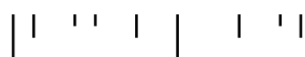


# O CONSELHO DE COOPERAÇÃO EDUCATIVA NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA: ATORES, PAPÉIS E POTENCIALIDADES

Jéssica Sofia Santos Monte

Relatório de Prática Profissional Supervisionada  
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2021-2022



# O CONSELHO DE COOPERAÇÃO EDUCATIVA NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA: ATORES, PAPÉIS E POTENCIALIDADES

Jéssica Sofia Santos Monte

Relatório de Prática Profissional Supervisionada  
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Rita Friães

2021-2022

| | ' ' | | ' ' |

## AGRADECIMENTOS

Desde pequena que digo aos meus pais que quero ser educadora de infância e agora vejo-me a cumprir esse sonho que sempre fez parte de mim. A elaboração do presente relatório é resultado de vários anos de trabalho, dedicação e pesquisa e, por isso, ao terminar esta etapa importa fazer um agradecimento a todas as pessoas que fizeram parte deste percurso e que sempre me deram motivação para continuar.

Primeiramente, quero agradecer aos meus **pais, irmãos e família**, por me incentivarem a seguir este curso, por sempre me apoiarem e serem uma inspiração e orgulho para mim diariamente.

Aos meus **sobrinhos** por todos os dias me darem razões para continuar a trabalhar para ser uma futura educadora de infância e por poder crescer e aprender com eles todos os dias.

Ao meu **namorado**, que tanto me aturou ao longo destes anos, por nunca me deixar desistir e sempre me ajudar nos momentos mais difíceis mas também estar sempre presente nas minhas conquistas.

Às pessoas que fizeram com que este curso tivesse outro significado, principalmente, a **Margarida** e a **Cátia** por não me deixarem desistir e por estarem lá sempre prontas a ajudar-me nem que fosse com simples palavras que faziam a diferença.

À **Escola Superior de Educação de Lisboa** por me proporcionar diversas experiências significativas quer na teoria quer na prática. Às **organizações socioeducativas** que me receberam, principalmente, na PPSI e PPSII apesar das diversidades pandémicas, mas também às **equipas educativas e grupos de crianças** que tantos conhecimentos me ensinaram e transmitiram.

Por fim, um agradecimento especial à **orientadora Rita Friães** pelo seu apoio, trabalho, orientação e por estar sempre disponível para realizar tutorias e apoiar-me nos momentos mais complicados deste percurso.

## RESUMO

O presente relatório surge no âmbito da Prática Profissional Supervisionada II, apresentando a investigação desenvolvida ao longo de quatro meses num contexto de Jardim de Infância (JI), com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os quatro e seis anos. Integra ainda, uma reflexão pessoal sobre a importância deste percurso na construção da minha identidade profissional enquanto futura educadora de infância.

Ao longo da minha prática, fui observando que as crianças, na Organização Socioeducativa onde estive, são muito participativas e têm uma voz ativa no planeamento das atividades, sendo visível, por exemplo, no Conselho de Cooperação Educativa realizado semanalmente, momento esse que despertou a minha curiosidade e que considerei relevante para realizar um estudo de caso centrado, principalmente, nos atores, nos papéis e nas potencialidades desse momento. O presente estudo apresenta os seguintes objetivos: (i) caracterizar e analisar as formas de participação das crianças no Conselho de Cooperação Educativa; (ii) analisar de que forma o Conselho pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças; (iii) descrever e analisar de que forma o momento do Conselho de Cooperação Educativa é utilizado pela equipa educativa para promover o envolvimento das crianças no planeamento das atividades.

Considerando os propósitos do estudo, optou-se por seguir uma abordagem de natureza qualitativa ou interpretativa assente na metodologia do estudo de caso. Para a recolha de dados, recorreu-se à observação indireta, tendo sido realizadas entrevistas semiestruturadas à equipa educativa da sala, à observação direta participante com os registos das notas de campo diárias e à observação direta não participante e naturalista através dos momentos do Conselho de Cooperação Educativa. Os dados qualitativos foram tratados através da análise de conteúdo, tendo sido os dados quantitativos sujeitos a um tratamento estatístico, nomeadamente contagem de frequências.

Os dados recolhidos destacam a importância do Conselho de Cooperação Educativa no que diz respeito à participação ativa das crianças no planeamento e no seu desenvolvimento e aprendizagem. Os dados revelam ainda como a equipa educativa da sala utiliza este momento para o planeamento. Com efeito, observou-se que as crianças

têm um papel ativo no Conselho, que se destaca sobretudo nos momentos de resolução de conflitos, e que a equipa educativa tem um papel mediador, dando oportunidade às crianças de participarem livremente, exporem as suas opiniões e apresentarem sugestões. No momento do planeamento, as crianças têm a oportunidade de sugerir atividades que desejavam realizar, mostrando os seus interesses, sendo estes valorizados e tidos em conta pela equipa educativa, mostrando o papel ativo da criança no seu processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Conselho de Cooperação Educativa; participação; papel das crianças; papel da equipa educativa; planeamento.

## **ABSTRACT**

This report comes within the scope of Supervised Professional Practice II, presenting the research developed over four months in a Kindergarten (JI) context, with a group of children aged between four and six years. It also includes a personal reflection on the importance of this path in the construction of my professional identity as a future kindergarten teacher.

Throughout my practice, I observed that children, in the Socio-Educational Organization where I was, are very participative and have an active voice in the planning of activities, being visible, for example, in the Educational Cooperation Council held weekly, a moment that aroused my curiosity and that I considered relevant to carry out a case study focused mainly on the actors, roles and potentialities of that moment. The present study has the following objectives: (i) to characterize and analyze the ways in which children participate in the Educational Cooperation Council; (ii) analyze how the Council can contribute to children's development and learning; (iii) describe and analyze how the moment of the Educational Cooperation Council is used by the educational team to promote the involvement of children in the planning of activities.

Considering the purposes of the study, it was decided to follow a qualitative or interpretative approach based on the methodology of the case study. For data collection, indirect observation was used, with semi-structured interviews carried out with the classroom's educational team, direct participant observation with the records of daily field notes and direct non-participant and naturalistic observation through the moments of the Board of Directors. Educational Cooperation. Qualitative data were treated through content analysis, with quantitative data subjected to statistical treatment, namely frequency counting.

The data collected highlights the importance of the Educational Cooperation Council with regard to the active participation of children in planning and in their development and learning. The data also reveal how the classroom's educational team uses this moment for planning. Indeed, it was observed that children have an active role in the Council, which stands out especially in moments of conflict resolution, and that the

educational team has a mediating role, giving children the opportunity to participate freely, express their opinions and submit suggestions. At the time of planning, children have the opportunity to suggest activities they wish to carry out, showing their interests, which are valued and taken into account by the educational team, showing the child's active role in their teaching-learning process.

**Keywords:** Educational Cooperation Council; participation; children's paper; role of the educational team; planning.

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
1. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA.....	5
1.1. Caracterização para a ação educativa.....	6
1.1.1. Meio onde está inserido o contexto socioeducativo .....	6
1.1.2. O contexto socioeducativo.....	7
1.1.3. Equipa educativa .....	8
1.1.4. O ambiente educativo.....	10
1.1.5. Caracterização das crianças.....	16
1.1.6. Caracterização das famílias.....	21
1.1.7. Planeamento e Avaliação .....	22
2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO.....	25
2.1. Intenções para a ação.....	26
2.2. Processo de intervenção da PPSII em Jardim de Infância.....	35
3. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA.....	39
3.1. Identificação da Problemática Emergente .....	40
3.2. Revisão da Literatura sobre a problemática identificada .....	42
3.2.1. Movimento da Escola Moderna e o Conselho.....	42
3.2.2. Perspetiva histórica da participação das crianças.....	44
3.2.3. Papel do/ educador/a e da equipa educativa na participação das crianças..	47
3.2.4. Importância do planeamento .....	48
3.3. Roteiro metodológico e ético.....	50
3.3.1. Princípios éticos e deontológicos .....	54
3.3.2. Participantes do estudo.....	54
3.4. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	55
3.4.1. Processo de Análise de Dados.....	55
3.4.2. Apresentação, análise e interpretação dos dados .....	56
3.4.2.1. A participação das crianças no Conselho de Cooperação Educativa .....	56
3.4.2.2. Potencialidades do Conselho para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.....	61
3.4.2.3. Utilização do momento do Conselho de Cooperação Educativa por parte da equipa educativa para o envolvimento das crianças no planeamento.....	65

3.5. Discussão dos Resultados.....	69
4. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL.....	73
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS .....	82
ANEXOS .....	92
ANEXO A - Portefólio da PPS II.....	93
ANEXO B1 - Guião da entrevista à Educadora Cooperante relativo ao ambiente educativo.....	95
ANEXO B2 - Respostas da Educadora Cooperante à entrevista.....	100
ANEXO B3 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista à Educadora Cooperante.....	113
ANEXO C1 - Guião da entrevista à auxiliar.....	119
ANEXO C2 - Transcrição da entrevista à auxiliar.....	124
ANEXO C3 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista à auxiliar.....	133
ANEXO D - Planta da sala de atividades.....	140
ANEXO E - Caracterização do grupo de crianças.....	142
ANEXO F - Imagens da sala de atividades.....	145
ANEXO G1 - Guião de entrevista à Educadora Cooperante relativo à investigação.....	150
ANEXO G2 - Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante relativo à investigação.....	154
ANEXO G3 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista à Educadora Cooperante.....	158
ANEXO H - Transcrição dos registos dos momentos dos Conselhos de Cooperação Educativa.....	164
ANEXO I - Análise Categorical dos registos dos momentos do Conselho de Cooperação Educativa.....	325
ANEXO J - Roteiro Ético.....	340
ANEXO K - Tabelas de análise da participação das crianças nos Conselhos de Cooperação Educativa.....	352

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Intervenção das crianças em cada um dos Conselhos de Cooperação Educativa. ....	57
<b>Figura 2.</b> Intervenção de cada uma das crianças nos Conselhos de Cooperação Educativa. ....	58
<b>Figura 3.</b> Intervenção das crianças em cada um dos parâmetros do Conselho de Cooperação Educativa. ....	59
<b>Figura 4.</b> Intervenção das crianças no Conselho de Cooperação Educativa. ....	60
<b>Figura 5.</b> Propostas de atividades das crianças.....	64
<b>Figura 6.</b> Intervenção das crianças e da equipa educativa nos momentos do Conselho de Cooperação Educativa. ....	66

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Rotina Semanal .....	14
---------------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CCE – Conselho de Cooperação Educativa

EC – Educadora Cooperante

*JD* – Jogo Dramático

MEM – Movimento da Escola Moderna

PPSI - Prática Profissional Supervisionada I

PPSII – Prática Profissional Supervisionada II

# INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' ' |

No âmbito da Unidade Curricular Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), inserida no segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, realizou-se um relatório referente a uma investigação desenvolvida ao longo da prática em Jardim de Infância.

O presente relatório tem como objetivo retratar e refletir sobre a intervenção numa sala de Pré-Escolar, mencionando as aprendizagens mais significativas que fui adquirindo, as relações estabelecidas com as crianças, famílias e equipa educativa, mas também expor uma investigação desenvolvida na organização socioeducativa.

A PPSII decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada no concelho de Cascais, que se rege por um modelo pedagógico próprio que é realizado em três salas do Jardim de Infância: a sala Intelectual, a sala do Jogo Dramático e a sala das Expressões. No entanto, a Educadora Cooperante (EC) da sala mencionou que utiliza alguns instrumentos de pilotagem do Movimento da Escola Moderna (MEM). A sala onde estive integrada era constituída por vinte e quatro crianças, quinze do sexo masculino e nove do sexo feminino com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos, uma educadora e uma auxiliar de ação educativa. Entre o grupo de crianças, encontra-se uma com Trissomia 21 e outra que está diagnosticada com espectro do Autismo já desde a creche.

Durante a PPSII foi realizada uma investigação com o tema *O Conselho de Cooperação Educativa numa sala de Jardim de Infância: atores, papéis e potencialidades*, tendo a mesma os seguintes objetivos: (i) Caracterizar e analisar as formas de participação das crianças no Conselho de Cooperação Educativa; (ii) Analisar de que forma o Conselho pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças; (iii) Descrever e analisar de que forma o Conselho de Cooperação Educativa (CCE) é utilizado pela equipa educativa para promover o envolvimento das crianças no planeamento das atividades.

O CCE, segundo Serralha (2009), é um momento que ocorre semanalmente com a participação das crianças e da equipa educativa de sala, e em que é realizada uma

reflexão sobre o processo de aprendizagem das crianças (Cunha, 2009). No CCE “[os] indivíduos auxiliam[-se] uns aos outros ao aprenderem a ser responsáveis, a fazer escolhas e a solucionar problemas de modo que se ajustem às necessidades e, (...), se coordenem com as necessidades dos outros e com o funcionamento do grupo.” (Rogoff, 2000, p.337)

Tendo em conta os objetivos definidos, optei por seguir uma abordagem de natureza qualitativa ou interpretativa, através da metodologia de estudo de caso, recorrendo a diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados. Com efeito, recorri à observação direta participante, com os registos das notas de campo diárias, à observação direta não participante, com registos em formato áudio de reuniões do CCE, à observação indireta, através da realização de entrevistas semiestruturadas aos membros da equipa educativa da sala *JD*, orientadas por guiões previamente construídos para o efeito. Em termos de tratamento de dados, procedi à análise de conteúdo, construindo tabelas categoriais mas também à contagem de frequências.

O presente relatório é constituído por cinco capítulos: i) caracterização da ação educativa contextualizada; ii) análise reflexiva da intervenção; iii) investigação em Jardim de Infância; iv) construção da identidade profissional; v) considerações finais.

No primeiro capítulo, é apresentada a caracterização do meio onde se encontra a Organização Socioeducativa, do contexto socioeducativo, da equipa educativa, do ambiente educativo, das crianças e das suas famílias. Para realizar esta caracterização, foi indispensável recorrer à análise do Projeto Educativo da Organização Socioeducativa, dos registos diários de observação, da entrevista à Educadora Cooperante (cf. Anexo B2), à auxiliar (cf. Anexo C2) e de conversas informais com a equipa educativa da sala. Para além disso, encontra-se um subtópico referente ao planeamento e avaliação. No segundo capítulo apresenta-se a análise reflexiva da intervenção, onde são exibidas as intenções para a ação delineadas para as crianças, as famílias e a equipa educativa, mas também onde é apresentado o processo de intervenção, com uma avaliação das intenções definidas. O terceiro capítulo, refere-se à investigação realizada, onde é identificada e fundamentada a problemática emergente, apresentado o roteiro metodológico e ético, assim, como a análise, discussão e divulgação dos resultados dos dados recolhidos. O

capítulo quarto, refere-se à construção da identidade profissional, que compreende uma reflexão referente à prática e às aprendizagens mais significativas que surgiram durante a PPSI e a PPSII e como as mesmas contribuíram para a construção da minha identidade profissional enquanto futura educadora de infância. Por fim, nas considerações finais é realizada uma reflexão sobre o trajeto realizado durante as Práticas Profissionais Supervisionadas, do processo investigativo, dos resultados referentes ao mesmo, das limitações do estudo bem como pistas para uma investigação futura.

# 1. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

| ' ' | | ' ' |

## **1.1. Caracterização para a ação educativa**

Para definir as minhas intenções pedagógicas para a ação, apropriadas e pertinentes, é preciso conhecer e caracterizar todo o contexto inerente: o contexto socioeducativo que deve funcionar como “facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças [mas também criar] oportunidades de formação dos adultos” (Silva et al., 2016, p.23), a equipa educativa, tendo esta um papel de extrema importância na educação das crianças, o ambiente educativo através da caracterização da organização do espaço, do tempo e do grupo, isto é, crianças e suas famílias, sendo estas últimas, segundo Homem (2002) o “(...) principal ambiente de aprendizagem e de aquisição de valores (...)” para a criança, pelo que podemos destacá-la como a primeira instituição de educação e de socialização.

De modo a elaborar uma caracterização o mais completa possível, recorri a um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de dados: à observação direta participante com o registo das notas de campo diárias, à observação direta não participante, no registo em formato áudio dos momentos do Conselho de Cooperação Educativa, à observação indireta, nomeadamente à consulta e análise documental (do Projeto Educativo e do site oficial da organização) e às entrevistas semiestruturadas à Educadora Cooperante e à auxiliar de ação educativa.

### **1.1.1. Meio onde está inserido o contexto socioeducativo**

Segundo Silva et al. (2016), o/a educador/a pode adaptar a sua intervenção às crianças e ao meio adequando, “de forma dinâmica, o contexto do estabelecimento educativo às características e necessidades das crianças e adultos” (p.22).

O estabelecimento educativo no qual decorreu a minha PPS II encontra-se situado na Freguesia de São Domingos de Rana, inserida no concelho de Cascais e distrito de Lisboa. Trata-se de uma zona essencialmente constituída por habitações com uma diversidade de infraestruturas desportivas, educacionais, culturais, de lazer e vários estabelecimentos de comércio (cafés, restaurantes, supermercados). Relativamente a estas

infraestruturas, destaco algumas, como por exemplo: Grupo Recreativo e Dramático, o Complexo Desportivo, um parque urbano e um jardim.

A promoção de atividades em interação com o meio envolvente permite que as crianças ao “Saber mais sobre o meio local é saber mais sobre os seus alunos e isso é um fator determinante para uma melhor relação de ensino/aprendizagem” (Ferreira et al, 2011, p. 501).

Tal como referem Alves e Varela (2012) “a escola deve ser encarada como uma organização social que se insere numa determinada comunidade, a qual tem de ser tida em conta na enunciação dos seus objectivos” (p.38), é importante salientar a existência de diversos protocolos e parcerias com variadas entidades, como por exemplo: o *Instituto do Emprego e da Formação Profissional*, os Agrupamentos de Escolas ao nível do Ensino Básico e Pré-Escolar da rede pública, as equipas de Intervenção Precoce, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e centros de saúde e saúde mental.

### **1.1.2. O contexto socioeducativo**

As organizações socioeducativas “são contextos que exercem determinadas funções, dispendo para isso de tempos e espaços próprios e em que se estabelecem diferentes relações entre os intervenientes” (Silva et al., 2016, p.21).

A organização socioeducativa onde desenvolvi a minha prática é privada e foi fundada no ano 1991 como uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sendo que foi em 1994 que deram início às atividades tendo como principal objetivo desenvolver a sua ação no âmbito da educação e da ação social solidária. Nos dias de hoje tem disponível as valências de Creche, Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Atualmente, o Jardim de Infância conta com cerca de cem crianças distribuídas por quatro salas – sala de Transição, sala das Expressões, sala do Jogo Dramático e sala Intelectual. De acordo com o site da organização socioeducativa, este é um contexto que acredita numa escola diversa, disponível, curiosa tentando promover o ser, o saber e a

criatividade. São definidos como princípios educativos a cooperação, a participação, a livre escolha, a autonomia e a responsabilidade.

A organização socioeducativa segundo o *site* da mesma, tem como missão corresponder às expectativas da comunidade, mediante uma intervenção socioeducativa significativa que promova a melhoria da qualidade de vida e a sustentabilidade do território onde está inserida. A organização atribui um papel central à criança, à família e ao contexto privilegiando uma intervenção sistémica que promova a mudança mais inclusiva das políticas e das práticas educativas e sociais. Para além disso, os valores que defendem são: (i) a integridade, coresponsabilidade, participação; (ii) a diversidade como riqueza e valorização das diferenças de cada criança; (iii) a autonomia, capacidade de decisão, liberdade de escolha; (iv) solidariedade, cooperação e reciprocidade; (v) flexibilidade e abertura à mudança.

O estabelecimento educativo adota um modelo pedagógico próprio que é realizado em três salas do Jardim de Infância: a sala Intelectual, a sala do Jogo Dramático e a sala das Expressões. De acordo com a explicação da EC quando me apresentou a escola esta fez referência ao facto de “as crianças escolhem 1 vez por dia a sala em que querem estar, o que significa que podemos trabalhar com o conjunto das 75 crianças”. Deste modo, é necessário, segundo o Projeto Educativo (2021) que “a equipa do JI trabalhe em conjunto. Cada uma das salas está organizada com diferentes áreas de atividade segundo objetivos específicos, mas com articulação com as outras salas” (p.12).

### **1.1.3. Equipa educativa**

A equipa educativa da organização socioeducativa é constituída pela coordenadora pedagógica, também educadora, mais duas educadoras, três auxiliares de educação, uma professora de música e um professor de educação física. Para além disso, existem docentes de outras áreas como, por exemplo, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, que apoiam as crianças com dificuldades ao nível do desenvolvimento e da fala.

No decorrer da PPSII observei a colaboração existente entre os vários profissionais, sobretudo através da comunicação, partilha de ideias, entreajuda e respeito mútuo. Segundo Boavida e Ponte (2002) o trabalho colaborativo é um recurso precioso, uma vez que: a equipa concentra-se em torno de um objetivo comum, fortalecendo, assim, a sua ação; como são pessoas diferentes, têm experiências, histórias e perspetivas dissemelhantes, levando a que exista “um aumento das possibilidades de aprendizagem mútua, permitindo, assim, ir muito mais longe e criando melhores condições para enfrentar, com êxito, as incertezas e obstáculos que surgem” (p. 3). O trabalho em equipa favorece um clima agradável na sala de atividades que, conseqüentemente, influenciará o bem-estar das crianças e de toda a equipa envolvente.

A sala do Jogo Dramático (Sala *JD*), sala onde realizei a minha prática, integra uma educadora e uma auxiliar que agregam no seu trabalho o conceito de cooperação, tendo em vista objetivos e intenções comuns.

A Educadora da sala *JD* é licenciada em Educação de Infância e exerce a sua função profissional há 12 anos. Desde que se formou que trabalha na organização socioeducativa em análise e sempre na sala *JD*, referindo ser “uma sala com a qual me identifico enquanto pessoa e profissional.” (cf. Anexo B2). Para além da formação de base, frequentou várias ações de formação, workshops e participou em vários projetos (cf. Anexo B2).

Quando questionada sobre o modelo pedagógico adotado na instituição, a EC respondeu que inicialmente teve algumas dificuldades “em adaptar[-se] ao modelo de escolha, foi necessário reforçar a minha formação inicial e encontrar estratégias para integrar e organizar/estruturar a minha prática pedagógica. Ao longo do tempo fui adquirindo mais ferramentas e desenvolvendo a minha prática (. . .)” (cf. Anexo B2). Não obstante, referiu que a sua prática segue esse “modelo e é reforçada pela minha inspiração no modelo MEM no que diz respeito aos princípios de democracia e autonomia e liberdade.”

Por sua vez, a auxiliar de ação educativa exerce funções há 21 anos, sendo que começou nesta mesma instituição. A mesma referiu na entrevista que a sua formação é o

12º ano e que frequentou várias ações e cursos de formação. Refere ainda que foi também coordenadora da C.A.F. (Complemento de Apoio à Família) (cf. Anexo C2).

Durante o estágio foi notória a existência de um ambiente de trabalho colaborativo na sala *JD*. Aliás, em entrevista a auxiliar mencionou que já trabalha com a EC há 7 anos e afirma que “adoro trabalhar com ela porque ela é uma pessoa como tu vês, humilde, humana, de bom coração que está aqui para os miúdos e é isso que nós temos que estar.” (cf. Anexo C2).

#### **1.1.4. O ambiente educativo**

O ambiente educativo abrange não só o espaço, mas também o tempo, os materiais e ainda as relações interpessoais. Segundo Silva et al. (2016), a organização do ambiente educativo “constitui o suporte do desenvolvimento curricular [uma vez que] as formas de interação do grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender” (p.24). Como este espaço é tão importante no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, deve ser organizado de acordo com os seus interesses e necessidades (Folque et al., 2015). Assim, no Anexo D encontra-se a planta sala de atividades e no Anexo F algumas imagens que procuram ilustrar o ambiente educativo da sala *JD*.

#### **Espaço**

A organização do espaço da sala, segundo Silva et al. (2016) é “expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as suas razões dessa organização” (p.26). De acordo com a entrevista realizada à EC o espaço encontra-se organizado “por áreas de interesse distintas e com materiais potenciadores de experiências e provações” (cf. Anexo B2).

A sala encontra-se dividida em seis áreas: a Área do teatro; a Área dos jogos de mesa; a Área dos jogos de chão; a Área do desenho e escrita; a Área do faz-de-conta e a Área da biblioteca. No mapa de escolha de atividades, as crianças encontram as seis áreas representadas com uma imagem e respetiva designação, mas também um espaço para

colocarem o cartão com o seu nome onde se encontram umas bolas pretas com o número de crianças que podem estar por área<sup>1</sup>.

Na área do teatro desenvolvem-se diversos teatros de fantoche, sombras e/ou personagens, mas também danças recorrendo aos variados recursos disponíveis nesta área como: roupas, fantoches de dedo, lençóis, cartões, cartolinas, pinturas faciais, entre outros. Nesta área, é possível que as crianças utilizem e recriem o espaço e os objetos atribuindo-lhes diversos significados, inventem e representem diferentes personagens quer seja por iniciativa própria quer seja a partir de diferentes propostas, mas também “desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros”, “expressar, através da dança, sentimentos e emoções” (Silva et al., 2016, p.57). Quer na dança quer no teatro as crianças aprendem a apreciar espetáculos teatrais e manifestações coreográficas, verbalizando a sua opinião.

Na área dos jogos de mesa, as crianças podem realizar puzzles, jogos de associação e memória, construções, mas também jogos de matemática. Na área dos jogos de chão, as crianças podem explorar e manusear materiais de madeira, bem como conceitos de construções, lateralidade, tamanho, porção, comprimento, distância, movimento e equilíbrio, nesta área existem legos, animais, blocos de madeira e pistas de madeira. A área do faz de conta permite que as crianças explorem o jogo simbólico, recriando vivências do seu quotidiano e explorando a sua imaginação e criatividade, cujos materiais são essencialmente, roupas e adereços, utensílios de cozinha reais e outros brinquedos que simbolizam experiências vividas no dia a dia. Os móveis desta área são baixos para que as crianças os consigam manusear de forma autónoma e sem dificuldade. A área do desenho e escrita possibilita que as crianças produzam vários registos e elaborem desenhos, mas também concretizem atividades relacionadas com as convenções da linguagem escrita. Por fim, na área da biblioteca, as crianças podem ver os livros, contar e recontar histórias que se encontram à sua disposição na área do tapete, sendo que existe uma grande variedade de géneros literários.

---

<sup>1</sup> Lotação das áreas: teatro (4); jogos de mesa (7); jogos de chão (3); desenho e escrita (7); faz-de-conta (4); biblioteca (3).

Para além destas áreas, as crianças têm ao seu alcance um computador na sala onde existem ficheiros de imagens de diferentes temas, que as crianças podem tentar escrever no computador, mas também podem fazer registos através desta ferramenta. Não obstante, existe ainda uma caixa de luz onde as crianças podem explorar as cores, as formas, entre outras.

Na sala existe o Mapa de Escolha de Atividades que permite às crianças escolherem qual é a área que querem ir desenvolver brincadeiras, jogos e aprendizagens. O grupo de crianças forma uma fila atrás do responsável do dia e, uma criança de cada vez coloca o seu cartão na área que pretende e que esteja disponível para o efeito. A organização do espaço e das áreas proporciona “às crianças oportunidade de brincarem sozinhas, em pares, em pequeno e em grande grupo” (Azevedo et al., s.d, p.4). As paredes da sala encontram-se decoradas com registos e produções das crianças (atividades, teatros, danças, fotografias das crianças) e com os instrumentos de pilotagem: mapa dos aniversários; agenda semanal; diário; mapa do plano do dia; calendário; mapa da escolha, mapa das presenças e o quadro dos nomes.

Os diversos materiais que se encontram presentes na sala são de qualidade, diversificados e são adequados à faixa etária do grupo de crianças. Todos os materiais estão organizados consoante as diferentes áreas e etiquetados para que, no momento de arrumação, seja mais fácil a criança identificar. No que diz respeito à promoção da autonomia, a mesma é promovida diariamente, uma vez que os materiais estão todos acessíveis e arrumados em prateleiras baixas, de modo a que as crianças os consigam encontrar, arrumar e utilizar de forma autónoma.

O espaço exterior encontra-se do outro lado do corredor, sendo que as crianças se têm de deslocar até lá. O pátio é um espaço amplo, com um escorrega, uma mesa, uma cozinha com tachos, panelas e pratos, um campo de futebol e um baloiço.

## **Rotina**

É imprescindível que as crianças reconheçam a rotina da sala onde estão inseridas. Segundo Hohmann e Weikart (2011) ao apropriarem-se da rotina do grupo, as crianças

tornam-se capazes de “perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas” (p. 224), seguindo a mesma lógica Cardona (1999) destaca que “só conhecendo bem o espaço-materiais e o tempo é que a criança pode funcionar autonomamente em relação ao educador, conseguindo participar mais activamente em todo o trabalho desenvolvido” (p. 135).

Tal como defende Portugal (2011), a rotina é um elemento fundamental tanto na creche como em jardim de infância para a organização do tempo, mas também para o trabalho pedagógico realizado pela EC (p.9). Para a autora, “os cuidados de rotina são momentos importantes oferecendo oportunidades únicas para interações diádicas, e para aprendizagens sensoriais, comunicacionais e atitudinais” (p.9). Folque et al. (2015, p.23) consideram que:

a organização da rotina diária e semanal estrutura os ambientes e vida em que participamos e nos desenvolvemos enquanto seres humanos. Ela constitui um organizador básico, fonte de segurança, que nos permite reconhecer o motivo da atividade em que estamos envolvidos e, assim, participarmos com autonomia e protagonismo.

A rotina educativa da sala em análise é organizada com base no instrumento de pilotagem da Agenda Semanal elaborada em conjunto com as crianças e com a equipa educativa com diferentes atividades que englobam as áreas de conteúdo. Segundo a entrevista realizada à EC (Anexo B2)

As prioridades relativamente à organização do tempo é ter espaço para os momentos coletivos em que é criada uma comunidade de aprendizagem assim como também momentos de apoio mais individualizado satisfazendo as necessidades/dificuldades das crianças. São definidos esses tempos através de uma rotina diária bem definida e dinâmicas apoiadas com alguns instrumentos de regulação e gestão de grupo (como... diário, plano do dia,

documentação e evidências de aprendizagem) e as prioridades de acordo com a observação e resposta a esses mesmos tempos.

**Tabela 1.**

*Rotina Semanal*

<b>Dia</b>	<b>Segunda-feira</b>	<b>Terça-feira</b>	<b>Quarta-feira</b>	<b>Quinta-feira</b>	<b>Sexta-feira</b>
<b>Manhã</b>	- Escolha - Teatro	- Escolha - Dança	- Escolha - Teatro - Educação Física	- Escolha - Dança	- Conselho
<b>Tarde</b>	- Educação Física - Passeio	- Hora do Conto - Projetos	- Música - Projetos	- Projetos	

O horário de funcionamento da Organização Socioeducativa é das 7h30 às 18h30, sendo que as atividades de componente letiva correspondem a cinco horas diárias: das 9h – 12h e das 14h – 16h, sendo que as restantes horas são complemento de apoio às famílias.

O acolhimento das crianças é feito entre as 7h30 e as 8h30 na sala de Transição e partir das 8h30 às 9h nas salas de referência. Das 9h às 9h15, na sala onde me encontro as crianças brincam nas diferentes áreas, à exceção da casinha que está fechada a esta hora. As crianças já sabem que quando o ponteiro grande chega ao número 3 (9h15) devem arrumar as áreas e sentar-se no tapete para começarmos o dia. Assim, reunimo-nos no tapete, elegemos o responsável do dia, cantamos a canção do Bom Dia e, posteriormente, faz-se a escolha cantando uma canção (à exceção de sexta-feira que não há escolha porque há Conselho) e, de seguida, o responsável do dia, vai chamando uma criança de cada vez para dizer a sala para onde quer ir.

Após a escolha, as crianças vão buscar o seu cartão e dirigem-se para a sala que escolheram, sendo que quando as crianças das três salas já se encontrarem na sala *JD* começamos a preencher o Plano do Dia consoante as atividades que estão presentes na Agenda Semanal.

A Educadora Cooperante pede que as crianças se sentem no tapete para realizarem o Plano do Dia, sendo que a docente vai perguntando às crianças quem quer ir para determinada área (área

do faz-de-conta; área dos jogos de chão; área do desenho e escrita; área da biblioteca; área dos jogos de mesa), as crianças vão levantando o braço e, o ajudante do responsável da sala vai escolhendo quem vai para cada área e a Educadora Cooperante vai apontando no Plano do Dia.

Importante mencionar que em cada área existe um limite máximo de pessoas para lá estar. Após a escolha das áreas, as crianças levantam-se e vão colocar o cartão com o seu nome no mapa de escolha de atividades e vão brincar para a respetiva área. (Nota de Campo 05, 19 de outubro de 2021)

Por volta das 11h30 pede-se às crianças que comecem a arrumar e, caso existam inscrições no mapa das comunicações, as crianças partilham e comunicam ao grupo, normalmente, são construções, teatros, danças, sendo que o restante grupo pode fazer questões e comentar a comunicação dos seus pares. Após as comunicações, as crianças da sala Intelectual e da sala das Expressões vão buscar o seu cartão e dirigem-se para a sua respetiva sala.

As crianças responsáveis por arrumar as cadeiras colocam-nas em roda à volta das mesas e as crianças da sala *JD* vão lavar as mãos e sentam-se numa cadeira para comerem a fruta da manhã. Depois de comerem, o/a responsável do dia avalia o Plano do Dia consoante o código:

- Fiz e acabei – ●
- Não acabei - ○
- Não fiz - ●

O responsável do dia vai perguntando às crianças que tem o seu nome escrito no Plano do Dia ou as atividades que se lembra que ficaram para fazer e vai perguntando se o fizeram ou não e se acabaram. De seguida, as crianças vão para o pátio brincar até ao 12h30, hora que as crianças entram, lavam as mãos e dirigem-se para o refeitório. Depois do almoço, as crianças há medida que vão terminando a refeição, vão para o pátio brincar novamente até por volta das 14h, caso esteja a chover as crianças das três salas de Jardim de Infância dirigem-se para a sala *JD* para assistirem a um filme. Após esta hora a rotina educativa repete-se em conformidade com a Agenda Semanal.

Finalmente, as crianças lancham por volta das 16h15 e vão brincar para o espaço exterior até irem embora. Além desta rotina diária, existem crianças têm atividades extracurriculares como o judo e ballet.

### **1.1.5. Caracterização das crianças**

Segundo Malavasi e Zoccatelli (2013) as crianças podem ser encaradas como “indivíduos competentes, construtivos e interativos” munidas

de um enorme potencial de energia, é curiosa, sabe fazer, sabe esperar e tem elevadas expectativas. Domina em pleno os seus sentimentos, é competente nas relações e nas interações, é detentora de valores e está aberta ao que é novo e diferente (p.8).

Assim, importa ter em conta, que quando as crianças entram no estabelecimento socioeducativo já são “portadoras de uma experiência social única que as torna diferentes umas das outras” (Malavasi & Zoccatelli, 2013, p.65), logo, devemos respeitar as suas características, interesses e necessidades individuais.

O grupo é constituído por vinte e quatro crianças sendo que quinze são rapazes e nove são raparigas, cujas idades estão compreendidas entre os quatro e seis anos, sendo que até ao dia 18 de fevereiro de 2022, havia quatro crianças com 4 anos, dezanove crianças com 5 anos e um com 6 anos (cf. Anexo E). Entre este grupo de crianças, encontra-se uma com Trissomia 21 e outra que está diagnosticada com espectro do Autismo já desde a creche. Em conversa informal com a Educadora Cooperante, a mesma

explicou-me que o Gu.R. e o Ga.R. frequentam a terapia da fala bem como o M.C. No entanto, o L. há dois anos quando entrou na organização socioeducativa vem com o diagnóstico de autismo, facto que a mãe da criança e a Educadora Cooperante não concordavam, uma vez que a criança podia não ter contacto visual nem querer estar tão perto das outras crianças, talvez por ser uma criança tímida. Para além disso, referiu que o L. é muito protegido pela família o que também pode levar a certos comportamentos. Atualmente, a Educadora Cooperante já considera que talvez o L. tenha um pequeno transtorno do espectro do autismo. (Nota de Campo

83, 10 de novembro de 2021)

Para além disso, o A.M. às terças-feiras sai mais cedo porque o pai o vai buscar ao Jardim de Infância para ir à terapia da fala.

A maior parte das crianças já frequentava o estabelecimento socioeducativo em anos anteriores, no entanto, três crianças integraram o grupo no início deste ano letivo. Através do Anexo E é possível verificar há quanto tempo cada criança está na organização, assim, 50% encontra-se há dois anos (12 crianças), 38% há três anos (9 crianças) e 12% há apenas um ano (3 crianças).

Na entrevista realizada à EC, esta mencionou que o diagnóstico do grupo de crianças é feito “através da observação diária em brincadeiras livres, através da interação dialógica, da resposta às atividades e ainda através dos registos individuais que vão fazendo.”, caracterizando o grupo como sendo “calmo (ainda que com alguns elementos mais inquietos), com capacidade de reflexão, resolução de problemas, interessados pelo que os rodeia e motivados pela aprendizagem.” Para além disso, referiu que os princípios e/ou valores mais importantes a fomentar no grupo é a “interajuda e respeito pelo outro. Saber falar sobre os sentimentos, sobre as situações e aprendizagens.” (cf. Anexo B2).

Não obstante, na entrevista realizada à auxiliar de ação educativa (Anexo C2), esta mencionou que este é um grupo em que “são todos muito diferentes (. . .) grupo coeso, que se apoiem uns aos outros e que vejam com o coração (. . .)”. Para além disso, refere que os valores e princípios mais importantes a implementar neste grupo é “o respeito pelo outro, tolerância e a capacidade de ajudar”.

Enquanto estagiária, ao longo da minha prática, fui procurando identificar as características do grupo de crianças com o objetivo de delinear intenções que iriam orientar a minha prática pedagógica.

O grupo de crianças consegue exprimir e explicar o que acontece nas interações com os seus pares, tendo consciência dos seus comportamentos, palavras e/ou gestos, sendo que já aplaudimos algumas crianças em Conselho por conseguirem ajudar os outros sem a intervenção do adulto. No entanto, ainda há crianças que não demonstram tanta importância pelas emoções dos seus pares, sendo que não assumem a responsabilidade dos seus atos de imediato.

Importa ainda destacar que neste grupo existem crianças que ainda apresentam algumas dificuldades em dirigir as suas emoções, sendo que quando são contrariadas apresentam comportamentos menos adequados.

As crianças encontram-se no pátio a brincar e à entrada do mesmo existem dois sofás com almofadas, sendo que uma delas estava espalhada no chão e o Gu.R. estava sentado no sofá. “Gu. Podes sair só para a Jéssica colocar a almofada por favor?” e a criança responde-me que não. Decido colocar a almofada encostada à parede para quando o Gu.R. sair poder colocá-la no lugar e este empurra a mesma para o chão. “Desculpa, Gu. Mas não podes estar a colocar a almofada no chão, não podes sair para eu colocar, mas ela encostada à parede não faz mal nenhum” – digo e a criança tenta tirar-me a almofada da mão mas para a colocar por cima dele. Entretanto viro-me para a criança e afirmo “Só vais sair daí quando colocares a almofada no sofá”. (Nota de Campo 141, 07 de dezembro de 2021)

É um grupo em que a maior parte das crianças não tem problemas em expressar e demonstrar as suas inquietações, preferências, ideias, sugestões, especialmente, através do Conselho que se realiza à sexta-feira. Grande parte das crianças demonstra interesse e vontade em desenvolver novas atividades, mas também em apresentar propostas do que gostava de realizar consoante as suas preferências.

No que diz respeito ao domínio da Expressão Físico-Motora, sobretudo no recreio exterior, as crianças participam em brincadeiras, movimentam-se e orientam-se no espaço através de movimentos básicos que implicam deslocamentos e equilíbrios, tais como: correr, saltar, andar. Para além disso, conseguem cooperar com as outras crianças em situações de jogo, seguindo regras orientadas pelo/a educador/a, professor/a, e/ou crianças, mas também controlar movimentos de perícias e manipulação como o lançar, receber, pontapear, transportar e agarrar diferentes objetos.

Referente à motricidade fina, diversas crianças revelam capacidades para manipular pequenos objetos, sendo que é possível observar que existe agilidade na manipulação de legos, materiais de madeira e/ou puzzles quando estão a realizar construções, mas também quando utilizam materiais de desenho e escrita como pincéis, canetas e lápis. Por sua vez, algumas crianças ainda não dominam algumas capacidades básicas de cuidado em relação a si, como apertar os casacos e as calças.

No que respeita à alimentação e higiene todas as crianças demonstram autonomia e independência, uma vez que são capazes de comer de forma independente, sendo que apenas pedem auxílio quando é para cortar a carne. Não obstante, para irem à casa de banho sempre que precisam não necessitam da intervenção de um adulto, exceto para limpar o rabo quando fazem cocó e tal como referido anteriormente para abotoar as calças.

De seguida, relativamente ao Domínio da Expressão Artística, no geral o grupo demonstra interesse em explorar diferentes técnicas expressivas e em manusear materiais. Outra característica das crianças é o gosto pelos momentos de expressão musical, participando nestes através da identificação de sons que ouvem, cantando e utilizando vários instrumentos. Ainda neste domínio, é importante salientar o facto de na nossa sala existir a área do Teatro onde as crianças gostam de vestir roupas e utilizar objetos atribuindo-lhes significados, mas também representar personagens quer seja por iniciativa própria quer seja através de propostas. A partir deste subdomínio, as crianças têm demonstrado cada vez mais que conseguem verbalizar a sua opinião sobre o que vêem, e não simplesmente, dizerem que gostaram.

Referente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, este grupo de crianças é muito participativo em atividades e momentos onde se utiliza a linguagem e comunicação oral, tal como por exemplo, no momento do Conselho e do Plano do Dia. Relativamente à escrita, as crianças vão elaborando frequentemente listas de palavras através da utilização de carimbos, letras de jornais, revistas ou através do computador.

Após já termos as frases registadas, foi altura de o A.A. começar a escrevê-las no computador: vai olhando para o papel e depois para as letras para fazer a correspondência, sendo que por vezes eu dizia-lhe o som da letra e este conseguia associar sem ver o papel. (Nota de Campo 72, 08 de novembro de 2021)

Diariamente as crianças recorrem à escrita autonomamente, mesmo que algumas crianças não saibam escrever, acabam por produzir letras quando preenchem o diário e por vezes, o Plano do Dia.

Já com a folha e canetas na mão, o A.M. como é o responsável do dia vai ser ele a escrever no plano, assim, com o auxílio da Educadora que vai mencionando algumas palavras para a criança

escrever, o A.M. vai escrevendo uma letra de cada vez bem como o nome dos amigos no plano.

(Nota de Campo 103, 19 de novembro de 2021)

Referente ao domínio da Matemática, algumas crianças já conseguem realizar alguns cálculos quer seja de forma autónoma quer seja com o auxílio do adulto, sendo que são capazes de distinguir quantidades e fazer contagens. Não obstante, já percebem que podem ordenar os objetos/quantidades de forma crescente e decrescente, sendo que algumas crianças demonstram algumas dificuldades nas contagens por ordem decrescente.

vou ter com a M.N. que se encontra na área dos jogos de mesa, mais concretamente, a fazer o jogo de associação de imagens com o número correspondente. Sento-me ao lado dela e vejo-a a colocar as imagens junto do número e, entretanto, chega a B. (sala Intelectual) que se junta à sua brincadeira. “Já que agora já temos todas as imagens junto ao número correspondente, agora podíamos fazer alguns cálculos, o que acham?” – questiono e as duas crianças afirmam com a cabeça que sim. Assim, vou colocando 2 números de modo que a criança possa somar e ver o resultado que dá, colocando a imagem e o número correspondente do produto da soma. (Nota de

Campo 152, 15 de dezembro de 2021)

Reparo que o A.A. está a fazer cálculos matemáticos com recursos didáticos e coloco-me junto a ele perguntando “Estás a fazer contas?” e este diz que sim, afirmando que  $2+2=4$ ,  $4+4=8$  e  $8+8=16$ . Entretanto começa a mexer nas peças e pega na peça do “x” e questiona-me que peça é, sendo que lhe explico que esse símbolo é para fazer cálculos com a multiplicação e que era um pouco mais difícil. “Mas como é que é?” – pergunta-me a criança e eu explico-lhe “Colocamos o x no meio do 4 e do 4. E agora vai ser  $4+4+4+4$ , ou seja, estamos a contar 4 vezes o 4” e a criança responde “Acho que já estou a perceber.  $4+4=8$ ,  $8+4=12$  então é 12?” – pergunta e eu afirmo “Tens que fazer o  $12+4$  ainda” e ele diz “ $8+8=16$ ”. “Muito bem!  $4 \times 4=16$  contamos o 4, 4 vezes”. (Nota de Campo 88, 15 de novembro de 2021)

Importa ainda salientar que, na área da Matemática as crianças gostam de desenhar formas geométricas, fazer tangram e inventar padrões, percebendo-se que as mesmas o fazem de livre e espontânea vontade, mostrando-se prazerosas.

No que diz respeito à Área do Conhecimento do Mundo, este é um grupo muito curioso que demonstra interesse pelo meio que o rodeia, colocando questões e procurando explicações para dar resposta às suas perguntas. As crianças participam e desenvolvem

projetos seguindo a Metodologia de Trabalho de Projeto mostrando-se interessados e curiosos ao longo do mesmo.

### **1.1.6. Caracterização das famílias**

Segundo Silva et al. (2016), as famílias, são os principais responsáveis

pela educação dos filhos/as, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico, não só sendo informados do que se passa (...), como tendo também oportunidade de dar contributos que enriqueçam o planeamento e a avaliação da prática educativa (p. 16).

Cabe ao/às educadores/as promover uma maior participação das famílias no contexto educativo das crianças, potenciando a comunicação entre os dois meios, mas também envolvendo as famílias em atividades de aprendizagem, quer seja na escola quer seja em casa. Segundo Sousa e Sarmiento (2010) “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum” (p.148).

No que diz respeito à estrutura familiar do grupo em análise, vinte e duas crianças da sala apresentam uma estrutura familiar nuclear moderna e duas crianças tem os pais separados. Através do Anexo E, é possível constatar que quinze das vinte e quatro crianças têm irmãos, assim, 58%, isto é, 14 crianças tem um irmão/ã; 4%, ou seja, 1 criança tem dois/duas irmãos/ãs e 38%, isto é, 9 crianças não tem irmãos. O Ga.R. e o Gu.R. são gémeos bem como o Ra.C. e o Ri.C, sendo que estas quatro crianças se encontram todas na sala *JD*.

Em relação à situação profissional, a informação a que tive acesso é a de que todos os progenitores se encontram empregados.

A pandemia trouxe alguns constrangimentos na relação escola-família, tal como por exemplo, o facto de os pais terem deixado de poder entrar nas salas dos seus filhos/as, para que permanecessem o menos tempo possível no espaço interior do Jardim de

Infância. Contudo, no período da minha prática foi possível observar a presença do pai de uma criança na sala de atividades, presença essa que foi sugerida pela criança num dos momentos do CCE.

Na parte da tarde, depois da aula de música, o pai do A.M. foi à sala de atividades realizar algumas atividades de ciências com o grupo de crianças. A Educadora Cooperante explicou às crianças que calhou mesmo bem porque hoje era o Dia Mundial da Ciência e, quando o pai da criança chegou e preparou os materiais, o grupo sentou-se nas cadeiras em roda.

(Nota de Campo 115, 24 de novembro de 2021)

Tal como referem Mata e Pedro (2021), “o envolvimento das famílias é um processo gradual, onde se vão ganhando saberes e competências e se desenvolvem relações, levando a uma aproximação e partilha graduais e cada vez mais consistentes” (p.7).

### **1.1.7. Planeamento e Avaliação**

Depois de caracterizar o contexto socioeducativo, a equipa educativa, o ambiente educativo, as crianças e as famílias, é importante salientar a importância de todo o processo de reflexão durante o meu percurso, uma vez que é “através de uma avaliação reflexiva e sensível, [que] o/a educador/a recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução” (Silva et al., 2016, p.15). O planeamento é ter um conjunto de propostas definidas previamente, contudo, é estar disponível para reconhecer as oportunidades e sugestões de desenvolvimento e aprendizagem que provêm das crianças.

A organização do espaço é “expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo”, deste modo, “pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas” (Portugal, 2011, p.12). No que se refere ao tempo, acreditando que “a organização da rotina diária e semanal estrutura os ambientes de vida em que participamos e nos desenvolvemos enquanto seres humanos” (Folque et al., 2015, p.23), as crianças já possuem uma previsão do que vai ser o seu dia, transmitindo-lhes segurança e bem-estar.

Para a organização da rotina, existe um instrumento de pilotagem, a Agenda Semanal, acreditando-se que “a exposição da rotina diária/semanal com fotos que as crianças vão progressivamente lendo, apoia o entendimento das diversas atividades ao longo do dia, dando-lhes segurança e ajudando-as a regularem as suas expectativas e a projetarem-se no tempo” (Folque et al., 2015, p.25).

De forma a organizar o dia, todas as manhãs realiza-se uma reunião em grande grupo no tapete e onde se realiza o Plano do Dia, existindo, um planeamento participado de todo o grupo. Neste instrumento, as crianças podem sugerir atividades que gostassem de realizar, mas também algumas sugestões da equipa educativa tendo em conta os interesses e necessidades de cada criança. No final da manhã, realiza-se o balanço/avaliação das atividades propostas, constatando se todas as atividades planeadas foram ou não realizadas e justifica-se.

Para além do Plano do Dia, existe o Diário que é um instrumento de regulação do grupo composto por quatro colunas: “não gostámos”, “gostámos”, “fizemos” e “queremos fazer”. A primeira coluna possibilita às crianças e à equipa educativa registarem atitudes e comportamentos que não tenham gostado ao longo da semana, por sua vez, a coluna do “gostámos” pretende que registem momentos positivos individuais, de pares ou em grupo. A coluna “fizemos” permite fazer uma avaliação cooperada dos trabalhos realizados durante a semana e o “queremos fazer” serve de base para o planeamento da semana seguinte, onde se vão registando as ideias e sugestões das crianças bem como da equipa educativa. O Diário permite fazer um balanço a nível social e moral da vida do grupo, proporcionando uma elucidação de valores, mas também ajuda a planear as próximas atividades. O balanço da semana é feito em Conselho com o grupo de crianças, à sexta-feira, considerando-se parte da avaliação cooperada pelo grupo.

O processo de avaliação está intimamente ligado a todo o processo de planeamento e de execução, no sentido em que avaliar consiste na constante reflexão desse mesmo processo. No CCE que vai acontecendo semanalmente, é possível que as crianças e a equipa educativa reflitam sobre o que foi realizado durante a semana, sobre o que ocorreu de mais significativo, quer sejam conflitos/problemas quer sejam aspetos positivos que as crianças salientem. A juntar a estes, as crianças e a equipa educativa

propõem atividades que gostariam de realizar na semana seguinte, possibilitando ao/à educador/a perceber os interesses e necessidades das crianças. Através do CCE é possível que as crianças vão construindo a sua autoavaliação e contribuindo para a avaliação do restante grupo, tendo que o/a educador/a deve estar muito atento neste processo.

É importante salientar que a avaliação cooperada é tida mais em conta nos processos do que nos resultados, uma vez que é “reinvestida na ação educativa, sendo uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem” (Silva et al., 2016, p.16), a partir da qual a equipa educativa e as crianças podem refletir sobre a sua ação e proceder a alterações sempre que necessário.

Ainda neste processo, a avaliação das crianças é documentada às famílias através de um documento entregue às mesmas em que a EC redige um pequeno texto sobre as potencialidades, fragilidades, interesses e necessidades de cada criança., mas também para dar a conhecer o desenvolvimento e aprendizagem da criança ao longo dos primeiros meses na sala do *JD*. Esse documento é dado às famílias após estas terem a oportunidade de visualizarem os portefólios que as crianças foram construindo ao longo dos anos que têm frequentado a Organização Socioeducativa. Segundo Parente e Formosinho (2005) o portefólio é uma compilação organizada e intencional de evidências que documentam o desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança realizada ao longo do tempo.

No portefólio individual da criança, na sala do *JD*, são colocados os trabalhos, atividades, comunicações que a criança vai realizando com comentários/explicações redigidas pela EC para que as famílias entendam o contexto do momento, mas também como a criança se comportou durante o mesmo.

## 2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

| ' ' | | ' ' |

## 2.1. Intenções para a ação

Segundo Silva et al. (2016), “a ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intencionalidade que implica uma reflexão sobre as finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas e os modos como organiza a sua ação. Esta reflexão assenta num ciclo interativo – observar, planear, agir, avaliar” (p.5).

Deste modo, é fundamental definir intencionalidades para o grupo de crianças, para com as famílias e para a equipa educativa. Assim, durante toda a minha prática, defini intenções (com as crianças, com as famílias e com a equipa educativa) que foram ao encontro das necessidades e interesses do grupo, sendo que norteiei a minha ação por um conjunto de valores que quero promover enquanto futura educadora de infância.

### Com as crianças ...

Tendo em conta a caracterização do grupo de crianças que elaborei e apresentei no ponto 1.1.5. mas também das conversas com a equipa educativa da sala, formulei quatro intenções que iriam orientar a minha ação pedagógica para com o grupo de crianças: **(i) estabelecer uma relação de confiança, afetividade e proximidade com cada uma das crianças; (ii) proporcionar uma prática inclusiva, promovendo a participação do grupo; (iii) promover atividades significativas, através da descoberta e da exploração tendo em conta os interesses, necessidades e características individuais e coletivas do grupo de crianças; (iv) promover e incentivar a autonomia e a comunicação na gestão de conflitos.**

Referente à intenção **(i)**, segundo Almeida e Rossetti-Ferreira (2014) é através das relações de afetividade e confiança que a criança identifica “significados e valores construídos, ou transmitidos, no plano social e histórico, situando-os entre os elementos básicos que constroem as relações, o conhecimento de si mesmo, do outro e dos fenômenos do mundo” (p. 184), sendo que as primeiras relações estabelecidas nestas idades são o suporte do domínio social e emocional das crianças. Desde o início que me fui aproximando das crianças, brincando com elas, vendo as suas brincadeiras nas

diferentes áreas, fazendo questões sobre o que estavam a fazer, mas também dando-me a conhecer, tentando responder a todas as suas dúvidas e curiosidades.

Com o passar do tempo, as crianças começaram a ver-me como um adulto de referência da sala e aos poucos integrando-me no grupo, uma vez que começaram a chamar-me para as suas brincadeiras, para partilharem novidades, para as ajudar na gestão de conflitos, mas também na forma como me cumprimentavam e me recebiam de forma afetuosa.

Na minha hora de saída, quando estou a tirar a bata, as crianças passam por mim e fazem-me adeus e eu retribuo o gesto. A M.Cr vira-se para mim e diz “Sabes eu gosto muito de ti”. Fico sem jeito, mas respondo “Eu também gosto muito de ti M. (Nota de Campo 22, 22 de outubro de 2021)

As crianças encontram-se no pátio a brincar, e o G.N. mostra-me a brincadeira que está a fazer: passar pelas barras com os arcos sem cair e explica-me “Não caio porque as não estão suadas”, “Muito bem! Mas secalhar agora que já passaste algumas vezes nas barras, as mãos já estão a começar a ficar suadas?” – pergunto e este responde-me “Não” e continua a fazer a sua brincadeira. (Nota de Campo 30, 25 de outubro de 2021)

As crianças estão no pátio a brincar e o S. diz-me “Jéssica não queres jogar à bola connosco?”, “Posso jogar! Mas vocês são 2 e eu sou só uma, não é muito justo”. Ao ouvir o que eu disse, o S. vai ter com o A.A. que está a andar de triciclo e pergunta “Queres ir jogar à bola? Ficas da equipa da Jéssica”, a criança responde que sim e vem ter comigo. “Queres ficar tu à baliza ou fico eu?” – pergunto ao A.A. e este diz que prefere fica na baliza. Assim, dirige-se para a sua posição e eu fico no meio-campo. (Nota de Campo 136, 06 de dezembro de 2022)

A partir destes momentos, sinto que foi mais fácil começar a conhecer as características individuais de cada criança, tomando atenção aos seus interesses, às suas potencialidades e às suas fragilidades, o que me possibilitou atuar conforme essas mesmas características, tendo sempre em atenção o respeito por todas as crianças como seres individuais com as suas particularidades.

O S. foi para o computador e eu fui auxiliá-lo. Comecei por lhe perguntar o que tinha feito nestes dias que não veio à escola e este começou por dizer-me sendo que opto por não escrever num papel as frases que este me ia dizendo e sim ir dizendo em voz alta de modo a que este

tentasse associar os sons às letras correspondentes. Ao longo desta tarefa, fui auxiliando o S. em algumas palavras como o “com” e “um” uma vez que a mesma não sabia que essas palavras terminavam com a letra “m”, no entanto, houve palavras que a criança conseguiu escrever sem que fosse necessária a minha ajuda. (Nota de Campo 159, 10 de janeiro de 2022)

Outra das intenções que defini **proporcionar uma prática inclusiva, promovendo a participação do grupo**, baseou-se na adoção uma atitude inclusiva e promoção da participação das crianças através de práticas que respondessem às singularidades e necessidades das crianças, respeitando sempre as suas disparidades e as suas opiniões de modo a proporcionar a construção de um conhecimento holístico. Folque e Bettencourt (2018) referem que devemos olhar para “a criança como competente e como nosso semelhante, respeitando-a. Isto significa não a minimizar no seu estatuto, garantindo antes o seu direito a ter voz e protagonismo” (p. 118).

Tendo em vista a concretização desta intenção, procurei reconhecer e dar resposta às necessidades das crianças, adaptando os meus comportamentos aos seus ritmos de aprendizagem, garantindo, desta forma, uma prática de qualidade (Costa, 2006). Como refere Lino (2018) “o direito das crianças à participação reconhece a sua competência e coloca-as no papel de atores e construtores da sua aprendizagem e desenvolvimento”. Assim, procurei promover a participação e dar voz às crianças incluindo-as nos momentos da rotina como, por exemplo, no Plano do Dia e no CCE.

Ao longo da PPSII sinto que devia ter aproveitado de uma melhor forma o Plano do Dia e os momentos do CCE para propor atividades para realizar durante a semana e/ou dia, uma vez que me ia ser muito útil para a planificação de atividades mas também para o tema da minha investigação. Não obstante, no desenrolar da minha prática tive sempre em atenção os interesses, potencialidades e fragilidades de cada criança desenvolvendo atividades planificadas e emergentes que fossem ao encontro dessas características, que partissem da iniciativa das crianças e nada muito orientado pela equipa educativa.

Referente à intenção (iii) **promover atividades significativas, através da descoberta e da exploração tendo em conta os interesses, necessidades e características individuais e coletivas do grupo de crianças**, de acordo com Carvalho e Portugal (2019) a exploração e o desenvolvimento da curiosidade envolvem um

sentimento positivo que proporciona satisfação e interesse quando as crianças têm um papel ativo nesses momentos. Desde o início da minha prática que, através da observação, estive atenta aos interesses e necessidades das crianças, de modo a planejar atividades que fossem ao encontro das características individuais e coletivas do grupo, mas, também respeitar as minhas intencionalidades pedagógicas e o trabalho desenvolvido pela equipa educativa da sala. Folque e Bettencourt (2018) evidenciam que os interesses das crianças são “manifestados pelo seu comportamento e pelas suas verbalizações, bem como pelas escolhas espontâneas que fazem” (p.134).

Tal como defende Quaresma (2018), para o/a educador/a “é extremamente importante conhecer as características gerais das crianças correspondentes à faixa etária em que se encontram, para que possa adequar as atividades indo de encontro às suas necessidades, interesses e capacidades” (p.15). Deste modo, procurei respeitar as particularidades de cada criança e os seus níveis de desenvolvimento, proporcionando aprendizagens em todos os momentos, como por exemplo, em rotinas e em brincadeiras, essencialmente, através da descoberta e exploração.

Durante a PPSII planifiquei previamente três atividades de acordo com os interesses e necessidades do grupo de crianças, sendo que uma das minhas maiores dificuldades durante a minha prática foram essas mesmas planificações, no entanto, muitas das atividades que foram realizadas na sala de atividades foram emergentes de acordo com os interesses e necessidades que as crianças demonstravam durante o dia. Para estes momentos, tive de refletir sobre a minha prática e adaptar-me rapidamente às atividades propostas pelo grupo conferindo-lhes uma intencionalidade pedagógica de acordo com as características individuais de cada criança.

O T. encontra-se na área do desenho e escrita a realizar uma tarefa: com recurso aos carimbos, a criança deve procurar as letras do seu nome e escrevê-lo numa folha utilizando os mesmos. Ao ver que o T. está com algumas dificuldades, sento-me ao pé dele e uma vez que a criança tem o cartão com o seu nome ao lado vai olhando para ver se aquelas letras fazem parte do seu nome. Após termos todas as letras do nome, peço ao T. que as organize para ser mais fácil depois fazer na folha, o T. pega na primeira letra, molha-a na tinta e depois poe na folha. Depois de fazer o seu nome, o T., vai mostrar a sua produção à auxiliar e esta sugere-lhe que coloque a

data. Quando termina o T vem ter comigo e diz “Já fiz a data” e eu respondo “Muito bem! Ficou muito bem”. (Nota de Campo 34, 26 de outubro de 2021)

Por fim, os conflitos em Educação Pré-Escolar é algo natural e intrínseco ao desenvolvimento das crianças sendo possível observar que estes ocorrem por diversos motivos, contudo, existe um que acontece frequentemente: a partilha de brinquedos e/ou objetos. Segundo Jares (2002) citado por Sobral (2014) “o conflito deve ser encarado como algo a não evitar, visto ser benéfico para estimular a inovação e criatividade dos comportamentos, das atitudes e das cognições” (p.40). Por essa razão, defini a minha quarta intenção **promover e incentivar a autonomia e a comunicação na gestão de conflitos**, de modo a tentar ajudar as crianças a conseguirem resolver os conflitos de forma autónoma, como por exemplo, através da mediação, sem que seja necessário a intervenção de um adulto.

O/A educador/a deve observar a existência de conflitos como uma oportunidade para despertar comportamentos e atitudes que promovam e desenvolvam competências relacionadas com a área da Formação Pessoal e Social que, de acordo com Silva et al. (2016) “incide no desenvolvimento de atitudes, disposições e valores, que permitam às crianças continuar a aprender com sucesso e a tornarem-se cidadãos autónomos, conscientes e solidários”. (p.6)

No decorrer da PPS II foi possível observar momentos da rotina como, por exemplo, no Conselho, onde as crianças foram esclarecendo várias situações que ocorreram ao longo da semana, identificando as emoções que sentiram e sugerindo alterações de comportamentos aos seus pares. Quando as crianças entravam em conflito tentava manter-me afastada, mas atenta, para perceber se eram capazes de resolver o conflito de forma autónoma ou se era necessária a minha intervenção. Deste modo intervim apenas quando as crianças solicitavam a minha ajuda ou quando observei que as mesmas não estavam a conseguir encontrar estratégias para resolver os conflitos.

Estou no pátio a ver as crianças a brincar e a I. (sala intelectual) vem ter comigo e diz-me que a F. lhe bateu com um brinquedo. “Porque é que ela te bateu?” – questiono a I. e esta encolhe os ombros. “Já lhe foste perguntar?” – volto a questionar e esta vai ter com a F. e pergunta-lhe e

vem ter comigo novamente e diz “Ela não me responde”. Entretanto vou com a I ter com a F. e a I. chega primeiro ao pé da criança e diz-lhe “A Jéssica chamou-te” mas a outra criança nem se mexeu. Porque é que bateste à I.?” – pergunto à F. e ela diz que estava a brincar com os animais e os estava a mexer, “Gostavas que te fizessem isso?” – questiono e a criança responde que não, levantando-se, pedindo desculpa à I. e dando-lhe um abraço. “Eu desculpo” – afirma a I. (Nota de Campo 87, 12 de novembro de 2021)

O Ri.C. estava a andar num triciclo com outra criança e, entretanto, reparo que já é o A.N. que está lá e a outra criança está a começar a chorar. “O que se passa R?” – pergunto e este diz-me que andou pouco no triciclo. “Podes perguntar ao A.N. se ele pode dar uma volta e depois troca contigo para andarem os dois”, entretanto o Ri.C. vai ter com o A.N. e só vejo a criança a abanar com a cabeça que sim. (Nota de Campo 86, 12 de novembro de 2021)

### **Com as famílias ...**

Formosinho e Costa (2011) referem que a relação escola-família “permite um cruzamento de olhares (os das crianças, dos pais, das educadoras) sobre as marcas dos actos educativos que se foram organizando, das situações educativas que se foram vivendo” (p.36), ou seja, é a partir desta colaboração que é possível as famílias terem conhecimento do progresso e desenvolvimento do(s)/da(s) seu(s)/sua(s) educando(s)/educanda(s), de modo a que as mesmas possam conhecer melhor e participar na construção do currículo da sala, mas também dar a conhecer as suas potencialidades.

Segundo Loureiro (2017), os pais e encarregados de educação têm o dever e o direito de participar na vida escolar dos seus filhos, uma vez que “esta participação influencia e colabora nas aprendizagens e sucesso” (p.4). É importante destacar que, quando uma relação é construída com base numa comunicação eficiente, quaisquer problemas que possam surgir são mais simples de resolver e de uma forma positiva (Baum & Swick, 2008), fomentando uma relação de confiança entre pais e educadores.

Posto isto, defini como intenções para com as famílias: (i) **estabelecer uma relação de confiança e de cooperação**; (ii) **promover a sua participação nas atividades propostas**; (iii) **partilha de informações sobre as atividades desenvolvidas e sobre as crianças**.

A realização destas intenções foram desafiantes e não foram cumpridas como eu gostaria, no entanto, considerei que ao defini-las só assim iria conseguir promover um desenvolvimento e aprendizagem holística das crianças, uma vez que, segundo Sousa e Sarmiento (2010) “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum” (p. 148).

A primeira intenção que determinei, **estabelecer uma relação de confiança e de cooperação**, surge do facto de desde o início que procurei estabelecer uma relação de confiança e de cooperação com as famílias, de modo a que esta proporcionasse o bem-estar mas também o desenvolvimento e aprendizagem das crianças de forma holística. Loureiro (2017) refere que a “família e escola emergem, assim, como duas instituições fundamentais para promover os processos evolutivos dos indivíduos, actuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social” desde que trabalhem em conjunto enquanto “dupla de partilhas e de aprendizagem” (idem, 2017, p.1).

Tal como refere Matos (2003), podemos falar da relação escola-família de muitas formas, sendo que esta inclui diversas vertentes, tais como “reuniões, festas, convívios, pedidos de material, passeios, afectação de recursos, organização e execução de actividades e projectos, participação, consulta e gestão na administração escolar.” (p.1). Para além disso, a mesma autora afirma que esta relação pode circundar várias questões como “a vigilância, apoio aos trabalhos escolares, os diálogos sobre o comportamento e sucesso (ou insucesso) das crianças, informações sobre as regras da escola, consulta e decisões sobre o projecto educativo...” (p.1), por essa razão defini a **(ii) intenção promover a sua participação nas atividades propostas**,

Oliveira et al. (2017), defendem que “quando a família atua em parceria com a escola a aprendizagem flui com mais amplitude, a criança sente-se estimulada e consegue assimilar os conhecimentos com facilidade, pois a família acaba reforçando e contribuindo para a consolidação dessa aprendizagem” (p. 36).

Esta intenção foi muito difícil de concretizar, uma vez que as famílias não se podiam deslocar à sala de atividades e algumas não demonstraram muita disponibilidade para participarem, como por exemplo,

O A.M. vira-se para mim e diz: “Jéssica hoje trouxe o livro dos crocodilos e um crocodilo de brincar para o projeto. O meu pai deixou-me”. “Muito bem A.M.! Quando formos fazer o projeto mostras-me que pode ter coisas importantes”. (Nota de Campo 28, 25 de outubro de 2021)

Para além disso, enquanto estava a realizar o projeto dos leões solicitei às três crianças que estavam a elaborar o mesmo que durante o fim de semana pesquisassem informação sobre o corpo do leão e, que na segunda-feira trouxessem um desenho ou uma colagem sobre essa informação que recolheram para podermos partilhar ideias, no entanto, nenhuma das crianças o fez, uma até explicou que a mãe não tinha tempo.

Marques (1993) considera que “a chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação” (p.39) daí a definição da (iii) intenção **partilha de informações sobre as atividades desenvolvidas e sobre as crianças**. Face à situação pandémica que vivemos o meu contacto com as famílias foi reduzido, tendo a possibilidade de interagir com as mesmas apenas no momento de acolhimento, contudo, não conheci todas as famílias uma vez que quando eu chegava à organização socioeducativa já havia crianças na sala. No entanto, sempre tentei que no pouco contacto que tinha com as famílias transmitisse uma relação de confiança e de uma comunicação de qualidade.

De manhã, encontro-me com as crianças na sala de atividades e vou recebendo as que vão chegando. O G.E. chega à sala e começa a chorar agarrado à mãe. “Olá G. há muito tempo que não vinhas” – afirmo e a mãe da criança afirma “Foram três semanas, vai ser um pouco difícil”. Entretanto algumas crianças aproximam-se da porta e saúdam a criança que não vêm há muito tempo. “Eles já tinham muitas saudades tuas, G.” – afirmo e completo “E tenho a certeza de que tu também já tinhas saudades”. A criança olha para mim e digo-lhe que temos jogos novos na sala e que acho que ele vai gostar e este começa a ficar interessado. Entretanto o G.E. entra na sala e a mãe vai-se embora, sendo que eu fico a falar com a criança perguntando-lhe sobre os brinquedos que trazia na mão mas também se queria ver os jogos novos. (Nota de Campo 203, 08 de fevereiro de 2022)

### **Com a equipa educativa ...**

Para redigir as intenções para com a equipa educativa tive por base a Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2012). Tal como vem plasmado no documento, o compromisso entre a equipa de trabalho assenta no respeito, colaboração, solidariedade nas decisões tomadas em conjunto e em situações complicadas, partilha de informações, contribuição para o debate, inovação e busca de práticas de qualidade.

Segundo Moolenaar (2012) citado por Lima e Fialho (2015) existem três maneiras em que os modelos de interação entre os docentes de uma escola podem afetar de forma positiva as suas práticas:

- (1) criando oportunidades de aprendizagem com os colegas, (2) facilitando ou desencadeando processos de influência entre pares e de seleção de parceiros para a interação profissional (3) constituindo um ambiente psicologicamente seguro em que os professores se possam sentir apoiados nos seus esforços para melhorar. (p.30)

Assim, pretendi **estabelecer uma relação de proximidade com a equipa educativa, tendo por base o respeito, confiança e entreaajuda**, com o objetivo de que todos os intervenientes partilhassem as suas experiências e ouvissem as dos seus pares, proporcionando um crescimento e aprendizagem quer na vida pessoal quer na sua prática, promovendo uma educação de qualidade a todas as crianças.

Como elemento novo na equipa educativa, tentei promover um ambiente de colaboração, partilha de ideias, diálogo e reflexão da minha prática em conjunto com a equipa educativa. De acordo com Hohmann e Weikart (2011), “o trabalho em equipa é um processo interactivo (. . .) implica um clima de apoio e de respeito mútuo” (p.130). Assim, é necessário existir comunicação entre toda a equipa e, tal como defende Dias (2009) “o trabalho em equipa estabelece, desta forma, um diálogo entre os profissionais de educação, colocando múltiplas questões metodológicas como a divisão de tarefas, a partilha de técnicas e meios, a gestão do tempo, o ultrapassar obstáculos” (p.24).

Durante o estágio, fui informando a equipa educativa das planificações de atividades que ia realizando, ouvindo as suas sugestões e opiniões, mas também fui

observando como a equipa educativa conseguia aproveitar e dar intencionalidade às atividades que as crianças se propunham a realizar durante a semana. Deste modo, ao chegar ao fim da PPSII uma das minhas maiores conquistas foi conseguir dar intencionalidade pedagógica às atividades que as crianças propunham durante o dia, sem ter nada planeado previamente. Para além disso, ao longo da prática foi havendo uma partilha de experiências e vivências do quotidiano, enviando todas as semanas à EC as notas de campo semanais, as reflexões diárias e semanais, sendo que a docente me ia dando sugestões de melhoria e livros que podiam complementar as minhas ideias.

## **2.2. Processo de intervenção da PPSII em Jardim de Infância**

Segundo Silva et al. (2016), “Observar, registar, documentar, planear e avaliar constituem etapas interligadas que se desenvolvem em ciclos sucessivos e interativos, integrados num ciclo anual.” (p.13). Assim, foi tendo por base esta ideia que demarqueei a minha prática ao longo da PPSII, entendendo que apenas seria possível realizá-las de forma indissociável.

Inicialmente, é importante mencionar as práticas que considero imprescindíveis para a minha ação: (i) observar atentamente o grupo de crianças; (ii) respeitar as características individuais de cada criança; (iii) assumir uma atitude responsiva; (iv) acompanhar a rotina da sala, mas também as práticas da equipa educativa da sala.

No início da minha prática comecei por observar e registar os momentos vividos no ambiente educativo, as interações entre pares, as rotinas, os momentos de brincadeira e as atividades realizadas. Assim, fui percebendo as necessidades, interesses e características individuais de cada criança, conhecendo as rotinas da sala, analisando os documentos da sala e conhecer o grupo de crianças, a equipa da sala, a organização socioeducativa e as famílias.

No que diz respeito às rotinas da sala, as mesmas já se encontravam definidas na Agenda Semanal presente na sala de atividades, e como não queria alterar o que já estava estipulado entre as crianças e a equipa educativa tentei aproveitar os momentos do dia da

melhor maneira possível, planejando algumas atividades apresentadas à EC e debatidas com o grupo de crianças. No entanto, a maior parte das atividades que desenvolvi com as crianças surgiram de forma espontânea e da livre vontade das crianças do que queriam realizar durante o dia, sendo que tinha de me adaptar para promover atividades significativas que fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças.

É importante salientar que a planificação das atividades teve sempre por base as observações realizadas ao grupo de crianças, tendo em conta os interesses que demonstravam e/ou sugeriam, as suas fragilidades e as suas potencialidades. Foi através das notas de campo que fui sustentando a minha prática, uma vez que, segundo Queirós e Rodrigues (2006), “a utilização cuidada de técnicas como a redacção de notas de campo ou a fotografia pode, sem sombra de dúvida, constituir um sólido elemento de apoio” (p.3).

Tal como referem Silva et al. (2016), planear “implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização.” (p.15). Assim, procurei planificar e desenvolver atividades emergentes com as crianças que partissem das suas propostas, mas também interesses e necessidades. Não obstante, procurei que estes momentos fossem ao encontro da rotina diária, tendo em atenção o tempo, ou seja, não tirando muito tempo livre às crianças para que estas pudessem desenvolver atividades nas outras áreas da sala.

No que se refere às planificações, procurei desenvolver atividades que abrangessem todas as áreas de conteúdo, no entanto, existiram áreas que foram mais desenvolvidas que outras: a independência e autonomia; a convivência democrática e cidadania; atividades na área das artes visuais, no jogo dramático e na dança; a comunicação e expressão oral; a identificação de convenções da escrita; a componente dos números e operações, geometria e medida; o conhecimento do mundo natural, principalmente, os animais.

Procurei ainda explorar vários momentos e atividades através de diferentes formas de organização do grupo: individual, a pares, pequenos grupos e grande grupo, sendo que

através da observação percebi que a equipa educativa realiza as atividades principalmente em pequenos grupos ou de forma individual, no entanto, existem momentos em grande grupo. Ao realizar esta estratégia fui percebendo como cada uma das crianças se comportava em cada tipo de organização e fui compreendendo o que melhor funcionava com cada uma.

Olhando para o início da PPSII é possível observar que houve uma evolução na minha prática, uma vez que já conseguia agarrar o grupo de crianças de forma autónoma, desenvolver atividades emergentes atribuindo-lhes intencionalidades, realizar momentos da rotina e de transição, como por exemplo, recorrendo a músicas que as crianças já conheciam, o que possibilitou que a equipa educativa me confiasse o grupo de crianças.

No Jardim de Infância, a utilização de portefólios constitui “uma estratégia de avaliação autêntica que tem sido alvo de interesse por investigadores e profissionais de educação já que, para além de implicar o educador de infância na documentação e avaliação das aprendizagens, envolve a própria criança acarretando ganhos” (Silva & Craveiro, 2014, p.33).

Enquanto estagiária na sala *JD* fui participando e apoiando nos momentos de avaliação, dando o meu contributo para os portefólios individuais de cada uma das crianças da sala. Para além disso, ainda realizei o portefólio do A.A., onde descrevo a evolução das aprendizagens e o desenvolvimento da criança durante a minha prática nas diversas áreas de conteúdo (cf. Anexo A).

Como defendem Silva e Craveiro (2014), o portefólio surge como uma metodologia de avaliação das aprendizagens das crianças tendo como característica “possibilitar conceder voz às crianças sobre as suas aprendizagens, permitindo-as participar na avaliação do seu próprio desempenho.” (p.36). De acordo com as mesmas autoras, o papel do/a educador/a é estimular e envolver a criança no “processo de ensino-aprendizagem e na (auto)avaliação favorece, por consequência, na criança o desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, de responsabilidade, de compromisso voluntário e persistência na concretização das suas aspirações e objetivos” (p.36).

Na sala *JD*, o portefólio da criança consiste num dossiê composto pelas produções e registos das crianças, com alguns comentários/ contextualização por parte da EC. Geralmente, estes registos são compostos por uma fotografia da criança a realizar uma determinada atividade e/ou ação, por vezes com o complemento de uma ilustração e, por fim, uma citação da criança e/ou comentário da EC. O portefólio começou a ser construído desde que a criança entrou na organização socioeducativa, ou seja, muitas das crianças já têm o seu portefólio composto por registos e atividades na valência da creche, muitos deles organizados consoante as áreas de conteúdo. Por sua vez, na sala *JD*, o portefólio encontra-se organizado de forma cronológica.

Ao longo das semanas, à medida que as crianças vão realizando e terminando os seus registos e produções, devem colocar os mesmos no seu separador, para, posteriormente, a equipa educativa organizar os mesmos no dossiê do portefólio. Enquanto estagiária em conjunto com a equipa da sala, fui apoiando as crianças nos seus registos, conversando sobre o que estavam a realizar e as suas aprendizagens, mas também percebendo quais as suas fragilidades para que as possamos desenvolver. Numa fase final, as famílias dirigiram-se à organização socioeducativa para observarem e apreciarem o portefólio do/a seu/ua educando/a, sendo que a EC disponibilizou a cada família uma folha A4 para poderem escrever um comentário/ sugestões de melhoria para o portefólio.

Com o A.A., este foi-me mostrando todos os seus registos e produções para que eu os pudesse registar e falarmos um pouco sobre os mesmos, mas também para vermos a evolução das suas aprendizagens e conhecimentos nas diferentes áreas de conteúdo.

Em suma, segundo Parente (2004) citado por Silva e Craveiro (2014) o portefólio é um instrumento de avaliação, “que assenta numa perspetiva holística, globalizadora e num enfoque construtivista do processo de ensino e aprendizagem.” (p.38).

### 3. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

### **3.1. Identificação da Problemática Emergente**

Ao longo da PPSII, realizada na sala do *JD*, tive a oportunidade de observar que a participação e voz das crianças tinham um papel de destaque. As crianças participavam em todos os momentos do planeamento, quer fosse no Plano do Dia elaborado diariamente, quer fosse no CCE, que se realizava habitualmente à sexta-feira. Foi principalmente este momento da rotina do grupo que me despertou particular atenção e suscitou algumas interrogações, designadamente: Como é que a equipa educativa fazia o planeamento semanal tendo em conta as propostas das crianças? Qual era o papel da equipa educativa durante o CCE? Qual era o papel da criança durante estes momentos?

Decorrente das questões que ia colocando ao longo das primeiras semanas de PPS, o momento do Conselho de Cooperação Educativa começou a ganhar progressivo destaque nos meus registos de observação. Até este estágio ainda não tinha tido a oportunidade de observar e, por conseguinte, compreender a importância do mesmo no planeamento diário da equipa da sala, nomeadamente de que é um momento a partir do qual tudo se pode desenrolar. Com efeito, fui-me também apercebendo ao longo das semanas que cabe ao/à educador/a estimular o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, através das “escolhas, opiniões e perspetivas de cada criança, sejam explicitadas e debatidas” (Silva et al., 2016, p.9), sendo através do CCE que a equipa educativa planeia as atividades tendo em conta os objetivos e aprendizagens que se pretendem desenvolver com cada criança.

As crianças da sala reúnem-se duas vezes por dia, uma no início da manhã e outra no início da tarde, para planearem as atividades a desenvolver ao longo do dia. Nesta perspetiva, destacam-se alguns instrumentos de pilotagem, tais como: o plano do dia, o diário e os momentos de CCE, como ferramentas que promovem a participação das crianças. Segundo Silva et al. (2016) um dos fundamentos e princípios educativos é o “Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo” (p.9) em que a criança desempenha um papel dinâmico nas interações sociais entre criança-criança e criança-adulto. Ainda referente a este aspeto, é reconhecido à criança a capacidade da mesma “construir o seu desenvolvimento e aprendizagem” encarando-a como “um sujeito

e agente do processo educativo” (p.9) com direito a ser ouvida, a expressar a sua opinião, a participar e tomar decisões.

Segundo Lino (2018) “o direito das crianças à participação reconhece a sua competência e coloca-as no papel de atores e construtores da sua aprendizagem e desenvolvimento”. Ao observar o momento do CCE fui percebendo que a sua voz e participação eram valorizadas no mesmo, não somente nas propostas de atividades, mas também na gestão e resolução de conflitos.

Decorrentes das interrogações que fui fazendo sobre o CCE, surgiu-me o interesse em desenvolver um processo investigativo em torno deste momento da rotina do grupo da sala do *JD*, com os seguintes objetivos:

- Caracterizar e analisar as formas participação das crianças no Conselho de Cooperação Educativa.
- Analisar de que forma o Conselho pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.
- Descrever e analisar de que forma o momento do Conselho de Cooperação Educativa é utilizado pela equipa educativa para promover o envolvimento das crianças no planeamento das atividades.

De seguida, será apresentado o tópico do enquadramento teórico da problemática selecionada de acordo com os objetivos apresentados anteriormente.

## **3.2. Revisão da Literatura sobre a problemática identificada**

### **3.2.1. Movimento da Escola Moderna e o Conselho**

O Movimento da Escola Moderna (MEM) “propõe construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral das crianças com quem trabalham, assegurando a sua participação na gestão do currículo escolar” (*site* do Movimento da Escola Moderna). A criação do MEM decorreu da junção de três práticas consonantes: (i) “a conceção de um município escolar, numa escola primária de Évora, a partir da proposta de Educação Cívica de António Sérgio, em 1963/64”; (ii) “a prática de integração educativa de crianças deficientes visuais do Centro Infantil Helen Keller apoiada nas técnicas Freinet”; (iii) “a organização, por Rui Grácio, dos cursos de Aperfeiçoamento Profissional no Sindicato Nacional dos Professores, entre 1963 e 1966”. É em 1966 que se funda o Movimento da Escola Moderna pela transformação do Grupo de Trabalho de Promoção Pedagógica constituído no Sindicato (Niza, 1996, p.142).

O MEM é, segundo Santos (2003), um “modelo de cooperação educativa nas escolas e orienta-se pela participação democrática directa, entre professores e alunos, na organização e gestão do currículo e da escola” (p.70). Este modelo, segundo o mesmo autor, permite que as crianças participem e promove: (i) autonomia; (ii) cooperação; (iii) “solidariedade de uma vida democrática regulada pela igualdade de oportunidades” (p.72); (iv) partilha do poder.

É através de decisões cooperadas que as crianças e os adultos organizam as atividades, os tempos, os materiais, decorrente de uma partilha de ideias e interesses. Desta forma, “o conhecimento constrói-se assim pela consciência do percurso da própria construção” (Niza, 1996, p.145). Importa também mencionar que esta comunicação e partilha é alargada aos profissionais, permitindo “uma reflexão constante sobre a práxis pedagógica do modelo” (Oliveira-Formosinho, 2007, p.32).

Este modelo entende a criança como um sujeito socialmente capaz, dando-lhe a oportunidade de ter voz ativa e fazer escolhas com conhecimento através da

experimentação, desde cedo num ambiente democrata. Neste ambiente, a criança tem segundo Niza (1979) citado por Niza (2012) “o direito de escolher, o direito de falar, o direito de analisar, o direito de decidir, o direito de criticar, o direito de participar” (p.67).

O Conselho de Cooperação Educativa (CCE) surge do MEM como um instrumento de pilotagem e consiste na regulação e organização da vida escolar, realizado semanalmente. Tem como objetivo planificar, avaliar, discutir determinados assuntos pertinentes para a vida social em comunidade, mas também, dar significado às ações de cada criança, percecionando-se “a cultura que se constrói com aquele grupo” (Cunha, 2009, p.52).

É através do diário, dos planos do dia, da agenda semanal, do mapa de tarefas, do mapa de presenças e do mapa de atividades, que as reuniões de Conselho são criadas, em grande grupo, para “avaliar e refletir sobre o processo de socialização democrática” (Niza, 1998, p.368).

O Diário é um instrumento essencial para o CCE, uma vez que se encontra afixado numa das paredes da sala de atividades de modo a que todas as crianças tenham acesso e consigam escrever sem que seja necessário o auxílio de um adulto. O Diário encontra-se dividido em quatro colunas: (i) “Gostámos”, em que as crianças registam atividades e/ou ações que tenham gostado quer seja sobre os seus pares quer seja sobre o grupo; (ii) “Não Gostámos”, em que as crianças mencionam conflitos e/ou ações que querem tentar resolver no momento do CCE com a ajuda do grupo; (iii) “Fizemos”, em que um dos membros da equipa educativa vai lendo o que foram escrevendo que fizeram durante a semana; (iv) “Queremos fazer”, que possibilita que as crianças e a equipa educativa exponham as suas propostas e ideias de atividades que querem realizar na semana a seguir.

É em Conselho que o grupo “planeia, acompanha, regula, analisa, orienta e gere as aprendizagens” (Niza, 1998, p.369) bem como se faz uma avaliação sobre os planos individuais e em grupo, sugerem-se propostas e ideias de atividades para a planificação da semana seguinte.

Os debates que vão surgindo no momento do CCE devido aos assuntos do diário permite que as crianças vão colocando questões, ajudem na gestão e resolução dos conflitos, exponham e tomem uma decisão/posição. De acordo com Pontecorvo et al. (2005), na “cultura de pares” a discórdia não deve ser evitada”, uma vez que a participação, segundo Serralha (2007) “não se restringe apenas aos implicados, alarga-se aos demais como mediadores participantes [para] que a solução encontrada seja justa e solidária” (p. 183).

A partir da conversa no acolhimento e com as propostas referidas no CCE, as crianças podem escolher as atividades que querem realizar, sugerindo-as durante a realização do plano do dia. Em pequenos grupos ou individualmente, de acordo com Niza (1996) “as crianças distribuem as atividades ou os projetos de trabalho que explicitaram e o educador registou, e avançam, autonomamente ou com a colaboração dos companheiros, para as ações que se propuseram realizar” (p. 136).

### **3.2.2. Perspetiva histórica da participação das crianças**

Durante séculos, existiu uma desvalorização da concepção da criança, visto que esta era considerada um “mini adulto” que a partir do momento em que não necessitava da ajuda e cuidados da mãe ingressava na sociedade e realizava tarefas do dia a dia dos adultos. Um exemplo dessa desvalorização é o facto de até ao século XIII serem escassas as obras de arte onde estão retratadas crianças, no entanto, quando eram representadas faziam transparecer a figura do adulto (Matta, 2001).

Foi no decorrer século XVI que se criaram dois tipos de instituições: (i) as instituições cuja missão fundamental era ensinar as crianças; (ii) as instituições criadas para de educação de infância ou de educação pré-escolar, para dar uma resposta social (Cardona, 2011).

Segundo Matta (2001), entre o século XVII e XVIII começaram a aumentar o número de estudos e obras pedagógicas bem como uma maior atenção atribuída à criança. Para além disso, começou a distinguir-se a infância e a adolescência percebendo que estas se desenvolvem em diferentes etapas da vida da criança. Esta valorização é visível nas

obras de arte onde a criança assume um papel central nas mesmas, transparecendo uma certa inocência e um aspeto angelical. Ainda nestes séculos surgiram filosofias educativas que se distinguiam, destacando assim: (i) John Locke, que comparou a mente da criança, quando nasce a uma tábua rasa, defendendo que é através da estimulação e das interações com o meio que a criança se desenvolve cognitivamente, por isso era necessário haver uma educação mais rígida; (ii) Jean Jacques Rosseau, considerava que o desenvolvimento das crianças já se encontrava definido consoante a faixa etária mas também que a família e a escola apresentavam um papel fundamental nesse desenvolvimento. Partindo destas ideias surgiram novos modelos educativos, tais como, Pestalozzi e Montessori.

Devido à Revolução Industrial existiram várias alterações a nível social durante o século XIX, que influenciaram o modo de vida das populações bem como a educação das crianças. O facto de os pais terem um horário de trabalho alargado levou à necessidade da criação de escolas que se encarregassem da educação das crianças. Para além disso, todas as alterações que ocorreram devido à industrialização levaram à necessidade de tornar o ensino elementar obrigatório. Deste modo, começou a conferir-se uma maior importância à criança, tendo esta um papel central na família.

Segundo Tomás (2007) citado por Tomás e Gama (2011), a participação até ao final do século XX foi considerada uma participação preponderante com “uma focalização adulta e uma intervenção que se fazia de cima para baixo, dos adultos para as crianças.” (p. 47), sendo as crianças vistas como sujeitos passivos, sem opinião, sem voz e sem vontade.

No século XX começaram a surgir mais estudos sobre a educação e a criança, sendo que começou a existir uma ideia mais definida sobre o que é a infância. Cardona (2011) apresenta três modelos de práticas educativas: (i) modelo produtivo (depois da 2ª Guerra Mundial), reconheceu a importância de novos conhecimentos para o futuro; (ii) modelo estético (década de 60), surge como um modelo centrado no desenvolvimento das capacidades de expressão individual e estética; (iii) modelo expressivo (década de 70), foca-se em desenvolver todas as capacidades de expressão das crianças.

Tendo em conta as alterações sociais ocorridas neste século devido à entrada da mulher no mercado de trabalho foi possível assistir à melhoria das condições de vida das famílias bem como a uma maior preocupação pelo desenvolvimento das crianças o que originou a criação de espaços para as crianças mais pequenas, como é o caso da creche (Sarmiento & Carvalho, 2017). Ao longo dos anos, esta começou a ganhar uma nova importância, passando de uma necessidade social para uma função educativa.

Assim, a criança começou a ter um papel na sociedade e começou a ser vista como um ser ativo e participativo com direitos estabelecidos na Convenção dos Direitos da Criança, promulgada em 1989, desenvolvendo-se “um novo paradigma sociológico sobre a infância e desenvolve-se uma nova conceção das crianças” (Cardona, 2011, p. 151). Em 1997, foi criada em Portugal, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar sendo este um documento orientador para os profissionais de educação para adequarem a sua prática pedagógica com crianças dos 3 aos 6 anos de idade.

Esta nova conceção de criança reconhece-as como sujeitos com voz, direito de opinião, participação e de “democracia comunicativa” (Agostinho, 2014, p. 1129), dado que as crianças “têm opiniões, ideias, experiências e sentimentos” (p. 1130) e o Jardim de Infância deve ser um espaço que ofereça “as suas primeiras experiências de vida democrática” (Vasconcelos, 2007, p. 109). De acordo com Tomás (2007), “só recentemente surgiu o paradigma da participação cidadã e da participação das crianças, que defende que a criança tem e pode expressar diferentes conceções, necessidades e aspirações relativamente aos adultos.” (p. 48).

Pode-se afirmar que o MEM é uma pedagogia de participação que assegura que a criança tem direitos, é um ser competente e escuta a sua voz para transformar a ação pedagógica numa atividade partilhada (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013).

Segundo Silva et al. (2016) um dos fundamentos e princípios orientadores é o reconhecimento da criança como sujeito e agente no processo educativo e, neste sentido, a criança possui uma curiosidade natural “para compreender e dar sentido ao mundo que a rodeia, sendo competente nas relações e interações que estabelece.” (p.12). Para além disso, tem o direito a expressar as suas opiniões e a ser ouvida.

De acordo com Vasconcelos (2007), a escola é um lugar imprescindível para a educação para a cidadania, constituindo-se “o primeiro degrau de uma caminhada que a família e a comunidades enquadram” (p. 111).

### **3.2.3. Papel do/ educador/a e da equipa educativa na participação das crianças**

Os adultos devem encorajar as crianças para que estas descrevam as suas intenções, se sintam mais confiantes com as escolhas e decisões que tomam, tornando-se cidadãos competentes e capazes, tal como afirmam Hohmann e Weikart (1995b) «adults are supporters of development», em que o principal objetivo é estimular a aprendizagem das crianças.

Segundo Marques (2013), o/a educador/a deve “encorajar a autonomia, incentivando-as [crianças] a resolver os seus problemas sozinhas” de modo a tentar que as mesmas controlem o seu processo de ensino-aprendizagem. Para além disso, deve observar e refletir sobre as práticas das crianças, identificando os seus interesses e necessidades, de modo a poder adequar a sua prática e que esta seja de qualidade.

Hohmann e Weikart (1995b) afirmam que o processo de aprendizagem é lento e progressivo, mas o adulto deve compreender e respeitar. Lino (2014) valoriza a participação das crianças, explicando que é necessário envolvê-las no decurso das atividades e proporcionar-lhes oportunidades de escolha acerca do que querem realizar, como o querem fazer e com quem querem fazer. Assim, é fundamental dar-lhes oportunidade de se expressarem, de modo a que estas se tornem sujeitos com opinião, capazes de negociar e tomar decisões. Tal como Folque (1999) refere, o/a educador/a deve “promover uma organização participativa, a cooperação e a cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade” (p.11).

Um das prioridades na ação do/a educador/a é observar e ouvir as crianças, enquanto estas exploram o ambiente interior e exterior, reconhecendo a sua individualidade. Segundo Agostinho (2006) o/a educador/a de infância desempenha um

papel importante na gestão do currículo, uma vez que impulsiona a participação das crianças, enquanto sujeitos de direitos.

Oliveira-Formosinho (2011) acrescenta que “O papel do(a) educador(a) é o de organizar o ambiente e o de escutar, observar e documentar para compreender e responder, estendendo os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direção à cultura.” (p.18). Cabe ao/à educador/a apoiar e estimular o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança, tirando proveito das interações que esta estabelece na organização socioeducativa, de forma a que, progressivamente, as escolhas, opiniões e conhecimentos de cada criança sejam apresentadas e debatidas. Também o ambiente é importante, tal como afirmam Oliveira e Araújo (2013) “O ambiente físico e material das salas (...) deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades ao nível dos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.” (p.30).

Segundo Oliveira-Formosinho (2016) “Entende-se que os estilos de interacção adulto-criança são (ou não) um mediador da participação, entendida como envolvimento nas atividades e projetos, promovendo (ou não) a agência da criança.” (p.18). Também Goldschmied e Jackson (2006) salientam que é importante que “o adulto aja como um facilitador em vez de um diretor das atividades da criança” (p.24).

#### **3.2.4. Importância do planeamento**

Segundo o Priberam (s.d.), planificar significa “fazer o plano de [algo], definir antecipadamente um conjunto de acções ou intenções; ter algo como intenção”.

De acordo com o Decreto-Lei nº241/2001, 30 de Agosto, o/a educador/a de infância ao planificar deve ter em consideração “os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras”, e assim, planificar a “intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação”, mas também “as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo”. O adulto ao planificar em conjunto com as crianças está a promover o sentido de responsabilidade nas mesmas, uma vez que ao terem conhecimento do que vão realizar faz com que estas se sintam mais

conscientes, responsáveis e empenhadas na medida em que se comprometeram com o que foi acordado em grupo.

As intenções do/a educador/a implicam não só planejar atividades de aprendizagem para o grupo, mas também prever como vai nortear e organizar o processo educativo, importa, assim, esclarecer as metodologias de trabalho e as estratégias que vai utilizar para promover as aprendizagens que delineou.

Planejar e avaliar são processos que estão interligados, uma vez que planejar é fundamental para prever e antecipar todos as condicionantes e os fatores a ter em conta para promover as aprendizagens das crianças, por outro lado, avaliar é fundamental para tomar decisões sobre a prática educativa e planejar (Silva et al., 2016). Deste modo, fala-se da avaliação para a aprendizagem, processo que se desenvolve através de ciclos de planeamento, ação, avaliação (idem, 2016). Os ciclos planejar, agir, avaliar integram-se num quadro definido no início do ano letivo, a partir da caracterização inicial/ avaliação diagnóstica feita para compreender o contexto de cada criança, que permite construir o Projeto Curricular do Grupo. As consecutivas planificações e avaliações, que vão sendo elaboradas terão sempre em atenção as características de cada grupo e de cada criança bem como o seu desenvolvimento. Para além disso, serão flexíveis, tentando articular de forma integradora as diferentes áreas de conteúdo.

A criança precisa de ser ativa, de se expressar, de pensar, de conversar com os seus pares, de experimentar, de poder escolher e decidir “A criança aprende tomando a iniciativa. A criança deve aprender interagindo. O adulto aprende a ajudar a criança a desenvolver essa interação. A criança é ativa, o adulto também deve sê-lo” (Formosinho, 1998, p. 144). Tal como defendem Silva et al. (2016), “Considerar a criança como agente do processo educativo e reconhecer-lhe o direito de ser ouvida nas decisões que lhe dizem respeito confere-lhe um papel ativo no planeamento e avaliação” (p.16), assim, planejar com as crianças são oportunidades de participação sobre o currículo, que lhes proporcionam “formação pessoal e social, de desenvolvimento cognitivo e da linguagem e permite, ainda, que o grupo beneficie da diversidade de capacidades e saberes de cada criança.” (Silva et al., 2016, p.16).

O/A educador/a não deve ser o/a único/a responsável pelas planificações, sendo que deve partilhar, estar aberto/a e disponível para receber e incluir as propostas e

sugestões das crianças, mas também das suas famílias e da comunidade. As planificações devem ser um espaço de comunicação e decisão conjunto e partilhado.

É fundamental que haja um equilíbrio entre a participação do adulto e a participação das crianças para que as aprendizagens possam ser realizadas com sucesso. A estrutura do trabalho e das propostas a desenvolver devem vir das sugestões de ambas as partes, sem que o adulto tenha um efeito inibidor nem que as crianças façam só o que querem e quando querem. Ao ouvir a criança, seja no momento da planificação seja na realização e avaliação, o adulto está a permitir que a criança se sinta cada vez mais capaz, competente e segura e não tão dependente do mesmo.

O/A educador/a deve ser capaz de criar ambientes estimulantes e desafiadores que transmitam à criança segurança, vontade e iniciativa de os experimentar e explorar. Depois de promover interações entre criança-criança e criança-espacos/materiais, o/a educador/a deve estar atento às mesmas para as ir apoiando e desafiando, promovendo ao máximo um desenvolvimento holístico.

O/A educador/a deve também disponibilizar materiais que despertem a curiosidade da criança, que a motive a explorar e experienciar, dando-lhe liberdade para que esta possa escolher onde quer brincar, com o que quer brincar e com que quer brincar. “Também, ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades” (Silva et al., 2016, p.11).

Assim, importa, segundo as mesmas autoras, que o/a educador/a “reflita sobre as oportunidades educativas que o ambiente oferece”, isto é, que planeie intencionalmente essa organização e avalie o modo como a mesma contribui para a educação das crianças, podendo alterar sempre que necessário (p.24).

### **3.3. Roteiro metodológico e ético**

Atendendo aos objetivos traçados para a investigação, optei por seguir uma abordagem de natureza qualitativa ou interpretativa, através da metodologia de estudo de

caso, que segundo Bogdan & Biklen (1994) consiste num estudo em profundidade, em concreto na “observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento” (p.89). Tal como defendem Meirinhos e Osório (2010), o estudo de caso permite “compreender exclusivamente o caso particular, sem relação com outros casos ou outras problemáticas mais abrangentes.” (p.58).

A investigação estruturou-se em quatro momentos: (i) definição do problema, planeamento; (ii) recolha de dados; (iii) análise de dados; (iv) composição e relatos (Yin, 2001). Relativamente ao planeamento, nesta fase foi necessário encontrar, em conjunto com a equipa educativa e com a orientadora, a problemática a investigar e decidir que técnicas e instrumentos de recolha de dados seriam utilizados. Na segunda fase, previu-se a recolha de dados recorrendo a várias técnicas e instrumentos, em consonância com as características da metodologia de estudo de caso (Yin, 2001). Assim, tendo em conta os propósitos do estudo, optei por recorrer à observação direta participante através do registo das notas de campo diárias, à observação não participante, através de registos em formato áudio de sete reuniões de Conselho e, à observação indireta com a realização de entrevistas semiestruturadas à equipa de sala.

Para Bento (2012), a investigação qualitativa pressupõe a utilização de diversas técnicas e instrumentos de recolha e análise de informação com uma natureza descritiva, prevendo uma reflexão da parte do investigador, mas também assegurar que “os métodos e técnicas de recolha de informação são utilizados de forma a obter informação suficiente e pertinente” (Fragoso, citado por Meirinhos & Osório, 2010, p.59).

A investigação qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), apresenta cinco características: (i) “a fonte directa de dados é o ambiente natural constituindo o investigador o instrumento principal”; (ii) os dados que o investigador recolhe são essencialmente descritivos; (iii) os investigadores, interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados obtidos; (iv) os dados são estudados de forma indutiva; (v) para o investigador “o significado [que os participantes atribuem às suas experiências] é de importância vital” (p. 47-51). Assim, os investigadores que recorrem à abordagem qualitativa “privilegiam a compreensão das complexas inter-relações entre tudo o que existe” (Stake, 2016, p. 53) recorrendo a perguntas de investigação orientadas “para casos

ou fenómenos, procurando padrões de relações imprevistas, mas também de outras já esperadas” (idem, 2016, p. 56).

Referente à observação direta participante, de acordo com Correia (2009) esta realiza-se “em contacto directo, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais” (p. 31), permitindo o “conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p.87). Esta observação foi realizada através do registo de notas de campo diárias, procurando-se fazer, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), um “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha (...)” (p. 150).

No que diz respeito aos registos em formato áudio das reuniões do Conselho, recorreu-se à observação direta não participante e naturalista, sendo “aquela que apesar de ser sistematizada, se realiza em meio natural, descrevendo as circunstâncias e comportamentos das situações e indivíduos, respectivamente, através de um observador distanciado em relação à realidade por ele observada.” (Dias, 2009, p.179).

Procurando compreender a visão da equipa da sala sobre o CCE, o seu papel nesse momento da rotina do grupo e perceber como a partir do mesmo são realizadas as planificações recorri à observação indireta, com a realização de duas entrevistas semiestruturadas, uma à EC e outra à auxiliar da sala *JD*. Para o efeito, foram elaborados previamente dois guiões orientadores (cf. Anexo G1 e Anexo C1, respetivamente). As entrevistas foram realizadas presencialmente nas instalações da organização socioeducativa e foram gravadas em formato áudio. Estrela (1994) defende que “a finalidade das entrevistas consiste, (...), na recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sobre alguns aspectos, os intervenientes do processo (...)” (p.342). Priorizei realizar entrevistas semiestruturadas porque, apesar de existir um guião orientador, é possível realizar novas questões e acrescentar informação referente ao tema.

A recolha de dados foi feita em momentos diferenciados, mas os resultados foram analisados em conjunto, privilegiando-se um processo de triangulação, acreditando que “qualquer descoberta ou conclusão em um estudo de caso provavelmente será muito mais

convincente e acurada se se basear em várias fontes distintas de informação, obedecendo a um estilo corroborativo de pesquisa” (Yin, 2001, p.121).

Com efeito, ao seguir uma lógica de triangulação, optei por recorrer a diferentes fontes de dados, tal como preconizado por Flick (2009c), com o intuito de assegurar uma compreensão mais aprofundada do fenómeno da investigação em curso.

Para Yin (1994), é importante analisar os dados tendo em atenção “toda a sua riqueza, respeitando tanto quanto possível, a forma em que estes foram registados ou transmitidos” (p.48). Deste modo, analisei as entrevistas semiestruturadas, os registos dos momentos dos sete Conselhos de Cooperação Educativa e as notas de campo através da construção de tabelas de análise de conteúdo. Tal como refere Vala (1986), “se as operações anteriores foram correctamente desenvolvidas, o analista pode então programar a última fase do trabalho” (p.117).

Para tratar os dados qualitativos, recorri à técnica de análise de conteúdo, em que o investigador analisa ao pormenor o que foi recolhido através das diferentes técnicas, mas também o que foi observando durante a pesquisa (Bardin, 1979). Para fazer esta análise, idem (1979), existem três etapas cronológicas: (i) organização da análise em que se organiza a informação recolhida de modo a estruturar as ideias principais e tornar a informação mais funcional; (ii) exploração do material consiste “nas operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (p.125-130); (iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que decorre a análise e interpretação dos resultados obtidos. De acordo com Bardin (1979), a inferência é um instrumento de incentivo para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência, referências) (p. 138). Durante o processo de análise de conteúdo dos momentos do CCE tive algumas dificuldades em selecionar a informação que seria mais pertinente para o meu estudo, contudo, após algumas sugestões da orientadora consegui recolher a informação mais adequada.

Com o objetivo de analisar os níveis e formas de intervenção das crianças, procedeu-se a uma contagem de frequências, que segundo Morais (2005), “assume valores que correspondem a determinados aspetos que se pretendem analisar de uma

população ou amostra”. Na presente investigação, foi empregue a frequência absoluta que corresponde a “um valor da variável como sendo o número de vezes que esse valor ocorre na amostra ou na população” (idem, p.9), mas também a frequência relativa, em que se utiliza “um valor da variável como o quociente entre a frequência absoluta desse valor e o número total de ocorrências de todos os valores da variável na amostra ou na população.” (idem, p.9), através da construção de tabelas e gráficos de barras e circulares com as contagens das frequências.

### **3.3.1. Princípios éticos e deontológicos**

De salientar ainda que no decurso da PPS, a minha ação foi norteadada por um conjunto de princípios éticos que tomarei por referência para a construção da minha identidade profissional. Os princípios mencionados foram garantidos através de um conjunto de compromissos com as crianças, as famílias e a equipa educativa, garantindo a privacidade e a confidencialidade de todos aqueles com que contactei e que participaram nesta investigação, reforçando que os nomes das crianças e da equipa da sala serão anónimos onde só utilizei siglas e nos registos fotográficos oculte a face das crianças. Para tal, elaborei uma tabela (cf. Anexo J) com ligação entre os princípios deontológicos e éticos apresentados por Tomás (2011) e legislação em vigor, mas também os compromissos éticos pessoais e profissionais redigidos pela Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2012)

De acordo com Parente (2012) “é importante assegurar que o sistema de registo das observações e escuta da criança selecionado respeite a ética e assegure a confidencialidade das crianças e das famílias” (p.16).

### **3.3.2. Participantes do estudo**

Neste estudo todas as crianças do grupo da sala do *JD*, isto é, as vinte e quatro crianças sendo que quinze são rapazes e nove são raparigas, com idades compreendidas entre os quatro e seis anos tiveram um papel ativo e fundamental na minha investigação.

Para além disso, a equipa educativa da sala, nomeadamente, a EC com doze anos de serviço e a auxiliar de ação educativa com vinte e um anos de serviço tiveram igualmente um papel indispensável na presente investigação.

Na observação dos momentos do CCE, houve uma incidência em todo o grupo de crianças, sendo que em cada sessão observada se centrava no grupo de crianças presentes, e as entrevistas semiestruturadas contaram com a participação da educadora da sala e da auxiliar de ação educativa.

### **3.4. Apresentação e Discussão dos Resultados**

#### **3.4.1. Processo de Análise de Dados**

Nesta investigação a análise de dados resulta da observação direta não participante, através de registos em formato áudio de sete momentos do CCE, desde novembro de 2021 a fevereiro de 2022, mas também das entrevistas semiestruturadas à EC e à auxiliar de ação educativa.

Após a recolha de dados, procedeu-se à sua organização e análise. Deste modo, para analisar os dados recolhidos, nomeadamente, os registos em formato áudio e as entrevistas semiestruturadas, os mesmos foram submetidos a uma análise de conteúdo categorial (Anexo I, Anexo C3 e Anexo G3) que possibilitou nomear as categorias resultantes. Para Vala (1986), “as categorias podem ser construídas à priori ou à posteriori ou ainda através da combinação destes processos” (p.111), sendo que no presente estudo utilizei uma abordagem dedutivo-indutivo, isto é, existiu combinação, em que após as transcrições fui tentar perceber o que havia de semelhante entre eles (momentos do CCE e noutra as entrevistas) e a partir daí comecei a formular as categorias e subcategorias que fossem pertinentes para o estudo que estava a desenvolver.

### **3.4.2. Apresentação, análise e interpretação dos dados**

O presente subcapítulo encontra-se dividido em quatro tópicos correspondentes aos objetivos de estudo. Inicialmente, é apresentada a caracterização e análise das formas de participação das crianças no CCE, posteriormente, analisa-se como é que o CCE pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e, de seguida, analisa-se como o momento do CCE é utilizado pela equipa educativa para promover o envolvimento das crianças no planeamento das atividades. Por fim, apresentam-se as principais conclusões do estudo.

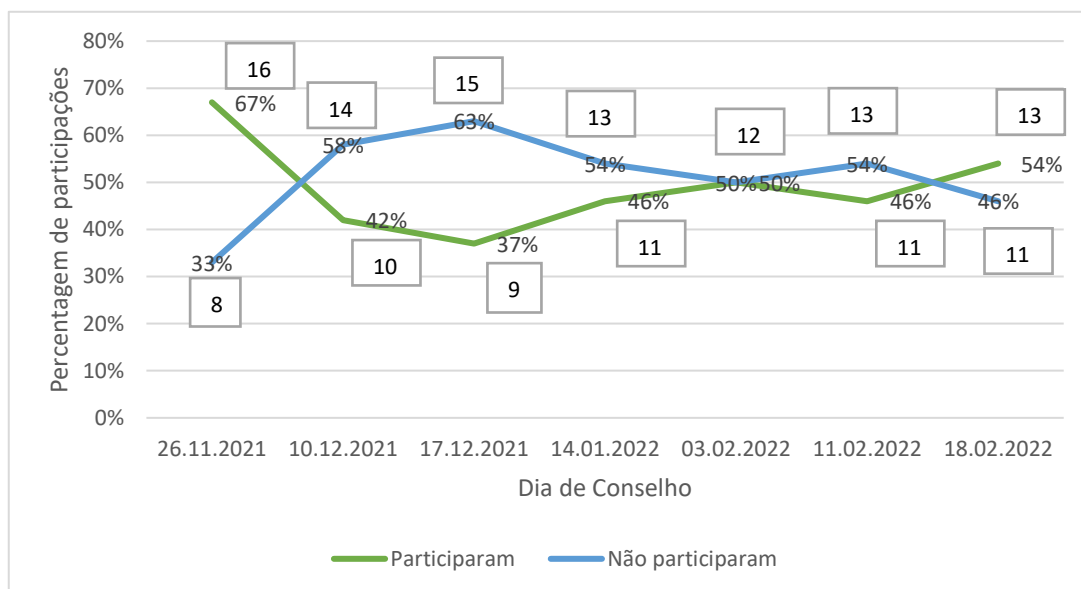
Em anexo, encontram-se todos os dados recolhidos e organizados, de modo, a analisá-los de seguida. Assim, nos anexos, estão as entrevistas realizadas à EC e à auxiliar de ação educativa, a análise categorial das mesmas, mas também as transcrições dos registos áudios dos CCE e respetiva análise de conteúdo.

#### **3.4.2.1. A participação das crianças no Conselho de Cooperação Educativa**

Pretendia-se caracterizar e analisar as formas de participação das crianças no CCE. Para o efeito, procedeu-se à análise dos registos em formato áudio de sete desses momentos semanais (cf. Anexo H) e das entrevistas semiestruturadas realizadas à equipa da sala (cf. Anexos C e G). Com os registos dos momentos do CCE organizei os dados referentes à participação das crianças em tabelas (cf. Anexo K).

**Figura 1.**

*Intervenção das crianças em cada um dos Conselhos de Cooperação Educativa.*



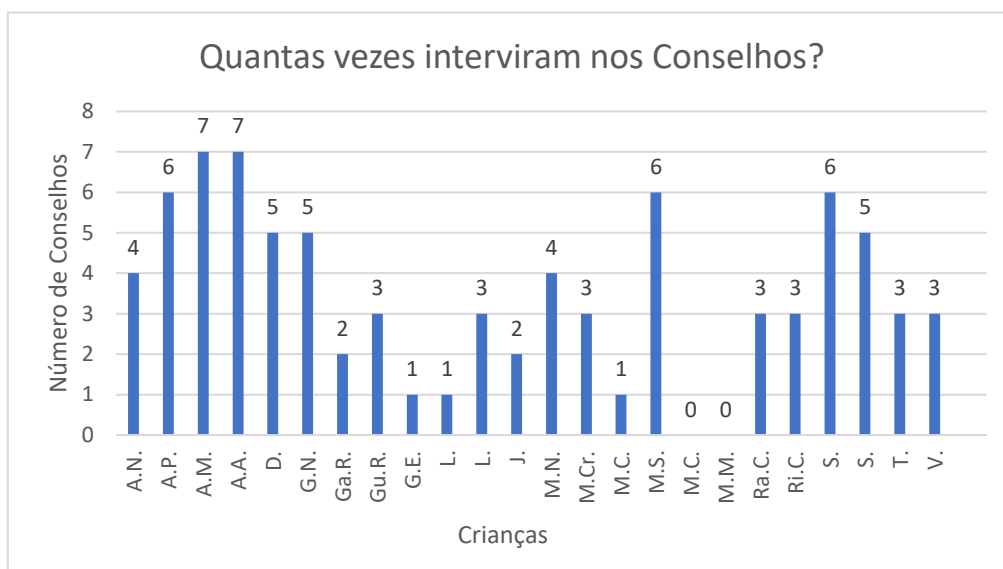
*Nota.* Fonte própria através da observação direta não participante dos CCE.

Da leitura da figura 1, pode-se destacar que o dia com maior e menor intervenção por parte das crianças foi no dia 26/11/2021, em que das 24 crianças na sala, 16 crianças (67%) participaram e oito 8 crianças (33%) não intervieram. Não obstante, é possível verificar que o número de crianças que interveio de forma ativa no CCE foi baixando até ao dia 14/01/2022, tendo-se verificado uma inversão deste cenário, a partir dessa altura, registando-se um aumento progressivo.

Nos dias 10/12/2021, 17/12/2021, 14/01/2022 e 11/02/2022, houve um maior número de crianças que não intervieram de forma ativa do que aquelas que intervieram. De destacar ainda que, no dia 03/02/2022 verificou-se uma sintonia entre os dados, uma vez que metade das crianças intervieram no CCE e outra metade não.

**Figura 2.**

*Intervenção de cada uma das crianças nos Conselhos de Cooperação Educativa.*

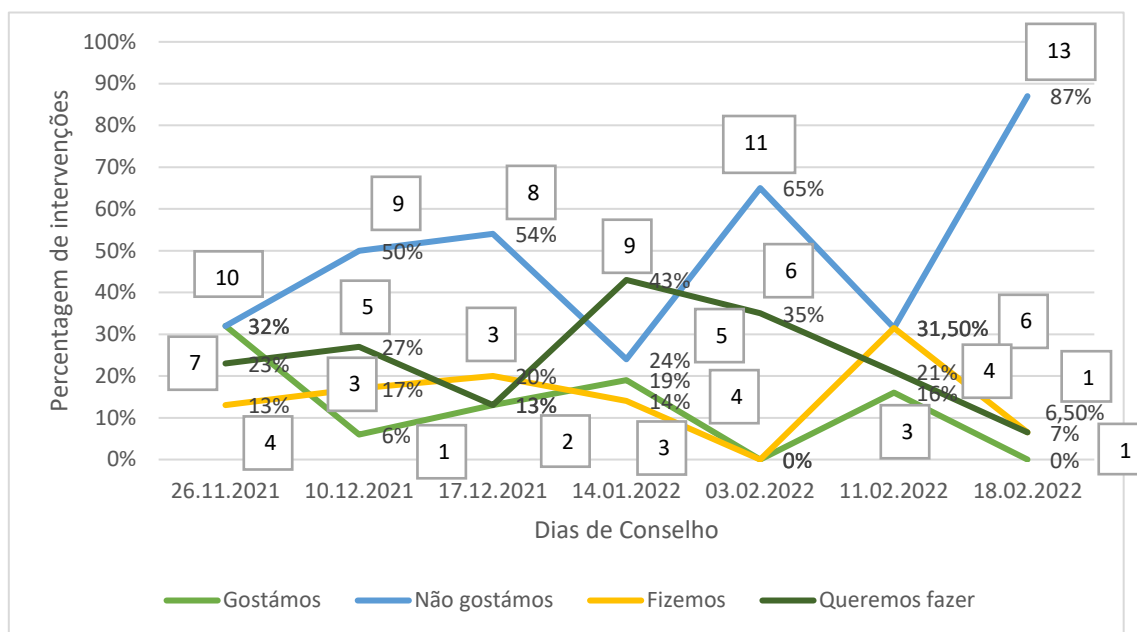


*Nota.* Fonte própria através da observação direta não participante dos CCE.

Da figura acima apresentada, é possível constatar que dos sete momentos do CCE analisados, duas crianças não intervieram em todos eles, salientando-se que uma dessas crianças tem Trissomia 21. Três crianças intervieram em três CCE, duas crianças intervieram em dois momentos, sete crianças intervieram em três momentos e duas crianças intervieram em quatro dos sete Conselhos. Não obstante, três crianças manifestaram-se em cinco CCE, três crianças intervieram ativamente em seis desses momentos e duas crianças intervieram em todos os momentos do CCE que observei.

**Figura 3.**

*Intervenção das crianças em cada um dos parâmetros do Conselho de Cooperação Educativa.*



*Nota.* Fonte própria através da observação direta não participante dos CCE.

Na figura 3, indica-se o número de intervenções das vinte e quatro crianças, nos diferentes “temas” abordados em Conselho, que também se encontram presentes no Diário: gostámos, não gostámos, fizemos e queremos fazer (propostas e sugestões de atividades).

É possível observar que as crianças intervêm mais nos momentos em que resolvem os seus problemas e/ou conflitos e em que é planeada a semana seguinte. Por outro lado, o momento em que as crianças intercedem menos corresponde ao que a equipa educativa relê, nomeadamente, o que foi feito na semana passada. No dia 26/11/2021 foi quando houve uma maior adesão das crianças para partilharem o que tinham escrito na coluna do gostámos 10 crianças (32%), no dia 18/02/2022 foi quando as crianças intervieram mais na resolução e gestão de conflitos, 13 crianças (87%), salientando que esta intervenção passa não só por quem escreveu no diário, mas também por outras crianças que dão sugestões e fazem questões sobre esse mesmo conflito.

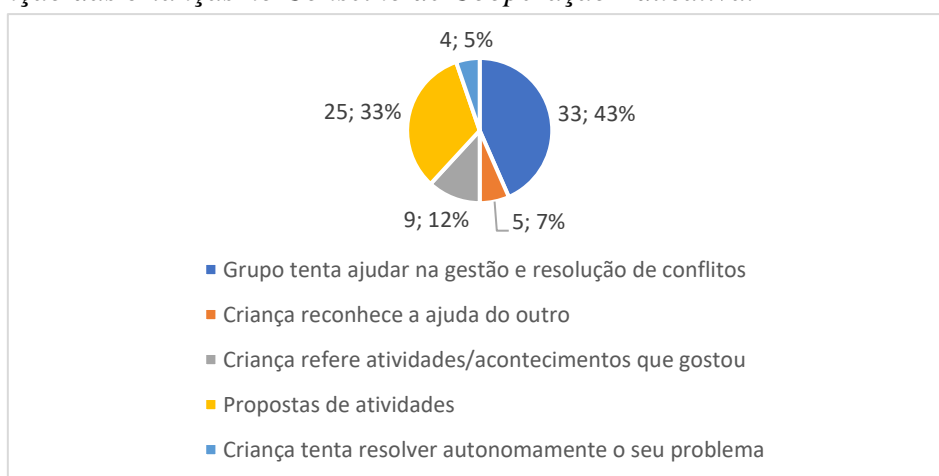
Na revisão do que fizeram ao longo da semana, foi no dia 11/02/2022 que as crianças mais estiveram envolvidas, mais precisamente, 6 crianças (31,5%), por sua vez, quando abordado o tema das propostas e sugestões de atividades para realizarem na semana a seguir, foi no dia 14/01/2022 que houve uma maior intervenção das crianças do grupo, 9 crianças (43%).

Como podemos observar na figura 3 em todos os “temas” têm, na maior parte das vezes, sido inconstante os valores, uma vez que de uma semana os valores ou caem ou sobem e na semana seguinte o oposto acontece, no entanto, podemos salientar que durante as primeiros três CCE os valores foram mais ou menos constantes na intervenção do “fizemos”.

Para além da análise dos momentos do CCE, foi possível constatar através das entrevistas realizadas à equipa educativa da sala que, as crianças, no CCE “Têm um papel de reguladoras do grupo, de gestão de grupo e conflitos, de integração de valores.” (cf. Anexo G2). Não obstante, a auxiliar refere que o papel das crianças nos CCE é “Todo, senão não fazia sentido haver Conselho.”, completando que “o Conselho é super importante também para aplaudi-los não só para as coisas negativas mas para percebermos que o outro consegue fazer ou que me ajudou, isto é fantástico para miúdos de 4/5 anos não é?!” (cf. Anexo C2).

#### Figura 4.

*Intervenção das crianças no Conselho de Cooperação Educativa.*



*Nota.* Fonte própria através da observação direta não participante dos CCE.

Como se pode observar na Figura 4, relativamente aos dados recolhidos dos sete momentos do CCE, é possível constatar que nestes houve uma maior intervenção das crianças no que diz respeito à gestão e resolução de conflitos, 43%, isto é, houve 33 intervenções por parte das crianças relativamente a este tema, contribuindo com questões e sugestões para resolver os problemas que são expostos ao grande grupo.

“**A.A.** – Ga.R. porque é que tu chamaste isso se nós já tínhamos conversado num Conselho que não se podia chamar esse nome. . .” (momento do CCE de dia 26/11/2021)

“**A.A.** – Vou fazer uma pergunta à D.. . D. gostavas de fosse eu com uma coisa qualquer a magoar-te e não pedir desculpa e a não cuidar? Tu ias gostar?” (momento do CCE de dia 17/12/2021)

“**S.** – A amizade é uma coisa que é ter um bom coração e uma boa atitude.” (momento do CCE de dia 03/02/2022)

“**S.** – E porque é que não foste buscar o banco? Porque estava longe? Era para ires mais rápido?” (momento do CCE de dia 11/02/2022)

Por sua vez, apenas 5%, ou seja, 4 crianças tentaram resolver autonomamente o seu problema, tendo que as outras crianças e equipa educativa intervir.

“**M.S.** – O que eu não gostei foi de A.P. não brincar comigo.

**A.P.**- Eu é que inventei a brincadeira, depois ela destruiu a brincadeira, porque ela estava a tirar a bandolete.

**M.S.** – Eu não estava a tirar, aquilo estava a sair.

**A.P.** – Mas tu estavas a mexer.” (momento do CCE de dia 17/12/2021)

### **3.4.2.2. Potencialidades do Conselho para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças**

Com vista a dar resposta a este objetivo da minha investigação recorri à análise das entrevistas semiestruturadas à equipa educativa da sala, mas também à análise dos registos de observação das reuniões do CCE.

De acordo com Silva et al. (2016) “o desenvolvimento e aprendizagem da criança ocorrem num contexto de interação social, em que a criança desempenha um papel dinâmica” (p.9).

Durante a entrevista à auxiliar, quando questionada sobre este tema, a mesma refere que o momento do Conselho “é muito importante porque leva os miúdos a pensar e a usar o grupo como uma ajuda para resolver os problemas que acontecem (...) é levar os outros a pensar”, contudo, não se trata apenas de resolver problemas/conflitos mas também “para aplaudi-los (...) percebermos que o outro consegue fazer ou que me ajudou (...) Perceber que o outro é tão bom nisto e ele até me ajudou, eu consegui fazer muito melhor porque ele me ajudou e estamos a criar seres não é?!”. Assim, a auxiliar afirma que com o grupo de crianças com o qual trabalha agora é importante desenvolver valores como o “respeito pelo outro, tolerância e a capacidade de ajudar” (cf. Anexo C2).

Por outro lado, a EC da sala, refere na entrevista que o momento do Conselho pode ter pelo menos dois objetivos: (i) “a clarificação de valores e eles crescerem em comunidade e compreenderem as ideias dos outros e aceitarem”; (ii) “a parte do planeamento” (cf. Anexo G2). Durante a entrevista, quando surgiu a questão sobre os valores que eram importantes desenvolver com este grupo de crianças a docente mencionou a “interajuda e respeito pelo outro. Saber falar sobre os sentimentos, sobre as situações e aprendizagens” (cf. Anexo B2).

Referente à análise categorial dos registos de observação das sete reuniões do CCE (cf. Anexo I), foi possível evidenciar a existência de trinta e três intervenções por parte do grupo de crianças que faziam questões e sugestões de como a criança poderia resolver o conflito/problema que tinha partilhado num desses momentos. Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos:

“**A.A.** – Ga.R. porque é que tu chamaste isso se nós já tínhamos conversado num Conselho que não se podia chamar esse nome. . .” (momento do CCE de dia 26/11/2021)

“**A.P.** – Continuamos a bater e a não pedir desculpa, as pessoas ficam tristes.” (momento do CCE de dia 17/12/2021)

“**A.A.** – Tentaste resolver com o L.?” (momento do CCE de dia 17/12/2021)

Durante os quatro meses de estágio, ao longo dos diversos Conselhos que tive a oportunidade de assistir, fui constatando que as crianças foram progredindo na forma como fazem as perguntas e como tentam ajudar a resolver os problemas/conflitos, como por exemplo, no início apenas diziam “isso não se faz” e agora nos últimos CCE, as

crianças já tentavam perceber como é que tinha surgido o conflito, se já tinham tentado resolver, se a criança que “magoou” a outra, quer seja fisicamente ou psicologicamente, pediu desculpa e cuidou que é um dos valores que as crianças mais mencionam nestes momentos: “A.A. – Vou fazer uma pergunta à D.. . D. gostavas de fosse eu com uma coisa qualquer a magoar-te e não pedir desculpa e a não cuidar? Tu ias gostar?”; “A.A. – Isso vai ter que melhorar. A desculpa não vem do calhas vem do coração.” (cf. Anexo I).

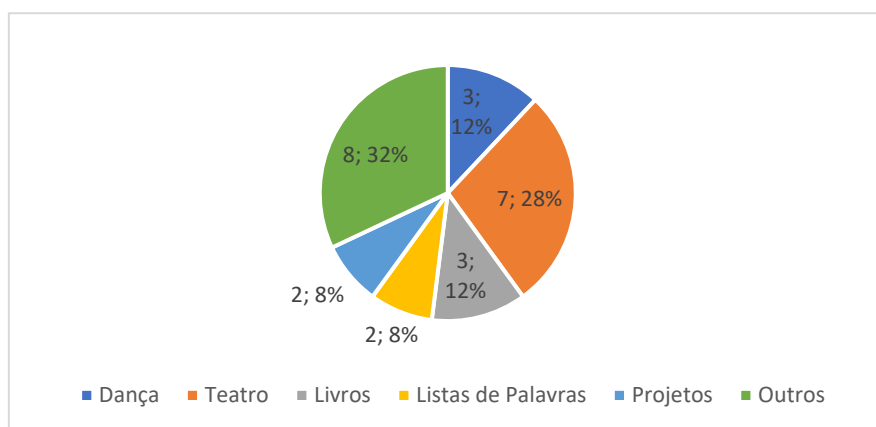
Não obstante, nos sete momentos do CCE, houve cinco referências na coluna do “gostámos” sobre outras pessoas, ou seja, as crianças, já têm a percepção da importância da ajuda do outro,

Auxiliar - Isso é importante ver . . . conseguires perceber que a ajuda do outro foi importante, pronto a ajuda da A.P. foi importante para ti isso é muito bom quando conseguimos ver isso quer dizer estamos a ficar crescidos” (momento do Conselho de dia 26/11/2021)

As crianças são muito participativas quando no momento o CCE chegamos à coluna do “Queremos fazer”, sendo que muitas delas, já têm ideias do que querem fazer na semana seguinte. De acordo com a figura 5, é possível perceber que das vinte e cinco propostas apresentadas ao longo dos sete CCE, 8 propostas (32%) são referentes a outras sugestões, como por exemplo, monotípias, comunicações de atividades, receitas de culinária, entre outros; 7 propostas (28%) referem-se à realização de teatros, principalmente, de atores; a mesma frequência de 3 propostas (12%) são alusivas a danças, a livros para a Hora do Conto ou para apresentar ao restante grupo de crianças; e 2 sugestões (8%) dizem respeito à realização de listas de palavras de variados temas e à realização de projetos propostos pelas crianças.

**Figura 5.**

*Propostas de atividades das crianças.*



*Nota.* Fonte própria através da observação direta não participante dos CCE.

A participação das crianças é, então, “um meio de formação pessoal e social, de desenvolvimento cognitivo e da linguagem e permite, ainda, que o grupo beneficie da diversidade de capacidades e saberes de cada criança.” (Silva et al., 2016, p.16). Ao participarem no Conselho e no cotidiano escolar, as crianças ganham experiência de uma vida democrática, tornando-se consciente dos seus direitos e deveres (Silva et al., 2016).

Carminati (2011) realça que o Conselho deve ser visto como “um espaço de liberdade, de debate e de diálogo”, tendo em conta que as crianças têm uma voz ativa. Garcia (2010) reforça que o mesmo deve incluir todos os elementos do grupo, isto é, crianças e adultos, e que deve ser um momento de regulação social, possibilitando unanimidades entre o grupo, tomar decisões negociadas entre pares e “onde todos têm uma palavra a dizer sobre tudo o que se passa na sala, onde se planeia, executa e avalia o trabalho desenvolvido na sala, individualmente ou em grupo” (p.11).

Para além disso, foi possível perceber o papel que a equipa desempenha nestes momentos de CCE: mediador. Quer a EC quer a auxiliar quando confrontadas com esta questão, responderam de imediato, “mediador”, sendo que a EC completou na sua entrevista que “no início do ano os adultos vão intervindo cada vez mais e vão dando

modelos de formas de resolver problemas, vão dando modelos na parte da planificação e fazendo muito mais sugestões.” (cf. Anexo G2), sendo que o objetivo é que as crianças cheguem ao final do ano e consigam ser elas a dinamizar o CCE de forma autónoma.

### **3.4.2.3. Utilização do momento do Conselho de Cooperação Educativa por parte da equipa educativa para o envolvimento das crianças no planeamento**

No que diz respeito ao planeamento realizado todas as semanas, no período do CCE, os dados recolhidos serão apresentados através da análise dos registos de observação das reuniões do CCE bem como das entrevistas semiestruturadas realizadas à equipa educativa da sala.

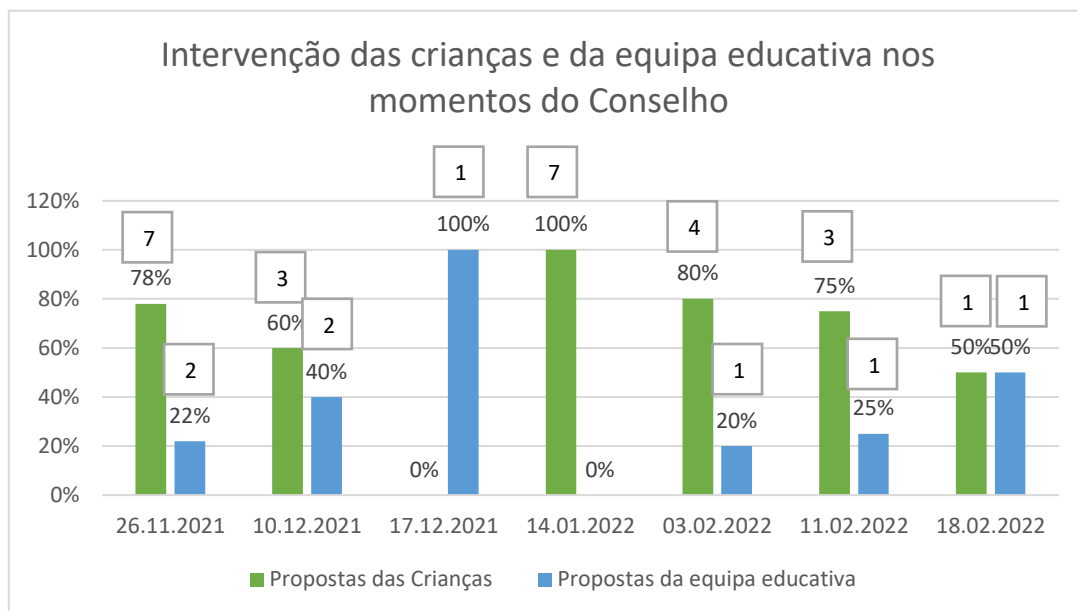
Quanto ao planeamento em Conselho, a EC salienta que “Ajuda porque eles dão as ideias deles e a partir das mesmas e daquilo que eu vejo que são os seus interesses ou as suas dificuldades traço um plano daquilo que quero fazer com eles”. Para além disso, a docente refere que existem sempre “atividades livres abertas”, até porque realizam poucas atividades coletivas. Quando questionada sobre o papel da criança no planeamento/planificação das atividades, a mesma refere que “É ativo (...) porque fazemos o Plano do Dia que elas podem realmente tomar decisões relativamente àquilo que querem fazer e com o Diário aquilo que elas querem fazer ao longo da semana.” (cf. Anexo G2).

Por outro lado, na entrevista realizada à auxiliar a mesma refere que o momento do CEE ajuda no planeamento uma vez que

eles já sabem que no Conselho é quando vão poder dizer, não é que nos outros dias não possam, mas é mais difícil porque o grupo não está reunido e eu acho importante é todos sabemos o que é que vai acontecer na nossa sala e o que é que cada pessoa quer fazer.

**Figura 6.**

*Intervenção das crianças e da equipa educativa nos momentos do Conselho de Cooperação Educativa.*



*Nota.* Fonte própria através da observação direta não participante dos CCE.

De acordo com o gráfico da figura 6, percebemos que, na maior parte das vezes, existiu um maior número de propostas provenientes do grupo de crianças, contudo, no dia 17/12/2021 apenas houve propostas da equipa educativa e no dia 18/02/2022, 50% das propostas foram das crianças (1 proposta) e a outra metade da equipa da sala. Apenas houve dois dias que não houve propostas por um dos intervenientes, neste caso, no dia 17/12/2021 por parte das crianças e, no dia 14/01/2022 por parte da EC e auxiliar.

De seguida, apresento alguns diálogos sobre as propostas de atividades por parte das crianças que surgiram ao longo dos diversos CCE:

**Auxiliar** – Quem é que estava com o dedo no ar!? Era a M.N.

**S.** – M.N.

[M.N. começa a falar muito baixinho]

**Educadora Cooperante** – M.N. respira fundo [fazem as respirações da montanha] Querias fazer o que?

**M.N.** – Uma dança.

**Educadora Cooperante** – Ok, era uma dança de que?

[criança não responde]

**Educadora Cooperante** – Queres pensar depois no dia? [M.N. abana com a cabeça que sim]

(Conselho de dia 26/11/2021)

**M.S.** – Eu para a semana queria trazer o meu livro *De que cor é um beijinho*.

**Educadora Cooperante** – Ah está bem. *De que cor é um beijinho* podes trazer, essa podes sim. Mas é para que?

**M.S.** – É para fazer Hora do Conto.

(Conselho de dia 26/11/2021)

**A.P.** – A.M.

**A.M.** – Eu queria fazer uma lista de animais.

(Conselho de 17/12/2021)

**S.** – Como estamos a fazer as histórias podíamos um dia levar para casa no final do ano também, depois os pais contavam à noite e depois ficava uma história por dia.

**Educadora Cooperante** – Ok. . . Podemos fazer uma feira do livro, com os livros que vocês andam a fazer.

(Conselho de 03/02/2022)

**A.N.** – S.

**S.** – Eu queria fazer um teatro de atores com a M.S. e a A.P.

**Educadora Cooperante** – Já sabem qual é a história?

**M.S.** – Já sabemos.

**S.** – Não é uma história, nós vamos inventar.

(Conselho de 03/02/2022)

Não obstante, também a equipa educativa fez algumas propostas de atividades sempre com o consentimento das crianças:

**“Educadora Cooperante** – então a E. já foi falar com os adultos, com aqueles adultos que lembram-se? Vamos combinar o que é que vamos fazer pronto . . . eu levei as vossas ideias e todas as pessoas gostaram da ideia do piquenique quer dizer que amanhã a nossa escola faz anos mas é fim de semana quer dizer que vai passar o sábado e o domingo e o próximo dia que estamos juntos é segunda não é?! Então na segunda vamos festejar os anos da nossa escola e vamos todos juntos lá em cima no campo de futebol do primeiro ciclo fazer . . .”

**“Educadora Cooperante** - Então vamos fazer uma espécie de uma escultura grande [crianças ficam boquiabertas] e essas esculturas vão ser feitas com objetos e esses objetos são vossos . . . Hoje cada um de vocês vai levar para casa um recado para os pais que diz que têm que procurar ou que pensar durante o fim de semana num objeto, de uma coisa que vocês acham que é importante para vocês e que representa a nossa escola.”

(Conselho de 26/11/2021)

**“Educadora Cooperante** – Então este ano eu preciso que vocês façam o desenho outra vez está bem?! Mas já não vai ser da família, vai ser um desenho da vossa escola e dos vossos amigos pode ser?

**Grupo** – Sim [entusiasmados]

**Educadora Cooperante** – E nesse desenho. . . quando eu olho para esse desenho. . . quando os vossos pais olham para esse desenho têm que dizer assim: o meu filho sabe fazer uma cabeça, uns olhos, um nariz, as orelhas, uma boca. Sabe fazer o corpo, sabe fazer braços a sair do corpo, sabe fazer pernas e pés. Os pais também podem ver se sabem fazer casas, uma escola e também sabe fazer flores e sabe fazer árvores, e sabe fazer muitas pessoas. Sabe fazer meninas e sabe fazer meninos. Isto é o que temos que ver nos vossos desenhos está bem?! Então posso escrever aqui desenho da nossa escola?!

**Grupo** – Sim!”

(Conselho de 10/12/2021)

Em conclusão, nos sete registos de observação das reuniões do CCE as crianças fizeram mais propostas (25), enquanto a equipa educativa realizou 10 propostas de atividade.

Após a análise destes sete registos de observação das reuniões do CCE, foi possível perceber que a maior parte das atividades sugeridas pelas crianças foram realizadas sempre na semana seguinte, à exceção de algumas atividades, como por exemplo, as monotípias que foram sendo adiadas de semana para semana, porque na altura que a criança sugeriu já havia muitas tarefas e como é uma proposta que necessita que um adulto esteja muito disponível foi sendo adiada “E. C. – Mas nós vamos ter que

deixar isso [monotípias] para o próximo ano, em janeiro.” (Momento do Conselho de dia 10/12/2021). Por outro lado, as propostas sugeridas pela equipa educativa foram essencialmente derivadas de temas relacionados com o Jardim de Infância, por exemplo, no Carnaval ou a entrega das avaliações.

### **3.5. Discussão dos Resultados**

Após analisar os dados recolhidos sobre a participação das crianças no CCE, verifica-se que tem havido uma variação no número de crianças a intervir nestes momentos, contudo, no último Conselho em que participei mais de metade das crianças intervieram de forma ativa (13 crianças, ou seja, 54%). Referente às crianças que não intervêm foi possível observar uma diminuição, o que permite observar que cada vez mais as crianças estão interessadas e querem intervir nestes momentos em grande grupo. A partir dos registos de observação do CCE, constata-se que as crianças participam mais aquando da resolução de problemas e/ou situações.

Tal como defende Serralha (2009), o CCE permite que as crianças reflitam sobre os comportamentos e atitudes que desenvolveram bem como os dos seus pares, o que permite integrar essas crianças no grupo e a ajudá-las a melhorar. Não obstante, Niza (1998) salienta que, ao refletir quanto às situações negativas, são delineadas regras de convivência, negociadas em conjunto, de forma a contribuir para o bem-estar do grupo.

Nos sete momentos do CCE analisados, foi possível concluir que apenas duas crianças não intervieram em nenhum dos Conselhos, sendo que uma é o M.C. que possui Trissomia 21 e as restantes dezanove crianças intervieram em pelo menos um desses momentos. Ambos os membros da equipa educativa da sala referem a importância do papel da criança no momento do CCE uma vez que são elas que possibilitam a existência do mesmo e fazem uma gestão e regulação do grupo, possibilitando uma transmissão de valores e espírito de entajuda.

Durante o Conselho, o/a educador/a deve exprimir a sua opinião sem tomar partido (Serralha, 2009). De acordo com o mesmo autor e algo que eu fui observando em

todos os momentos do CCE, a equipa educativa espera pela sua vez para falar, mas também que o responsável do dia/presidente lhes deem a palavra para poderem falar, mostrando assim que também pertencem ao grupo e têm que respeitar o outro.

Sobre as potencialidades do CCE, a EC mencionou que este momento permite “A primeira é a clarificação de valores e eles crescerem em comunidade e compreenderem as ideias dos outros e aceitarem (...) e sobretudo a parte do planeamento que é aí que está a participação delas.” (cf. Anexo G2).

Analisando de que forma o CCE pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, percebemos que estes momentos permitem à criança uma aquisição de valores como: entreajuda, respeito pelo outro mas também a ajuda que os outros dão para ajudar a resolver os conflitos, uma vez que permite que as crianças reflitam sobre os comportamentos e atitudes de quem esteve envolvido nessas situações, muitas vezes, menos positivas, sendo uma forma de integrar essas crianças no grupo e a ajudá-las a melhorar (Serralha, 2009).

Para além disso, foi possível entender o papel que a equipa desempenha nestes momentos de CEE: mediador. Quer a EC, quer a auxiliar quando confrontadas com esta questão, responderam de imediato, mediador, sendo que a EC completou na sua entrevista que “no início do ano os adultos vão intervindo cada vez mais e vão dando modelos de formas de resolver problemas, vão dando modelos na parte da planificação e fazendo muito mais sugestões.” (cf. Anexo G2), sendo que o objetivo é que as crianças cheguem ao final do ano e consigam ser elas a dinamizar o CCE de forma autónoma. Complementando, a auxiliar menciona que as crianças perceberem que “o outro é tão bom nisto e ele até me ajudou, eu consegui fazer muito melhor porque ele me ajudou (...) E que tem que ter esses valores de empatia pelo outro e eu acho que isso acontece aqui” (cf. Anexo C2).

As crianças que intervêm no CCE desenvolvem as suas competências sociais e morais, estabelecendo relações positivas com os seus pares e adultos de referência, assim como também vão “desenvolvendo competências várias que naturalmente transferem da

escola para a vida que continuam na sociedade em que estão inseridos” (Serralha, 2009, p.27).

Por fim, para compreender a forma como a equipa educativa da sala utiliza o momento do Conselho para o envolvimento das crianças no planeamento das atividades, a EC refere que “Ajuda porque eles dão as ideias deles e a partir das ideias deles e daquilo que eu vejo que são os seus interesses ou as suas dificuldades traço um plano daquilo que quero fazer com eles” (cf. Anexo G2). Assim, tal como refere Mendes (2005) as crianças são envolvidas no planeamento, sendo agentes do seu processo de ensino- aprendizagem, sendo o adulto um suporte nesse processo. É importante realçar que as crianças têm contribuído cada vez mais no momento do queremos fazer, com as suas ideias, propostas, possibilitando demonstrar os seus interesses, mas também expressando a sua opinião sobre as sugestões dos seus pares e da equipa educativa.

Em conclusão, é possível constatar que a maior parte das crianças intervém nos momentos do CCE, expressando as suas ideias, opiniões, propostas, colocando questões e sugestões, sendo desenvolvido o espírito de uma vida em comunidade, a responsabilidade, a autonomia, os valores que cada uma possui, mas também o desenvolvimento de competências linguísticas e sociais. A equipa educativa durante estes momentos tenta adotar o papel de mediador, sendo que por vezes, é necessário intervir, ou porque não estão a conseguir resolver a situação ou porque já estão há muito tempo no mesmo assunto que já se encontra praticamente resolvido, no entanto, permite que inicialmente, as crianças se expressem e que o restante grupo tente ajudar/comentar as situações que colocou.

A participação das crianças no momento do planeamento é fundamental porque é a partir das suas propostas que o/a educador/a planeia a semana seguinte tendo em conta as necessidades e interesses das crianças, mas também do que pode desenvolver com cada uma. A participação da criança “É o envolvimento da criança em tudo o que lhe diz respeito dentro da sala e fora da sala, portanto, tudo o que lhe diz respeito no processo de ensino-aprendizagem. É isso a participação da criança.” (cf. Anexo G2). Quando a equipa educativa propõe alguma atividade questiona sempre o grupo se gostariam de a fazer, mas

também se faz sentido para elas, ouvindo sempre a sua opinião e alterando algum aspeto, se necessário.

Lino (2014) refere que “Facultar às crianças oportunidades para fazer escolhas favorece, em simultâneo, a autonomia intelectual e moral e ajuda as crianças a tornarem-se capazes de tomar decisões mais corretas e sábias” (p.140). Deste modo, proporcionar à criança fazer “escolhas acerca do que e como concretizar as atividades e tarefas, é reconhecer que são competentes e assegurar o direito à participação na aprendizagem e desenvolvimento” (idem, 2014, p.152).

## 4. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

| | ' ' | | ' ' |

Ao terminar os dois estágios, um relativo à valência de Creche e outro ao Jardim de Infância, em virtude das Práticas Profissionais Supervisionadas I e II, irei, de seguida, refletir acerca do impacto destas práticas na construção da minha identidade profissional, enquanto futura educadora de infância. Deste modo, irei fazer um balanço dos dois estágios, onde nomearei e fundamentarei as aprendizagens mais significativas, destacando a minha evolução enquanto estagiária, e no final, irei destacar o papel da investigação em educação na minha perspetiva, enquanto estagiária nos contextos.

Segundo Scalabrin e Molinari (2013), os estágios constituem-se como um elemento importante pois permitem ao futuro profissional “ter a capacidade de se encontrar com a realidade social da educação e, a partir desta relação, começar a preparar o seu amanhã como profissional da educação, fazendo realmente a diferença onde quer que se encontre” (p.3). Em ambos os estágios, sempre me preocupei em desenvolver relações afetivas com as crianças, tendo em conta os seus interesses, necessidades, fragilidades e potencialidades que fui descobrindo através da observação e da interação com as mesmas, procurando promover o bem-estar e o desenvolvimento holístico de cada criança.

Através das minhas observações e conversas com as crianças, consegui planificar e desenvolver atividades que fossem ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, mas também que as mesmas fossem transdisciplinares e proporcionassem aprendizagens significativas a cada uma das crianças. Principalmente na PPS II percebi que as atividades apresentam uma maior taxa de sucesso quando o planeamento envolve o grande grupo, uma vez que as crianças vão dando as suas opiniões sobre as atividades, mas também propostas e ideias de melhoria das mesmas, adaptando-as aos seus interesses bem como ao nível de desenvolvimento em que cada criança se encontra.

Tendo em conta as intenções para a ação, no que diz respeito às crianças, na PPS I e PPS II houve uma que foi comum para os dois grupos de crianças: estabelecer uma relação de confiança, afetividade e proximidade com cada uma das crianças. Apesar de ser comum, senti que no contexto de Creche as crianças solicitavam mais a minha presença nas atividades talvez por serem mais novas, enquanto no Jardim de Infância

muitas das atividades que as crianças estavam a desenvolver preferiam fazê-las de forma autónoma, o que a meu ver, fez com que esta relação na PPSI fosse mais visível, no entanto, posso afirmar que ao chegar ao final da PPSII essa relação afetiva foi desenvolvida e confirmada pelas crianças.

Tal como mencionei ao longo do meu trabalho, o contacto com as famílias quer na PPSI quer na PPSII foi muito reduzido devido à pandemia de Covid-19, no entanto, foi possível perceber a importância de uma relação escola-família.

A investigação que desenvolvi durante a PPSI foi muito importante para eu começar a perceber a importância da literatura e da regularidade com que a devemos ler, sendo que despertou o meu interesse para a importância da promoção da leitura no contexto de creche. Para além disso, com as reflexões semanais que fui realizando, fui tendo a oportunidade de ir procurando literatura adequada a cada um dos temas, descobrindo mais sobre os mesmos que me possibilitaram adequar as minhas práticas às situações que iam ocorrendo no dia a dia.

Referente à relação estabelecida com a equipa educativa, em ambos os contextos existiu uma partilha de conhecimentos e experiências, mas também de entreajuda e de reflexão. Semanalmente enviei as notas de campos e reflexões semanais, sendo que na PPSII existiram também as reflexões diárias que permitiram a existência de momentos de aprendizagem e reflexão entre mim e a Educadora Cooperante, refletindo e adequando a minha prática ao contexto.

Segundo Carvalho e Portugal (2017) “em termos genéricos, é consensual que a avaliação na educação de infância é um elemento regulador e aperfeiçoador da intervenção educativa”, assim, considero que ambos os estágios fui refletindo de forma permanente, questionando-me muitas vezes sobre as ações que tinha diariamente ajustando a minha prática ao contexto em questão.

Durante o meu percurso na PPSII destaco: (i) a participação das crianças no momento do planeamento; (ii) a importância do Conselho de Cooperação Educativa (ii) proporcionar e participar em momentos de brincadeira; (iii) desenvolvimento de novas

aprendizagens, através de atividades e projetos. O planeamento diário e o desenvolvimento de atividades continuaram a basear-se nas individualidades das crianças, nas observações diárias, nas suas propostas, recorrendo, aos instrumentos de pilotagem presentes na sala, como por exemplo, o plano do dia e o diário.

Na PPSII a investigação que desenvolvi foi de extrema importância, uma vez que foi a partir da recolha de dados (observação, entrevistas semiestruturadas e gravação áudio) e da literatura, que fui desenvolvendo um processo de reflexão e, conseqüentemente, adotando estratégias que promoviam a participação das crianças, quer na planificação, quer na concretização e na avaliação.

Um dos aspetos que me gerou mais dificuldades foi o facto de não saber que atividades planear para o grupo de crianças, sendo que muitas das que eram desenvolvidas eram atividades momentâneas que as crianças sugeriam fazer durante o dia, logo, tinha de refletir no momento e perceber que intencionalidades pedagógicas eram mais adequadas para as necessidades e interesses daquela criança. Não obstante sinto que deveria ter aproveitado melhor o momento do diário, uma vez que é nesse que se dão ideias e sugestões de atividades a desenvolver na semana seguinte, contribuindo também para a minha investigação.

Após a conclusão de ambos estágios, considero que foram experiências diferentes, mas muito significativas, enquanto que na PPSI se baseou muito no planeamento de atividades, potencializando a aquisição de um vasto campo de conhecimentos teórico-práticos, por sua vez, na PPSII baseou-se muito na reflexão e na aquisição de novas aprendizagens nas diversas áreas de conteúdo mas também relacionadas com a participação ativa das crianças, principalmente relacionadas com o modelo pedagógico adotado na organização socioeducativa.

A investigação fez parte do meu percurso enquanto estagiária, em primeiro lugar, na PPSI com a problemática: *Promoção da literatura infantil em contexto de creche* e na PPSII com o tema: *O Conselho de Cooperação Educativa numa sala de Jardim de Infância: atores, papéis e potencialidades*. Ambas as investigações me possibilitaram a

aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens sobre a educação infantil, conseguindo transmitir esses conhecimentos teóricos para a minha prática.

Tomás e Portugal (2015) afirmam que os conhecimentos adquiridos através das investigações, levaram a que “a nossa visão expandiu-se, diversificou-se, complexificou-se e relativizou-se” (p.7), sendo que de acordo com Alves e Azevedo (2010) existem duas razões para investigar em educação “uma aponta para o desejo de transformação, enquanto que outra para a apresentação de possibilidades e alternativas” (p. 24). Assim, ao longo do meu futuro profissional pretendo adotar uma prática de investigação e de reflexão.

Para além destes aspetos é fundamental existir uma formação contínua, tal como defendem Hamido e Azevedo (2013) é preciso que os/as educadores/as de infância desempenhem “um contínuo trabalho de construção e desconstrução do saber, que potencia a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal e profissional” (p. 2-3). Assim, pretendo continuar à procura de revisão de literatura de qualidade para aprofundar os meus conhecimentos e proporcionar ao grupo de crianças uma prática de qualidade.

Não obstante, para a construção da minha profissionalidade terei em atenção outros princípios: (i) participação das crianças no processo de desenvolvimento e aprendizagem, tendo em vista as suas características e particularidades, mas também interesses; (ii) dar voz às crianças e às suas famílias para uma educação inclusiva; (iii) incentivar o diálogo, a comunicação e o respeito pelos outros. Para o meu futuro enquanto educadora de infância, pretendo ser uma transmissora de conhecimentos e promotora de aprendizagens, acompanhando, conduzindo e proporcionando um desenvolvimento holístico a todas as crianças.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| | ' ' | | ' ' |

Após a conclusão da PPS II e uma vez que esta foi uma experiência gratificante onde tive um maior contacto com esta valência, mas também onde aprendi muito, considero fundamental refletir quanto à prática e quanto à investigação que desenvolvi.

Atualmente, tal como referem Tomás e Fernandes (2013), a imagem das crianças como sujeitos ativos de direitos é estimulada por “recomendações, despachos, orientações e declarações que têm vindo a ser proclamados, desde o início da década de 90 do século XX, nomeadamente a Convenção dos Direitos da Criança (1989)” (p.2531). Deste modo, o/a educador/a tem reconhecido as crianças de acordo com as suas características, individualidades, fragilidades e particularidades.

A ação do/a educador/a deve ter como suporte a reflexão, sendo fundamental ter um “interesse contínuo em melhorar a qualidade da resposta educativa” (Silva et al., 2016, p.11). De acordo com as mesmas autoras, o/a educador/a deve observar e registar essas informações, de modo a “avaliar, questionar e refletir sobre as práticas educativas” adequando-as ao grupo de crianças e ao contexto socioeducativo.

A experiência na valência de JI foi desafiante, uma vez que foram surgindo algumas dificuldades e desafios, sendo que a maior parte, foram superados, mantendo a minha postura e transmitindo segurança ao grupo de crianças. Desde o início da PPSII que fui construindo uma relação de confiança, afetividade e proximidade com as crianças mas também com a equipa educativa baseada no respeito e transmissão de saberes, contudo, ao longo da prática foram surgindo alguns desafios, sendo que o que mais se destaca foram as propostas de atividades, uma vez que eu não sabia como planificar de acordo com os interesses e necessidades das crianças, tal como refere Niza (1998) a aprendizagem é construída com a criança e não, apenas, para a criança, sendo que esta tem uma voz ativa e participativa no seu processo de ensino-aprendizagem. Por sua vez, ao longo dos meses fui conseguindo atribuir uma intencionalidade pedagógica às atividades que iam surgindo na sala de atividades e que, na maior parte das vezes, provinham das crianças.

Para a minha investigação, optei por realizar um estudo de caso, centrado no momento do CCE no grupo da sala *JD*, nomeadamente, os atores que participam no

mesmo, os papéis quer das crianças quer da equipa educativa e as potencialidades desse momento da rotina. Durante a realização do estudo, fui percebendo a importância do CCE e como este é a base para o planeamento semanal, mas também diário, realizados com o grupo de crianças. Para além disso, consegui entender o papel da equipa educativa neste momento, o quão importante é as crianças fazerem a gestão e resolução de conflitos, mas também de serem capazes de reconhecer a importância da ajuda dos outros.

Na realização do estudo verificaram-se algumas limitações referente à recolha de dados, nomeadamente, aos registos áudio do CCE, uma vez que existiu um surto de covid-19 na organização socioeducativa. Com efeito, realizei um total de sete momentos do CCE, sendo que considero que teria sido vantajoso ter começado esses registos mais cedo, no sentido de ter uma perceção mais clara da evolução da participação ativa das crianças nestes momentos.

Numa investigação futura, considero que seria pertinente realizar um estudo fazendo a análise dos momentos do CCE numa sala de transição, com o objetivo de observar as dinâmicas, a resolução de conflitos e o desenrolar desses momentos, consoante a faixas etárias, mas também os interesses e necessidades das crianças.

Ao terminar o presente relatório, posso afirmar que foi uma experiência enriquecedora para o meu percurso profissional enquanto futura educadora de infância, uma vez que me fez refletir sobre a minha prática no contexto de JI, salientando as minhas potencialidades, mas também algumas fragilidades que terei que aperfeiçoar com o tempo. No que diz respeito à investigação, a redação do presente relatório, foi uma experiência enriquecedora, uma vez que me possibilitou mobilizar conteúdos sobre o MEM, o CCE, a participação das crianças e o seu papel no planeamento de atividades bem como o papel da equipa educativa.

Em suma, com a conclusão da PPSII e, em breve, do meu percurso académico, considero que ainda tenho muito para aprender, até porque um/a educador/a de infância está em constante aprendizagem, tal como defende Oliveira-Formosinho (2000b) “o desenvolvimento profissional deve ser visto como um processo contínuo de

aprendizagem ao longo da carreira que começa na fase de formação inicial (de pré-carreira) e se pode prolongar para além da carreira (depois da reforma)” (p.110).

# REFERÊNCIAS

| ' ' | | ' ' |

- Agostinho, L. (2006). *A criança como actor social: um estudo de caso*. [Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, Universidade do Algarve]. Repositório da Universidade do Algarve. <http://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/235>
- Agostinho, K. (2014). A complexidade da participação das crianças na educação infantil. *Perspectiva*, 32(3), pp. 1127-1143. Consultado em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2014v32n3p112>
- Almeida, L. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2014). Transformações da relação afetiva entre o bebê e a educadora na creche. *Análise Psicológica* 32(2), 173-186.
- Alves, M.G., & Azevedo, N.R. (2010). *Investigar em Educação: Desafios da Construção de Conhecimento e de Formação de Investigadores num Campo Multi-Referenciado*. Universidade Nova de Lisboa.
- Alves, M., & Varela, T. (2012). Construir a relação escola-comunidade educativa: uma abordagem exploratória no concelho de Almada. *Revista Portuguesa de Educação. CIED - Universidade do Minho*, 25 (2), pp. 31-61. Consultado em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3001>
- Associação de Profissionais de Educação de Infância. (2011). *Carta de princípios para uma ética profissional*. Consultado em: <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>
- Azevedo, A., Marques, L., & Baptista, M. C. (s.d). *A organização do espaço e dos materiais refletem os Fundamentos e Princípios da pedagogia para a infância?*. Direção Geral de Educação. Consultado em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/epe.pdf>
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Baum, A., & Swick, K. (2008). Dispositions toward Families and Family Involvement: Supporting Preservice Teacher Development. *Early Childhood Education Journal*, 35, pp. 579-584.
- Bento, A. V. (2012). *Investigação quantitativa e qualitativa: dicotomia ou complementaridade?*. *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, (64), (pp. 40-43).

- Boavida, A.M., & Ponte, J.P. (2002). Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 43-55). APM.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Cardona, M. J. (1999). O Espaço e o Tempo no Jardim de infância. *Pro-Posições*, 10(1), pp. 132 – 138.
- Cardona, M. (2011). Educação Pré-Escolar ou Pedagogia da Educação de Infância? Fundamentos e conceções subjacentes. *Nuances: estudos sobre educação*, 20(21), p. 141-159. Consultado em:  
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1102>
- Carminati, R. S. (2011). *Conselho de classe: Reflexão da prática pedagógica*. Consultado a 10 de junho de 2022, em  
[https://www.escolapresidentevargas.com.br/base/www/escolapresidentevargas.com.br/media/attachments/364/364/54401107e18b751683f3ddaa02202f7ad1627f06a1806\\_rosania-soares-carminati-conselho-de-classe-reflexao-da-pratica-pedagogica.pdf](https://www.escolapresidentevargas.com.br/base/www/escolapresidentevargas.com.br/media/attachments/364/364/54401107e18b751683f3ddaa02202f7ad1627f06a1806_rosania-soares-carminati-conselho-de-classe-reflexao-da-pratica-pedagogica.pdf)
- Carvalho, C. M., & Portugal, G. (2019). *Avaliação em creche - Crescendo com Qualidade*. Porto Editora.
- Correia, M. C. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar enfermagem*, 13(2), 30-36.
- Costa, A. M., (2006). *Promoção da educação inclusiva em Portugal: Fundamentos e Sugestões*.
- Cunha, M. (2009). O conselho de cooperação na regulação das aprendizagens. *Escola Moderna*, 5(34), 50-61.
- Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto. *Diário da República* n.º 201 – I série- A. Ministério da Educação.
- Dias, C.M. (2009). “Olhar com olhos de ver”. *Revista portuguesa de pedagogia*, 43 (1), 175-188.

- Dias, M. (2009). *Promoção de Competências em Educação*. INDEA – Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (s.d.). *Planificar*. Consultado a 13 de janeiro de 2022 em <https://dicionario.priberam.org/planificar>
- Escola Moderna (s.d.). *Modelo Pedagógico do MEM*. Consultado a 12 de maio de 2022, em <https://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores* (4ª Ed.). Porto Editora.
- Ferreira, N., Martins, C., Hortas, M., & Dias, A. (2011). Do Património Local ao Currículo Nacional: Análise de projetos no âmbito das Metodologias de Ensino de História e Geografia para o 1º e 2º CEB. In C. Gonçalves e C. Tomás (Eds.), *Atas do V Encontro do Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais – Escola e comunidade* (pp. 499-512). Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.
- Flick, U. (2009c). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Bookman.
- Folque, M. A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*. 5ª série (5), pp.5-12.
- Folque, M.A., & Betterncourt, M. (2018). *O Modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna. Modelos Pedagógicos para a Educação em creche*. Porto Editora.
- Folque, M. A., Bettencourt, M., & Ricardo, M. (2015). A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM. *Revista Escola Moderna*, 3, 13-34.
- Formosinho, J., & Costa, H. (2011). Porque é que a sua é redonda e a minha é bicuda?. In J. Oliveira-Formosinho, & R. Gambôa, (org.), *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação* (pp. 83-124). Porto Editora.

- Garcia, A. S. R. (2010). O diário de turma na vida de um grupo de Jardim de Infância. *Escola Moderna*, 5(36), 6-20.
- Goldschimid, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos - O atendimento em creche* (2.ª ed.). ArtMed.
- Hamido, G., & Azevedo, N. (2013). Investigar em Educação: reflexões e perspectivas multidisciplinares. *Interações*, 27, pp. 1-2.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1995b). *Education Young Children: Active Learning Practices for Preschool and Child Care Programs*. Consultado em: [http://trinitypreschoolsc.org/wp-content/uploads/Active\\_Learning\\_The\\_Way\\_Children\\_Construct\\_Knowledge-1.pdf](http://trinitypreschoolsc.org/wp-content/uploads/Active_Learning_The_Way_Children_Construct_Knowledge-1.pdf)
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homem, M., (2002). *O jardim de infância e a família*. As fronteiras de cooperação. Instituto de Inovação Educacional.
- Lima, J.A. & Fialho, A. (2015). Colaboração entre Professores e Perceções da Eficácia da Escola e da Dificuldade do Trabalho Docente. *Revista Portuguesa De Pedagogia*, 2 (1), 27-53. [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_49-2\\_2](https://doi.org/10.14195/1647-8614_49-2_2)
- Lino, D. (2014). A qualidade do contexto na educação de infância perspetivada através da escolha e do envolvimento. *Nuances: estudos sobre Educação*, 25(3), 137-154
- Lino, D. (2018). A abordagem pedagógica de Reggio Emilia para a creche. In J. Formosinho, & S. Araújo (Ed.), *Modelos Pedagógicos para a Educação em creche* (pp. 93-112). Porto Editora.
- Loureiro, M. A. (2017). Relação Família-Escola: Educação dividida ou partilhada? *Revista Infad de Psicologia*. 3(1), 103-114. Consultado em:

<http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEF/article/view/979/861>

Malavasi, L., & Zoccatelli, B. (2013). *Documentar os projetos nos serviços educativos* (1.ª ed.). APEI.

Marques, R. (1993). Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos: o que se em Portugal e nos Estados Unidos da América. In D. Davies., R. Marques., & P. Silva (Ed.), *Os professores e as famílias: a colaboração possível* (pp. 24-43). Livros Horizonte.

Marques, J. (2013). *O papel do adulto na vida da criança*. Consultado em:

<https://www.colegio-santiago.pt/>

Matta, I. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Universidade Aberta.

Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação e envolvimento das famílias – construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (DGE).

<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/participfamilias.pdf>

Matos, M. (2003). *Relação Escola-Família-Comunidade*. Intervenção no Seminário da FERSAP. Consultado em: <http://www.fersap.pt/images/documentos/Relacao-Escola-Familia-Comunidade.pdf>

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora

Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação*, 2(2), 49-65.

Morais, C. M. (2005). *Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística*. Instituto Politécnico de Bragança.

<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7325/1/estdescr.pdf>

- Niza, S. (1996). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In: Formosinho, J. (coord) (2007), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 123-140). Porto Editora.
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico. In: Nóvoa, A., Marcelino, F., & Ó. J.R. (orgs.) (2012). *Escritos sobre Educação*. (pp. 353 – 379). Tinta da China.
- Niza, S. (2012). *Escritos sobre a Educação*. Tinta da China.
- Oliveira-Formosinho, J. (1996). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escola da Escola Moderna Portuguesa. In Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (4ªed.) (pp. 142-160). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2000b). O desenvolvimento profissional de educadores de infância principiantes – relato de uma investigação. *Infância e Educação. Investigação e Práticas*, 2, 109-124.
- Oliveira-Formosinho, J. (2007). Pedagogia(s) da infância: Reconstruindo uma práxis de participação. In J. Oliveira-Formosinho, T. Kishimoto & M. Pinazza (Orgs), *Pedagogia(s) da infância: Dialogando com o passado contruindo o futuro* (pp.13-36). Artmed.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2004). O envolvimento da criança na aprendizagem: Construindo o direito de participação. *Análise Psicológica*, 22(1), pp. 81-93.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2011). A Perspetiva Pedagógica da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira-Formosinho, (org.), R. Gamboa (org.), J. Formosinho, & H. Costa. *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação* (pp.11-46). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2016). As gramáticas pedagógicas participativas e a construção da identidade da criança. *Canoas* 36 (18), pp. 133-152.

- Oliveira, J., & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Oliveira, I., Braga, A., & Prado, C. (2017). Participação da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança. *UNIFAP*, 7 (2), 33-44.
- Parente, C., & Formosinho, J. (2005). Para uma Pedagogia de Infância ao Serviço da Equidade. O Portfólio como visão alternativa da avaliação. *Infância e Educação. Investigação e práticas*, 22-46.
- Parente, M. C. (2012). *Observar e escutar em creche: para aprender sobre a criança*. CNIS.
- Pontecorvo, C., Ajello, & Zucchermaglio, C. (2005). *Discutindo se aprende: Interação social, conhecimento e escola*. Artmed.
- Portugal, G. (2011). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. CNIS - Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Quaresma, M. (2018). *Brincar e Planificar com as Crianças em Educação Pré-Escolar Um percurso partilhado* [Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada para obtenção do grau de Mestre em Ensino Pré-Escolar]. Instituto Piaget.
- Queirós, J., & Rodrigues, V. (2006). «*Não, não somos jornalistas*». *Uma introdução à utilização do diário de campo e da fotografia na pesquisa sociológica*. Comunicação apresentada na Conferência Etnografias em Contexto Urbano: quatro estudos de caso.
- Rogoff, B., Matusov, E., & White, C (2000). Modelos de Ensino e Aprendizagem: A participação em comunidades de aprendizagem. In D. Olson, & N. Torrance (orgs.), *Educação e Desenvolvimento Humano* (pp. 322-344). Artmed.
- Santos, L.S. (2003). *A Educação Nova, a Escola Moderna e a Construção da Pessoa Desenvolvimento, Cidadania, Educação e Liberdade*. [Dissertação de Mestrado,

- Faculdade de Ciências e Tecnologia]. Repositório Universidade Nova.  
Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/300>
- Sarmiento, T., & Carvalho, L. (2017). Diferentes olhares sobre crianças e creches. *Revista Humanidades e inovação*, 4 (1), 8-12.
- Scalabri, I. C., & Molinari, A.M.C. (2013). *A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas*, 7 (1).  
[https://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7\\_n1\\_2013/3\\_a\\_importancia\\_da\\_pratica\\_estagio.pdf](https://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf)
- Serralha, F. (2007). *A Socialização Democrática na Escola: o desenvolvimento sociomoral dos alunos do 1.º CEB* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade de Católica Portuguesa.
- Serralha, F. (2009). Caracterização do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 5(35), 6-50.
- Silva, B., & Craveiro, C. (2014). O portefólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: considerações sobre a sua prática. *Revista Zero-a-Seis*, (29), pp. 33 – 53. Consultado em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2014n29p33>
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.  
[https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes\\_Curriculares.pdf](https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf)
- Sobral, C. (2014). *A Investigação-Ação Colaborativa como Estratégia de Formação para a Mediação de Conflitos em Contexto de Educação de Infância* [Tese de Doutoramento, não publicada]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Sousa, M. M., & Sarmiento, T. (2010). Escola-Família-Comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e desenvolvimento*, p. 141-156. Consultado em:  
[https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17\\_18\\_141.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17_18_141.pdf)

- Stake, R. (2016). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tomás, C. (2007). Participação não tem idade: Participação das crianças e cidadania da infância. *Contexto & Educação*, 78, 45-68.  
<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1065>
- Tomás, C. (2011). *Há muitos mundos no mundo: Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.
- Tomás, C., & Gama, A. (2011). *Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar*, In Atas do II Encontro Educação, Territórios e Des(igualdades) (pp. 1-22). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Tomás, C., & Fernandes, N. (2013). Participação e acção pedagógica: a valorização da(s) competência(s) e acção social das crianças. *Educativa*, 16 (2), pp. 201-216. Consultado em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/32674>
- Tomás, C., & Portugal, G. (2015). A infância na Educação – Editorial. *Investigar em Educação*, 4.
- Vasconcelos, T. (2007). A importância da Educação na construção da cidadania. *Saber e Educar*, 12, pp. 109- 117.
- Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (13<sup>a</sup> ed). Edições Afrontamento.
- Yin, R. K. (1994). *Pesquisa estudo de caso – desenho e métodos* (2<sup>a</sup> ed.). Bookman.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso – Planejamento e Métodos*. (2<sup>a</sup> ed.): Bookman.

# ANEXOS

| ' ' | | ' |

## ANEXO A - Portefólio da PPS II

|' '' | | ''

O documento referente ao Portefólio da Prática Profissional Supervisionada II, encontra-se num documento PDF à parte intitulado de “Anexo\_PortfólioIndividualDAPPSIIEmJardimDeInfância\_JéssicaMonte\_2020146”.

ANEXO B1 - Guião da entrevista  
à Educadora Cooperante relativo ao  
ambiente educativo

| | ' ' | | ' '

---

## Guião de Entrevista

---

**Destinatária:** Educadora de Infância (PPS II 2020/2021)

**Objetivos:**

- Caracterizar as conceções dos/as educadores/as acerca das abordagens e modelos pedagógicos em Jardim de Infância;
- Analisar a relação entre as conceções dos/as educadores/as acerca das abordagens e modelos pedagógicos em Jardim de Infância e a prática pedagógica.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"><li>• Legitimar a entrevista;</li><li>• Motivar o entrevistado.</li></ul>	<p>II.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” inerente ao relatório da PPS</li><li>- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.</li><li>- Pedir autorização para gravar áudio;</li><li>- Garantir o envio da entrevista com as devidas transcrições.</li></ul>	

<p><b>B.</b> Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o percurso profissional do/a educador/a</li> </ul>	<p>B1. Qual a sua formação?</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções de educador/a de infância?</p> <p>B3. O que significa, para si, ser educador/a de infância?</p> <p>B3. Fale-me do seu percurso profissional.</p> <p>B4. Já trabalhou segundo determinado modelo pedagógico? Se sim, qual?</p> <p>B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.</p> <p>B6. Frequentou alguns cursos/ações de formação? Se sim, alguma sobre modelos pedagógicos?</p>	
<p><b>C.</b> Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância da educação dos 3 aos 6 anos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o grau de importância que a educadora atribui ao Jardim de Infância</li> <li>• Identificar o papel do Jardim de Infância na sociedade portuguesa e para as crianças dos 3 aos 6 anos</li> </ul>	<p>C1. O que significa para si a educação dos 3 aos 6 anos?</p> <p>C2. Fale-me da educação dos 3 aos 6 no panorama educativo nacional.</p> <p>C3. Qual a importância do Jardim de Infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?</p>	

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância socioeducativa dos Jardins de Infância</li> </ul>			
<p><b>D.</b> Conceção e lugar da(s) criança(s) no Jardim de Infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar concepções de criança e infância</li> </ul>	<p>D1. Como define criança?  D2. Como caracteriza o grupo de crianças com o qual trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico?  D3. Que princípios e/ou valores acha importante desenvolver com este grupo de crianças?</p>	
<p><b>E.</b> Modelos pedagógicos (concepções e práticas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os princípios pedagógicos seguidos pelo/a educador/a.</li> <li>• Identificar o modelo pedagógico implementado pelo/a educador/a.</li> </ul>	<p>E1. A organização socioeducativa adotou algum modelo pedagógico?  E1.1. Se sim, qual? De quem foi a decisão?  E2. A sua prática é norteadada por algum modelo pedagógico?  E2.1. Se sim, qual(is) o(s) princípio(s) subjacente(s)? Como o(s) implementa? A implementação do modelo em questão provocou alterações no modo como percebe a criança?  E2.2. Se não, porquê? Qual(is) o(s) princípio(s) que orientam a sua prática pedagógica? Como os definiu?</p>	<p>E2. Que outros modelos pedagógicos conhece? De entre eles, com quais já trabalhou?  E2.2. Pergunta para educadores/as que não seguem nenhum modelo pedagógico.</p>

		E3. Qual a sua opinião acerca da adoção de modelos pedagógicos no Jardim de Infância?	E3. Vantagens e desvantagens.
<b>F. Organização do ambiente educativo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender como o profissional de educação organiza e gere o ambiente educativo.</li> </ul>	<p>F1. Como organiza o ambiente educativo? Como é organizado o tempo, o grupo e o espaço/materiais?</p> <p>F2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo? Como as define?</p> <p>F3. Existem trabalhos e/ou projetos em colaboração com as outras salas?</p> <p>F4. Existe trabalho com a comunidade?</p> <p>F5. Como caracteriza a equipa educativa e o seu trabalho? Costumam reunir? Se sim, com que frequência?</p>	F1.1. Quem é responsável pela organização do ambiente educativo? (instituição   educador/a   equipa educativa   educador/a + crianças   equipa educativa + crianças)
<b>G. Conclusão da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Finalizar a entrevista</li> </ul>	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade</p>	

ANEXO B2 - Respostas da  
Educadora Cooperante à entrevista

| ' ' | | ' ' |

---

## Guião de Entrevista

---

**Destinatária:** Educadora de Infância (PPS II 2020/2021)

**Objetivos:**

- Caracterizar as conceções dos/as educadores/as acerca das abordagens e modelos pedagógicos em Jardim de Infância;
- Analisar a relação entre as conceções dos/as educadores/as acerca das abordagens e modelos pedagógicos em Jardim de Infância e a prática pedagógica.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
<p><b>A.</b> Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Legitimar a entrevista;</li> <li>● Motivar o entrevistado.</li> </ul>	<p>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” inerente ao relatório da PPS II.</p> <p>- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.</p> <p>- Pedir autorização para gravar áudio;</p> <p>- Garantir o envio da entrevista com as devidas transcrições.</p>	

<p><b>B.</b> Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Conhecer o percurso profissional do/a educador/a</li> </ul>	<p>B1. Qual a sua formação?</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções de educador/a de infância?</p> <p>B3. O que significa, para si, ser educador/a de infância?</p> <p>B3. Fale-me do seu percurso profissional.</p> <p>B4. Já trabalhou segundo determinado modelo pedagógico? Se sim, qual?</p> <p>B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.</p> <p>B6. Frequentou alguns cursos/ações de formação? Se sim, alguma sobre modelos pedagógicos?</p>	<p>- Licenciatura em educação de infância</p> <p>- 12 anos</p> <p>- Ser educadora é ter oportunidade de ver crescer o futuro da humanidade e saber que posso contribuir na vida de cada um com afetos, valores e aprendizagens significativas e criativas.</p> <p>- Enquanto educadora formada apenas trabalhei nesta instituição que tem um modelo próprio de escolha das salas. Sempre estive nesta sala de jogo dramático, uma sala com a</p>
--	--	---	--

			<p>qual me identifico enquanto pessoa e profissional.</p> <p>- Inicialmente tive algumas dificuldades em adaptar-me ao modelo de escolha, foi necessário reforçar a minha formação inicial e encontrar estratégias para integrar e organizar/estruturar a minha prática pedagógica. Ao longo do tempo fui adquirindo mais ferramentas e desenvolvendo a minha prática considerando fundamental a continuidade na formação e aquisição de novos conhecimentos ao longo do nosso percurso.</p>
--	--	--	--

			<p>- fiz a oficina do MEM e sábados pedagógicos, integrei 4 anos o projeto da CMC da Escola Criativa, formação Montessori, Pedagogia e cenografias Reggio Emilia...encontros sobre NEE, debates do Plano Nacional das Artes, workshops de expressão plástica, música...entre muitos outras que faço anualmente</p>
<p><b>C. Perspetivas</b> sobre a educação de infância e contextos educativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Importância da educação dos 3 aos 6 anos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender o grau de importância que a educadora atribui ao Jardim de Infância</li> <li>● Identificar o papel do Jardim de Infância na sociedade portuguesa e para as crianças dos 3 aos 6 anos</li> </ul>	<p>C1. O que significa para si a educação dos 3 aos 6 anos?</p> <p>C2. Fale-me da educação dos 3 aos 6 no panorama educativo nacional.</p>	<p>- é um período de educação que considero essencial para a vida, onde se centram as bases e as alicerces do crescimento.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>● Importância socioeducativa dos Jardins de Infância</li> </ul>		<p>C3. Qual a importância do Jardim de Infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?</p>	<p>- A educação dos 3 aos 6 anos tem vindo a ser reformulada e refletida, sobretudo com a entrada das novas orientações curriculares que vêm reforçar o que muitos profissionais já defendiam, vendo a criança num todo, valorizando o brincar e a aprendizagem cooperativa e democrática.</p> <p>- O Ji é importante no sentido da socialização e oferta pedagógica que deve ser desafiante, criativa e afetuosa</p>
<p><b>D.</b> Conceção e lugar da(s) criança(s) no Jardim de Infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Caracterizar conceções de criança e infância</li> </ul>	<p>D1. Como define criança?</p> <p>D2. Como caracteriza o grupo de crianças com o qual trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico?</p>	<p>- A criança é um ser único capaz de absorver tudo o que o envolve, capaz de mudar e ensinar o mundo. Têm direitos e deveres a ter muito</p>

		<p>D3. Que princípios e/ou valores acha importante desenvolver com este grupo de crianças?</p>	<p>em atenção... são o futuro! Devem ser amadas e ajudadas a crescer felizes!</p> <p>- o diagnóstico das crianças é realizado através da observação diária em brincadeiras livres, através da interação dialógica, da resposta às atividades e ainda através dos registos individuais que vão fazendo.</p> <p>É um grupo calmo (ainda que com alguns elementos mais irrequietos), com capacidade de reflexão, resolução de problemas, interessados pelo que os rodeia e motivados pela aprendizagem.</p>
--	--	--	--

			- Os valores fundamentais da interajuda e respeito pelo outro. Saber falar sobre os sentimentos, sobre as situações e aprendizagens.
E. Modelos pedagógicos (concepções e práticas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Identificar os princípios pedagógicos seguidos pelo/a educador/a.</li> <li>● Identificar o modelo pedagógico implementado pelo/a educador/a.</li> </ul>	<p>E1. A organização socioeducativa adotou algum modelo pedagógico?</p> <p>E1.1. Se sim, qual? De quem foi a decisão?</p> <p>E2. A sua prática é norteadada por algum modelo pedagógico?</p> <p>E2.1. Se sim, qual(is) o(s) princípio(s) subjacente(s)? Como o(s) implementa? A implementação do modelo em questão provocou alterações no modo como percebe a criança?</p> <p>E2.2. Se não, porquê? Qual(is) o(s) princípio(s) que orientam a sua prática pedagógica? Como os definiu?</p>	- A organização socioeducativa tem um modelo próprio de escolha de sala, criado pela diretora da instituição. A minha prática segue esse modelo e é reforçada pela minha inspiração no modelo MEM no que diz respeito aos princípios de democracia e autonomia e liberdade. Sempre vi a criança como sujeito ativo na sua aprendizagem e assumi postura de mediadora subtil,

		E3. Qual a sua opinião acerca da adoção de modelos pedagógicos no Jardim de Infância?	<p>negando o ensino dirigido e limitado.</p> <p>E3 – Não sou da opinião da utilização de um modelo pedagógico integral no jardim-de-infância mas sim de uma prática pedagógica com conhecimento, refletida e sustentada por influência de diferentes modelos, cabendo a cada educadora retirar o melhor de cada modelo para uma prática com o qual se identifique e promova a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.</p>
F. Organização do ambiente educativo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como o profissional de educação</li> </ul>	F1. Como organiza o ambiente educativo? Como é organizado o tempo, o grupo e o espaço/materiais?	É organizado por áreas de interesse distintas e com materiais potenciadores de

	<p>organiza e gere o ambiente educativo.</p>	<p>F2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo? Como as define?</p> <p>F3. Existem trabalhos e/ou projetos em colaboração com as outras salas?</p> <p>F4. Existe trabalho com a comunidade?</p> <p>F5. Como caracteriza a equipa educativa e o seu trabalho? Costumam reunir? Se sim, com que frequência?</p>	<p>experiências e provações, com tempos de grande grupo, pequeno grupo e individuais e de acordo com uma agenda semanal elaborada em conjunto com as crianças com diferentes atividades que englobam as áreas de conteúdo.</p> <p>A equipa educativa, educadora e as crianças são responsáveis por esta organização.</p> <p>As prioridades relativamente à organização do tempo é ter espaço para os momentos coletivos em que é criada uma comunidade de aprendizagem assim como</p>
--	--	--	---

			<p>também momentos de apoio mais individualizado satisfazendo as necessidades/dificuldades das crianças. São definidos esses tempos através de uma rotina diária bem definida e dinâmicas apoiadas com alguns instrumentos de regulação e gestão de grupo (como... diário, plano do dia, documentação e evidências de aprendizagem) e as prioridades de acordo com a observação e resposta a esses mesmos tempos.</p> <p>- Sim, existem projetos comuns de valência como a horta e exploração do espaço exterior, assim como surgem</p>
--	--	--	---

			<p>outros anualmente de acordo com o que vai sendo explorado com os grupos.</p> <p>- Existe a preocupação de envolver a comunidade e/ou conhecer a comunidade, no entanto e pós Covid não têm surgido tantas atividades nesse âmbito.</p> <p>- A equipa educativa de uma forma geral é unida e procura-se que o trabalho seja articulado. Sendo educadoras diferentes e como diferentes posturas, partilhamos dificuldades e práticas, partilhamos materiais e ideias. Reunimos quinzenalmente ainda que</p>
--	--	--	--

			este ano letivo esteja desfasado para mensalmente.
<b>G. Conclusão da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Finalizar a entrevista</li> </ul>	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade</p>	

ANEXO B3 - Tabela de análise  
de conteúdo da entrevista à  
Educadora Cooperante

| ' ' | | ' ' |

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
<b>Caracterização Pessoal</b>	Formação Académica	Licenciatura	Licenciatura em educação de infância	“Licenciatura em educação de infância”
	Formação contínua	Sim	Formações Workshops	“fiz a oficina do MEM e sábados pedagógicos, integrei 4 anos o projeto da CMC da Escola Criativa, formação Montessori, Pedagogia e cenografias Reggio Emilia...encontros sobre NEE, debates do Plano Nacional das Artes, workshops de expressão plástica, música...entre muitos outras que faço anualmente”
Percurso Profissional	Tempo de serviço  Instituição	12 anos  Desde a formação apenas nesta instituição Sala de jogo dramático	“12 anos”  “Enquanto educadora formada apenas trabalhei nesta instituição que tem um modelo próprio de escolha das salas. Sempre estive nesta sala de	

		Adaptação	Reforçar a formação Adaptar a prática pedagógica	jogo dramático, uma sala com a qual me identifico enquanto pessoa e profissional.” “Inicialmente tive algumas dificuldades em adaptar-me ao modelo de escolha, foi necessário reforçar a minha formação inicial e encontrar estratégias para integrar e organizar/estruturar a minha prática pedagógica”
	Profissão	Definição	Ver crescer Contributo na vida das crianças	“Ser educadora é ter oportunidade de ver crescer o futuro da humanidade e saber que posso contribuir na vida de cada um com afetos, valores e aprendizagens significativas e criativas”
<b>Visão da criança dos 3 aos 6 anos</b>	Conceção da criança	Definição de criança	Único; mudar e ensinar o mundo; direitos e deveres	“A criança é um ser único capaz de absorver tudo o que o envolve, capaz de mudar e ensinar o mundo. Têm direitos e deveres a ter muito em atenção... são o futuro! Devem ser amadas e ajudadas a crescer felizes! “
		Diagnóstico do grupo	Observação em brincadeiras Diálogos	“através da observação diária em brincadeiras livres, através da interação dialógica, da resposta

			Resposta as atividades Registos individuais	às atividades e ainda através dos registos individuais que vão fazendo.”
<b>Modelos Pedagógicos no contexto do Jardim de Infância</b>	Modelo Pedagógico	Instituição  Educadora	Modelo próprio  Modelo próprio da instituição Inspiração no modelo MEM	“A organização socioeducativa tem um modelo próprio de escolha de sala, criado pela diretora da instituição”  “A minha prática segue esse modelo e é reforçada pela minha inspiração no modelo MEM”
<b>Organização do ambiente educativo</b>	Ambiente Educativo	Organização do espaço  Organização do tempo e do grupo	Áreas de interesse distintas Materiais potenciadores de desenvolvimento e aprendizagens	“É organizado por áreas de interesse distintas e com materiais potenciadores de experiências e provações”  “com tempos de grande grupo, pequeno grupo e individuais e de acordo com uma agenda semanal

		<p>Prioridades na organização do tempo educativo</p>	<p>Tempos em grande e pequeno grupo; individuais</p> <p>Agenda semanal elaborada pela equipa educativa em conjunto com as crianças</p> <p>Momentos coletivos e individualizados</p> <p>Rotina diária</p> <p>Instrumentos de regulação e gestão do grupo</p>	<p>elaborada em conjunto com as crianças com diferentes atividades que englobam as áreas de conteúdo.”</p> <p>“é ter espaço para os momentos coletivos em que é criada uma comunidade de aprendizagem assim como também momentos de apoio mais individualizado satisfazendo as necessidades/dificuldades das crianças. São definidos esses tempos através de uma rotina diária bem definida e dinâmicas apoiadas com alguns instrumentos de regulação e gestão de grupo e as prioridades de acordo com a observação e resposta a esses mesmos tempos.”</p>
--	--	--	---	--

	Trabalho entre a equipa educativa	Colaboração com as outras salas  Importância          Frequência	Horta Exploração do espaço exterior  Trabalho articulado Partilha de dificuldades e experiências Partilha de materiais  Quinzenalmente Mensalmente	“existem projetos comuns de valência como a horta e exploração do espaço exterior, assim como surgem outros anualmente (. . .)”  “ A equipa educativa de uma forma geral é unida e procura-se que o trabalho seja articulado. Sendo educadoras diferentes e como diferentes posturas, partilhamos dificuldades e práticas, partilhamos materiais e ideias.”  “Reunimos quinzenalmente ainda que este ano letivo esteja desfasado para mensalmente.”
--	--------------------------------------	---	--	---

ANEXO C1 - Guião da entrevista  
à auxiliar

|' '' | | ''

---

### Guião de Entrevista

---

**Destinatária:** Auxiliar de ação educativa (PPS II 2020/2021)

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
<p><b>A.</b> Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista;</li> <li>• Motivar o entrevistado.</li> </ul>	<p>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização dos tópicos “Caracterização do Ambiente Educativo” e “Investigação em Jardim de infância” inerente ao relatório da PPS II.</p> <p>- O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.</p> <p>- Pedir autorização para gravar áudio;</p> <p>- Garantir o envio da entrevista com as devidas transcrições.</p>	
<p><b>B.</b> Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o percurso profissional da auxiliar</li> </ul>	<p>B1. Qual a sua formação?</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa?</p> <p>B3. Fale-me do seu percurso profissional.</p> <p>B4. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.</p>	

		B5. Frequentou alguns cursos/ações de formação?	
<p><b>C.</b> Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância da educação dos 3 aos 6 anos;</li> <li>• Importância socioeducativa dos Jardins de Infância</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o grau de importância que a auxiliar atribui ao Jardim de Infância</li> <li>• Identificar o papel do Jardim de Infância na sociedade portuguesa e para as crianças dos 3 aos 6 anos</li> </ul>	<p>C1. O que significa para si a educação dos 3 aos 6 anos?</p> <p>C2. Fale-me da educação dos 3 aos 6 no panorama educativo nacional.</p> <p>C3. Qual a importância do Jardim de Infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?</p>	
<p><b>D.</b> Conceção e lugar da(s) criança(s) no Jardim de Infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar concepções de criança e infância</li> </ul>	<p>D1. Como define criança?</p> <p>D2. Como caracteriza o grupo de crianças com o qual trabalha atualmente?</p> <p>D3. Que princípios e/ou valores acha importante desenvolver com este grupo de crianças?</p>	

<p><b>E. Participação da criança</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir participação;</li> <li>• Caracterizar o grupo face à sua participação;</li> <li>• Caracterizar as ações da equipa educativa face à participação das crianças;</li> </ul>	<p>E1. O que considera ser a participação da criança?</p> <p>E2. Como caracteriza este grupo em relação ao nível de participação?</p> <p>E3. A participação das crianças parte da iniciativa delas ou intervém nelas?</p> <p>E4. Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa na promoção da participação?</p> <p>E5. Recorre a estratégias para promover a participação das crianças? Se sim quais?</p> <p>E6. Que características considera que devem estar presentes no ambiente educativo e na equipa educativa para que haja espaço para a participação das crianças?</p>	
<p><b>F. Importância do Conselho</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como é que o Conselho promove a participação da criança;</li> </ul>	<p>F1. Que papel têm as crianças no Conselho?</p> <p>F2. Qual considera ser a importância do Conselho?</p> <p>F3. Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa no Conselho?</p> <p>F4. Como é que este momento ajuda no planeamento?</p>	
<p><b>G. Planeamento</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar a relação entre a participação e propostas das crianças e o</li> </ul>	<p>G1. Quando realiza atividades com as crianças tem em consideração as propostas das crianças? De que forma?</p>	

	planeamento da equipa educativa.	G2. Quando propõe atividades às crianças tem em vista o equilíbrio entre as atividades livres e orientadas? G3. Quando propõe atividades às crianças tem em conta os seus interesses e necessidades?	
<b>E.</b> Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>Finalizar a entrevista</li> </ul>	De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? Obrigada pela sua disponibilidade.	

ANEXO C2 - Transcrição da  
entrevista à auxiliar

| ' ' | | ' ' |

**Entrevistadora:** Bom dia! Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização dos tópicos “Caracterização do Ambiente Educativo e “Investigação em Jardim de Infância” inerente ao relatório da PPS II. O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. Garantindo, assim, também o envio da entrevista com as devidas transcrições. Começamos então por conhecer o percurso profissional, qual é a tua formação?

**Entrevistada:** 12º ano.

**Entrevistadora:** Há quanto tempo exerces funções de auxiliar de ação educativa?

**Entrevistada:** Há 21 anos.

**Entrevistadora:** Fala-me do teu percurso profissional, sempre foi aqui nesta instituição?

**Entrevistada:** Sim, só trabalhei aqui.

**Entrevistadora:** Frequentaste alguns cursos/ações de formação?

**Entrevistada:** Sim, isso várias.

**Entrevistadora:** Todos os anos?

**Entrevistada:** Não é todos os anos, mas sim.. eu já estive como coordenadora da C.A.F. imagina no publico depois do Jardim de Infância não é? Tem aquele tempo de Apoio à Família que é a C.A.F. ah ... e aí eu fazia formações todos os meses.

**Entrevistadora:** O que significa para ti a educação dos 3 aos 6 anos?

**Entrevistada:** Esta é a parte melhor porque é o desabrochar de tudo, é as aprendizagens, é ... conseguir perceber a evolução que eles não conseguiam e depois chegam ao final do ano e conseguem sozinhos sem precisar de apoio de ninguém, ver o crescimento deles. É fabuloso, é espetacular.

**Entrevistadora:** O que é que tu achas da educação dos 3 aos 6 no panorama educativo nacional?

**Entrevistada:** Acho que devia ser mais valorizado e que acho que devia haver mais respostas sem ser ... imagina num publico eles estão muito limitados às fichinhas, não

tem aquelas descobertas deles por eles, porque é sempre direcionado. Eu como já vivi isso no público também quando estava lá, eu ia de manha levá-los e depois também me apercebia durante o dia o que é que acontece e é muito dirigido eu acho que a nível nacional e principalmente público ainda há muito a fazer. Eu acho que as educadoras muitas deles já se acomodaram ou a fazer pouco, os recortezinhos e eu acho que eles são tão mais capazes de outras coisas sem ser a estrelinha, o recortezinho ou o ovinho da Páscoa ou não sei quê. Eles são mais que isso, muito mais que isso.

**Entrevistadora:** Sentiste a diferença quando vieste para aqui.

**Entrevistada:** Sim, sim, sim, e mesmo assim só numa sala porque na outra sala a educadora que estava lá era uma educadora excelente e que ouvia os miúdos, trabalhava como aqui e então foi com essa educadora que eu também me juntei mais porque achei que era mais dentro da nossa linha porque a outra era muito formatada. Os miúdos de manha sentavam-se para fazer fichas, ora ... eles tem é que brincar, porque as aprendizagens fazem-se a brincar, eles fazem contagens, eles fazem matemática como vês aqui, surge daquilo que eles fazem e eu acho que as educadoras deviam estar um bocadinho mais abertas a isso.

**Entrevistadora:** Qual é que tu achas que é a importância do Jardim de Infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?

**Entrevistada:** Eu acho que para as famílias é super importante porque as pessoas tem que ir trabalhar não é?! [risos] e para os miúdos nota-se que quando eles vem para a escola mais tarde ah ... que não conseguem, não é não conseguir, demoram muito mais tempo até engrenarem, até chegaram ao auge das suas capacidades. Quando entram mais cedo ...

**Entrevistadora:** Quando vêm da creche?

**Entrevistada:** Quando vêm da creche eles já vem assim com uma bagagem de escola e aqui é a descoberta de tudo, em que eles tem muita vontade de saber, de querer fazer e isso é tão bom porque eles vão ser pessoas muito pensantes e eu acho que isso é muito importante.

**Entrevistadora:** Como é que tu defines criança?

**Entrevistada:** Criança para mim é alegria, [lágrimas], a sério eu acho que eles são o melhor, eles conseguem-nos mostrar que nada importa e conseguem não ver diferenças nos outros, de tratar todos como igual e eu acho fantástico.

**Entrevistadora:** Como é que tu caracterizas este grupo?

**Entrevistada:** Este grupo é muito ... são todos muito diferentes, temos pessoas com muitas especificidades não é?! [risos] mas eles são um grupo que eu acho que estamos a conseguir que eles sejam um grupo coeso, que se apoiem uns aos outros e que vejam com o coração que eu acho que isso é o mais importante, é que eles consigam ver o outro com o coração. Não apontar o dedo e eu acho que este grupo tem evoluído muito nível e eu acho que eles são amigos, são ... já se nota aquela entreajuda que há nos grupos e eu acho que isso é fantástico.

**Entrevistadora:** Que princípios e/ou valores achas importante desenvolver com este grupo de crianças?

**Entrevistada:** Eu acho que o respeito pelo outro, tolerância e a capacidade de ajudar, eu acho que isso ... são esses valores ... e respeitar eu acho que o respeito, se tu tiveres respeito, é a base, serve para tudo, senão gostas de ser tratado mal também não vais tratar não é?! E eu acho que essa é a base.

**Entrevistadora:** O que é que tu consideras ser a participação da criança?

**Entrevistada:** Eu acho que eles aqui são muito participativos e eu não sei viver de outra maneira sem serem eles a dizer aquilo que vão fazer porque se não houver isso eu acho que não faz sentido para eles. Eu acho que tem que ser mesmo ... por isso é que eu acho tão importante o Conselho para organizar aquilo que cada pessoa quer fazer e dar a oportunidade a quem ainda não fez também tem vontade mas como é mais introvertido não consegue chegar-se tanto à frente mas eu acho que a participação deles é a base das aprendizagens, porque se não tiver a ver com eles, eles também não vão querer fazer, não vão querer saber.

**Entrevistadora:** Como é que tu caracterizas este grupo em relação ao nível de participação?

**Entrevistada:** Olha tens uns que são apagadíssimos não é?! [risos] há uns que é dulce far niente isso é que era boa vida, mas tens outros miúdos que são muito participativos mas também tem a ver com a maturidade e com o que eles já viveram na creche não é?! Porque imagina tens uma M.C. que chegou aos 5 anos ao Jardim de Infância, ela não está ainda ... ela nem quer saber de nada, ela quer brincar ... ela nunca esteve numa escola não é?! Ela esteve sempre em casa e depois tens um A. que pronto ... o que é que eu te posso dizer?! É o A. ele sabe tudo sobre o que acontece, adora dar o seu comentário porque quer participar por ele porque ele sabe o que é que está a acontecer, eu acho que ele ... ele é o ex-libris aqui da participação, ele e o S.

**Entrevistadora:** A participação das crianças parte da iniciativa delas ou intervém nelas?

**Entrevistada:** Ora depende, depende porque lá está naquelas crianças mais introvertidas secalhar tens que dar um mote, nós intervimos aí um bocadinho só para lhes dar algumas ferramentas para eles também conseguirem mas há outras crianças que não precisam disso, não precisam da nossa intervenção, nós estamos só como um apoio, como com os projetos que tu fizeste com o A. secalhar na A. precisavas de um bocadinho mais de intervenção mas no A. não, não é?! Até porque ele sabia como queria pintar a folha, como queria fazer o registo, opá isso depois depende de nós como adultos temos que saber ver onde é que somos precisos porque há crianças que não gostam de ajuda e há outras que precisam que tu estejas ali. Dou-te o exemplo do G., o G. está sempre pronto para não fazer nada mas agora tivemos aqui dias sozinhos e o que eu percebi foi que o G. precisa de uma moleta, eu tive a fazer coisas com ele, ele sabe muitas coisas só que ele não tem aquela iniciativa, por isso, depende das crianças.

**Entrevistadora:** Que papel achas que tem o/a educador/a/ equipa educativa na promoção da participação?

**Entrevistada:** Ai eu acho que é super importante porque se tu não fores uma pessoa que dê valor a isso, os miúdos não vão sequer ter a oportunidade de participar ou de saber que vão ser ouvidos, porque vai partir sempre da educadora ou de quem estiver, da equipa

educativa. Eu acho que isso tem mesmo a ver com o perfil de cada educador mas eu acho que só temos a ganhar em ouvi-los porque eles dizem coisas e querem saber coisas que às vezes tu não pensas e depois vais investigar com eles e aprendes imenso, imenso e é super gratificante.

**Entrevistadora:** Recorres a estratégias para promover a participação das crianças?

**Entrevistada:** Sei lá ... a estratégia é ir rodando ... imagina que eu sei que aquela criança até quer fazer qualquer coisa não é?!, mas também não quero ser “o que é que achas que ir fazer?” Não, secalhar “Olha achas que queres descobrir qualquer coisa?”, pronto a estratégia é dar-lhe ferramentas para que eles queiram mesmo descobrir eu acho que isso.

**Entrevistadora:** Não dar-lhes as respostas...

**Entrevistada:** Sim, não dar-lhes a resposta e irem à procura, surge a pergunta “Como é que vamos descobrir?” e eu acho que isso é muito importante para eles também desenvolverem essa parte do: eu quero saber como é que eu vou saber, porque não é aquele adulto que me vai dizer eu nem sei se aquele adulto sabe não é?! Vamos descobrir e eu acho que desde pequenos se começarem assim isso nota-se muito ali na escola primária. No 1º Ciclo eles já vão aqui com uma ferramenta tão grande de quero saber, como é que vamos fazer? Ali já não precisam de quase de ninguém para os ajudar, não é?! Eles já conseguem e eu acho que isso é o mais importante.

**Entrevistadora:** Que características consideras que devem estar presentes no ambiente educativo e na equipa educativa para que haja espaço para a participação das crianças?

**Entrevistada:** Eu acho que a equipa tem que ser pessoas de bem com a vida, só assim é que elas vão estar dispostas a ouvir os outros. Eu acho que eles precisam muito de ter tudo disponível, para explorarem livremente, apetece-lhes fazer um jogo vão fazer um jogo, quando não apetece arrumam e vão para a casinha, não lhes apetece vem para a mesa da escrita, eu acho que teres uma sala apelativa com muitas coisas que eles possam fazer eu acho que isso é o ideal. E lá está pessoas de bem com a vida e que estejam abertas como às vezes fazemos agora este está a fazer aqui vou para aqui vem apoiar um bocadinho mas depois na casinha surgiu uma coisa gira também e vais à casinha. Aquele já está a fazer o

teste do cotonete, pronto também temos que ser flexíveis e eu acho que aqui tens mesmo que ser flexível.

**Entrevistadora:** Que papel têm as crianças no Conselho?

**Entrevistada:** Todo, senão não fazia sentido haver Conselho. Olha eu já tive uma educadora que o conselho para ela era ... olha só me faz lembrar sabes aquele jogo? Secalhar não sabes porque és uma miúda, mas havia um jogo que era o jogo do sabichão e então estava aqui ... um mago, um mágico, uma coisa e tinha uma vareta e então nós ainda fazíamos no chão o Conselho, sentados em roda e o Conselho a mim mexia muito comigo esse Conselho porque servia para apontar o dedo às crianças ... pela parte do adulto. Uma coisa é há um confronto entre crianças, eles vão resolver, às vezes é mais forte que eu e meto-me, é verdade, mas não para denegrir aquela criança ou dizer-lhe tu fizeste isto, isto e isto. Isto era o que acontecia e esses Conselhos para mim, nesses 4 meses que ela só teve 4 meses a substituir a E. foi muito difícil para mim porque não era que eu estava habituada, não tem nada a ver, não tinha nada a ver e explicar isto à pessoa não foi fácil e nunca aconteceu porque a pessoa também não era aberta e porque eu era a auxiliar e ela a educadora pronto lá está porque a diferença entre o estarmos bem connosco e termos ... porque as auxiliares não estão aqui para fazer ... para se sobrepor à educadora, nós estamos aqui com uma equipa e as pessoas que depois são ... menos seguras ou que acham que por gritar com a auxiliar ou por ... se vão superiorizar e não e eu acho que não porque nós somos uma equipa não é?! Todos temos coisas boas, todos temos coisas más, estamos aqui para nos completar, aprender uns com os outros não é?! E se estiver a agir mal a E. vai-me dizer e seu achar que a E. agiu mal eu também lhe vou dizer, não temos problemas nenhuns nisso. Eu já trabalho com a E. há 7 anos e eu adoro trabalhar com ela porque ela é uma pessoa como tu vês, humilde, humana, de bom coração que está aqui para os miúdos e é isso que nós temos que estar. Nós não viemos para aqui para fazer amigos fanem vir fazer inimigos nós vimos aqui para estar com eles. E eu acho que o Conselho como nós o vivemos agora e pronto tive esta má experiencia mas eu acho que é muito importante porque leva os miúdos a pensar e a usar o grupo como uma ajuda para resolver os problemas que acontecem não é?! E eu acho que isso ... é levar os outros a pensar, aconteceu comigo mas os outros vão ajudar-me a resolver esse problema, porque

às vezes não é problema nenhum não é?! Mas ... eu acho que o Conselho é super importante também para aplaudi-los não só para as coisas negativas mas para percebermos que o outro consegue fazer ou que me ajudou, isto é fantástico para miúdos de 4/5 anos não é?! Perceber que o outro é tão bom nisto e ele até me ajudou, eu consegui fazer muito melhor porque ele me ajudou e estamos a criar seres não é?! E que tem que ter esses valores de empatia pelo outro e eu acho que isso acontece aqui e que eu acho que a E. faz um trabalho excelente.

**Entrevistadora:** Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa no Conselho?

**Entrevistada:** No Conselho? Ora ... é só de mediador, não é?! [riso] eu acho que é só de mediador, estás ali para mediar, se vês que também o assunto está nha nha nha tens que também saber levá-los a partir para outra parte, mas eu acho que é só de mediador não faz sentido que seja diferente.

**Entrevistadora:** Como é que este momento ajuda no planeamento? Das propostas que podem ser implementadas na semana a seguir?

**Entrevistada:** Porque eles já sabem, eles já sabem que no Conselho é quando vão poder dizer, não é que nos outros dias não possam mas é mais difícil porque o grupo não está reunido e eu acho importante é todos sabemos o que é que vai acontecer na nossa sala e o que é que cada pessoa quer fazer até porque quando é os projetos, até tu podes ir fazer um projeto que me interesse e eu também quero fazer, se for só a pessoa sem ser no dia do Conselho que não estamos reunidos para aquilo não vamos saber se eu também queria fazer o projeto contigo não é?! E também dar oportunidade deles durante a semana ... imagina o A. é muito interventivo no queremos fazer e eu acho que depois é uma mais-valia para o grupo porque dali surgem outras coisas que os outros também vão querer fazer, por isso, eu acho que o Conselho para conseguirmos organizar a semana ou o que eles querem fazer é muito importante.

**Entrevistadora:** Quando realizas atividades com as crianças tens em consideração as propostas delas?

**Entrevistada:** Sempre.

**Entrevistadora:** E de que forma é que fazes isso?

**Entrevistada:** Imagina ontem o L. queria muito escrever o texto do avô que tinha comprado ... pronto aproveitei nessa parte que ele queria para fazer a lista de palavras. A D. queria muito escrever o texto que o pai tinha feito anos, pronto a partir daí também foi ver as letras que ela conhece que é uma dificuldade da D. Ela ainda não sabe muito bem quais são as letras do nome dela e aproveitei essas partes para trabalhar com eles as fragilidades mas sempre de uma coisa que eles propuseram. Eu quero fazer ... sei lá ... muitos deles vão fazer ali contagens ou ... aproveitamos sempre essa parte para também perceber está frágil aqui então vamos puxar e vamos trabalhar aqui um bocadinho. Nunca uma coisa imposta.

**Entrevistadora:** Quando tu propões atividades às crianças tens em vista o equilíbrio entre as atividades livres e orientadas?

**Entrevistada:** Como percebes aqui as atividades não são propostas por nós, aqui é quase tudo proposto por eles. Nós andamos aqui ao ritmo deles e eu acho que isso é que faz sentido [risos].

**Entrevistadora:** Quando propões atividades às crianças tens em conta os seus interesses e necessidades?

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** De momento, recordaste de mais alguma coisa importante?

**Entrevistada:** Gosto muito de trabalhar com miúdos. É a única coisa importante.

**Entrevistadora:** Obrigada.

**Entrevistada:** Pronto.

ANEXO C3 - Tabela de análise  
de conteúdo da entrevista à  
auxiliar

| ' ' | | ' ' |

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
<b>Caracterização Pessoal</b>	Formação Académica	Ano de Escolaridade	12º ano	“12ºano”
	Formação contínua	Sim	Vários cursos/ações de formação	“Sim, isso várias.”
		Frequência	Não é todos os anos Mensalmente	“Não é todos os anos, mas sim.. eu já estive como coordenadora da C.A.F. (...) e aí eu fazia formações todos os meses.”
<b>Visão da criança dos 3 aos 6 anos</b>	Conceção da criança	Tempo de serviço	21 anos	“21 anos”
		Instituição	Sempre na mesma instituição	“Sim, só trabalhei aqui.”
		Definição de criança	Alegria; não ver diferenças; igualdade	“Criança para mim é alegria, [lágrimas] (. . .) eles são o melhor, eles conseguem-nos mostrar que nada importa e conseguem não ver diferenças nos outros, de tratar todos como igual”

		Diagnóstico do grupo	Crianças com as suas especificidades; grupo coeso; entreajuda; ver com o coração	“( . . . ) são todos muito diferentes, temos pessoas com muitas especificidades não é?! ( . . . ) estamos a conseguir que eles sejam um grupo coeso, que se apoiem uns aos outros e que vejam com o coração ( . . . ) Não apontar o dedo ( . . . ) aquela entreajuda que há nos grupos.”
<b>Participação numa sala de Jardim de Infância</b>	Participação da criança	Definição	Grupo participativo; organizar o que as crianças querem fazer; participação é a base das aprendizagens	“Eu acho que eles aqui são muito participativos ( . . . ) por isso é que eu acho tão importante o Conselho para organizar aquilo que cada pessoa quer fazer e dar a oportunidade a quem ainda não fez ( . . . ) chegar-se tanto à frente mas eu acho que a participação deles é a base das aprendizagens, porque se não tiver a ver com eles, eles também não vão querer fazer, não vão querer saber.”
		Caracterização do grupo	Crianças mais apagadas; crianças mais participativas; maturidade; percurso escolar	“Olha tens uns que são apagadíssimos não é?! [risos] há uns que é dulce far niente isso é que era boa vida, mas tens outros miúdos que são muito participativos mas também tem a ver com a

		<p>Iniciativa das crianças/ intervenção da equipa educativa</p>	<p>Depende das crianças; mais introvertidas temos que intervir; outras crianças não precisam do apoio do adulto.</p>	<p>maturidade e com o que eles já viveram na creche não é?!”</p> <p>“depende porque lá está naquelas crianças mais introvertidas secalhar tens que dar um mote, nós intervimos aí um bocadinho só para lhes dar algumas ferramentas para eles também conseguirem mas há outras crianças que não precisam disso, não precisam da nossa intervenção, nós estamos só como um apoio,”</p>
		<p>Papel do/a educador/a/ equipa educativa</p>	<p>Importante ouvir as crianças; dar valor às suas ideias</p>	<p>“Ai eu acho que é super importante porque se tu não fores uma pessoa que dê valor a isso, os miúdos não vão sequer ter a oportunidade de participar ou de saber que vão ser ouvidos, porque vai partir sempre da educadora ou de quem estiver, da equipa educativa. (. . .) só temos a ganhar em ouvi-los porque eles dizem coisas e querem saber coisas que às vezes tu não pensas.”</p>

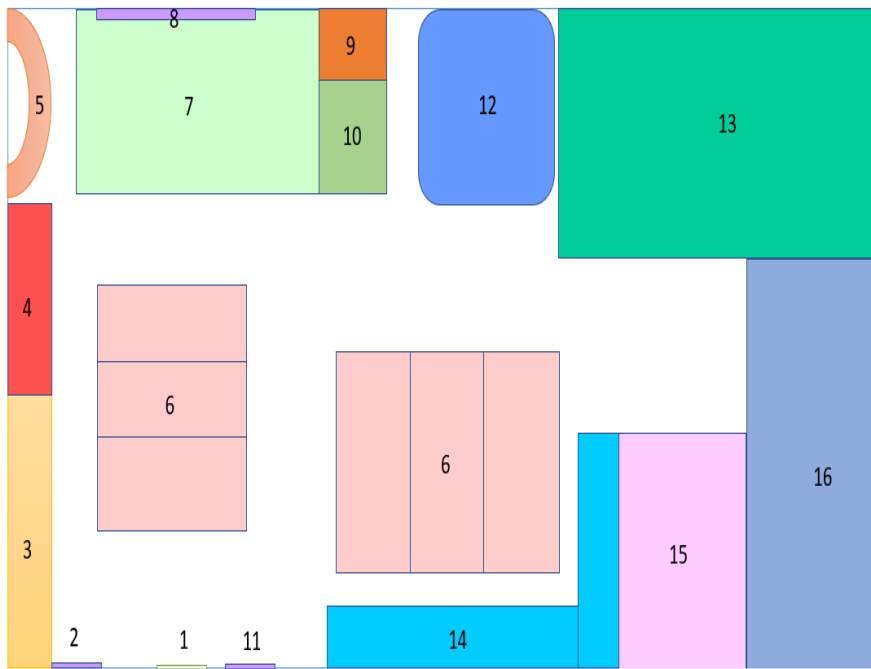
		<p>Estratégias para promover a participação</p> <p>Características do ambiente educativo e da equipa educativa</p>	<p>Dar ferramentas às crianças para que eles queiram investigar</p> <p>Equipa flexível; dispostas a ouvir os outros;</p> <p>Sala apelativa com materiais disponíveis para as crianças explorarem livremente</p>	<p>“estratégia é dar-lhe ferramentas para que eles queiram mesmo descobrir eu acho que isso.”</p> <p>“Eu acho que a equipa tem que ser pessoas de bem com a vida, só assim é que elas vão estar dispostas a ouvir os outros. Eu acho que eles precisam muito de ter tudo disponível, para explorarem livremente, (. . .) eu acho que teres uma sala apelativa com muitas coisas que eles possam fazer eu acho que isso é o ideal. (. . .) temos que ser flexíveis.”</p>
<b>Importância do Conselho</b>	Conselho promove a participação da criança	Papel das crianças/ Importância	Crianças tem o papel todo; as crianças pensam e pedem ajuda ao grupo para resolver os problemas; aplaudir as crianças	“Todo, senão não fazia sentido haver Conselho (. . .) leva os miúdos a pensar e a usar o grupo como uma ajuda para resolver os problemas que acontecem não é?! (. . .) importante também para aplaudi-los não só para as coisas negativas mas

		<p>Papel do/a educador/a/ equipa educativa no Conselho</p> <p>Importância do Conselho para o planeamento</p>	<p>Mediador</p> <p>As crianças dizem o que querem fazer durante a semana; importante todo o grupo saber o que se vai fazer durante a semana; perceber o que cada criança quer fazer</p>	<p>para percebermos que o outro consegue fazer ou que me ajudou”</p> <p>“eu acho que é só de mediador não faz sentido que seja diferente.”</p> <p>“Porque eles já sabem que no Conselho é quando vão poder dizer, não é que nos outros dias não possam mas é mais difícil porque o grupo não está reunido e eu acho importante é todos sabemos o que é que vai acontecer na nossa sala e o que é que cada pessoa quer fazer”</p>
<b>Planeamento</b>	Relação entre a participação e propostas das	Desenvolvimento de atividades consoante	<p>Sempre</p> <p>Aproveitar o que as crianças querem fazer e</p>	<p>“Sempre”</p> <p>“Imagina ontem o L. queria muito escrever o texto do avô que tinha comprado ... pronto aproveitei</p>

	crianças e o planeamento da equipa educativa	as propostas das crianças	desenvolver as suas fragilidades	nessa parte que ele queria para fazer a lista de palavras. A D. queria muito escrever o texto que o pai tinha feito anos, pronto a partir daí também foi ver as letras que ela conhece que é uma dificuldade da D. (. . .) Nunca uma coisa imposta”
		Equilíbrio entre atividades livres e orientadas	Equipa educativa anda ao ritmo das crianças; atividades propostas pelas crianças	“( . . .) aqui é quase tudo proposto por eles. Nós andamos aqui ao ritmo deles e eu acho que isso é que faz sentido [risos].”
		Propor atividades consoante os interesses e necessidades das crianças	Sim	“Sim”

ANEXO D - Planta da sala de  
atividades

|' '' | | ''



### Legenda

1. Porta da sala
2. Mapa da Escolha de Atividades
3. Armários
4. Área da Biblioteca
5. Lavatório
6. Mesas
7. Tapete
8. Lista do Responsável do Dia, Agenda Semanal, Calendário e Mapa de Tarefas
9. Aquário da Girassol
10. Móvel dos materiais da escrita
11. Mapa de Presenças
12. Área do Computador
13. Área do faz-de-conta
14. Área dos jogos de mesa
15. Área dos jogos de chão
16. Área do Teatro

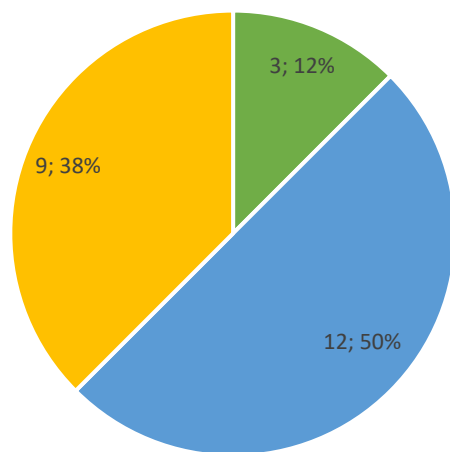
ANEXO E - Caracterização do grupo de crianças

| ' ' | | ' ' |

<b>Nome</b>	<b>Género</b>	<b>Data de Nascimento</b>	<b>Entrada na Organização Socioeducativa</b>	<b>Número de Irmãos</b>
<b>A.N.</b>	Masculino	20/12/2016	3 anos	1
<b>A.P.</b>	Feminino	08/12/2016	3 anos	0
<b>A.M.</b>	Masculino	25/07/2016	3 anos	1
<b>A.A.</b>	Masculino	11/10/2016	3 anos	1
<b>D.</b>	Feminino	13/02/2017	2 anos	1
<b>G.N.</b>	Masculino	12/08/2016	3 anos	0
<b>Ga.R.</b>	Masculino	07/11/2016	2 anos	1
<b>Gu.R.</b>	Masculino	07/11/2016	2 anos	1
<b>G.E.</b>	Masculino	12/11/2016	1 ano	1
<b>L.</b>	Feminino	09/03/2017	2 anos	1
<b>L.</b>	Masculino	24/07/2016	3 anos	0
<b>J.</b>	Feminino	05/11/2016	3 anos	2
<b>M.N.</b>	Feminino	28/01/2017	2 anos	1
<b>M.Cr.</b>	Feminino	01/08/2016	3 anos	0
<b>M.C.</b>	Feminino	09/09/2016	2 anos	0
<b>M.S.</b>	Feminino	31/03/2017	1 ano	0
<b>M.C.</b>	Masculino	05/01/2016	3 anos	1
<b>M.M.</b>	Masculino	25/12/2016	2 anos	1
<b>Ra.C</b>	Masculino	23/09/2016	2 anos	1
<b>Ri.C.</b>	Masculino	23/09/2016	2 anos	1

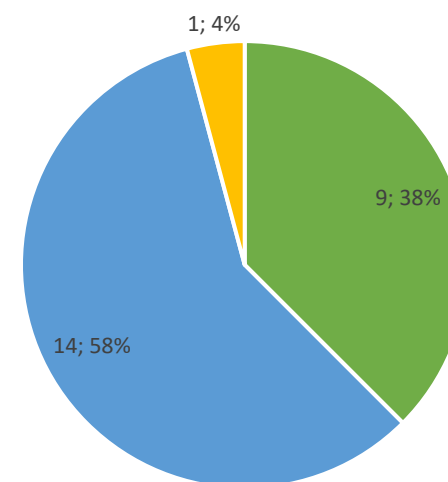
<b>S.</b>	Feminino	29/11/2016	2 anos	0
<b>S.</b>	Masculino	16/06/2016	1 ano	0
<b>T.</b>	Masculino	01/03/2017	2 anos	0
<b>V.</b>	Masculino	17/03/2017	2 anos	1

Entrada na Organização Socioeducativa



■ 1 ■ 2 ■ 3

Número de irmãos



■ 0 ■ 1 ■ 2

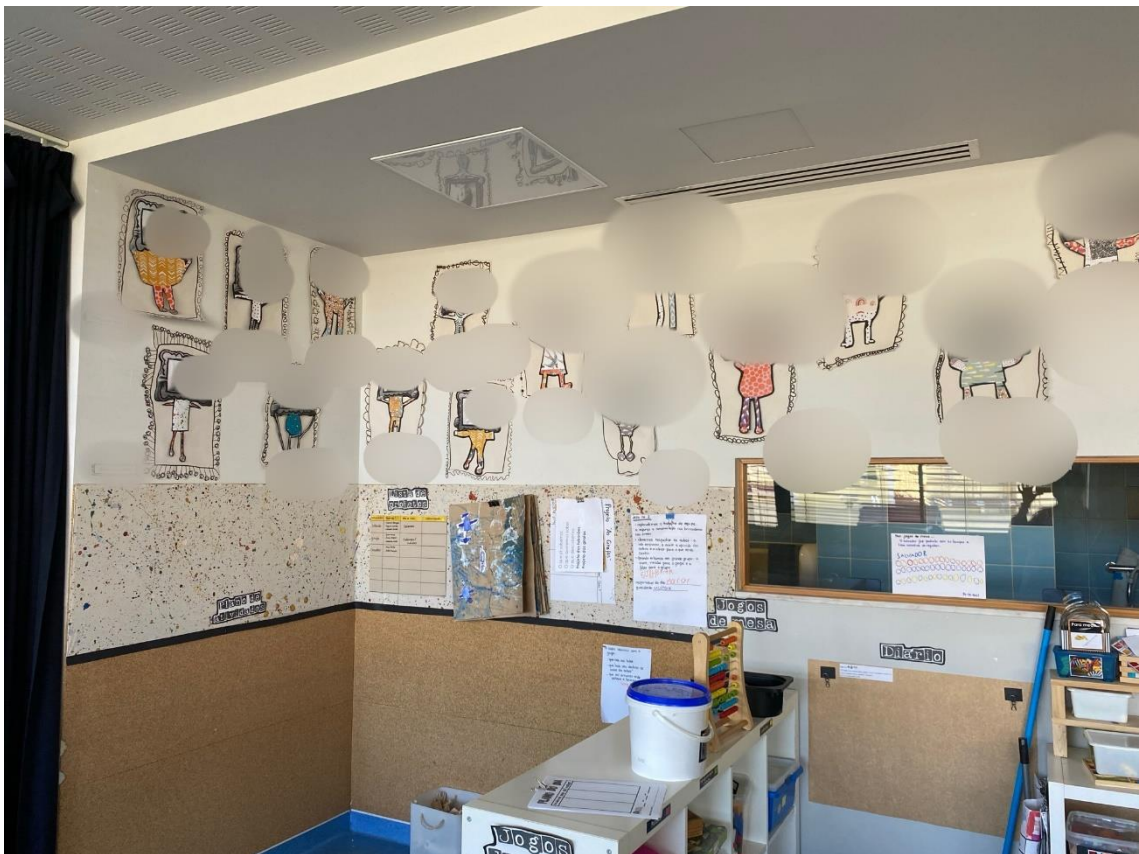
ANEXO F - Imagens da sala de  
atividades

| | ' ' | | ' '









ANEXO G1 - Guião de  
entrevista à Educadora Cooperante  
relativo à investigação

| ' ' | | ' ' |

## Guião de Entrevista

**Destinatária:** Educadora de Infância (PPS II 2020/2021)

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
<b>H.</b> Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista;</li> <li>• Motivar o entrevistado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “Investigação em Jardim de infância” inerente ao relatório da PPS II.</li> <li>- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.</li> <li>- Pedir autorização para gravar áudio;</li> <li>- Garantir o envio da entrevista com as devidas transcrições.</li> </ul>	
<b>I.</b> Participação da criança	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir participação;</li> <li>• Caracterizar o grupo face à sua participação;</li> <li>• Caracterizar as ações da equipa educativa face à participação das crianças;</li> </ul>	<p>B1. O que considera ser a participação da criança?</p> <p>B2. Como caracteriza este grupo em relação ao nível de participação?</p> <p>B3. A participação das crianças parte da iniciativa delas ou intervém nelas?</p> <p>B4. Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa na promoção da participação?</p>	

		<p>B5. Recorre a estratégias para promover a participação das crianças? Se sim quais?</p> <p>B6. Que características considera que devem estar presentes no ambiente educativo e na equipa educativa para que haja espaço para a participação das crianças?</p>	
<b>J.</b> Importância do Conselho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como é que o Conselho promove a participação da criança;</li> </ul>	<p>C1. Que papel têm as crianças no Conselho?</p> <p>C2. Qual considera ser a importância do Conselho?</p> <p>C3. Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa no Conselho?</p> <p>C4. Como é que este momento a ajuda no planeamento?</p>	
<b>K.</b> Planeamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar a relação entre a participação e propostas das crianças e o planeamento da equipa educativa.</li> </ul>	<p>D1. Quando planifica tem em conta as propostas das crianças? De que forma?</p> <p>D2. Quando planifica tem em vista o equilíbrio entre as atividades livres e orientadas?</p> <p>D3. Qual o papel da criança no planeamento/planificação das atividades?</p> <p>D4. Costuma alterar as planificações diárias tendo em conta as propostas e participação das crianças?</p>	
<b>E.</b> Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finalizar a entrevista</li> </ul>	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p>	

		Obrigada pela sua disponibilidade.	
--	--	------------------------------------	--

ANEXO G2 - Transcrição da  
entrevista à Educadora Cooperante  
relativo à investigação

| ' ' | | ' ' |

**Entrevistadora:** Boa tarde, esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “Investigação em Jardim de Infância”. O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. Posteriormente, garanto o envio da entrevista com as devidas transcrições.

**Entrevistada:** Está bem.

**Entrevistadora:** O que é que tu consideras ser a participação da criança?

**Entrevistada:** É o envolvimento da criança em tudo o que lhe diz respeito dentro da sala e fora da sala, portanto, tudo o que lhe diz respeito no processo de ensino-aprendizagem. É isso a participação da criança.

**Entrevistadora:** Como caracterizas este grupo em relação ao nível de participação?

**Entrevistada:** Tem vindo a evoluir, é um grupo que precisou mesmo de integrar alguns instrumentos que nós utilizamos, que favorecem essa participação, mas neste momento sinto que eles estão, pronto já sugerem, já têm ideias, já estão mais participativos. Mas é um caminho que se vai fazendo, eles não começam logo de início a participar e a integrar tudo e a envolver.

**Entrevistadora:** A participação das crianças parte mais da iniciativa delas ou é preciso uma intervenção para as estimular?

**Entrevistada:** Parte delas, mas a base é sempre delas, mas muitas vezes o ambiente, os instrumentos e as dinâmicas promovem essa participação e são necessários. Se não existirem dificilmente há participação, pelo menos, efetiva das crianças.

**Entrevistadora:** Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa na promoção da participação?

**Entrevistada:** É o papel de mediador, subtil, é o papel do educador.

**Entrevistadora:** Recorres a estratégias para promover a participação das crianças?

**Entrevistada:** Sim, estratégias. . . sim recorro. Algumas estratégias que levam à participação, uma delas é realmente a rotina e as dinâmicas e a conversa que se vai fazendo de forma a incentivar a participação.

**Entrevistadora:** Que características consideras que devem estar presentes no ambiente educativo e na equipa educativa para que haja espaço para a participação das crianças?

**Entrevistada:** Momentos em grande grupo, vários momentos em grande grupo em que cria uma comunidade educativa. Instrumentos de regulação e gestão do grupo em que eles possam participar, em que possam ter voz e um educador que realmente concede as ideias deles e os ouve efetivamente no dia a dia.

**Entrevistadora:** Que papel têm as crianças no Conselho?

**Entrevistada:** Têm um papel de reguladoras do grupo, de gestão de grupo e conflitos, de integração de valores.

**Entrevistadora:** Qual consideras ser a importância do Conselho?

**Entrevistada:** Bom, tem duas não é?! A primeira é a clarificação de valores e eles crescerem em comunidade e compreenderem as ideias dos outros e aceitarem e portanto não ser aquilo que se resolve só em grupo mas também da parte de cada criança ou que seja discutido pelo menos com elas e sobretudo a parte do planeamento que é aí que está a participação delas.

**Entrevistadora:** Que papel tem o/a educador/a/ equipa educativa no Conselho?

**Entrevistada:** De mediação e inicialmente de muito mais a intervir do que depois. Depois de algum tempo, no início do ano os adultos vão intervindo cada vez mais e vão dando modelos de formas de resolver problemas, vão dando modelos na parte da planificação e fazendo muito mais sugestões. Para o fim, o ideal é eles começarem e até no fim do ano serem eles a dinamizar o Conselho sozinhos, com muito pouca intervenção, isso acontece quando eles são mais velhos.

**Entrevistadora:** Como é que este momento te ajuda no planeamento?

**Entrevistada:** Porque é a partir das ideias deles, portanto, só me pode ajudar. Ajuda porque eles dão as ideias deles e a partir das ideias deles e daquilo que eu vejo que são os seus interesses ou as suas dificuldades traço um plano daquilo que quero fazer com eles.

**Entrevistadora:** Quando planificas tens em vista o equilíbrio entre as atividades livres e orientadas?

**Entrevistada:** Sim, ainda que nós tenhamos sempre as atividades livres abertas, porque fazemos poucas atividades coletivas e quando fazemos são só algumas tardes, portanto está sempre aberta essa parte livre.

**Entrevistadora:** Qual o papel da criança no planeamento/planificação das atividades?

**Entrevistada:** É todo, porque fazemos o Plano do Dia que elas podem realmente tomar decisões relativamente àquilo que querem fazer e com o Diário aquilo que elas querem fazer ao longo da semana. Qual é o papel? É ativo.

**Entrevistadora:** Costumas alterar as planificações diárias tendo em conta as propostas e participação das crianças?

**Entrevistada:** Sempre, sempre. Geralmente eu faço um bocadinho ao contrário, utilizo os Planos do Dia, eu traço um plano daquilo que eu quero fazer semanalmente mas aquilo que acontece diariamente é através do Plano do Dia e é com eles muitas vezes. E às vezes se tinha planeado qualquer coisa ou pensado em fazer qualquer coisa para aquela semana e naquele dia surge uma atividade muito mais interessante e sigo a partir dessa atividade e esqueço tudo o que fiz, portanto, altero muitas vezes.

**Entrevistadora:** De momento, recordaste de algo mais que consideres ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Então está tudo, obrigada.

ANEXO G3 - Tabela de  
análise de conteúdo da entrevista à  
Educadora Cooperante

| ' ' | | ' ' |

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
<b>Conselho de Cooperação Educativa</b>	Participação das crianças	Definição	Envolvimento da criança no que lhe diz respeito	“É o envolvimento da criança em tudo o que lhe diz respeito (...) no processo de ensino- aprendizagem.”
		Caracterização do grupo de crianças	Grupo que tem vindo a evoluir; mais participativos	“Tem vindo a evoluir, é um grupo que precisou mesmo de integrar alguns instrumentos que nós utilizamos, que favorecem essa participação, mas neste momento sinto que eles estão, pronto já sugerem, já têm ideias, já estão mais participativos.”
		Iniciativa das crianças/ intervenção	Participação parte da iniciativa das crianças	“Parte delas, mas a base é sempre delas, mas muitas vezes o ambiente, os instrumentos e as dinâmicas promovem essa participação e são necessários.”

		<p>Papel da equipa educativa</p> <p>Estratégias para promover a participação</p> <p>Características do ambiente educativo e da equipa educativa para a promoção da participação</p>	<p>Mediador</p> <p>Rotinas e dinâmicas</p> <p>Momentos em grande grupo; instrumentos de regulação e gestão do grupo; educador que ouve as ideias das crianças</p>	<p>“É o papel de mediador, subtil, é o papel do educador.”</p> <p>“a rotina e as dinâmicas e a conversa que se vai fazendo de forma a incentivar a participação.”</p> <p>“Momentos em grande grupo, (...) em que cria uma comunidade educativa. Instrumentos de regulação e gestão do grupo em que eles possam participar, em que possam ter voz e um educador que realmente concede as ideias deles e os ouve efetivamente no dia a dia”</p>
<b>Importância do Conselho</b>	Conselho promove a participação da criança	Importância	Clarificação de valores; aceitar as ideias dos seus pares; planeamento	“a clarificação de valores e eles crescerem em comunidade e compreenderem as ideias dos outros e aceitarem e (...) sobretudo a parte do

		Papel das crianças	Reguladoras; gestão do grupo e conflitos; integração de valores	planeamento que é aí que está a participação delas.” “Reguladoras do grupo, de gestão de grupo e conflitos, de integração de valores.”
		Papel do/a educador/a/ equipa educativa no Conselho	Mediação	“De mediação e inicialmente de muito mais a intervir do que depois “
		Importância do Conselho para o planeamento	É a partir das ideias das crianças que se faz o planeamento	“Porque é a partir das ideias deles, portanto, só me pode ajudar. Ajuda porque eles dão as ideias deles e a partir das ideias deles e daquilo que eu vejo que são os seus interesses ou as suas dificuldades traço um plano daquilo que quero fazer com eles.”

<b>Planeamento</b>	Relação entre a participação e propostas das crianças e o planeamento da equipa educativa	Equilíbrio entre atividades livres e orientadas  Papel da criança no planeamento          Alterações nas planificações diárias	Atividades livres abertas          Ativo          Sempre que surge algo mais interessante altero	“Sim, ainda que nós tenhamos sempre as atividades livres abertas”          “É todo, porque fazemos o Plano do Dia que elas podem realmente tomar decisões relativamente àquilo que querem fazer e com o Diário aquilo que elas querem fazer ao longo da semana. Qual é o papel? É ativo.”          “Geralmente eu faço um bocadinho ao contrário, utilizo os Planos do Dia, eu traço um plano daquilo que eu quero fazer semanalmente mas aquilo que acontece diariamente é através do Plano do Dia e é com eles muitas vezes. E às vezes se tinha planeado qualquer coisa ou pensado em fazer qualquer coisa para aquela semana e naquele dia surge uma atividade muito mais interessante e sigo a partir dessa atividade e
--------------------	---	--	--	--

				esqueço tudo o que fiz, portanto, altero muitas vezes.”
--	--	--	--	---

ANEXO H - Transcrição dos  
registos dos momentos dos Conselhos  
de Cooperação Educativa

| | ' ' | | ' '

## **Conselho 26/11/2021**

[As crianças encontram-se sentadas em roda nas cadeiras de modo a que se consigam ver todos umas às outras. A Educadora Cooperante, a auxiliar e a estagiária estão sentadas entre as crianças]

**Educadora Cooperante** – G.E. hoje és o responsável do dia e olha nunca tivemos um Conselho tão pequenino. É que assim nem apetece fazer Conselho porque depois temos que combinar coisas e não estão cá o resto das pessoas mas pronto, uma das coisas que temos que combinar. G. então . . . vamos sentar aqui para fazermos o Conselho? Vais escolher o responsável . . . [crianças começam a levantar o dedo para serem escolhidas para esta tarefa].

**Auxiliar** – Levanta o dedo quem ainda não foi, quem já foi baixa.

**Educadora Cooperante** – Sim, exato.

[Algumas crianças pronunciam em voz alta que ainda não foram]

**Auxiliar** – Olha o G.E. vai convidar quem ele acha que consegue estar nos Conselhos a ouvir os outros e a resolver conflitos, coisas e dar as sugestões . . . importantes. É contribuir para o nosso grupo. Quem é que tu achas que pode fazer isso contigo?

[G.E. vai olhando para as crianças]

**Auxiliar** – Olha o M.C. também quer. Que sugestão vais dar M.C.?

[O M.C. baixa a cabeça e a auxiliar mete-se com ele na brincadeira]

**G.E.** – A S.

**Auxiliar** – Foi a S. então podem-se os dois ir sentar ali ao pé da secretária E. A secretária é quem escreve.

**A.A.** – O ano passado foi a Ata número . . . 7.

**Educadora Cooperante** – Oh querido não é o ano passado é a semana passada.

**Auxiliar** – [ri e reforça] É a semana passada amor.

**Educadora Cooperante** – Antes de começarmos . . .

**A.M.** – É a Ata número 8.

**Educadora Cooperante** – Antes de começarmos . . . nós na Ata número 7 escrevemos que era importante ter confiança em nós próprios e aplaudimos algumas pessoas por serem capazes de fazer as coisas. Também escrevemos que quando magoamos alguém mesmo que seja sem querer que era importante fazer o quê?

**Crianças respondem em conjunto** – Cuidar.

**Educadora Cooperante** – Cuidar e pedir desculpa e combinamos algumas regras para o baloiço que acho que é importante, por exemplo, o L. ouvir novamente. Então as regras que combinamos foi: não podemos andar de pé, por os pés em cima do baloiço lembram-se disto? Não podemos dar muito balanço sim L.?! não podemos dar muito balanço no baloiço. Quem está de fora não pode empurrar, esperamos pela nossa vez ao lado do baloiço, não podemos brincar nem à frente nem atrás do baloiço

[Chega uma criança à sala e senta-se numa cadeira da roda.]

**Educadora Cooperante** - Está tudo bem meu amor? e só podem andar duas pessoas de cada vez.

[Entretanto uma das senhoras que trata dos almoços vai à sala questionar quantas crianças vão almoçar e a auxiliar conta e diz-lhe]

**Educadora Cooperante** – Não podemos andar nem à frente nem atrás do baloiço e só podem andar duas pessoas de cada vez. Isto foi o que escrevemos lembram-se disso tudo? Correu bem esta semana com o baloiço? [crianças afirmam que sim com a cabeça] Pronto, ainda bem! Então vamos à Ata número 8 . . . G. e S. secalhar começam a perguntar . . . Querem começar por onde? Gostámos ou não gostámos?

**G.E.** – [diz em voz baixa] não gostámos.

**Educadora Cooperante** – Então perguntem quem é que tem o nome . . .

**Auxiliar** – Ah o próprio do Presidente, então resolve já o teu amor.

**G.E.** – Eu não gostei que o L. atirasse a panela para o meu braço.

**Auxiliar** – Deixou-lhe o braço todo vermelho.

[Todas as crianças permanecem em silencio]

**Auxiliar** – Secalhar é melhor dizeres-lhe outra vez. Ouviste o que o G. disse? [dirige-se ao L.]

[O L. abana com a cabeça que sim]

**Auxiliar** – E então o que é que tens que dizer ao G.?

**L.** – Eu não bati nele.

**Auxiliar** – Tu não lhe batestes com as mãos, tu bateste-lhe com um tacho.

**Educadora Cooperante** – Uma panela.

**Auxiliar** – Com uma panela.

**L.** – Não, não, não fui eu.

**Educadora Cooperante + auxiliar** – Foste sim.

**Educadora Cooperante** – Bateste-lhe no braço.

**Auxiliar** – E deixaste-lhe o braço todo vermelho e o G.E. chorou muito.

**L.** – Não fui.

**Auxiliar** – Foste sim. Que até ficaste sentado que a L. não te deixou ir brincar mais.

**L.** – Não fui não, só estava a brincar um bocadinho e depois o G.E. bateu com a bola e bateu na minha orelha.

**Auxiliar** – Não, não.

**L.** – Sim, sim.

**Auxiliar** – Não, o G.E. não estava a jogar à bola.

**L.** – Mas sim sim.

**Auxiliar** – Não foi nada. Ai ai ouve aquilo que ele te está a dizer. Olha tu gostaste que o G.R. te batesse hoje?

**L.** – Não.

**Auxiliar** – Ah pronto, o G.E. . . . olha não estás aqui no Conselho connosco por isso não vais falar [dirige-se ao Gu.R. que está sentado numa cadeira fora da roda do Conselho]. Por isso ele também não gostou . . . olha para o G.E. achas que ele está com a cara de quem gostou que lhe tivesses batido?

**L.** – Não.

**Auxiliar** – Então fala com ele.

[O L. olha para a auxiliar]

**Auxiliar** – Não sou eu é ele.

**L.** – Mas ele não pode bater.

**Auxiliar** – Não não! Tu é que não podes bater nele.

[L. começa a chorar]

**Auxiliar** – Olha L. ele quer resolver contigo.

**L.** – Ele não quer nada. Eu não fiz nada . . . e depois ele bateu . . .

**Educadora Cooperante** – Vai lá para ao pé dele, à frente dele que ele secalhar não te está a ver bem. Secalhar ele não consegue ver muito bem ao longe.

**Auxiliar** – Olha para ele e fala com ele.

**Educadora Cooperante** – L. olha para o G.E. se faz favor.

**L.** – Não [choramingar]

**Auxiliar** – G.E. diz-lhe lá o que é que tu não gostaste.

**G.E.-** Eu não gostei . . .

**Auxiliar** – Olha para ele . . .

**G.E.** – Eu não gostei que tu atirasses a panela para mim.

**Auxiliar** – Como é que ficou o teu braço? Diz-lhe.

**G.E.** – Vermelho.

**Auxiliar** – E doeu muito ou não?

[G.E. abana com a cabeça que sim]

**Educadora Cooperante** – L. é com o G.E. podes dizer . . . o que é que tens a dizer ao G.E.?

**L.** – Eu não fiz isso a ele. Eu vou dizer ao meu pai.

**Educadora Cooperante** – Ele pode dizer ao teu pai que tu lhe bateste e depois é em tua casa que os teus pais se vão zangar muito contigo.

**L.** – Não! O pai e a mãe vão bater em vocês.

**Educadora Cooperante** – Não, olha aqui ninguém bate em ninguém. Nem tu bates em ninguém nem os pais batem em ninguém.

**L.** – É vão bater com o martelo [continua a chorar].

**Educadora Cooperante** – Olha secalhar vamos filmar isso que tu estás a dizer e vamos mostrar ao teu pai e à tua mãe.

**L.** – Mas ele não vai querer brincar comigo.

**Educadora Cooperante** – Ele não vai querer brincar contigo.

**Auxiliar** – Mas é que ninguém vai querer brincar contigo.

**L.** – Mas ele vai bater-me.

**Auxiliar** – Não, pois mas olha se ninguém quiser brincar contigo não vais poder ir ao recreio brincar com os triciclos porque os triciclos é para dois, e como ninguém quer brincar contigo não vais poder andar. Não podes andar no baloiço porque o baloiço é para dois se ninguém quiser brincar contigo tu não podes brincar. O que é que tu tens que dizer ao G.E.?

L. - [a soluçar] desculpa . . .

**Educadora Cooperante** – Ah . . . em vez de estares a dizer essas coisas . . .

L. – Ele fica na sala.

**Auxiliar** – Não ele não fica na sala, tu é que se não conseguires estar no recreio é que não vais.

L. – Vocês zangaram comigo.

**Auxiliar** - Ah pois zangámos.

**Educadora Cooperante** – Olha pois então tu bates nos outros e achas . . . olha nós também estamos zangados . . . Olha estamos todos muito zangados com o Gu.R. por isso é que ele não está no Conselho, porque ele te bateu. E agora também ficamos zangados contigo porque tu não podes bater.

L. – Mas vocês assustaram-me [começa a chorar outra vez].

**Auxiliar** – Não, ninguém te assustou.

**Educadora Cooperante** – Ninguém te assustou, escusas de dizer que te estão a assustar.

**Auxiliar** – Olha mas quem vai contar à tua mãe hoje sou eu. Hoje sou eu que vou falar com a tua mãe. Vou dizer assim . . . olhe ele leva isto na cabeça porque o L. às vezes também não trata bem os amigos dele e depois os amigos dele também não o tratam bem a ele.

[O L. continua a chorar]

**Educadora Cooperante** – Olha L. a única pessoa . . . vais respirar fundo . . . a única pessoa que te vai pedir desculpa aqui é o Gu.R. porque te bateu mais ninguém te vai pedir desculpa. E não voltas a dizer . . . e não voltas a dizer que os teus pais vão bater em alguém que seja aqui na escola senão quem se vai zangar mesmo a sério contigo são os adultos desta escola estamos entendidos ou não? Não voltas a dizer isso. . . e ninguém te assustou aqui tu é que assustas as pessoas quando estás a bater às pessoas portanto podes mesmo parar com isso. Respira fundo . . .

**L.** – Então vocês tem que dizer desculpa.

**Educadora Cooperante** – Quem te vai pedir desculpa é o Gu.R. mas ele agora não está neste Conselho.

**L.** – Então eu . . .

**Auxiliar** - Mas tu é que tens que pedir desculpa ao G.E. foste tu que lhe bateste com a panela.

**L.** – Então vai sair o [começa a falar dos dinossauros] e eles vão comer.

**Auxiliar** – Vão-te comer?

**L.** – É . . . vão comer vocês à dentada.

**Auxiliar** – Pronto está bem mas agora tens que resolver o teu problema que tu bateste com a panela no G.E. e ele não gostou, ficou a chorar muito, como tu hoje não gostaste que o Gu. R. te tivesse magoado com o carro por isso tu tens uma coisa para resolver com o G.E. podes-lhe pedir desculpa porque senão ele não vai querer brincar contigo.

**L.** – Desculpa.

**Auxiliar** – Tens que olhar para ele e dar-lhe um abraço.

**Educadora Cooperante** – Tu não gostas de brincar com o G.E.?

[O L. expressa uma frase mas ninguém percebe o que ele disse porque está a chorar]

**Auxiliar** – Ah . . . Não lhe queres dar um abraço? Tudo bem, mas tens que lhe pedir desculpa e não podes voltar a fazer. E tens que pedir desculpa a olhar para os olhos dele que é para entrar no coração.

[O L. começa a falar dos animais que tem na casa da avó]

**Educadora Cooperante** – Não estamos a falar dos animais. Pede lá desculpa ao G.E.

**L.** – Desculpa.

**Educadora Cooperante** – Pronto! Tu gostas de brincar com o G.E. não gostas?

**L.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então . . . Espera faz assim [e respira fundo para que o L. se possa acalmar] É que nós assim não percebemos o que estás a dizer. Já pediste desculpa ao G.E. não já?

**L.** – Já.

**Educadora Cooperante** – Pronto. G.E. . . .

**G.E.** – Ele não cuidou e foi-se embora.

**Auxiliar** – Essa é a parte que ficaste mais triste não foi G.E.? As pessoas continuam a não cuidar.

**A.M.** – Nós estávamos a brincar na cozinha e o L. pediu-me para brincar e eu disse que não porque a brincadeira já estava cheia.

**Auxiliar** – E foi por isso que ele bateu no G.E.?

[O A.M. abana com a cabeça que sim]

**Auxiliar** – Não pode, se te estão a dizer que agora já não pode ser tu não tens o direito de bater em ninguém. Às vezes o que nos dói mais é no coração não é G.E.? Ainda é o não cuidar quando nos magoam, não é querido? Ficaste magoado ficaste vermelho mas depois ficaste ainda mais triste porque não cuidaram, o L. não cuidou de ti foi isso querido?

**Educadora Cooperante** - Foi G.E.?

**G.E.** – Sim.

**S.** – Ri.C.

**Ri.C.** – Eu não gostei que o G.R. pusesse o pão perto do meu olho.

**Educadora Cooperante** – Pusesse o quê perto do teu olho?

**S.** – O pão. Eu lembro-me desse dia . . . um dia quando eu estava na mesa do Gu.R. ele pôs o pão ao pé dos óculos do Ri.C. assim [demonstra] e ele não queria.

**Educadora Cooperante** – Olha Gu.R. podes-te vir sentar aqui para falares com o Ri.C.

**A.M.** – Tem um lugar ali ao pé do M.C. e um lugar ao pé de mim.

**Educadora Cooperante** – Gu.R. podes-te levantar!

**S.** – Ele nesse dia também levantou a cadeira.

**Educadora Cooperante** – Podes-te vir sentar.

**A.M.** – Tem um lugar ao pé da Jéssica.

**Auxiliar** – Oh A.M.

**Educadora Cooperante** – E depois vais-te sentar outra vez porque nós não queremos que tu faças parte do nosso grupo assim. Podes vir aqui porque tens uma coisa para resolver com o Ri.C.

[o Gu.R. levanta-se e senta-se numa cadeira]

**Educadora Cooperante** – O que é que tens a dizer ao Ri.C.? Ouviste o que ele disse?

**Gu.R.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – O que é que ele disse?

[Gu.R. não responde]

**Educadora Cooperante** – O que é que tu fizeste ao Ri.C.?

**Gu.R.** – Não sei.

**Educadora Cooperante** – Então ouve o que ele te vai dizer. Ri.C. repete lá ao Gu.R.

**Auxiliar** – Mas olha para o Gu.R.

**Educadora Cooperante** – Olha para o Ri.C. ele está aqui.

**Ri.C.** – Eu não gostei . . .

**Educadora Cooperante** – [dirige-se ao Gu.R. que está a fingir que tem uns óculos utilizando as mãos] Olha podes parar de fazer isso se não vou-te buscar uns óculos.

**Ri.C.** - Eu não gostei que o G.R. pusesse o pão perto do meu olho.

**Educadora Cooperante** – Então o que é que tens a dizer sobre isso?

**Gu.R.** – Desculpa.

**Educadora Cooperante** – Olha para o Ri.C. e pede-lhe desculpa então.

**Gu.R.** – [olha para o amigo] desculpa.

**Educadora Cooperante** – Desculpas Ri.C.?

**Ri.C.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – É para avançar.

**S.** – A.P.

**A.P.** – Eu não gostei que o T. me passasse à frente quando íamos lavar as mãos.

**Auxiliar** – E tu eras a responsável do dia?

**A.P.** – Não.

**Auxiliar** – Estavas na fila à espera amor?

**A.P.** – Era o Gu.R.

**Educadora Cooperante** – É contigo. Não és o T.?! [a criança abana com a cabeça que sim] Ah tu és o T. eu sou a E.

**T.** – Desculpa.

**Educadora Cooperante** – A.P. aceitas as desculpas?

[A.P. afirma que sim]

**Auxiliar** – Ela diz que aceita as desculpas.

**S.** – A.M.

**A.M.** – Eu não gostei que o Ga.R. na casa de banho . . .

**Educadora Cooperante** – Não olhes para mim, olha para os responsáveis.

**Auxiliar** – Ou para a própria pessoa.

**A.M.** – [olha para o Ga.R.] Eu não gostei que tu me chamasses na casa de banho que eu fazia xixi e cocó nas cuecas.

**Auxiliar** – Não tivemos já esse problema?

**Educadora Cooperante** – Não foi com as mesmas pessoas.

**A.A.** – Mas já falámos disso.

**Educadora Cooperante** – Então reforça aqui ao Ga.R. que ele se calhar não percebeu bem.

**A.M.** – No outro foi com o T., o V. e com o S. e outra agora é com o Ga.R.

**Educadora Cooperante** – Mas o A.A. está a dizer uma coisa . . .

**A.A.** – Ga.R. porque é que tu chamaste isso se nós já tínhamos conversado num Conselho que não se podia chamar esse nome e tu estavas nesse conselho . . .

**A.P.** – Eu acho que não se pode chamar isso às outras pessoas.

**Educadora Cooperante** – Eu também concordo, não devem chamar isso às outras pessoas. E o que é que o Ga.R. tem a dizer então? É que já tínhamos falado sobre isso.

**Ga.R.** – Não vou voltar a fazer.

**Educadora Cooperante** – Olha mas nós não podemos estar sempre a dizer não vou voltar a fazer e depois fazemos . . . porque nós já tínhamos combinado que não andávamos a falar essas coisas de cocós e xixis para as outras pessoas, ou tu és um cocó?!

**Ga.R.** – Não.

**Educadora Cooperante** – És um xixi?

**Ga.R.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então não estou a perceber porque é que estavas a dizer essas coisas aos outros. Gostas que te chamem e te digam a ti?

**Ga.R.** – Não.

**A.M.** – Eu não gostei e fui escrever no diário.

**Educadora Cooperante** – Fizeste bem. Então Ga.R. acho que agora tens qualquer coisa para resolver com o A.M.

[Ga.R. não diz nada e a Educadora Cooperante reforça]

**Educadora Cooperante** – Ga.R. fala com o A.M.

**Ga.R.** – Desculpa A.M.

**S.** – Eu nunca pensei que o Ga.R. fizesse isso porque ele é tão simpático.

**Educadora Cooperante** – Está resolvido?

**A.A.** – Ainda não.

**Educadora Cooperante** – Eu acho que sim, A.M. o que é que ele te disse? Tu disseste que aceitavas não disseste?

[A.M. abana com a cabeça que sim]

**Educadora Cooperante** – Então pronto está resolvido. Mas vocês [presidente e responsável do dia] tem que dizer ao grupo se está resolvido ou não está porque senão nós ficamos aqui a olhar todos uns para os outros sem saber.

**S.** – Está resolvido?

**Auxiliar** – Está resolvido. Quem é que falta?

**Educadora Cooperante** – No não gostámos.

**Auxiliar** – Não há mais ninguém que tenha coisas?

**S.** – Não.

**Auxiliar** – Tem só a E.

**S.** – E.

**Educadora Cooperante** – Eu tenho uma coisa só que por acaso falta aqui a D. e a J.

**Auxiliar** – São as pessoas que mais vezes vão . . .

**Educadora Cooperante** – Eu tenho aqui uma situação sobre a área da casinha e . . . mas elas não estão cá, como é que eu posso fazer para resolver este assunto?

**A.A.** – Podes porque há mais pessoas que estão aí escritas e eu acho que estão neste Conselho.

**Educadora Cooperante** – São . . . está a M.S. e está a M.N.

**Auxiliar** – Sim e também estão outras pessoas que também vão para lá e não arrumam mas era muito importante que a J. e a D. estivessem presentes.

**Educadora Cooperante** – Eu tenho aqui escrito que não ando a gostar da D., a M.N., a J. e a M.S.

**Auxiliar** – Mas ontem tivemos o mesmo problema . . .

**Educadora Cooperante** – Não consigam arrumar . . .

**Auxiliar** – E não eram elas. Ontem era o A.N., era o Ga.R.

**A.M.** – Não o Gu.R.

**Auxiliar** – O Gu.R. e o G.N.

**Educadora Cooperante** – Que não consigam arrumar a casinha quando pedimos mas é mas a J. e a D. não estão cá e precisam de ouvir, como é que podemos resolver isto?

**A.A.** – Só se tu lhe disseres no próximo Conselho?!

**Educadora Cooperante** – Então posso passar isto para o próximo Conselho?

[grande parte do grupo responde que sim]

**A.A.** – Eu acho que é boa ideia.

**Educadora Cooperante** – Podemos passar isto para o próximo Conselho?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Vou escrever então aqui para não me esquecer, vou escrever E. Mas sendo que a D. está a demorar tanto tempo a chegar não sei como é que vamos fazer.

**Auxiliar** – Mas se no próximo conselho tiver cá a J. falamos.

**Educadora Cooperante** – Mais alguém? Mais ninguém tem nada?

**S.** – Não.

[pausa para passarmos para a coluna do Gostámos]

**S.** – E.

**Educadora Cooperante** – Eu gostei quando fizemos . . . aquela brincadeira aquele jogo de matemática dos cuquedinhos fiquei muito surpreendida com uma pessoa . . . fiquei muito surpreendida com a A.P. porque a A.P. quando começou já estava cá o ano passado não é A.P.? e quando chegámos assim ao fim do ano tu estavas a ficar muito crescida e quando começámos outra vez em setembro nesta sala e com este grupo de repente a E. e a S. ficaram um bocadinho baralhadas porque parecia que tu afinal não tinhas crescido e até andávamos a ficar um bocadinho tristes contigo e até escrevemos algumas coisas no Conselho . . . no diário lembras-te? Mas eu acho que tu foste percebendo que afinal és mesmo crescida e que sabes fazer coisas diferentes e coisas de pessoas crescidas e tens mostrado que estás mais com mais atenção, participas mais nas coisas da escola e da sala e ajudas mais o grupo. E nos cuquedinhos fiquei mesmo muito muito orgulhosa por . . . estiveste muito atenta a fazer as contagens e fizeste o registo num instante . . . concentraste-te, sentaste-te, tiveste concentrada fizeste bem e rápido e eu acho que mereces um aplauso.

[Todos batemos palmas à A.P.]

**Educadora Cooperante** – Continua assim, bom trabalho! A M.S. tem qualquer coisa no gostámos?

**M.S.** – Hmm sim!

**S.** – M.S.

**M.S.** – O que é que estava escrito?

**Educadora Cooperante** – Não sei querida, só vejo o teu nome.

**M.S.** – [dirige-se ao diário para ver o seu nome escrito] Eu lembro-me. Eu gostei que a A.P. me teve a ajudar neste jogo, quando vocês disseram que estava na hora de arrumar e eu não sabia arrumar, a A.P. ajudou-me.

**S.** – Fez uma casinha.

**Educadora Cooperante** – Olha . . .

**Auxiliar** – Que linda . . . oh parabéns M.S.

**Educadora Cooperante** – Parabéns M.S. por teres escrito alguma coisa no gostamos sobre alguém.

**Auxiliar** – Isso é importante ver . . . consegues perceber que a ajuda do outro foi importante, pronto a ajuda da A.P. foi importante para ti isso é muito bom quando conseguimos ver isso quer dizer estamos a ficar crescidos. Enquanto acharmos que os outros tem que fazer isso por nós mas quando conseguimos perceber e ficarmos agradecidos e gratos pela ajuda dos outros isso é muito bom é muito importante.

**Educadora Cooperante** – Obrigada M. S. por teres escrito eu acho que A.P. também já percebeu que também a sua ajuda é importante para o grupo . . . e para ti também obrigada. Podes-te sentar. Há mais pessoas com o dedo no ar por acaso eu também tenho outra coisa que queria partilhar.

**S.** – J. aii S.

**Auxiliar** – Eu não escrevi no diário mas eu queria dizer que eu gostei muito que o pai do A.M. tivesse . . .

**Educadora Cooperante** - Era isso . . .

**Auxiliar** – Tivesse vindo à nossa escola porque acho . . . eu não sei vocês gostaram?

**Grupo** – Sim!

**Auxiliar** – Foi muito divertido não foi?! A S. não pude ficar que eu tive que ir ao dentista não pude ficar e tive muita pena mas eu tinha mesmo que ir não podia . . . quando temos uma consulta marcada não podemos faltar. E eu gostei muito acho que olha acho que o pai do A.M. sabe muitas coisas sobre ciência já percebi porque é que o A.M. gosta tanto de saber de tudo porque ele deve ser como o pai dele muito curioso e gosta de aprender coisas novas e . . . pronto eu não sei se foi importante para vocês para mim foi eu gostei muito. Acho que foi bem divertido.

**A.M.** – E eu gostei da ideia que a E. disseste para o meu pai viesse aqui.

**Auxiliar** – E o teu pai o que é que disse lá em casa? Ele gostou de vir cá, não gostou? Ele comentou contigo alguma coisa?

**A.M.** – Eu quando estava no carro, buscar a fita eu conversei com o pai e daquele jogo da maneira sozinhos . . . ao meu pai e a mim.

**Auxiliar** – [ri-se] Ficaste feliz por a E. e a S. terem aplaudido, terem ficado entusiasmadas foi?

**A.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – A verdade é que nós ficamos muito felizes com as coisas que vocês também trazem para nós e esta é uma das . . . eu também tinha isso para dizer e também gostava de dizer isso o teu pai que foi mesmo importante e acho que por acaso até fui eu que disse. . . por acaso fui eu que disse para . . . mas porque tu falas tanto do teu pai que achámos que era importante e que tu ias ficar feliz com isso, e ficaste feliz não foi?! E o grupo também, eu acho que o grupo também ficou muito feliz.

**A.M.** – Eu não sabia o que é que ele ia fazer e por isso depois no Conselho decidimos. Podia vir dar a Ciência.

**Educadora Cooperante** – Podia fazer ciência.

**A.M.** – Mas eu estava a dizer que era para preparar.

**Educadora Cooperante** – E preparou coisas muito giras. Olha e sobre isso a E. já pediu as fotografias desse momento em que o teu pai veio cá e gostava só aqui de escrever muito

rápido vocês antes de avançarmos para o fizemos e o que é que vamos fazer na próxima semana e sobre aquilo que a E. teve em Conselho com os adultos.

[Ri.C. vira-se para mim e afirma que no Natal vai receber um vestido da Elsa]

**Educadora Cooperante** – Então o que é que vocês gostavam de dizer ao pai do A.M.? Primeiro o pai do A.M. veio-nos dizer o que é a Ciência, certo? Alguém se lembra?

**Auxiliar** – Olha o A.A., porque agora o responsável e o presidente estão a ver os jogos de mesa.

**Educadora Cooperante** – O grupo está aqui deste lado.

**Auxiliar** – Está o A.A. com o dedo no ar quer falar.

**S.** – A.A.

**A.A.** – É quando às vezes nós descobrimos coisas novas que não sabemos.

[Educadora Cooperante vai registando o que as crianças vão dizendo]

**A.M.** – E eu também me lembro do meu pai que o meu pai disse, a ciência quando nós deixamos cair alguma coisa é ciência.

**Educadora Cooperante** – Quando deixamos cair uma coisa é ciência. E mais, o que é que aprenderam mais? M.N. o que é que aprendeste com a visita do pai do A.M.?

**Auxiliar** – Olha o Conselho é aqui deste lado. A.M. é que quando não estamos a falar temos que ouvir os outros está bem?!

**Educadora Cooperante** – O que é que vocês aprenderam com a visita do pai do A.M.?

**Auxiliar** – Oh M.Cr. tu estavas muito surpreendida no dia que veio o pai do A.M. o que é que tu aprendeste? Tu estavas assim olha tenho um vídeo teu assim [faz a expressão] estavas espantada com o quê? Com o quê amor? M.C. dá aí a mão à M.Cr. para ela ter mais coragem.

**M.Cr.** – Eu gostei mais . . . que o pai do A.M. fizesse o balde rodar.

**Auxiliar** – Tu achaste que ia acontecer o quê à água? Quando ele disse que ia por água e depois ia rodar o que é que tu achaste que ia acontecer?

**M.Cr.** – Eu achei que a água ia cair.

**Auxiliar** – E depois?

**M.Cr.** – Não caiu.

**A.M.** – Porque foi para o lado.

**Auxiliar** – E tu percebeste porque é que não caiu?

**Educadora Cooperante** – Qual era essa força? Que é a mesma força das madeiras.

**Auxiliar** – É a da máquina de lavar roupa também.

**A.M.** – É a força da gravidade.

**Educadora Cooperante** – Não, não, essa é a de cair.

**Auxiliar** – É a da centri . . . Não sabem?

**Educadora Cooperante** – É a da centrifugação.

**Auxiliar** - E tu gostaste muito não foi M.Cr.? É esse vídeo que eu tenho que tu estás assim [faz a expressão que a criança fez no vídeo].

**Educadora Cooperante** – Eu tirei uma fotografia . . .

**Auxiliar** - E mais? O que é que aprendemos mais? E tu A.P. diz-me lá o que é que gostaste mais?

**A.P.** – Eu gostei mais daquela massa que estica.

**Auxiliar** – E o que é que acontecia a essa massa?

**A.P.** – Eu não sabia que ela puxava . . .

**Educadora Cooperante** – Dava para puxar quando a massa fazia o que? Aque . . . O pai do A.M. explicou o que é que essa massa tinha lá dentro . . . Tinha umas coisinhas . . . o que é que acontecia a essas coisinhas?

**Auxiliar** – Quando ficavam quentes?

**A.P.** – Elas faziam assim . . . [faz o gesto]

**Educadora Cooperante** – Elas ficavam como?

**M.S.** – Magras.

**Auxiliar** – Não, não ficavam magras, isso é quando estava fria.

**A.P.** – Ficavam assim . . . [abriu os braços]

**Educadora Cooperante** – Então esti. . .

**Grupo** – Esticavam.

**S.** – E quando estavam com frio faziam assim [encolheu os braços]

**A.P.** – Ficavam todas agarradinhas.

**Educadora Cooperante** – Ficavam todas agarradinhas e a massa fica quê?

**A.M.** – Dura.

**Auxiliar** – E dava para quê?

**A.P.** – Partir.

**Auxiliar** – Partir e quando está quente dá para . . .

**S.** – Esticar.

**Educadora Cooperante** – Porque as coisinhas, as partículas esticam também, separaram-se todas, não é? Não foi isso que o pai explicou?! E mais? O A.N. descobriu outra coisa.

**A.N.** – Das facas.

**Educadora Cooperante** – Das facas . . . e o que é que descobrimos com as facas?

**A.N.** – Que elas não caiam.

**Educadora Cooperante** – No jogo de facas . . .

**M.S.** – Das pontes.

**Educadora Cooperante** – Descobrimos que é assim que é assim que se fazem as pontes porquê?

**M.S.** – Porque assim os blocos não caem.

**Educadora Cooperante** – Exatamente. E a forma como nós fazemos a estrutura faz com que consiga ter muito . . . que o pai do A.M. até disse assim dá para fazermos com. . .

**M.S.** – Força!

**Educadora Cooperante** – E não cai.

**M.S.** – É magia.

**Educadora Cooperante** – E tu M.C. o que é que aprendeste?

**M.C.** – A parte do balde.

**Educadora Cooperante** – E o T.?

[T. levanta o braço]

**Educadora Cooperante** – Não é para levatares o dedo é para dizeres o que é que aprendeste ou descobriste.

**T.** – Eu aprendi . . . que as facas tinham que ficar todas direitinhas senão caíam.

**Educadora Cooperante** – Hm hm ok e o que é que tu aprendeste mais?

[T. não responde]

**A.A.** – Aquele que eu gostei mais foi o do íman. Quando nós púnhamos o íman por baixo e por cima ele mexia-se.

**Educadora Cooperante** – Metíamos o íman por baixo da mesa e por cima e ele mexia-se. E a M.N. o que é que aprendeu?

**Auxiliar** – Ela estava tao entusiasmada naquele dia, só falava, só falava . . .

**Educadora Cooperante** – ou o G.E.

**M.N.** – Gostei da massa.

**Educadora Cooperante** – Gostaste da massa? E mais, outra que tivesses gostado?

**M.N.** – Dos ímanes

**Educadora Cooperante** – E mais?

**M.N.** – Da madeira.

**Educadora Cooperante** – Olha uma pessoa que não está no nosso Conselho gostou muito de uma . . . do triangulo lembram-se dessa?

**S.** – Sim.

**A.A.** – Gu.R.

**Educadora Cooperante** – Foi o Gu.R. mas ele não está cá hoje. E a outra M.N. fizemos uma que tinha a ver com o ar.

**A.M.** – Eu já sei qual é . . .

**Educadora Cooperante** – Que aí era uma experiência química, era ciência mas era uma experiência química tinha a ver com a mistura de dois . . . de duas substâncias.

**A.M.** – Dois alimentos.

**Educadora Cooperante** – Bem sim . . . Porque o pai do A.M. explicou que há ciência que é física não é?

**A.M.** – Vinagre e . . .

**Educadora Cooperante** – Bicarbonato.

**A.M.** – Bicarbonato de sódio.

**Educadora Cooperante** – E isso fez com que essa mistura produziu o quê?

**A.M. e M.S.** – Um balão gigante.

**Educadora Cooperante** – Um balão, não foi M.N.?! Senta-te lá para trás, tu achas bem eu estar assim contigo?! Queres que eu esteja assim como tu? [M.N. abana com a cabeça

que não] então põe-te lá direitinha porque as pessoas não estão assim no Conselho nem em lado nenhum. Sente-se lá bem. Pronto não querem dizer mais nada ao pai do A.M.?!]

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então pronto vamos avançar . . . Então esta semana nós fizemos o teatro do leão e do rato, fizemos o diário . . . a ilustração do diário, registos, projeto dos crocodilos, pintura com espuma, dança na área do teatro, hora do conto que foi o *Urso caça borboletas*, caçámos os cuquedinhos e mais? Não fizemos mais nada?

**A.A.** – Jogo de ciência?!

**Educadora Cooperante** – Jogo de ciência com o pai do A.M.

**Auxiliar** – Desenhámos aonde? Desenhámos o que ontem?

**A.A.** -O desenho dos voos.

**Educadora Cooperante** – Desenhámos os voos.

**Auxiliar** – E fizemos os nossos . . .

**Educadora Cooperante** – Cuquedinhos de . . .

**Grupo** – Natal!

**A.M.** – Cuquedinho de Natal.

**Educadora Cooperante** – E sobre isso ontem estivemos a falar . . . desculpem lá agora tem tocar na mesa é um ovo podre. Quem tocar nesta mesa a partir de agora é um ovo podre portanto vocês já sabem. Percebeste A.N.?! Não podes mesmo tocar na mesa.

[A.M. encosta-se à mesa]

**Auxiliar** – Olha o A.M. . .

**Educadora Cooperante** – Ahh é o primeiro ovo podre.

**Auxiliar** – É o primeiro ovo podre, não sei se nós vamos conseguir ficar ao pé dele porque os ovos podres cheiram mal.

**Educadora Cooperante** – Não mexam na mesa porque aos estarem a mexer na mesa, as pessoas . . . vocês ao estarem assim [apoia-se na mesa] depois os outros que estão a vosso lado não estão a ver está bem? E eu também não os vejo a eles combinado?! A.M. ontem estavas a falar ou . . . falámos ontem que os cuquedinhos deviam estar numa árvore lembram-se? Foi ontem que falámos disso?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Pronto, então hoje lembrei-me que tínhamos ali um tronco com um poema que dá para nós utilizarmos . . . Que é aquele tronco que está ali. Vocês gostam daquele tronco?

**Grupo** – Sim!

**A.M.** – Era o tronco da árvore da montanha.

**Auxiliar** – Não . . .

**Educadora Cooperante** – Era a árvore da montanha também, tinha a música e tinha o poema.

**A.M.** – A minha mãe gosta muito dessa canção

**Educadora Cooperante** – Olha acham que podemos usar aquela árvore?

**A.A.** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Mas fica assim? Ou querem fazer alguma coisa naquela árvore?

**M.S.** – Queremos por bolas.

**Educadora Cooperante** – Bolas não . . . são os cuquedinhos.

**A.P.** – Também queremos por passarinhos.

**Educadora Cooperante** – Passarinhos? Não amor então se vai ser um ramo de natal . . .

**A.M.** – E folhas?

**Educadora Cooperante** – Não, se vamos transformar aquilo num ramo de Natal, não é numa árvore lá de fora.

**M.S.** – Podemos utilizar folhas para pôr naquela árvore.

**Educadora Cooperante** – Oh querida, tem que ser dos cuquedinhos.

**A.P.** – Eu já sei . . . neve.

**Educadora Cooperante** – Neve?!

**A.P.** – Neve a fingir.

**Educadora Cooperante** – Como é que se faz neve a fingir?

**M.S.** – É algodão . . . doce.

**Educadora Cooperante** – Não, depois as formigas vão para lá.

**M.S.** – Só algodão.

**A.M.** – Algodão doce é rosa.

**M.S.** – Mas algodão, algodão . . . Branco.

**A.P.** – Eu vou trazer uma coisa da casa da minha tia que parece neve mas não é.

**Educadora Cooperante** – É o quê?

**A.P.** – Aquilo vai sair em forma de espuma.

**Educadora Cooperante** – Ahh um sprayzinho daqueles de neve . . . E metíamos esse spray?

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – E depois metíamos os cuquedinhos?

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Esta bem! Eu tenho esse spray lá em casa e posso trazer combinado! Pronto então posso já escrever isso para a próxima semana?

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Fazer um o tronco de Natal com os cuquedinhos é isso?!

**Grupo** – Sim!

**A.M.** – Mas como é que seguramos aquilo?

**Educadora Cooperante** – Metemos um preguinho ali ao pé da casa de banho. Tem uma corda dá pra por. . . Então tronco de Natal com os cuquedinhos é isso?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então a E. também vos tinha dito que na próxima semana . . .

**A.A.** – Íamos fazer a monotípia.

**Educadora Cooperante** – Ah ok então vá esperem lá . . . então vamos lá ver uma coisa . . . nós tínhamos conversado esta semana daquilo que queremos fazer vamos lá ver o que é que fizemos. . . então queríamos fazer o jogo de ciência, deixa lá ver aqui a avaliação. . . G.E. anda lá aqui ver o que é que nos faltou fazer.

[G.E. levanta-se e vai para ao pé da Educadora Cooperante]

**Educadora Cooperante** – Então jogo da ciência com o pai do A.M. fizemos não foi?!

**G.E.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então faz lá aqui uma bolinha pequenina esta bem?! Uma coisinha pequenina. Matemática com a história *O Cuquedo* fizemos não fizemos?!

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** - Então bolinha . . . mais rápido vá. O desenho dos voos fizemos.

[G.E. faz uma bolinha à frente desta atividade]

**Educadora Cooperante** – Teatro de atores do conto tradicional, M.Cr. fizeste não fizeste?

**M.Cr.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Jogo de experiências G.N. E Ric.C.?

**G.N.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Teatro de atores Ra. C. e A.N., olha A.N. vamos ter que tirar este este teatro sabes porquê? Porque o Ra.C está com varicela não é o meu amor?! Portanto ele não vem esta bem?!

**A.A.** – Varicela?

**Educadora Cooperante** – Então conto *A que sabe um beijinho* que por acaso não é a que sabe um beijinho era do A.A. não fizeste pois não?

**A.A.** – Não.

**Educadora Cooperante** – História da nossa escola era o A.M. que queria fazer fizeste?!

**A.M.** – Não.

**Educadora Cooperante** – E o A.A. tem aqui o seu nome . . . então vá há aqui três coisas que não fizemos: o jogo de experiências do G.N. e do Ri.C., o conto *Beijinhos beijinhos* que era com a monotípia e a história da nossa escola não é?! Que era o A.M. Depois o A.A. tem aqui o seu nome que queria propor alguma coisa para fazer.

**A.A.** – Eu queria propor fazer uma dança.

**Educadora Cooperante** – Ok olha A.A. e é muito bom querereres propor mas se calhar vamos ter que escolher aqui o que é que tu vais fazer . . . se queres mesmo avançar para monotípia daquela história ou se podemos fazer uma monotípia de outra história seja da Hora do Conto por exemplo que faça mais sentido a todo o grupo.

**Auxiliar** – Ser importante para todos.

**Educadora Cooperante** – Porque aquela história é gira mas é tua e é só é só que diz que é mais distintiva do que isso se calhar se fosse uma história da hora do conto de todos e tu irias participar na mesma e fazias na mesma a monotípia serias. . . fazias seria responsável por essa atividade na mesma.

**A.A.** – Então vou ter que levar essa história e trazer outra?!

**Educadora Cooperante** – Não . . . Posso trazer uma história para a hora do conto e ser essa que vamos fazer a monotípia e ficas tu o responsável pela monotípia e reconto da história.

A.A. – Está bem.

**Educadora Cooperante** – Aceitas o desafio?

A.A. – Sim!

**Educadora Cooperante** – Se quiseres depois mostrar a tarde da história aos amigos podes mostrar a história aos amigos está bem?! Dos *Beijinhos beijinhos* pode ser?

A.A. – Sim.

**Educadora Cooperante** – E A.M. vais avançar com a história da escola ou não avançamos?

A.M. – Não avançamos.

**Educadora Cooperante** – Não avançamos ok. O jogo da experiências é para continuar a escrever na próxima semana ou não avançamos?

G.N.- Não avanço.

**Educadora Cooperante** – Mas não queres fazer?

G.N. – Quero.

**Educadora Cooperante** – Então porque é que estas a dizer que não avanças?! [ri-se]  
Então vou escrever . . .

M.S. – Eu queria . . .

**Educadora Cooperante** – Agora as propostas é dedo no ar está bem? É assim que nós fazemos propostas no Conselho, é levantamos o dedo e esperamos pela nossa vez está bem M.S.?! Ainda bem que estás a fazer muito bem essa parte. Então experiências que era o Ri.C. e o G.N . . . monotípias da hora do conto, é A.A.?

**A.A.** – Mas como é que nós vamos fazer a monotípia e depois como é que fazemos com a monotípia já feita a hora do conto?

**Educadora Cooperante** – É ao contrário, primeiro fazemos a hora do conto e depois trabalhamos a monotípia e o reconto da história está bem?

**A.A.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E o que é que eu pensei que tínhamos aqui para escrever também?! Ahh e a dança. Dança do que? Queres fazer dança é isso?

**A.A.** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Baixem só os dedos um bocadinho . . . então antes de fazerem as vossas propostas tenho 2 coisas para voz dizer . . . então a E. já foi falar com os adultos, com aqueles adultos que lembram-se? Íamos combinar o que é que íamos fazer pronto . . . eu levei as vossas ideias e todas as pessoas gostaram da ideia do piquenique quer dizer que amanhã a nossa escola faz anos mas é fim de semana quer dizer que vai passar o sábado e o domingo e o próximo dia que estamos juntos é segunda não é?! Então na segunda vamos festejar os anos da nossa escola e vamos todos juntos lá em cima no campo de futebol do primeiro ciclo fazer . . .

[Crianças começam a celebrar o facto de irem ao 1º Ciclo]

**Educadora Cooperante** - Mas olha . . . não nos podemos misturar com o primeiro ciclo vamos . . . cada um vai estar no seu espaço está bem? Vamos fazer um piquenique e cantar todos juntos os parabéns à nossa escola está bem? Pronto é isso que vamos fazer na segunda-feira mas também vamos fazer uma instalação vocês sabem o que é uma instalação?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então vamos fazer uma espécie de uma escultura grande [crianças ficam boquiabertas] e essas esculturas vão ser feitas com objetos e esses objetos são vossos . . . Hoje cada um de vocês vai levar para casa um recado para os pais que diz

que têm que procurar ou que pensar durante o fim de semana num objeto, de uma coisa que vocês acham que é importante para vocês e que representa a nossa escola.

**A.A.** – A minha mana já tinha falado disso com a minha mãe.

**Educadora Cooperante** – É para deixarem de brincar com as coisas, estamos aqui no Conselho.

**A.P.** – O que é representar?

**Educadora Cooperante** - Representar é que . . . para vocês o que vos lembra a escola. Por exemplo, vocês todos gostam da nossa escola, estamos sempre a dizer que é importante brincar e para vocês gostam de brincar muito muito com uma peça de lego, com legos. Se poderem trazer um objeto . . . se puderem trazer um lego para o A.M. por exemplo pode ser um objeto que mostre aquilo que é a nossa escola, ou que seja importante para a nossa escola. Por exemplo outro objeto pode ser . . .

**Auxiliar** – O A.A. adora fazer teatros, para o A.A. se calhar pode trazer alguma coisa que o faça lembrar o teatro.

**Educadora Cooperante** – Ou alguém aqui alguém acha que o importante nesta escola é fazer a escolha pode trazer qualquer coisa que lhe lembre ou qualquer coisa que lembre uma sala que gosta muito, por exemplo, a sala das Expressões pode ser um pincel. Têm que trazer um objeto e esse objeto depois os adultos vão criar uma escultura muito grande com todos esses objetos e essa escultura vai ter um número, sabem qual é o número?

**Grupo** – Não!

**Educadora Cooperante** – É o número 30, sabem porque é que é o 30?

**Grupo** – Não.

**A.A.** – Porque faz trinta anos.

**Educadora Cooperante** – Trinta anos, então vai ter o número 30 muito grande com os vossos objetos ok?! E vai ser aqueles ficheiros do . . . os ficheiros de arte estão aonde?!  
[Educadora Cooperante dirige-se à área da biblioteca para ir buscar esses ficheiros]

**A.A.** – Eu vou trazer um livro.

**Educadora Cooperante** – Mas tinha de Bordalo, tu não tinhas feito? [para a auxiliar]

**Auxiliar** – Sim.

**M.S.** – Eu vou trazer uma Barbie.

**Ri.C.** – Eu vou trazer uma boneca do Frozen.

[crianças vão conversando entre si enquanto a Educadora Cooperante e a auxiliar procuram os ficheiros]

**Educadora Cooperante** – Olha por exemplo esta aqui . . . é para vocês verem o que é que podemos fazer. Esta artista chama-se Joana Vasconcelos, é portuguesa é muito importante vocês conhecerem esta artista. É a Joana Vasconcelos e ela tem várias culturas feitas com alguns materiais por exemplo vou passar isto para vocês verem . . . estes sapatos aqui sabem o que é que é feito?

**A.N.** – Pedra.

**Educadora Cooperante** – Não, panelas. Ela por acaso esta imagem não dá para ver muito bem mas são panelas. Por exemplo, esta máscara que aqui está são espelhos . . . aliás a escultura chama-se Sou o Teu Espelho e a nossa escultura, a nossa instalação vai-se chamar Pedacos de Nós quer dizer que vamos ter um bocadinho de nós ali um objeto. Vamos passar para todos verem mas por acaso a inspiração não é bem a Joana Vasconcelos mas pode ser a Joana Vasconcelos é outro artista que eu vou-vos mostrar aqui no meu telemóvel que se chama . . .

[crianças vão passando o ficheiro com as imagens das esculturas da artista]

**Educadora Cooperante** – É para verem as esculturas que ela faz, para perceberem como se pode fazer uma escultura com materiais diferentes. Vou-vos mostrar outra pessoa, outro artista que faz também umas coisas assim do género, não é nada a ver desculpem . . . mas que também é mais ou menos a ideia e este artista é . . . chama-se Bordalo II lembraste?! Já falámos sobre o Bordalo. O Bordalo II é um artista da arte de rua podes passar e que também faz com vários objetos por acaso ele faz com lixo e nós não vamos

usar lixo vamos usar objetos nossos portanto é uma mistura entre a Joana Vasconcelos e o Bordalo II que são dois artistas muito importantes, secalhar era importante nós falámos deles na escola.

[Educadora Cooperante passa o seu telemóvel a uma criança para verem as esculturas do Bordalo II, quando a criança vir passa ao amigo do lado]

**Educadora Cooperante** – Não podem mexer, é só passar.

**Auxiliar** – Olha vou passar a da raposa que também é gira. Ele tem muitas obras têm que pedir à vossa mãe para ir ao Instagram do Bordalo II e vocês vêm as obras. Só panelas, panelas, panelas.

**Educadora Cooperante** – É aí são brinquedos, mas nós vamos misturar os dois artistas: a Joana Vasconcelos e o Bordalo II porque . . .

[crianças começam a conversar entre si sobre as imagens que estão a ver]

**Educadora Cooperante** – Mas o Bordalo II é verdade . . . são brinquedos velhos. O Bordalo II utiliza muito lixo ele é . . . uma pessoa que procura muito falar sobre poluição no nosso país e no Mundo e ele utiliza lixo ou coisas velhas que possam ter uma nova vida.

**Auxiliar** – Ele tem aí uma muito interessante que é um carro que ele viu no meio da natureza e era um sítio que se chama Madeira . . . Açores e ele viu nos Açores e ele viu este carro no meio da natureza e achou muito feio no meio da ilha e decidiu fazer uma instalação com o lixo que ele apanhou lá . . . Porque ele não gosta de ver coisas feias e então tenta transformar em coisas bonitas. Aproveita o lixo e olha ele é muito conhecido em todo o Mundo, há obras do Bordalo II por todo o Mundo.

**Educadora Cooperante** – Assim como a Joana Vasconcelos.

**Auxiliar** – É verdade.

**Educadora Cooperante** – É muito importante que vocês conhecerem estes dois artistas. São muito importantes para o nosso país.

**A.A.** – Porque é que eles usam brinquedos velhos?

**Educadora Cooperante** – Olha dois ovos podres . . .

**Auxiliar** – Dois não, três porque o A.M. ainda não parou.

**Educadora Cooperante** – Oh A.N. chega-te lá para trás.

**Auxiliar** – Eles são muito importantes porque eles são portugueses e depois são reconhecidos noutra país como pessoas que pensam no nosso planeta, pensam em coisas diferentes, não fazem imagina nós antigamente só víamos esculturas em pedras e agora não . . .

**Educadora Cooperante** – Agora com vários materiais dá para fazer esculturas ou instalações.

**A.A.** – Se eles são portugueses e pensam no planeta porque é que um deles usa lixo?

**Educadora Cooperante** – Exatamente por isso, porque ele apanha lixo olha ele fez na praia de Carcavelos fez um planeta gigante do mundo com o lixo todo que apanhou na praia.

**Auxiliar** – É preciso é que as pessoas ajudem a limpar a praia.

**Educadora Cooperante** – Portanto teve a ajudar o planeta e com esse lixo fez uma coisa bonita fez uma obra de arte por isso é que ele pensa no nosso planeta.

**A.M.** – Mas como é que ele conseguiu subir se não tinha nenhuma escada?

**Educadora Cooperante** – Subir para onde? Estamos a falar do quê?

**A.M.** – Conseguiu fazer um planeta tão grande?

**Educadora Cooperante** – Mas tu viste o planeta?

**Auxiliar** – Tu foste lá ver à praia?

**A.M.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Ah então não sei porque é que estás a falar em escadas.

**A.M.** – Foste tu que disseste.

**Educadora Cooperante** – Não, eu disse que ele fez um planeta.

**A.P.** – Eu sei como é que foi, eu não vi mas eu sei como foi . . . subiu uma escada.

**Educadora Cooperante** – Ah viste como é que ele fez?

**Auxiliar** – Olha vocês já foram ao Parque das Nações?

[uma das crianças do grupo menciona que já foi andar no teleférico]

**A.A.** – Eu nunca andei de teleférico.

**Educadora Cooperante** – Posso escrever aqui que vamos trazer objetos . . .

**Auxiliar** – Espera agora as pessoas vão-se acalmar outra vez.

**Educadora Cooperante** – Posso escrever aqui que vamos trazer objetos para fazer uma instalação na nossa escola?

**Grupo** – Sim!

**Auxiliar** – Mas podemos trazer os objetos que quisermos ou é um objeto importante? E que nos faça lembrar a escola combinado?!

**A.A.** – Eu já pensei o que é que vou trazer.

**Auxiliar** – Já pensaste? Tens que falar com a tua mãe a perguntar se podes trazer, temos que trazer com autorização das mães.

**Educadora Cooperante** – Pronto então é isso vamos levar para casa hoje . . . olha desculpa L. vamos levar essa informação a dizer que é para trazer um objeto, vamos levar um papelinho que vai dizer que vai ter um vídeo sobre a nossa escola para vocês verem também em casa.

**A.M.** – Cada um é diferente?

**Educadora Cooperante** – Não, o vídeo é igual para todos. Com um vídeo sobre a escola, da nossa escola, do nosso Jardim de infância para vocês verem com os pais e vocês sabem o que é que vai acontecer amanhã no dia da escola?!

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Descobri ontem que na Quinta do Pisão em Cascais vai haver um trilho do Cuquedo.

[Grupo fica entusiasmado]

**Educadora Cooperante** – Portanto vocês peçam aos vossos pais para ir lá à Quinta do Pisão de Cascais para fazer esse trilho do Cuquedo boa?

**Grupo** – Sim!

**Auxiliar** – Têm que pedir aos vossos pais boa?!

**A.A.** – Vamos com vocês?!

**Auxiliar** – É sábado amor, nós não podemos ir, senão nós íamos.

**Educadora Cooperante** – Olha e eu não devo estar cá mas se eu vier cedo porque eu vou para a Costa, se eu vier cedo e ainda vou lá pode ser que encontre alguns de vocês lá na Quinta do Pisão.

**M.S.** – Eu vou muitas vezes por isso eu . . .

**Educadora Cooperante** – Então tens que ir ao Cuquedo.

**M.S.** – Eu vou pedir à minha mãe para ir.

**Educadora Cooperante** – Então agora vamos ouvir as ideias dos outros.

**Auxiliar** – Os responsáveis vão dar a palavra a quem tem ideias para a semana. Oh A.M. para com essa cadeira por favor!

**S.** – Eu para a semana queria fazer um teatro da Vaiana.

**Educadora Cooperante** – Oh querida nós já falamos sobre os teatros sobre as histórias da Disney não conversamos sobre isso?! O que é que nós conversamos sobre a história do Rei Leão, da Vaiana e histórias de desenhos animados?

**A.A.** – Que não podemos fazer.

**Educadora Cooperante** – Nem teatros nem contar essas histórias na Hora do Conto e porquê?

**A.A.** – Porque toda a gente já conhece.

**A.M.** – Só podemos ver em filmes.

**Educadora Cooperante** – Então é melhor darmos a vez a outra pessoa.

**Auxiliar** – Quem é que estava com o dedo no ar!? Era a M.N.

**S.** – M.N.

[M.N. começa a falar muito baixinho]

**Educadora Cooperante** – M.N. respira fundo [fazem as respirações da montanha]  
Querias fazer o que?

**M.N.** – Uma dança.

**Educadora Cooperante** – Ok, era uma dança de que?

[criança não responde]

**Educadora Cooperante** – Queres pensar depois no dia? [M.N. abana com a cabeça que sim]

**M.S.** – É bailarinas.

**Auxiliar** – Não, bailarinas já foi.

**Educadora Cooperante** – Não se esqueçam que nós a próxima semana não se esqueçam não . . . vou-vos dizer que na próxima semana começa o mês de dezembro, começamos o dia 1 de dezembro, começa a contagem para o Natal e no dia 1 de dezembro estamos em casa é feriado quer dizer que a próxima semana só temos 4 dias

**Auxiliar** – Nem me lembrava disso . . . ai obrigado, estou mais feliz.

**A.A.** – Não temos o dia da Educação Física.

**Educadora Cooperante** – Olha pois é . . .

**Educadora Cooperante** – É só mais a M.S.

**M.S.** – Eu para a semana queria trazer o meu livro *De que cor é um beijinho*.

**Educadora Cooperante** – Ah está bem. *De que cor é um beijinho* podes trazer, essa podes sim. Mas é para que?

**M.S.** – É para fazer Hora do Conto.

**Auxiliar** – [para a Educadora Cooperante] este ano estás, mas também o ano passado era outro nível, este ano é este nível. No ano passado era outro nível projetos que nunca mais acabavam, este ano é Hora do Conto, tu estás frustrada porque querias trazer os livros que tens lá em casa.

**Educadora Cooperante** – Pode ser sim, assim até calha bem com o A.A. porque ele queria tanto fazer uma coisa dos beijinhos e fica então a monotopia dos beijinhos.

**A.A.** – E. posso ir fazer xixi é que eu estou cheio de vontade?

**Educadora Cooperante** – Espera aí, vamos só terminar o Conselho.

**M.S.** – *De que cor é um beijinho*, foi a minha mãe que comprou.

**Educadora Cooperante** – Então G.E. achas que podemos terminar o Conselho? Ou têm mais alguma coisa?

**G.E.** – Não.

**Auxiliar** – Só temos a comunicação da M.S..

**Educadora Cooperante** – Isso é para a tarde. Então podemos terminar o Conselho antes que o A.A. tenha ali um problema nas suas calças?!

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Como é que queres terminar o Conselho? [dirige-se ao G.E.]

[G.E. faz o gesto das tesouras com a mão]

**Auxiliar** – Assim, corta o Conselho.

**Educadora Cooperante** – Está fechado o Conselho.

### **Conselho 10/12/2021**

[O A.M. é o responsável do dia e escolheu o T. para ser o presidente e o ajudar no Conselho]

**Educadora Cooperante** – Enão retomando desde a Ata nº1 já aplaudíamos a A.P. No Conselho passado aplaudimos a A.P. não foi?

**Auxiliar** – Foi.

**Educadora Cooperante** – Porque estás com mais atenção, estás a aprender, consegues respeitar mais os outros, ajudar os outros.

**M.S.** – O Gu.R. não está a cumprir a Ata que tu escreveste.

**Educadora Cooperante** – Pois mas o Gu.R. não está aqui, pois o Gu.R. também tem aqui qualquer coisa escrita, que nós escrevemos. Olha Gu.R. estás a fazer um bocadinho de confusão à M.S. e nós não queremos que isso aconteça vais conseguir estar com calma?!

**Gu.R.** – Vou.

**Educadora Cooperante** – Já aplaudimos a M.S. também já percebemos que a M.S. já consegue estar com calma, com atenção, respeitar os outros, ajudar os outros. . . pronto falta só a S. Daqui deste grupo era a S., a A.P. e a M.S., só faltas tu S. vamos esperar que. . . tu consigas também um aplauso e percebermos que tu estás a conseguir estar com atenção e a respeitar o grupo está bem?

[S. abana com a cabeça que sim]

**Educadora Cooperante** – Mais alguma coisa? Mais alguém tem o nome escrito no gostámos?

[A.M. levanta o braço]

**Educadora Cooperante** – És tu próprio A.M.

**A.M.** – Eu gostei de fazer a pintura do arco-íris na sala das Expressões.

**Auxiliar** – Deste a palavra ao Gu.R.? É que ele está sempre a interromper.

**Educadora Cooperante** – Então pronto T. e A.M. do gostámos já está tudo, temos agora no não gostamos portanto quem tem coisas no não gostamos levanta o dedo que queira resolver.

**A.P.** – Eu tenho.

**Educadora Cooperante** – T. tens aqui estas pessoas com o dedo no ar que têm coisas para resolver.

**T.** – S.

**A.M.** – Eu também tenho.

**Auxiliar** – Então eu não tenho gostado e isso foi na semana passada foi mesmo muito mau, as pessoas não . . . foi horrível mesmo sabes porquê? porque eu estou ali de frente e vejo aqui os jogos e é uma confusão. Os jogos estão sempre mal-arrumados, olha vou já mostrar . . . estão a ver este jogo aberto?! É que este jogo já lhe faltam peças sabem porquê? Porque os jogos não ficam bem arrumados. Temos sempre tudo espalhado, há legos sempre debaixo das mesas. Este armário costuma estar sempre todo desarrumado, as pessoas não voltam a arrumar como deve ser, usam os elásticos para os partir não usam para fazer aquilo que deve ser que é o geoplano e eu acho que nós já somos todos crescidos e isso incomoda-me. Também me incomoda . . .

**A.A.** – Está ali uma regra [aponta para a parede ao pé do lavatório]

**Auxiliar** - Pois está ali uma regra que pelo menos a semana passada não foi cumprida e isso eu escrevi na semana passada e também pronto e . . . também escrevi, quando escrevi S. escrevi sobre o A.M. que é quando está sentado ali [tapete] ele não consegue estar sem estar sempre a puxar ou a corda ou ali o plano de atividades ou o calendário e eu combinei com A.M. que ele ia se deixar de sentar naquele lugar e eu ainda não tinha tido a oportunidade de dizer isto em grupo: o A.M. não pode sentar-se encostado à parede porque ele destrói.

**Educadora Cooperante** – E o grupo concorda?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Posso?! [questiona o presidente e o responsável do dia] A S. estava a falar então dos jogos e o A.A. estava aqui a dizer uma coisa, o que é que tu estavas a dizer A.A.?

**A.A.** – Que há ali uma regra.

**Educadora Cooperante** – Secalhar temos que ler outra vez aquela regra, o que é que diz aquela regra? Temos de arrumar a sala e os materiais nos sítios certos.

**A.A.** – Fui eu que fiz.

**Educadora Cooperante** – Pronto e continuamos, Ra.C. eu acho que tu és uma das pessoas que arruma mas continuamos a não conseguir. Eu acho que só há aqui mais uma alternativa é deixar de ter jogos, tirar os jogos não é?! Porque se não os conseguimos arrumar tiramos os jogos. Quem é que acha que não consegue ainda arrumar?

**A.P.** – Depois eu vejo qual é a cor e depois ponho no sítio certo.

**Educadora Cooperante** – Pronto isso é bom, percebes que todos os jogos têm uma cor e arrumamos no sítio certo.

**M.S.** – Eu às vezes também me esqueço onde é que está a cor mas também às vezes eu vejo e ponho no sítio certo.

**Educadora Cooperante** – Pronto então as pessoas que sabem que têm que melhorar têm mesmo que tentar fazê-lo: arrumar os jogos no sítio certo. T. percebeste o que é que estava a acontecer hoje?! Tu estavas com um jogo a brincar com o V. e o jogo estava na mão com as peças todas a cair e vou-te já dizer que quem deixou aquilo tudo arrumado foste tu. Aqueles jogos ali todos dos puzzles.

**A.P. + V.** – Foi o T.

**Educadora Cooperante** – Portanto és uma das pessoas que eu tens mesmo que começar a arrumar as coisas no lugar está bem? É mesmo importante e o Gu.R. também é outra pessoa que tem que começar a arrumar as coisas no lugar. Estamos todos enquanto grupo a tentar-nos esforçar para cumprir a regra menos algumas pessoas. . . e não é justo tirarmos os jogos a todas as pessoas se calhar tiramos os jogos só aquelas que não conseguem

arrumar. Porque já conversámos, eu já . . . se eu começar, se começarmos aqui a ver as Atas já não é a primeira vez que escrevemos sobre o arrumar os jogos e os brinquedos, portanto já conversámos neste Conselho e vai ficar em Ata que, pela última vez combinamos que os jogos são para arrumar no lugar, podemos escrever?

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Pela última vez combinamos que os jogos e os brinquedos são para arrumar bem e nos sítios certos. E arrimar bem é o que?

**A.M.** – É pôr no sítio certo.

**Auxiliar** – Este jogo está no sítio certo mas está bem arrumado?

**A.M.** – Não.

**Educadora Cooperante** – O que é que é arrumar bem?

**A.A.** – É não fazer aquilo.

**A.P.** – É colocar na caixa direito, ver a cor e colocar no sítio certo.

**Educadora Cooperante** – É isso mesmo A.P., 5 anos por isso é que nós já te aplaudimos. Pronto então está escrito, espero não ter outra vez esta conversa. Quem tem mais coisas para resolver?

**T.** – D.

**D.** – Eu não gostei que o D. tinha visto o rabo da Jéssica.

**Educadora Cooperante** – O rabo da Jéssica?

**D.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Não gostaste . . . mas como é que ele viu o rabo da Jéssica? Porque abriu a bata atrás?

**S.** – Eu lembro-me desse dia.

**Auxiliar** – Mas o teu nome está ali S.?

**S.** – Está.

**Auxiliar** – E também tem a ver com o rabo da Jéssica? Quer dizer com o D.?

**S.** – Sim.

**D.** – Quando a J. estava a pintar as caras, o D. estava a ver o rabo da Jéssica.

**Educadora Cooperante** – E o que é que tu fizeste?

**D.** – Escrevi no Diário.

**Educadora Cooperante** – Mas primeiro devias ter tentado resolver o assunto.

**S.** – Mas eu vi primeiro.

**Educadora Cooperante** – Mas eu gostava que tu estivesses a dizer: eu resolvi primeiro, agora dizeres que viste primeiro, o que é que isso interessa? Interessa é resolver primeiro.

**Auxiliar** – Deviam ter dito ao D.

**Educadora Cooperante** – Ou à J., secalhar nem sequer se apercebeu.

**J.M.** – Eu não dei por nada.

**Educadora Cooperante** – Secalhar neste caso não foram amigos, deviam ter dito era à J. olha estás com a bata aqui, está-se a ver. Era isso que deviam ter dito não é D.?!

**D.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Olha D. eu não sei como é que tu queres resolver esta situação. . . eu acho que a próxima vez deves dizer ao D.

**Auxiliar** – Oh D. não faças isso, tu gostas que vejam o teu rabo, porque a J. estava sentada é? E via-se um bocadinho das costas da J.?

**D.** – Sim.

**Auxiliar** – Acontece a todas as pessoas. E achas que isso é algum problema? Ver-se as costas dos outros?

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Pronto da próxima vez ajudas esta bem? Dizes assim oh D. então que disparte. Ele só acha graça se vocês também acharem graça. A E. costuma dizer muitas vezes no circo sabes o que é que é o circo não sabes?

**D.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Há os palhaços e os palhaços fazem quê?

**S.** – Palhaçadas.

**Educadora Cooperante** – Fazem para quê? Para as pessoas . . .

**Grupo** – Rirem.

**Educadora Cooperante** – E se as pessoas não se rirem são palhaços?

**Grupo** – Não!

**Educadora Cooperante** – Então o palhaço só é palhaço se tiver as pessoas para se rir para se rirem dele. Se vocês não se rirem dessas pessoas que querem ser engraçadas elas deixam de ter graça está bem? Nós é que temos que mudar a nossa atitude somos nós que temos que deixar de nos rir. Se alguém disser uma coisa para gozar ou para ser engraçado e que nós sabemos que até nem é muito bom, se nós não nos rirmos estamos a ajudar essa pessoa a perceber o que é que o que ela está a dizer não é correto.

**Auxiliar** – Ou o que está a fazer não é correto.

**Educadora Cooperante** – Podemos avançar? Estes dois já estão resolvidos. Falta o A.M., a E. e o G.N.

**Auxiliar** – T. vá lá acorda tens a E., o A.M. e o G.N.

**T.** – G.N.

**G.N.** – Eu não gostei que o A.A. me atirasse uma peça dos jogos de chão para a minha cabeça.

**A.A.** – G.N. eu fiz isso quando eu estava a tentar acertar na caixa. Porque . . . eu tinha feito uma pista e tinha feito uma construção eu não queria estragar.

**G.N.** – Mas o A.A. atirou a peça.

**Educadora Cooperante** – Quem é que te ajuda a resolver esta situação?

**Auxiliar** – Oh A.M. tu não precisas de pedir a palavra porque tu és o presidente tu podes sempre ajudar.

**A.M.** – S.

**Educadora Cooperante** – Não querido, também podes ser tu a ajudar.

**Auxiliar** – Qual era a tua opinião sobre este assunto?

**A.M.** – Eu acho que . . .

[entra a senhora da cozinha para fazer a contagem dos almoços]

**Educadora Cooperante** – Desculpa.

**A.M.** – Eu acho que ele tinha que ver primeiro e depois é que atirava ou então ia lá por.

**Educadora Cooperante** – Sim concordo.

**Auxiliar** – Era essa a minha pergunta atirava? Podemos atirar peças para arrumar? Era essa a minha pergunta: podemos atirar peças para arrumar?

**Grupo** – Não.

**A.M.** – A.P.

**A.P.** – Nós temos a regra que não se pode atirar os materiais e eu não sei porque mas ele atirou a peça para a caixa.

**A.A.** – Eu tinha feito uma pista.

**Auxiliar** – E não conseguias passar até à caixa e não precisavas daquelas peças?

**A.A.** – Não.

**Auxiliar** - Secalhar podias ter arranjado outra solução. Essa foi uma solução perigosa.

**Educadora Cooperante** – Podias dar a volta.

**Auxiliar** – Mas também não te apeteceu não é . . .

**Educadora Cooperante** – É mais fácil atirar.

**Auxiliar** – Não és o único que atira.

**Educadora Cooperante** – Mas secalhar assim percebemos, a A.P. disse muito bem que a nossa regra é: . . . olha Ga.R. é melhor ouvires tu também fazes isso e o S. também faz quando vão para os jogos.

**Auxiliar** – O Gu.R.

**Educadora Cooperante** – Nós quando estamos nos jogos, nós escrevemos a regra que não atiramos com os materiais e agora já sabemos porquê. O G.N. levou com uma peça na cabeça, estávamos a tentar arrumar, sempre que dizemos está na hora de arrumar os jogos de chão parece que está a acontecer um terramoto lá, que é tanto barulho, tanto barulho, são as pessoas todas a atirar as peças para ver se acertam mas isso é um jogo que se chama basquete que é tentar acertar com a bola dentro do cesto ou há um jogo mesmo para tentar acertar dentro de qualquer coisa. Não é o jogo do arrumar. Mas quando estamos a arrumar não estamos a fazer esse jogo e não fazemos porque é perigoso, o G.N. é a prova disso. Gostaste de levar com uma peça na cabeça?

**G.N.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Pronto, então secalhar temos que reforçar aqui na Ata.

**Auxiliar** – Devíamos escrever na ata pela última vez. Esta é a Ata 8 e 9 é a decisiva dos 4 e 5 anos, porque já não temos ninguém com 3.

**Educadora Cooperante** – Então A.A. ajuda lá, secalhar devias participar aqui no que vamos escrever. Combinamos que não . . .

**A.A.** – Não podemos atirar as peças.

**Auxiliar** – Mas há algum problema aqui atrás da cadeira?

[Ga.R. ri-se]

**Auxiliar** – Não me estou a rir Ga.R. é que a seguir vou-te convidar a sair. Estás-me a incomodar.

**Educadora Cooperante** – Que não devemos atirar as peças porque podemos magoar alguém. Então como é que nós arrumamos os jogos de chão?

**A.P.** – Agarramos numa peça, vamos buscar e pomos na caixa.

**Educadora Cooperante** – Nos jogos de chão ou mesa, metemos os legos e blocos com calma dentro das caixas, é isso?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E porque já sabemos que magoamos alguém há outra coisa que acontece, acabamos por partir e estragar as peças todas.

**Auxiliar** – E como há pessoas que põem os pés em cima dos legos.

**Educadora Cooperante** – Exatamente, partem-se e já vi que há legos partidos e os blocos tinham assim umas arestas, uns biquinhos que agora já não têm porque são das pessoas estarem a atirar e um quadrado parece um círculo já. Aliás eu vou-vos mostrar para vocês perceberem.

**M.S.** – As pessoas que não fazem isso e às vezes escorregam como às vezes um dia me aconteceu também. Estava ali um lego no chão e eu escorreguei.

**Auxiliar** – Pois e depois podemo-nos magoar. Por isso é que estamos aqui todos a falar até porque há muitas pessoas que brincam com tudo espalhado no chão.

**M.S.** – E eu queria passar para pôr o outro cartão na outra área e pumbas escorreguei.

**Educadora Cooperante** – Ora então, para vocês perceberem a diferença este bloco aqui dos jogos de chão um dia foi assim perfeito com estes biquinhos aqui todos e todos da mesma cor e agora está assim.. . porquê? porque em vez de meterem dentro da caixa fazem assim para ver se ela acerta ou também já vi ao pontapé ou [bater na mesa].

**Auxiliar** – Também já vi.

**Educadora Cooperante** – Portanto eu acho mesmo importante nós termos cuidado quando arrumamos combinado?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Vamos seguir. A.A. secalhar debes dizer alguma coisa ao G.N.

**A.A.** – Desculpa.

**Educadora Cooperante** – Desculpas?

**G.N.** – Sim.

**T.** – A.M.

**A.M.** – Eu não gostei que a S. me tirasse a folha da palmeira dos legos.

**Educadora Cooperante** – Então tem a ver com isto também, não utilizar as coisas com cuidado. E o que é que aconteceu S.?

**S.** – Eu lembro-me desse dia, nesse dia, eu, a M.S. e outra pessoa estávamos nos jogos de chão.

**Auxiliar** – Então era o A.M. porque se lhe tiraste a palmeira eras tu, a M.S. e o A.M. . . . Só podem estar três.

**A.M.** – Ela não me atirou, ela tirou-me.

**Auxiliar** – Eu sei querido, mas se ela está a dizer eu lembro-me desse dia, estava eu, a M.S. e mais outra pessoa nos jogos de chão, ora . . . se era ela, a M.S. e se o problema foi contigo quem era a terceira pessoa?

**S.** – Era o Ri.C.

**Auxiliar** – O Ri.C.? Então como é que tiraste a peça dele?

[S. explica o sucedido]

**Auxiliar** – Mas o A.M. foi o último a chegar aos jogos de chão? Por isso vocês já estavam a fazer a construção é isso? E tu tinhas pensado construir uma palmeira mas o A.M. construiu primeiro e depois tu tiraste-lhe a plameira é isso?

**A.M.** – Não! A folha caiu e depois eu ia apanhar e ela apanhou mais rápido.

**Auxiliar** – E então? Isso deu uma discussão? Porquê? A.M. tu estavas a ajudá-la não era?

**A.M.** – Não.

**Auxiliar** – Ah não.

**A.M.** – Eu ia fazer uma construção para mim e ela ia fazer uma construção para ela.

**Auxiliar** – Mas ela já tinha usado essa palmeira?

**A.M.** – Não! Ela ia buscar a palmeira . . .

**Auxiliar** – Mas quem é que deixou cair a peça? É isso que eu não estou a perceber.

**A.M.** – Fui eu.

**Auxiliar** – Ah e a S. apanhou?

**A.M.** – Sim.

**Auxiliar** – Ah ok, não respeitou porque tu ias por aquela peça e caiu e depois tu ias apanhá-la mas ela foi mais rápida que tu, foi isso?

**A.M.** – Sim.

**Auxiliar** – Não tinha percebido.

[crianças começam a brincar e auxiliar chama a atenção para estas se concentrarem no Conselho]

**Educadora Cooperante** – Alguém consegue . . . ah o A.A.

**A.A.** – O A.M. primeiro tentou resolver com a S.?

**A.M.** – Eu primeiro disse que se ela não me desse eu podia tirar-lhe da mão e ela não me deu.

**Auxiliar** – Ou tu disseste se tu não deres eu vou escrever no diário?

**A.M.** – Não.

**A.A** – Eu acho que a S. se se lembrou dessa parte devia dizer.

**Educadora Cooperante** – Tiraste a peça não tiraste?

[S. não responde]

**Auxiliar** – S. tiraste a peça ou não?

**S.** – Foi assim.. .

**Auxiliar** – Não vais contar a história outra vez.

**Educadora Cooperante** – Ou vais assumir ou não assumes. Ou assumes e dizes: Sim eu tirei a peça por esta razão ou não, não tirei a peça e pronto queremos saber não queremos que nos contes uma história outra vez. Tiraste ou não tiraste a peça?

**S.** – Tirei.

**Educadora Cooperante** – Então se tiraste resolve com ele.

**Auxiliar** – Não tens nada para dizer ao A.M.?

**S.** – Desculpa.

**Educadora Cooperante** – Pronto está resolvido. S. não podes achar que fazes as coisas e não assumes o que fazes, tens que assumir aquilo que fazes.

**Auxiliar** – Ou pensa que conta uma história e que contando a história está resolvido mas não estava resolvido porque tu não tinhas assumido aquilo que fizeste. Tu contaste uma história gigante mas quando chegou à parte de dizeres e depois eu tirei a peça ao A.M. não disseste.

**A.M.** – Ia contar outra vez a história.

**Auxiliar** – Que nós já tínhamos ouvido.

**Educadora Cooperante** – Porque S. errar toda a gente erra e tirar uma peça não tem problema desde que depois saibas assumir os teus erros. Percebes? É isso que tem que acontecer, assumires os teus erros, combinado S.?

**S.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Eu gostava de dizer uma coisa e já tinha pensado dizer no Conselho passado e não disse porque a D. não estava, mas agora a D. está cá. Então eu tomei uma decisão se consultar o grupo e a minha decisão é que: a D., a S. e a M.S. não vão poder ir mais para a casinha.

**Auxiliar** – E o Gu.R.

**Educadora Cooperante** – É a minha decisão e só se o grupo me disser assim: E. não concordo com isso é que eu não avanço com a minha decisão. Portanto estou à espera que o grupo . . . porque eu não vou dizer que a casinha é para arrumar, eu não vou dizer que os brinquedos são para arrumar porque sobre a casinha falámos vezes sem conta, não fazamos no Conselho é verdade mas quase todos os dias eu falo com a D. quase todos os dias, falamos com a M.S. e a S. igual. O Gu.R. eu não tenho falado tanto mas parece que é igual.

**Auxiliar** – Muito difícil para ele arrumar, muito, muito, muito, já estou cansada de lhe dizer.

**Educadora Cooperante** – Então o que é que o grupo acha sobre isso?

**Ra.C.** – Concordo.

**A.P.** – Concordo.

**A.A.** – E a M.N.

**Educadora Cooperante** – Eu não estou a meter aqui a M.N. na casinha porque eu tomei essa decisão para as pessoas que eu sei, que eu já falei e sinto que não estão a respeitar. E a M.N. às vezes acontece não arrumar é verdade, mas não é como a D., a M.S. e a S.

**Auxiliar** – Porque a M.N. também não vai tantas vezes para a casinha, escolhe outras áreas. A M.S., a D. e a S. escolhem quase todos os dias a casinha e acontece todos os dias.

**Educadora Cooperante** – E a M.S. diz-me várias vezes eu vou arrumar, a D. igual e nós não podemos todos os dias dizer vou arrumar e todos os dias não arrumar e achar as coisas vão continuar iguais D. O S. tem aqui algo a acrescentar e a seguir escrevemos na Ata.

**S.** – Eu também concordo.

**Educadora Cooperante** – Há aqui alguém que não concorde?

[ninguém se pronuncia]

**Educadora Cooperante** – Combinámos que a S., a D., a M.S. e o Gu.R. não podem ir para a casinha.

**Auxiliar** – Eu não sei porque é que te estás a rir Gu.R. É que não vais poder ir para a casinha.

**S.** – Tenho que escrever o meu nome.

**Educadora Cooperante** – E vamos todos os Conselhos . . . Deves estar muito feliz com isso, mas olha não podes ir para a casinha, se continuares com essas atitudes nos jogos de chão não vais para os jogos de chão e vamos continuando até não teres nenhuma área para brincar é isso S.?

**S.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Estás orgulhosa de teres aqui o teu nome? Pronto é porque eu acho que era importante teres aqui o teu nome por uma coisa que já és capaz como tem a A.P. e a M.S., porque aplaudimos. Agora estares muito feliz por uma coisa que está ali escrita que tu não estas a conseguir fazer. . . vais escrever o teu nome sim, se isso te deixa orgulhosa vais escrever aqui o teu nome. Se quiseres até podes mostrar ao teu pai e à tua mãe. . . estás tão orgulhosa podes mostrar também.

**Auxiliar** – Olha pai deixei de ir para a casinha porque eu não sou capaz de arrumá-la. . . nunca.

**Educadora Cooperante** – Olha S. acho que tens mesmo que melhorar essa tua atitude. Deixa-me mesmo triste. Pronto já esta tudo resolvido não já?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Eu estou a perceber porque é que estás a dizer que temos que escrever o nome porque escrevemos sempre mas é que eu acho que eu quando me sinto mal com alguma coisa que faço não fico assim tão feliz, pronto eu sei que tenho que

escrever mas preferia não ter que escrever e tu parece que até gostas. Olha não vi a D. e a M.S. a dizer que queriam escrever o nome. Vamos avançar.

**T.** – Este?

**Educadora Cooperante** – Esse era da D. ela escreveu duas vezes, escreveste mais o que D. lembraste?

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então podes riscar.

[T. risca os nomes com um marcador]

**Educadora Cooperante** – Então vamos lá aqui ao que é que fizemos, então fizemos o teatro Os Caracolinhos Dourados e os 3 ursos, pintámos. . . ilustrámos o diário e o calendário, pintámos a árvore dos cuquedinhos que foi o T. e o A.N. não foi?! As casas dos pacotes de sumo estão ali penduramos na creche mas as nossas ficaram aqui para nós vermos as nossas casinhas, pendurámos os cuquedinhos lá fora.

**M.S.** – S. o Gu.R. não para quieto.

**Auxiliar** – Depois ele quer ser o presidente, é por isso que ele não conseguiu ainda, não consegue estar no Conselho M.S. diz-lhe.

**Educadora Cooperante** – Ouvimos as músicas do calendário do advento, fizemos a contagem das presenças . . .

**A.A.** – Ainda não ouvimos a música de hoje.

**Educadora Cooperante** – Pois não, fizemos o teatro do Coelho Branco, Hora do Conto *Não quero dormir sozinha*, o livro da S. que não escrevemos o livro da S.

**Auxiliar** – Ah pois não.

**A.M.** – E não está ali.

**Educadora Cooperante** – Conto *Aquilo que eu mais gosto no Natal*, começamos a carta do livro *A cantar até ao Natal* e a dança da música do calendário de advento Dançando à volta do Pinheiro e planeámos ainda fazer também. . . ah não está aqui planeámos o livro

e fizemos a carta. Então o que é que nós não fizemos e que queríamos fazer?! As monotípias da Hora do Conto, foi o A.A. que sugeriu lembraste A.A.?

**A.A.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Mas nós vamos ter que deixar isso para o próximo ano, em janeiro.

**A.M.** – Oh E. eu não sei porque é que ainda não avançamos com o jogo de ciência.

**Educadora Cooperante** – Não avançamos porque tivemos outras coisas para fazer e por isso é que não conseguimos avançar mas continuam ali os jogos e não estão esquecidos. Vamos continuar aa escrever no diário está bem, só que é verdade nós vamos tendo outras coisas para fazer e não estamos a conseguir fazer as experiencias mas não está esquecido. Então vamos lá escrever para a próxima semana o que é que vamos fazer, antes de começarem as propostas.

**Auxiliar** – Primeiro vamos escrever aquilo que nos falta fazer e depois é que vamos às propostas.

**Educadora Cooperante** – Então vamos escrever aqui no queremos fazer vai ser a azul pode ser?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Já agora vou escrever o “Gostámos” a preto, estão a ouvir todos para depois não me perguntarem?! “Gostámos” está escrito a preto, “Não gostámos” é azul, “Fizemos” também é preto. Então primeira coisa que temos que fazer é acabar os livros A cantar até ao Natal e há outra coisa que temos que fazer na próxima semana que é a E. chega sempre ao Natal e tem sempre uma coisa muito importante para fazer que é, tenho sempre que escrever uma carta para os vossos pais e nessa carta eu escrevo o que é que vocês já sabem fazer, o que é que vocês já aprenderam, o que é que vocês têm que melhorar e normalmente nessa carta vai sempre um desenho vosso. Vou mostrar essa carta [Educadora Cooperante vai ao armário buscar um exemplar] Ora deixa ver.. . Por exemplo, estas são pequeninas estas cartas, mas esta carta é de uma menina do ano

passado . . . este ano as cartas são maiores mas é uma carta assim e, normalmente eu escrevo aqui e vocês fazem o desenho. O ano passado vocês fizeram não se lembram?

**Grupo** – Não.

**M.S.** – Eu não estava cá no ano passado.

**Educadora Cooperante** – Olha este é da A.P. Não te lembrás que fizeste este desenho?

**A.P.** – Lembro-me

**Educadora Cooperante** – Da tua família. Então este ano eu preciso que vocês façam o desenho outra vez está bem?! Mas já não vai ser da família, vai ser um desenho da vossa escola e dos vossos amigos pode ser?

**Grupo** – Sim [entusiasmados]

**Educadora Cooperante** – E nesse desenho. . . quando eu olho para esse desenho. . . quando os vossos pais olham para esse desenho têm que dizer assim: o meu filho sabe fazer uma cabeça, uns olhos, um nariz, as orelhas, uma boca. Sabe fazer o corpo, sabe fazer braços a sair do corpo, sabe fazer pernas e pés. Os pais também podem ver se sabem fazer casas, uma escola e também sabe fazer flores e sabe fazer árvores, e sabe fazer muitas pessoas. Sabe fazer meninas e sabe fazer meninos. Isto é o que temos que ver nos vossos desenhos está bem?! Então posso escrever aqui desenho da nossa escola?!

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – E só mais uma coisa. . . E temos uma coisa que vai acontecer na próxima semana.

**Grupo** – O quê?

**Educadora Cooperante** – É uma coisa que se chama. . . surpresa. Portanto na próxima semana vai acontecer uma surpresa.

[crianças ficam espantadas mas entusiasmadas]

**Educadora Cooperante** – Para pessoas que estejam com muita calma. Eu vou escrever no diário. É uma surpresa que vem devagar, por isso não vem na segunda, não vem na terça, não vem na .

**Grupo** – Quarta.

**A.M.** – Vem na quinta.

**A.P.** – Ou sexta.

**Educadora Cooperante** – Só disse que não vem na segunda, nem vem na terça, nem vem na quarta.

**M.S.** – Nem sábado nem domingo.

**Auxiliar** – Sábado e domingo também não.

**Educadora Cooperante** – Pronto já disse que é uma surpresa, não vale a pena perguntarem mais porque ninguém vai dizer mais nada. É uma surpresa guardada na caixa de duendes e portanto é só assim. Combinado? Não digo mais nada.

**Auxiliar** – Vá propostas.

**Educadora Cooperante** – Têm que ser poucas porque já temos surpresa, temos desenhos, temos que ilustrar os livros.

**A.M.** – S.

**S.** – Na próxima semana eu queria trazer o jogo das cartas.

**Educadora Cooperante** – Ok, jogo das cartas para construir histórias não é?

**S.** – Sim.

**Auxiliar** – Só mais uma.

**Educadora Cooperante** – Sim, também só está o A.A. com o dedo no ar.

**A.A.** – Eu para a próxima semana queria trazer um livro para a Hora do Conto.

**Educadora Cooperante** – Mas depende qual é o livro.

**A.A.** – Vou ver.

**Educadora Cooperante** – Mas nós precisamos de ver qual é o livro está bem? Nós não vamos escrever, vamos ver primeiro qual é o livro que vais trazer. Combinado?

**A.A.** – Sim.

**M.S.** – Na próxima semana eu quero fazer uma comunicação com os ímanes.

**Educadora Cooperante** – Uma história com os ímanes? Mas já fizeste uma M.S.

**M.S.** – Mas é mesmo com aquela.

**Auxiliar** – Então mas esta já comunicaste querida. Não vais comunicar outra vez. . . está ali porque eu ainda não arrumei mas eu já vou arrumar não te enerves.

**M.S.** – É mesmo com a tábua dos ímanes.

**Auxiliar** – Ah porque tu não comunicaste a história com a tábua dos ímanes!? Mas comunicaste a história de outra maneira, não temos que comunicar todos da mesma maneira.

**Educadora Cooperante** – Oh M.S. mas podes inventar outra história quando a S. trazer as cartas. Se gostas e se queres fazer uma história podes fazer de outra forma.

**M.S.** – Mas eu queria com a tábua dos ímanes.

**Educadora Cooperante** – Olha M.S. se tu queres fazer a história dos ímanes num tempo de brincadeiras fazes e se por acaso vires que há espaço e tempo para comunicares inscreveste. Está bem?

**M.S.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Mais ninguém? Fica fechado?

**Grupo** – Sim.

**A.A.** – Como é que vamos fechar?

**Educadora Cooperante** – Ah não sei, A.M. e T. como é que vamos fechar?

[fazem um gesto e o resto do grupo imita para fecharmos o Conselho]

### **Conselho 17/12/2021**

[A Educadora Cooperante começa por ler a Ata que escreveram na semana anterior e em grupo decidiram que:]

**Educadora Cooperante** – O Gu.R. acordou com o grupo que vai arrumar depressa, bem e nos lugares certos a casinha. No dia?

**J.M.** – 17.

**Educadora Cooperante** – Obrigada, no dia 17 de dezembro. Vais fazer depois aqui um desenho da nossa casinha e a D. vou escrever igual pode ser? E para a M.S. igual é isso?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Eu depois escrevo para vocês para o grupo não estar à espera. Vou por aqui. . . assim. Então vamos lá continuar.

[o responsável do dia e o presidente decidem começar pela coluna do gostámos e as crianças que colocaram o seu nome nessa coluna levantam o braço]

**M.S.** – Eu gostei de fazer a estrela de Natal na sala das Expressões.

**Educadora Cooperante** – Boa.

**A.P.** – Eu gostei quando eu deixei cair este jogo, o A.A. e o S. ajudaram-me a arrumar as peças.

**Educadora Cooperante** – Alguém quer dizer alguma coisa a dizer ao A.A, ao S. ou à A.P. por ter feito este elogio?

[ninguém se pronuncia]

**Educadora Cooperante** – Olha A.P. fico muito feliz que tenhas feito esse. . . que tenhas percebido que é mesmo importante ajudarmo-nos uns aos outros e obrigada ao A.A. e ao S. por serem tão crescidos e continuarem a olhar para os outros e tentar sempre ajudar.

**Auxiliar** – M.S. tens alguma coisa a dizer ao A.A. ou ao S.?

**M.S.** – Sim.

**Auxiliar** – O que é que achaste da atitude deles?

**M.S.** – Acho que eles fizeram uma boa equipa.

**Educadora Cooperante** – Mas vocês estavam em equipa?

**A.M.** – O A.A. estava com ele nos jogos de chão.

**Educadora Cooperante** – Eles não estavam a fazer equipas M.S. A A.P. deixou cair um jogo e o S. e o A.A. estavam por perto e foram ajudar. Ninguém fez equipa nenhuma.

**Auxiliar** – Aqui foi uma coincidência eles foram muito simpáticos contigo. E isso deixou-te feliz não foi A.P.?

**A.P.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Muito bem, estamos a ver que temos pessoas que podemos contar com elas para nos ajudar e isso é importante, estamos a crescer. Agora gostava muito que estas atitudes começassem a vir de mais pessoas, porque olha a A.P. nós já sabemos que ajuda, o A.A. sabemos que ajuda, o S. sabemos que ajuda.

**Auxiliar** – A M.S. sabemos que ajuda.

**G.N.** – O G.E.

**Educadora Cooperante** – O G.E. sabemos que ajuda, nós gostávamos de ver isto a acontecer com todas as pessoas, está bem? É mesmo muito importante ajudarmo-nos uns aos outros e temos que continuar sempre a ajudarmo-nos uns aos outros.

**Auxiliar** – Olha eu sugeria um aplauso a estas pessoas que ajudam os outros. Podem-se levantar: o A.A., O G.E., a M.S., a A.P. e o S. estão sempre disponíveis para ajudar.

[todo o grupo dá um aplauso a estas pessoas]

**A.A.** – Porque é que o Gu.R. não bateu palmas?

**Educadora Cooperante** – Não é porque ele não ache que tu mereças as palmas, é porque ele não está com atenção e não sabe porque é que estamos a bater palmas, percebes?! É um bocadinho diferente.

**Auxiliar** – É que ele está tao distraído que ele não está a perceber porque é que estamos a bater palmas.

**Educadora Cooperante** – Não é porque ele ache que essa atitude não seja boa, porque nós sabemos que é. E ele também sabe e que até consegue ajudar muito bem os outros. .

**Auxiliar** – E ter boas atitudes com os outros, mas ele está sempre tao distraído que ele não percebeu porque é que estamos a bater palmas amor. Mas ele vai conseguir.

**Educadora Cooperante** – Então o V. tem aqui o nome. . .

**J.M.** – Não está cá.

**Educadora Cooperante** – Ah não está cá. . . Gostamos está resolvido?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então secalhar escrevíamos que aplaudimos as pessoas que sabem ajudar certo?

**A.A.** – Podemos escrever o nosso nome para saberem quem são.

**Auxiliar** – Isto sim, acho que deviam escrever o vosso nome. M.Cr. posso-te pedir um favor meu amor? Tu que és uma pessoa que consegue estar aqui podes trocar com o Gu.R.?

[M.Cr. troca de lugar com o Gu.R.]

**Educadora Cooperante** – Aplaudimos as pessoas que sabem ajudar, vou escrever então o nome delas. Posso escrever o vosso nome ou querem depois vocês escrever?

**A.A.** – Nós escrevemos.

**Educadora Cooperante** – Então vou deixar aqui um espaço. . . pronto já está, deixei aqui um espaço para depois vocês escreverem todos. Não tenho aqui nenhum lápis, consegues-me passar um lápis?

[J.M. levanta-se para ir buscar um lápis. Educadora Cooperante escreve na folha com lápis o nome das crianças que aplaudimos, para mais tarde, estas escreverem o seu nome, sendo que o A.A. vai dizendo os nomes dos amigos para a Educadora Cooperante ir escrevendo]

**A.A.** – Eu acho que é muito importante.

**Educadora Cooperante** – E acho que devíamos fazer um registo também para porem no vosso portefólio. Boa! O que é que acham?

**A.A. + G.E. + M.S. + A.P. + S.** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Ok, então vamos continuar.

**Auxiliar** – Vamos avançar para o quê D.?

**D.** – Não gostámos.

[crianças que tem o nome escrito levantam o braço]

**D.** – M.S.

**M.S.** – O que eu não gostei foi de A.P. não brincar comigo.

**A.P.-** Eu é que inventei a brincadeira, depois ela destruiu a brincadeira, porque ela estava a tirar a bandolete.

**M.S.** – Eu não estava a tirar, aquilo estava a sair.

**A.P.** – Mas tu estavas a mexer.

**Educadora Cooperante** – Alguém consegue ajudar? Oh D. tu és a responsável podes falar já.

**D.** – Eu acho que devíamos escrever.

**Educadora Cooperante** – O quê? Sobre a A.P. e a M.S.?

**D.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Mas porquê? Nós ainda não tentamos ajudar a resolver o assunto.

**Auxiliar** – Olha está ali o A.A. com o dedo no ar e deve ter uma sugestão.

**A.A.**- Eu acho que se a M.S. queria brincar podia pedir. . . ou a M.S. pediu?

**M.S.** – Eu pedi. . . mas eu estava a mexer tanto que as minhas mãos estavam a transpirar com o cabelo que é da boneca e as minhas mãos com esse cabelo estavam a transpirar.

**A.A.** – Se tu disseste que não tinhas mexido na boneca.

**M.S.** – Eu mexi na boneca, eu estava a brincar com ela.

**A.A.** – Então eu acho que no início não percebi muito bem.

**Educadora Cooperante** – Então expliquem lá melhor o assunto.

**M.S.** – Eu pedi para brincar com a A.P., ela foi para o pátio comigo. E depois as minhas mãos estavam a transpirar por causa do cabelo da boneca e depois. . . por isso é que o elástico estava a sair.

**Auxiliar** – Ficaste triste por o elástico estar a sair?

**A.P.** – Sim.

**Auxiliar** – Olha eu percebo que tu tenhas ficado triste e que não tenhas depois deixado a M.S. brincar porque achaste que a M.S. estragou o elástico, mas na verdade tu lembraste do que a S. te disse do teu elástico? Lembraste querida? Que o teu elástico já era tão velhinho. . . os elásticos quando nós usamos muito, apanham muito sol, os elásticos começam a ficar moles ou começam-se a partir. E aquele teu elástico já estava assim, lembraste do que eu te disse? Já não consigo dar a última volta porque ele não estica e depois vai partir, tens que trocar o elástico, lembraste?

**A.P.** – Sim.

**Auxiliar** – Pronto e eu pensei que tinhas percebido que não foi a M.S. foi mesmo o elástico que se estragou querida. Pronto a M.S. ficou triste porque tu não a deixaste

brincar mais e tu ficaste triste porque achaste que foi a M.S. que estragou o elástico foi isso?

**A.P.** – Sim.

**Auxiliar** – Pronto mas não foi a M.S. o elástico já devia ser um elástico teu de há muito tempo e a mãe deve ter dito que podias usar nas bonecas, mas como ele já estava lá há tanto tempo, já estava todo partido, ele não dava. . . estava mesmo estragado.

**Educadora Cooperante** – Mas eu não percebo porque é que tu não a deixaste brincar A.P.

**Auxiliar** – Eu expliquei-te A.P. eu não sabia que ela não te tinha deixado brincar mais, eu só lhe disse que já não dava mais porque o elástico está estragado. Tens que arranjar outros elásticos.

**Educadora Cooperante** – Olha A.P. pensa lá uma coisa. Se fosse contigo, se tu sentisses que não tinhas feito de propósito para o elástico rebentar, tu ias gostar que a M.S. ou outra pessoa te afastasse da brincadeira e te deixasse sozinha?

**A.P.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então o que é que tu achas que a M.S. sentiu? Ainda por cima quando a S. está a dizer que o elástico estava podre/gasto e rebentou e que a M.S. explicou que foi um acidente? Então como é que achas que podemos resolver este assunto?

**A.P.** – Desculpa M.S.

**Educadora Cooperante** – E olha da próxima vez que isso acontecer como é que podes melhorar? Imagina da próxima vez acontece uma coisa parecida, o que é que tu achas que deves fazer?

**S.** – Perguntar porque é que fez isso.

**Educadora Cooperante** – Imagina estás a brincar com a M.S. ou outra pessoa e essa pessoa estraga-te o brinquedo, em vez de dizeres que essa pessoa não pode brincar o que é que podes fazer?

A.P. – Resolver.

**Educadora Cooperante** – Resolver como?

A.P. – Falar.

**Educadora Cooperante** – Falar com essa pessoa e dizer-lhe o quê?

A.P. – Dizer porque é que fez isso.

**Educadora Cooperante** – Muito bem e a pessoa aí vai explicar que foi um acidente. E quando explicar que foi um acidente aí tu podes tomar uma decisão, podias ter dito: olha podias ter tido mais cuidado, fiquei triste na mesma mesmo que tenha sido um acidente. . . e se a pessoa disser que foi de propósito tu podes explicar na mesma. Por exemplo perguntar à pessoa se gostava que lhe estragassem um brinquedo, por exemplo. Mas a primeira coisa é como disse o S. perguntar: porque é que fizeste isto e só depois dessa resposta é que podemos tomar uma decisão. Sabes o que é que aconteceu A.P.? A M.S. foi para casa muito triste e chorou muito em causa por que ela gosta muito de ti e sentiu que foi uma injustiça que ela fez sem querer.

**Auxiliar** – Era só mexer, só não partiu todo porque eu quase nem mexi, a M.S. não teve culpa.

**Educadora Cooperante** – Mas eu acho que a A.P. já percebeu que da próxima vez vai perguntar e vai tentar perceber o que é que aconteceu e a M.S. também. . . aconteceu isto, ficaste muito triste pronto e ainda bem que vieste escrever no diário para tentarmos resolver e ajudar mas tu também tens mais pessoas aqui no nosso grupo, podes brincar com outras pessoas do nosso grupo. . . ou de outros grupos, esta bem?

M.S. – Sim.

**Auxiliar** – M.N. queres ir brincar com o M.C. lá para fora? E tu também M.C. podes largar o M.C. ele não precisa de festinhas agora.

**Educadora Cooperante** – Mas olha M.S. vai lá dar um abraço à A.P.

[M.S. levanta-se e vai dar um abraço à A.P.]

**Educadora Cooperante** – M.C. é para estares com atenção está bem?! Está resolvido?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Podemos avançar.

**D.** – A.M.

**A.M.** – Eu não gostei que o G.N., o A.N. e o L. arrumassem muitas coisas dentro do armário da casinha.

**Educadora Cooperante** – Como é que isso aconteceu?

**A.M.** – Foi um dia que. . . quando nós acabámos de lanche e íamos para o pátio depois do lanche, nós fomos arrumar a casinha e a M.N. disse para abrir os armários para ver se estava lá alguma coisa, eu abri os armários e vimos muitas coisas dentro do armário.

**Auxiliar** – É verdade, depois do lanche eu peço para arrumar a sala e naquele dia eles devem ter arrumado à pressa para ir para o recreio e estava tudo ao monte nos armários. A M.N. era uma dessas pessoas.

**Educadora Cooperante** – Oh J. chega lá a tua cadeira para a frente.

**Auxiliar** – Era a J., o A.N. e M.N. eram essas pessoas.

**A.M.** – E o L.?

**Auxiliar** – Não, o L. não estava. E depois no final do dia quando . . .

**Educadora Cooperante** – O L. estava.

**Auxiliar** – Então era a J., o A.N., a M.N. e o L.

**Educadora Cooperante** – Então eles tiveram imenso tempo a discutir aqui.

**Auxiliar** – Pois foi. . . E depois tiveram que vir depois do lanche arrumar.

**A.M.** – Eu sei que foi o G.N.

**Auxiliar** – Não, isso foi depois quando a S. pediu à tarde: olhem meninos está na hora de arrumarmos vamos lá arrumar a sala, os jogos e vocês agora podiam ir à casinha arrumar.

E eu depois disse então vá arrumem lá a casinha. Quando eu abri aqueles armários estava tudo cheio, até disse assim: Olha M.N. arrumaste mesmo bem. . . porque o A.M. fez este comentário: S. os armários estão cheios, tudo misturado. Não foi M.N.?

**A.M.** – E tivemos de arrumar aquilo tudo.

**Auxiliar** – E estiveram a arrumar tudo, tens razão A.M. devia ter escrito e esqueci-me.

**A.M.** – Tu disseste para eu escrever.

**Auxiliar** – Pois foi eu disse-te para escreveres para depois conversarmos. Verdade porque as pessoas que ficaram cá a arrumar puseram tudo dentro dos armários à pressa para poderem ir ao recreio e depois no final do dia, a única que já estava cá foi a M.N. que ia arrumar tudo sozinha, mas o A.M. e o G.N. foram muito simpáticos e ajudaram.

**A.M.** – E o G.E.

**Auxiliar** – E o G.E. desculpa.

**Educadora Cooperante** – Acho que o A.A. quer resolver este assunto.

**A.A.** – Eu acho que se eles puseram tudo nos armários, podiam tentar ver o que é que podiam ter arrumado num outro sítio ou podiam ter arrumado nos lugares certos. . . porque há uma regra – temos que arrumar tudo e os materiais no sítio certo. E eu também acho que escrevemos isso em Ata.

**Educadora Cooperante** – Pois escrevemos. . . escrevemos a semana passada. Combinamos que os jogos, entendemos aqui nos jogos não é?! São para arrumar bem e nos sítios certos.

**A.A.** – Ou dentro das caixas com calma.

**Educadora Cooperante** – Com calma. Pronto então vamos dar aqui uma oportunidade à M.N., ao A.N. e ao L. . . e à J. mas vamos estar atentos, se na próxima semana eles vão conseguir. Estás a ouvir M.N.? Nós vamos mesmo ver, senão na próxima semana vamos ter que fazer um acordo contigo também e com o A.N. e com o L. que também tem que arrumar.

**A.A.** – Com a J.

**Educadora Cooperante** – Está resolvido?

**A.M.** – Está.

**D.** – A.A.

**A.A.** – Eu não gostei que a D. quando a J.M. tinha tirado uma corda de um cabide, a D. ficasse a fazer à roda e batesse na minha cabeça. . . e depois não cuidou.

**Educadora Cooperante** – Isso é que é o grave. . . Nós na Ata nº7 escrevemos: quando magoamos alguém mesmo que seja sem querer cuidamos e pedimos desculpa. Fizeste isso D.?

[D. não responde]

**Educadora Cooperante** – Continuamos sem não perceber. A A.P. quer participar e ajudar aqui neste problema. . . Já começo a ficar um bocadinho triste se continuamos a ter estas atitudes.

**D.** – A.P.

**A.P.** – Continuamos a bater e a não pedir desculpa, as pessoas ficam tristes.

**M.S.** – E se elas cuidarem, elas já não ficam tristes.

**Educadora Cooperante** – Olha temos mesmo que falar sobre isso do cuidar porque hoje também aconteceu uma coisa muito chata.

**Grupo** – O que?

**Educadora Cooperante** – Eu hoje estava a receber um telefonema e a falar com a mãe do V. e o A.N. veio buscar uma coisa aqui acima deixou cair isto que é pesadíssimo na cabeça da N. deste lado.

**A.A.** – Não cuidou.

**Educadora Cooperante** – E não cuidou. . . Eu tive que largar o telefone para ir ajudar a N.

**A.A.** – E nem pediu desculpa.

**Educadora Cooperante** – E o A.N. nada. Continuamos com este problema. . .

**A.A.** – Do não cuidar.

**Educadora Cooperante** – Continuamos com o problema do não cuidar, eu não sei, tu vais gostar de te magoar e ninguém cuidar de ti D.? Vais gostar? E tu achas que podes fazer isso às outras pessoas?

**Auxiliar** – Esta semana tem estado muito difícil com a D.

**Educadora Cooperante** – Então se faz favor vá lá falar com ele para cuidar dele.

**A.A.** – Tens alguma coisa a dizer?

**Educadora Cooperante** – Fala com o A.A., tens alguma coisa a dizer?

**D.** – Eu queria por no lixo.

**Educadora Cooperante** – Mas foi com o quê que tu levaste?

**Auxiliar** – Com um cordel.

**Educadora Cooperante** – Um cordel? Mas estás a falar de um casaco. Ah o cordel do casaco?

**J.M.** – Não, era um cabide que tinha duas cordas pequeninas presas e eu tirei-as porque o A.A. pediu.

**A.A.** – Sim, foi essas cordas.

**Auxiliar** – Mas porque é que a D. está a falar de um casaco?

**Educadora Cooperante** – Pois, não estou a perceber.

**M.S.** – Às vezes eu também tenho cordas nos casacos.

**Educadora Cooperante** – Eu achava que era isso que a D. estava a dizer.

**Auxiliar** – Não, eram umas cordas que estavam aqui em cima da mesa. As cordas eu sei não vi foi essa parte.

**A.A.** – Sim, estava aqui em cima da mesa e eu e a M.Cr estávamos a tentar tirar e depois eu perguntei à J.M. se podia. . . e a D. estava cá na sala mas eu não sei o que é que a D. estava a fazer na sala porque não estava a fazer nenhuma tarefa.

**Educadora Cooperante** – E depois? Pegou na corda.

**A.A.** – Pegou na corda e mandou à volta quando eu estava a tentar ir outra vez fazer a tarefa.

**Educadora Cooperante** – Levaste com a corda?

**A.A.** – Levei com a corda e depois como me magoei tanto eu tive que vir escrever no diário. E depois como a D. nem cuidou de mim e nem pediu desculpa.

**Educadora Cooperante** – Porque a verdade, não sei se a D. concorda, eu acho que a D. quando magoa as outras pessoas grande parte das vezes senão todas as vezes é porque faz sem querer, porque está sempre com os braços e a dar voltas e curvas e tudo mais e magoa as outras pessoas, não é?! Não sei se não foi isso que aconteceu. Foi isso ou não?

**A.A.** – Foi, ela estava a fazer à volta e depois quando eu me virei levei com a corda na cabeça.

**Educadora Cooperante** – M.S. podes dar a palavra por favor.

**M.S.** – S.

**Auxiliar** – Mas também acho que a D. também já tem. . . vai fazer 5 anos, em fevereiro vai fazer 5 anos e também tem que conseguir perceber que não é a única pessoa que existe neste espaço e que tem que tomar conta do corpo dela e que não pode passar pelos outros a achar que não há mais ninguém nesta escola porque é isso que a D. faz. . . Passa por toda a gente como se ela fosse a única pessoa aqui na escola e passa e magoa e não cuida e eu acho que isso é o que custa mais às pessoas – é tu não cuidares. É como quando vais a correr e passas por alguém e bates nessa pessoa porque é uma brincadeira pumba, isso não é brincar e não é sem querer porque tu sabes o que estás a fazer mas o andar com . . . ontem magoaste no recreio com a tua bandolete porque andavas a correr assim magoas as pessoas e foi o que eu te disse: D. tu não estás sozinha neste recreio, há mais 100

peessoas aqui à tua volta. Esse é o problema D. é tu tens mesmo que tomar conta do teu corpo, és tu que mandas no teu corpo e tens que perceber que há outras pessoas que estão a usar o mesmo espaço que tu e tu tens que partilhar o espaço porque senão o que vai acontecer é que passas a ir ao recreio sozinha para poderes andar assim como um helicóptero que é para não magoares ninguém, é isso que tu queres?

[D. permanece em silencio]

**Educadora Cooperante** – Mas ainda assim D. eu acho que todos aqui percebemos que tu tens essa parte para melhorar e aceitamos que tu ainda estás a aprender a controlar o teu corpo, só não aceitamos isso, não vamos aceitar é que continues sem cuidar dos outros, isso é que não aceitamos.

**Auxiliar** – Não ficas triste quando vês outra pessoa a chorar? Ou que vês que alguém fica triste contigo, não te sentes mal com isso?

[D. abana com a cabeça que não]

**Auxiliar** – Não ficas triste por magoares os outros não? Não te sentes mal?

[D. abana com a cabeça que não]

**Auxiliar** – Pronto querida, é uma coisa que tens mesmo de melhorar D., é dentro de ti também não é só melhorares o teu corpo mas é também dentro de ti.

**A.M.** – E. posso ir buscar a minha pulseira?

**Educadora Cooperante** – Desculpa?! Não, podes é estar atento aos problemas e às coisas que estão a acontecer no grupo não é só quando tu tens alguma coisa para dizer. Porque o que eu tenho observado é que cada vez que estamos a falar de outra coisa que não seja de ti tu estás ou com a cabeça no chão ou a mexer nas coisas dos outros. Portanto eu estou à espera que tu consigas estar a ouvir os outros e a ajudar o grupo porque é para isso que fazemos Conselho, como faz o A.A. e como faz o S. e como fazem as outras pessoas aqui e as outras que ainda não fazem vão fazer daqui a um mês ou dois quando tiverem 5 anos, mas tu já tens 5 anos.

**A.A.** – E com 4.

**Educadora Cooperante** – Algumas pessoas conseguem ir lá com 4 outras ainda não. D. o que é que tens a dizer ao A.A.? E ao grupo?

**A.A.** – É que nós também já dissemos para a D. dizer alguma coisa e depois ela continuou a olhar para os outros lados sem dizer nada e depois nem tinha nada a dizer.

**Auxiliar** – Também é difícil. . . oh A.A., quando nós não sentimos que deixamos mal os outros achamos que não temos nada para dizer, se a D. acabou de dizer que não lhe faz diferença, ela não fica triste de ver os outros tristes ou de magoar os outros ela ainda não sente isso dentro do coração dela por isso ela acha sempre que não.

**Educadora Cooperante** – Tu não ficas triste quando fazes isso?

**A.A.** – Vou fazer uma pergunta à D. . . D. gostavas de fosse eu com uma coisa qualquer a magoar-te e não pedir desculpa e a não cuidar? Tu ias gostar?

**Auxiliar** – Ela não te ouviu A.A.

**A.A.** – Gostavas que eu te magoasse com uma coisa qualquer e depois tu ficasses triste? Porque eu também não gostei quando me fizeste isso. E o pior é que tu ficas feliz quando isso acontece.

**Ri.C.** – Acho que a D. devia parar de bater.

**A.A.** – E depois não é só magoar ou bater porque depois também pode magoar o coração.

**Auxiliar** – E esse é que doi não é A.A.?

**A.A.** – E esse é que dói mais.

**M.S.** – E se um dia acontecer a alguém. . .

**A.A.** – Com a mesma pessoa.

**M.S.** – Com a mesma pessoa, depois pode escrever . . .

**A.A.** – Podemos escrever em Ata.

**Educadora Cooperante** – Eu acho que agora sabes, acho que agora era mesmo importante ouvirmos a D. Oh D. o que é que tu tens a dizer? Não olhes para mim, olha para o grupo.

**D.** – Desculpa.

**Auxiliar** – Mas tu não me estás a pedir desculpa a mim, estás a olhar para mim mas tu não me magoaste D.

**Educadora Cooperante** – Estás a pedir desculpa a quem?

**D.** – Ao A.A.

**Educadora Cooperante** – Então olha para o A.A. e pede-lhe desculpa.

**D.** – Desculpa A.A.

**A.A.** – Eu desculpo.

**Educadora Cooperante** – O que é que tu tens que melhorar D.?

**D.** – Não bater.

**A.A.** – D. já está ali uma regra que temos que cuidar.

**Educadora Cooperante** – Sim e já escrevemos. D. para com isso se faz favor. O que é que tens que melhorar? Em ti? Não é não bater é fazer o que a seguir?

**D.** – Pedir desculpa.

**Grupo** – E cuidar.

**Educadora Cooperante** – Mas vais ter que dizer isso muitas vezes para dentro do teu coração.

**A.A.** – Isso vai ter que melhorar. E. nós não podemos pedir desculpa só. . . ao calhas, nós temos que pedir desculpa mas é do coração. A desculpa não vem do calhas vem do coração.

**Educadora Cooperante** – Não vem do calhas não. Percebeste não foi D.?

**D.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Podemos é escrever o que tu disseste na Ata. “As desculpas não vem do calhas vem do coração” Querem escrever isso?

**Grupo** – Sim.

**A.A.** – Sim e depois eu acho que vamos ter que fazer um acordo com a D.

**Educadora Cooperante** – Combinamos que as desculpas não vêm do calhas vêm do coração. [escreve na Ata do Conselho] Isto deve ficar escrito em grande.

**Auxiliar** – O A.A. é o autor desta frase, adoro!

**Educadora Cooperante** – E o que é que tu disseste a seguir? Que continuarmos a não cuidar. . .

**A.A.** – Vamos ter que fazer um acordo.

**Educadora Cooperante** – Se continuarmos a não cuidar dos outros, temos que fazer um acordo é isso?

**Grupo** – Sim.

**A.A.** – Eu não percebo tu estás no Conselho da cadeira ou no Conselho do grupo? É que eu não te estou a ver a olhar para o grupo, estou-te a ver a olhar para a cadeira do G.E. Secalhar é como o Gu.R. também não está atento. [para o M.M.]

**Educadora Cooperante** – Pronto, podemos avançar?

**Grupo** – Sim.

**D.** – A.N.

**A.N.** – O L. e eu estávamos na sala das Expressões e o L. bateu-me.

**A.A.** – Tentaste resolver com o L.?

**Educadora Cooperante** – Ouviste o que o A.A. está a dizer?

**A.A.** – Tentaste resolver com o L. ou não?

[A.N. não responde à pergunta do A.A.]

**A.A.** – L. o A.N. tentou resolver contigo?

**L.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então pronto está resolvido.

**Auxiliar** – Mas ele pediu-te desculpa?

**A.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Ah então pronto está resolvido.

**A.A.** – E cuidou?

**Auxiliar** – Ele não cuidou de ti?

**Educadora Cooperante** – O que é que tu querias mais? Mas às vezes o pedido de desculpa também é cuidar. Se for do coração também cuidamos. . . só se foi a desculpa do calhas.

**A.A.** – Foi desculpa do coração ou do calhas?

**Auxiliar** – Achas que ele te podia ter dado um abraço ou alguma coisa? Ficavas mais feliz era isso?

**A.N.** – Sim.

**Auxiliar** – Mas disseste-lhe: olha L. eu precisava mesmo era de um abraço teu, disseste?

[A.N. abana com a cabeça que não]

**Educadora Cooperante** – L. consegues ir dar um abraço ao A.N.?

**Auxiliar** – Dás um abraço ao A.N.? Sim é que ele gostava de ter um abraço teu pode ser?

[L. levanta-se e vai dar um abraço ao A.N.]

**Auxiliar** – Quando magoaste o A.N. pediste-lhe desculpa mas ele precisava também de um abraço.

**Educadora Cooperante** – Da próxima vez pedes desculpa e dás um abraço.

**A.A.** – Eu penso que agora o L. está a crescer.

**Educadora Cooperante** – Olha também penso.

**Auxiliar** – Sabem que o pai do L perguntou-me assim: “Então S. como é que anda o L. com os amigos dele? Tem batido muito?” e eu disse “Não, tem corrido tudo bem, o L. tem brincado muito, ele também está cheio de saudades dos amigos.

**Educadora Cooperante** – E é verdade, o L. não tem batido em ninguém e tem conseguido muito bem não é L.?

**Auxiliar** – E vai continuar, porque ele está a ficar mesmo crescido.

**Ri.C.** – Acho que ele merece um aplauso.

[crianças começam a bater palmas, mas a Educadora Cooperante pede às crianças que parem]

**Educadora Cooperante** – L. queres um aplauso?

**L.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Pois, ele não costuma querer.

**Auxiliar** – Está tudo bem, vamos lá.

**Educadora Cooperante** – Então vamos lá ao fizemos. Fizemos a ilustração do livro de Natal, comunicação do L., mais? O que é que fizemos mais esta semana?

**Auxiliar** – Uma dança?

**Educadora Cooperante** – O Projetos dos tubarões terminámos não é?

**A.A.** – O desenho da avaliação.

**Educadora Cooperante** – Ah não fizemos o desenho da avaliação e eu já explico porquê. A dança.

**Auxiliar** – Da ópera.

**Educadora Cooperante** – Então e ontem o que é que fizemos?

**Auxiliar** – Ontem não fomos a lado nenhum. Ontem tivemos aqui na sala toda a tarde sentados?

**Grupo** – Pai Natal.

**Educadora Cooperante** – E fomos andar de . . .

**Grupo** – Elétrico.

**A.M.** – Eu já contei à J.M.

**A.A.** – E eu disse à J.M. que nós não tínhamos cinto.

**A.N.** – Mas do autocarro tinha.

**A.A.** – Mas o elétrico é normal não ter.

**Educadora Cooperante** – Muito bem, então gostaram da surpresa?

**Grupo** – Muito.

**Educadora Cooperante** – E olha eu ouvi o Pai Natal a dizer que vem fazer uma visita.

**A.A.** – Que só a partir dos 13 anos é que vai dar um telefone.

**Educadora Cooperante** – Ah isso também já sabemos que é só a partir dos 13.

**A.A.** – Mas a minha mãe já me disse que vai comprar. . . o meu pai disse-me que talvez vai-me comprar um telefone a partir dos 10.

**Educadora Cooperante** – Ah eu também concordo por acaso, eu acho que a partir dos 10 podemos considerar.

**M.N.** – Eu já tenho um telemóvel que já está estragado.

**Educadora Cooperante** – Mas M.N. disse que tinha um telemóvel.

[crianças começam a falar entre si sobre os telemóveis]

**Educadora Cooperante** – Para que é que serve um telemóvel? Um telemóvel serve sobretudo. . . claro que eu sei que vocês usam às vezes os telemóveis dos vossos pais para jogar, mas o telemóvel serve para quê?

**A.A.** – Para mandar mensagens.

**A.M.** – Para trabalhar.

**A.P.** – Para telefonar.

**Educadora Cooperante** – Para telefonar, para trabalhar também . . . mas sobretudo para telefonar às outras pessoas e nós telefonamos às outras pessoas quando?

**A.A.** – Quando precisamos de ajuda.

**J.M.** – Boa, por exemplo.

**Educadora Cooperante** – Mas quando é que telefonamos para alguém? Por exemplo eu estou aqui, telefono à D.?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então telefono à D. quando?

**A.A.** – Quando tiver longe.

**Educadora Cooperante** – Ora se as crianças até aos 10 anos não ficam longe de adultos e dos seus amigos, porque é que precisam de um telemóvel?

**A.A.** – Para mandar mensagens.

**Educadora Cooperante** – Mas sabes escrever para mandar mensagens? É que um telemóvel não dá para fazer um desenho e mandar o desenho.

**A.A.** – Não, mas podemos aprender. . .

**Auxiliar** – Mas isso é aos 10 anos.

**Educadora Cooperante** – Aos 10 anos já sabem escrever, já sabem mandar mensagens.

**A.A.** – Oh E. no primeiro ano nós aprendemos a escrever.

**Auxiliar** – Mas isso é aos 10 anos.

**Educadora Cooperante** – Porque é que aos 10 anos os pais dizem que dão telemóveis? Porque é quando os meninos saem do 4º ano e vão para o 5º ano que é a escola mesmo

dos crescidos e aí alguns já vão sozinhos para a escola e os pais precisam de saber onde é que eles estão, outras vezes porque mudam de horário e os pais precisam. . .mudam as horas e não sabem quando é que têm que almoçar e ficam mais confusos e os pais então compram o telemóvel aos meninos que já têm 10 anos e quando já são mais crescidos, já estão noutra escol, já estão no 5º ano. Por exemplo, a tua irmã vai receber secalhar aos 10 anos.

**A.A.** – Mas já tem um tablet.

**Educadora Cooperante** -Sim, mas o tablet é uma coisa diferente.

**A.M.** – Eu às vezes peço ao meu pai ou à minha mãe para fazer imagens no telemóvel para mandar para as pessoas.

**Educadora Cooperante** – Sim, está bem mandas, mas podes dos teus pais não precisas de ter um para mandar.

**A.M.** – Eu mando do telemóvel dos meus pais.

**Educadora Cooperante** – Pronto, está bem. J. porque é que tu queres um telemóvel? Tens um tablet?

[J. abana com a cabeça que sim]

**Educadora Cooperante** – Então porque é que queres um telemóvel?

**Auxiliar** – Não me digas que vais ligar ao Lucas Neto.

[grupo começa a falar entre si]

**Educadora Cooperante** – Ah depois há outra coisa que é assim. . . toda a gente sabe que os telemóveis são indicados ou são melhores. . . servem para crianças a partir dos 10 anos. J. aqui os teus amigos não têm 10 anos, têm 4 e 5 anos. Tirando o G.N. ninguém tem telemóvel, depois não tens ninguém para ligar, vais usar para quê?

**A.A.** – Eu acho que a I. e a R. [sala Intelectual] têm um telefone a sério.

**A.M.** – Porque já têm 6 anos.

**Educadora Cooperante** – Isso deve ser outra situação.

**A.N.** – Eu sei quantos anos tem a minha mana.

**Educadora Cooperante** – Olha a B. e o T. têm um telemóvel porque eles já foram para o 5º ano. Por isso eles precisam de telemóvel porque vão sozinhos para a escola e ligam para os amigos deles e vão sair. Pronto mas tu não vais sair pois não?! Ficas em casa com os teus pais não é? Então não precisas está bem? Deve haver outra coisa muita gira para pedir ao Pai Natal, o que é que achas que consegues pedir mais ao Pai Natal?

**M.N.** – Um telemóvel a fingir.

**Educadora Cooperante** – Não, outra coisa. J. pensa lá numa coisa gira que tu gostasses? Ir a um concerto?

[J. olha para a Educadora Cooperante e abana com a cabeça que sim]

**A.M.** – Uma boneca.

**A.A.** – Um nenuco para fazer cocó e xixi e pode comer Cerelac.

**Educadora Cooperante** – Não, mas eu não sei se a J. gosta muito. . . gostas?

**A.N.** [vira-se para a J.M.] – Eu já vi no telemóvel do pai.

**Educadora Cooperante** – Pronto J. vais tentar pensar noutra brinquedo pode ser? Vamos lá avançar, podemos avançar?

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – Então daquilo tudo que nós íamos fazer só faltam duas coisas que é o desenho da nossa escola e eu vou explicar porquê e o jogo das cartas. O jogo das cartas da S. vá sentem lá o rabo. . .

**A.A.** – Está com varicela.

**Educadora Cooperante** – A S. está com varicela e não era justo fazermos o jogo dela sem ela estar. A avaliação o que aconteceu que como sabem a nossa sala não está sozinha há mais pessoas não é?! Há mais adultos. A.M. . . [chama a atenção porque não está sossegado na cadeira] há mais pessoas, há a L. [Educadora da sala Intelectual], há a R. [Educadora da sala das Expressões], há a S. [Educadora da sala de Transição] e depois há

outros Jardins de Infância e decidimos. . . e há outras escolas e não podemos fazer tudo, nós temos que olhar para os outros não podemos fazer como nos apetece e então houve um adulto de outra escola que deu outra ideia e agora vamos tentar ver se essa ideia é melhor ou não do que aquilo que íamos fazer. Já sabemos que é o desenho da escola, isso já sabemos que vai ser, só que temos que ver se vai ser deste tamanho, deste tamanho ou deste.

**A.A.** – Desse é gigante.

**Educadora Cooperante** – Pronto, o problema está no tamanho portanto não vale a pena fazermos nadassem sabermos como é que vamos fazer combinado?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E como há meninos que não sabem fazer desenhos deste tamanho, nem deste porque pronto ainda estão a aprender temos que ver a melhor maneira está bem? Mas vou escrever aqui na mesma que continua a ser uma coisa a fazer é o desenho da nossa escola para a próxima semana.

**A.M.** – E a história?

**Educadora Cooperante** – Ainda queres fazer essa história da escola?

**A.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Eu posso escrever aqui vamos lá ver se tu te lembras disso.

**A.A.** – Podes contar outra vez?

**Educadora Cooperante** – Não vou contar outra vez a história.

**A.A.** – É gira.

**A.M.** – É gigante.

**Educadora Cooperante** – Olha quando for o aniversario da outra escola, da primeiro do N.S. podemos convidar algumas pessoas para vir cá contar essa história. Mas agora já estamos no Natal. . . então desenho da escola.

[crianças começam a conversar entre si]

**A.M.** – E. porque é que ainda não ouvimos a história de hoje?

**J.M.** – Qual história?

**A.M.** – De música.

**A.A.** – A canção.

**A.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Bem então é assim. . . esta semana, hoje a J. como vai de férias e a próxima semana muitos meninos vão começar a faltar porque para a próxima semana já é Natal e a outra a seguir é passagem de ano vão ser duas semanas mais pequeninas e duas semanas com festas e há pessoas que vão ficar em casa. . . e a J. vai já levar o seu livrinho e como é que vai levar o seu livrinho: então vamos ter que fechar e vamos por em cada um o coraçãozinho ou a estrelinha que fizeram está bem? A J. vai já levar o dela e nós vamos já ter tudo feito.

**A.A.** – E as páginas?

**Educadora Cooperante** – Ah desculpem. . .

[J.M. levanta-se para ir buscar um dos livros já feitos para as crianças verem as páginas]

**Educadora Cooperante** – Ora então este é do M.C., aqui dentro está feliz Natal, feliz Natal, feliz Natal, sabem quem escreveu isto?

**A.N.** – Foi a E.

**Educadora Cooperante** – Não fui nada, foi o A.A. que escreveu assim “Feliz Natal” e depois a E. meteu esse “Feliz Natal” muito pequenino e fez muitas vezes numa página e olhem como ficou tão giro. Foste tu que escreveste. [dirige-se ao A.A.] E depois o computador faz estas magias, põe as nossas letras grandes e pequeninas, faz isso tudo.

**A.A.** – Eu já não me lembro.

**A.M.** – E. posso ir fazer xixi?

**Educadora Cooperante** – Não, ninguém pode sair agora. Olha então temos a capa, a guarda e depois aqui começam as músicas, têm aqui todas e podem, em casa, com os pais

e em família pintar que foi a ideia que a M.N. deu. Então está aqui todas as músicas, também tem as adivinhas todas e tem duas páginas no fim. . . esta número 25 que é o dia de. . .

**Grupo** – Natal.

**Educadora Cooperante** – Diz aqui “Podem colar aqui a fotografia do vosso Natal” depois podem guardar este livro lá em casa e não se esquecerem, podem colar aqui uma fotografia e fica uma recordação para sempre.

**Auxiliar** – E também têm umas páginas que podem desenhar o Pai Natal.

**A.A.** – E como é que vamos conseguir colar?

**Educadora Cooperante** – Com cola, mas depois fazem isso com os pais. E o livro é na. . . o que é que está aqui escrito A.M.?

**A.M.** – Natal a. . .

**Educadora Cooperante** – Cantar. Então esses livrinhos vão estar prontos hoje.

**A.A.** – Para levarmos hoje para casa.

**Auxiliar** – Não, só a J.

**Educadora Cooperante** – Vão levar no dia 21.

**Auxiliar** – Dia 21 que é terça-feira.

**A.A.** – No dia 21 o A.N. faz anos.

**Educadora Cooperante** – Pois é.

**Auxiliar** – Dia 20 é que o A.N. faz anos.

**Educadora Cooperante** – Então fica o desenho da nossa escola, história da escola.

**A.A.** – E propostas?

**Educadora Cooperante** – Propostas não, como a E. disse vai ser uma semana mais pequenina, vamos estar. . . não vai haver escolha, vamos estar só na nossa sala e vamos

estar menos meninos. A única coisa que vai acontecer são duas coisas e isso tem que ser: é a comunicação do Projeto dos Tubarões e dos Crocodilos ou não?

**J.M.** – Dos crocodilos até devia ser hoje, porque eu para a semana já não venho.

**Educadora Cooperante** – Ah já não vens a próxima semana?

**J.M.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Este é o teu último dia?

**J.M.** – Último este ano sim.

**Educadora Cooperante** – Eu achava que tu ainda vinhas a próxima semana.

**A.M.** – Mas J.M. eu vou sair cedo.

**J.M.** – Eu não me importo de vir.

**Educadora Cooperante** – Então pronto tem que ser hoje e na próxima semana fazemos o dos Tubarões na segunda-feira pode ser?

**Auxiliar** – Estás pronto S.? Sabes tudo? Pronto para comunicar? Vai ser o teu primeiro projeto não é? Estás nervoso?

[S. abana com a cabeça que sim]

**Educadora Cooperante** – Pronto já percebi que estão um bocadinho cansados de estar aqui, é só mais a comunicação e para a próxima semana é isso. Espreguicem-se lá.

[Toda a gente se espreguiça no lugar]

**Educadora Cooperante** – Podem-se levantar e arrumar as cadeiras.

**Auxiliar** – Com calma.

[crianças levantam-se e escolhem a área da sala para onde querem ir]

## **Conselho 14/01/2022**

[As crianças encontram-se em sentadas em roda para começar o Conselho. A responsável do dia (M.S.) escolhe o Presidente (A.P.) e ambas decidem começar pela coluna do Não gostámos]

**D.** – Ela deu-me um pontapé de propósito na barriga.

**Auxiliar** – Mas fala com ela diz-lhe o que é que estavam a fazer quando ela te deu o pontapé.

**D.** – Ela deu-me o pontapé por causa que ela não quis brincar comigo.

**Auxiliar** – O A.A. tem aqui o dedo no ar acho que quer ajudar.

**A.P.** – A.A.

**A.A.** – Eu tenho uma pergunta para a D. . . D. tu tentaste resolver com a S.?

**D.** – Não.

**A.A.** – Então porque é que escreveste no diário? É que nós escrevemos no diário quando tentamos resolver e não estamos a conseguir.

**A.P.** – S.

**Auxiliar** – Ou A.A. quando também precisamos da ajuda do grupo não é?

**A.A.** – Pois.

**Auxiliar** – Secalhar ela precisa da ajuda do grupo para resolver este problema, visto que a S. ainda não assumiu que fez.

**A.A.** – Ahh pois não. Por isso eu acho que a D. queria a ajuda do grupo no Conselho.

**Auxiliar** – Olha acho que está aqui uma pessoa disposta a ajudar.

**A.P.** – S.

**S.** – E não sei porque é que a S. deu um pontapé à D. na barriga, ela devia ter dito que não queria brincar com a D., não era dar-lhe um pontapé na barriga.

**S.** – Eu lembro-me desse dia.

**M.S.** – Eu estava lá ao pé da S.

**S.** – A M.S. estava comigo sentada na baliza e eu contei-lhe uma lenda e a D. não estava a ouvir e depois foi dizer à E., depois eu não lhe dei um pontapé na barriga só disse que ela não podia ouvir a lenda, foi só isso.

**Auxiliar** – Mas porque é que ela não podia ouvir a lenda?

**S.** – Estávamos à espera para andar no baloiço novo.

**Auxiliar** – E ela não podia ouvir, porque vocês estavam à espera para andar no baloiço novo?

**S.** – Estávamos sentadas na baliza.

**Auxiliar** – Sim, mas porque é que ela não podia ouvir? É isso que eu estou a perguntar.

**M.S.** – E ela foi. . . e ela quando estava a falar mentiu-me a dizer uma coisa.

**Auxiliar** – Quem?

**M.S.** – A S.

**Auxiliar** – Mas agora não estamos a falar dessa parte, tu não escreveste ali, estamos a falar do problema da D., pelo que eu estou a perceber a D. queria estar sentada ao pé de vocês para ouvir a lenda e S. deu-lhe um pontapé na barriga é isso?

**S.** – Não, eu não lhe dei um pontapé.

**D.** – Deste sim.

**Auxiliar** – Oh D. achas que foi de propósito?

**D.** – Foi.

**Auxiliar** – S. foi de propósito ou o teu pé saltou?

**S.** – Eu não me lembro muito bem.

**M.S.** – Mas ela não deu um pontapé, eu sei.

**S.** – Eu só me lembro que não dei um pontapé, só disse que não podia ouvir a lenda.

**Auxiliar** – Olha D. eu não sei, ela deu-te um pontapé ou não? Ou ficaste muito triste com ela por dizer que não podias ouvir a lenda e vieste escrever?

**D.** – Eu fiquei muito triste com ela porque ela não me deixava ouvir a lenda.

**Auxiliar** – Sim e como é que ela te deu um pontapé?

**D.** – Deu com o pé.

**Auxiliar** – Sim, mas porquê?

**D.** – Porque eu estava a ir embora para fazer xixi e ela deu-me.

**S.** – Eu não di pontapé.

**M.S.** – Ela não deu, eu sei.

**Auxiliar** – Tu estavas lá M.S.?

**M.S.** – Sim.

**Auxiliar** – Então conta lá o que é que foi?

**M.S.** – Ela não deu o pontapé.

**Auxiliar** – Mas o que é que aconteceu? Qual é que foi a história? Para ver se alguém pode ajudar.

**M.S.** – Nós estávamos sentadas na baliza, estávamos a falar da lenda do. . . sobre uma bruxa Mimi e também. . . e depois ela estava a chorar e a S. foi lá e não lhe deu um pontapé.

**Auxiliar** – Mas ela já estava a chorar?

**S.** – Sim já estava a chorar, depois foi dizer à E. a dizer que eu não a deixei brincar. Eu não lhe dei um pontapé.

**Auxiliar** – Tenho só uma pergunta. A minha pergunta é: Vocês acham justo ir dizer a um adulto “ele não me deixa brincar”? É o adulto que têm que dizer que a pessoa têm que

deixar brincar ou temos que perceber porque é que não nos estão a deixar brincar? Olha D. tu também tiveste esse problema lembraste? Com a J. que ela não te deixava brincar com outras pessoas e tu não gostavas disso, pois não?

**D.** – Não.

**Auxiliar** – Pronto então tens que respeitar quando a S. diz que não quer brincar contigo, ela também tem esse direito. Como tu tens o direito de dizer à J. “agora não quero brincar contigo, quero ir brincar com outras pessoas”, tens que respeitar que os outros também têm esse direito, que há momentos que queremos brincar juntos e há outros que não, o que eu não acho correto foi o que aconteceu no outro dia que foi: uma pessoa estava a brincar com outra muito felizes e contentes e chegou. . . outra pessoa que gosta muito e que o outro disse assim: “não, tu não podes brincar com ela”, isso é que eu não acho bem. Acho que é de uma falta de respeito porque somos bons para brincar enquanto não temos os nossos amigos preferidos, não pode ser o nosso amigo preferido chega e nós dizemos logo: “agora tu já não podes brincar comigo”. Agora se a S. estava a brincar com a M.S. e estavam as duas a brincar eu também. . . tu também às vezes não queres que pessoas brinquem contigo não é? Porque estás numa brincadeira diferente, se aconteceu o pontapé há duas pessoas a dizer que não, não sei o que é que vocês acham?

**S.** – Eu não di um pontapé.

**Auxiliar** – Não sei, alguém pode ajudar aqui a resolver? O que é que têm que fazer?

**M.S.** – Acho que quando uma pessoa quer brincar com a outra e outro chega e quer brincar com esse, têm direito de ir. . . brincar com esse menino.

**Auxiliar** – Oh M.S. desculpa lá perdi-me no teu raciocínio, o que é que tu disseste? A S. estava a brincar contigo?

**D.** – Depois ela não me deixou brincar, eu fui fazer xixi e ela contou a lenda e eu não ouvi.

**Auxiliar** – E querias que ela repetisse. . . e tu pediste para ela repetir?

**D.** – Não.

**Auxiliar** – Então. . . as pessoas resolvem as coisas a quê?

**M.S.** – A conversar.

**Auxiliar** – E nem era uma lenda, era uma mentira porque não existe, isso é de um livro. Uma lenda é uma coisa pode ter acontecido à muitos anos mas não é de um livro. Olha não sei o que é que vocês têm a dizer?

**S.** – Eu não dei um pontapé.

**Auxiliar** – Olha S. mas eu também posso ir ver na camara de filmar, agora não estou a dizer nada, mas eu vou ver na camara de filmar e se estiveres lá tu a dar o pontapé eu vou ficar muito triste contigo por não assumires isso. Porque a seguir do Conselho eu vou à camara de filmar que tenho lá, por isso, se lhe deste e foi sem querer é melhor assumires já porque se eu for lá ver vou ficar muito triste e desiludida de tu estares a mentir. Porque também já sabemos que tu quando acontece alguma coisa que tu dizes sempre “Eu não me lembro. Não fui eu. Eu não fiz isso” e depois vamos ver e é mentira e tu fizeste mesmo, por isso, é melhor que te lembres rapidamente porque se eu for ver na camara de filmar eu vou escrever aqui um texto grande para toda a gente saber que a S. não assume ainda as coisas que faz, mas isso é na creche. Secalhar até deste sem querer e achaste não foi nada de importante, mas para a D. foi.

**D.** – Secalhar dei.

**Auxiliar** – Secalhar?

**S.** – Foi sem querer.

**Auxiliar** – Então deste-lhe um pontapé?

**M.S.** – Eu lembro-me que quando ela estava a falar a lenda, quando acabou foi lá à E. e depois. . . não deu um pontapé porque eu vi, eu estava a ver que não deu um pontapé.

**Auxiliar** – Mas a S. diz que deu sem querer.

**S.** – Então primeiro quando eu acabei de ler a lenda, estávamos a ir pelo relvado, depois fomos ter com a E., quando eu ia assuar-me, a M.S. e a D. estavam a brincar nos ferros e depois começámos a brincar juntas.

**Auxiliar** – Olha D. eu acho que foi um mal-entendido e eu acho que tu estavas um bocadinho zangada e vieste escrever zangada e pensaste que ela te tinha dado um pontapé, porque olha estão duas pessoas a dizer que ninguém te deu um pontapé. Está resolvido? Secalhar primeiro temos que tentar resolver e se já tinhas ido falar com a E. e tentado resolver, eu acho que não era preciso teres escrito no diário não achas? Já tinham resolvido lá fora pelos vistos. Já tinham resolvido não já?

**S.** – Sim!

[D. abana com a cabeça que não]

**Auxiliar** – Ai não?

**S.** – Tínhamos resolvido.

**Auxiliar** – Está resolvido é isso?

**S.** – Sim, quando eu acabei de ler a lenda nós resolvemos.

**Auxiliar** – Sim, já percebemos. Ora vamos passar aos gostámos?

**Grupo** – Sim.

**A.P.** – Eu gostei quando eu deixei cair aquele jogo ali, a M.S. ajudou-me a arrumar.

**Auxiliar** – Tu ontem até me disseste “Ela foi tão querida” não foi?

**A.P.** – Sim.

**Auxiliar** – Quer dizer que a M.S. continua em 2022 com o seu coração pronto a ajudar os outros e a olhar para os outros e quando os outros precisam de ajuda, parabéns M.S. Ora quem tem mais? A.P. têm que dar a palavra, M.S. e A.P. vá lá.

**A.P.** – A.N.

**Auxiliar** – O A.N. tem o nome aqui? Não. . .

**A.P.** – A.A.

**A.A.** – Eu gostei de regressar à escola.

**Auxiliar** – Eu acho que toda a gente gostou. E ainda há outra pessoa com o nome ali.

**S.** – Eu acho que é a M.S.

**Auxiliar** – Eu também acho, mas parece que a M.S. está a dormir, a nossa responsável do dia está a dormir. Já não te lembras o que é que escreveste M.S.?

**M.S.** – É o que a A.P. falou.

**Auxiliar** – Mas escreveste sobre ti?

**M.S.** – Ela escreveu aqui. . .

**Auxiliar** – Mas porque é que escreveste?

**M.S.** – A A.P. como eu ajudei ela, ela disse que eu podia escrever aqui.

**Auxiliar** – Imagina a A.P. escreveu sobre ti, nós quando vamos escrever ali é porque vamos escrever sobre alguém não é M.S.? Ou podemos escrever sobre nós mas não é porque alguém escreveu sobre nós que vamos escrever ali o nome, não é? Isso é disparate. Olha A.N. eu ficava muito feliz que tu tivesses escrito, eu não sei se a responsável do dia te deixa dizer aquilo que tu tinhas para dizer no gostámos, mas eu acho que para a próxima tens mesmo que escrever, está bem A.N.? Não sei, acham que o A.N. pode dizer aquilo que ele tinha para dizer?

**M.S.** – Sim.

**A.N.** – A M.Cr. ajudou-me.

**Auxiliar** – Queres agradecer à M.Cr. é isso?

**A.N.** – Sim.

**Auxiliar** – Então sabes que a M.Cr. e a M.S. continuam em 2022 com o coração muito bom e a ajudar os outros e a ver os outros e eu acho que elas mereciam um aplauso. A M.S. e a M.Cr. levantam-se e vamos aplaudi-las.

[a M.S. e a M.Cr. levantam-se e o grupo aplaudi-as]

**Auxiliar** – Por continuarem a ser pessoas espetaculares e continuarem a ajudar os outros, isso é muito importante, olharmos para os outros e para as coisas que os outros nos ajudam, pode não ser a apanhar um jogo, pode ser imagina.

**A.N.** – E eu disse à M.Cr. para ajudar-me.

**Auxiliar** – E ela ajudou-te. Vês foi simpática. Imagina pode não ser apanhar um jogo, imagina que eu não sei fazer uma letra e vai lá alguém e me ajuda ou me ajuda a fazer um texto ou me ajuda a fazer um jogo que eu não conseguia, isto é muito importante.

**A.M.** – Eu também ajudo. . .

**Auxiliar** – Olha isso é muito importante, começarmos a escrever sobre aquilo que os outros nos dão e dar. . . é dar tempo porque eu podia estar a fazer outra brincadeira e estou a ajudar, ou eu sei um bocadinho mais e vou ajudar aquela pessoa que não sabe tanto como eu, isso é que é importante num grupo, é ajudarmo-nos uns aos outros que é para sermos um grupo muito forte. Ora agora precisávamos mesmo da E. para vermos a coluna do fizemos e então o que é que nós fizemos esta semana?

**A.P.** – S.

**S.** – A contagem do mapa das presenças.

**Auxiliar** – Boa! E mais?

**A.P.** – A.M.

**A.M.** – Comunicar o Projeto dos Tubarões.

**M.S.** – A.A.

**A.A.** – Desenho da escola e dos amigos.

**Auxiliar** – Falta alguma coisa?

**J.M.** – Acho que não.

**Auxiliar** – Ah e os textos do fim de semana não foi? De quando voltámos à escola. Ora vamos ver o queremos fazer e ver se fizemos tudo. A M.S. pode com uma caneta azul ir ver ali o que fizemos, no queremos fazer e o que fizemos.

**M.S.** – Aqui?

**Auxiliar** – Ai no que queremos fazer, vais aqui com a canetinha azul e fazes uma bolinha no que já fizemos. Depois aqui a comunicação do Projeto dos Tubarões fazes uma bolinha azul fechadinha porque acabámos; a monotípia que já aconteceu;

**A.A.** – A monotípia já aconteceu?

**Auxiliar** – Não aconteceu, vai acontecer desculpa. Ora a contagem do mês de dezembro que é o vermelho.

**M.S.** – Aqui?

**J.M.** – Sim. Acabar a história. . .

**Auxiliar** – Sim, acabaram.

[a estagiária ajuda a M.S. a identificar as tarefas que vamos dizendo para que esta faça uma bolinha à frente das mesmas]

**J.M.** – A hora do conto do livro *O que eu vejo* . . . O desenho da escola, ilustrar o diário.

**A.A.** – Ah fizemos tudo.

**Auxiliar** – Boa! Um aplauso para nós.

**A.A.** – Só faltou a monotípia.

**Auxiliar** – Sim, mas isso já sabíamos que não íamos fazer esta semana.

[Damos um aplauso ao grupo]

**Auxiliar** – Parabéns para nós, fizemos tudo o que propusemos fazer, acho que foi o primeiro diário. Agora vamos mesmo precisar da E. e eu tenho uma ideia eu vou buscar a fruta.

**A.A.** – Sabes o que é que é a fruta, J.M.?

**J.M.** – Não.

**A.A.** – Sabes eu adoro melancia.

[as crianças começam a falar entre si enquanto a auxiliar vai buscar a fruta. Auxiliar chega com a fruta (banana) e a M.S. distribui pelos amigos]

[depois das crianças comerem a fruta, a auxiliar coloca uma música no telemóvel para as crianças ouvirem e dançarem sentadas no lugar]

**Educadora Cooperante** – Quero pedir desculpa por não estar presente no início do Conselho mas tive assim uma coisa muito urgente para resolver e a S. já me disse o que é que resolveram no não gostámos, o que é que disseram para o gostámos, já sei disso tudo. Correu bem presidente e responsável?

**A.P. + M.S.** – Correu.

**Educadora Cooperante** – Para escrever na Ata não ficou nada é isso?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Ok, então ficou só aqui a parte do queremos fazer, as ideias?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Primeiro há coisas. . . não há coisas que não tenhamos feito?

**J.M. + Auxiliar** – Só as monotípias.

**Educadora Cooperante** – As monotípias.

**A.A.** – Não fizemos nesta semana, mas fizemos tudo o que tínhamos planeado para esta semana.

**Educadora Cooperante** – Muito bem! Só que ficou esta história que secalhar nem vamos escrever porque vão comunicar hoje não é?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Temos o A.A. e o A.M. é isso?

**Auxiliar** – Responsável do dia ou presidente vai dar a palavra.

**A.P.** – A.M.

**A.M.** – Eu queria fazer uma lista de animais.

**Educadora Cooperante** – Ok, alguém quer juntar-se a fazer a listas de animais?

**A.M.** – Não, é só uma.

**Educadora Cooperante** – Sim, mas podem fazer mais pessoas e assim partilham e juntamos, imagina podemos fazer uma lista de animais terrestres, uma lista de animais aquáticos e uma lista de animais aéreos que ninguém sabia o que é que eram animais aéreos.

**G.N.** – Eu sabia.

**A.M.** – Está bem, T. e S.

**Educadora Cooperante** – O T. levantou o dedo?

**A.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Muito bem T.

**A.A.** – Também podem ir ao computador.

**A.P.** – A.A.

**A.A.** – Eu gostava de fazer um teatro para a semana.

**Educadora Cooperante** – Um teatro. . . teatro já pensaste do quê?

**A.A.** – Ainda não.

**Educadora Cooperante** – Mas é de atores, fantoches, ainda não pensaste?

**A.A.** – É de atores.

**Educadora Cooperante** – Olha não se esqueçam que nós também temos aqui os projetos. . . o escorpião, os leões e . . .

**A.A.** – E o mini projeto, tipo uma listinha.

**S.** – Lista quando é que o Sol é mais quente.

**Educadora Cooperante** – Mas já está decidido? É que eu não escrevi nada.

S. – Ainda não.

**Educadora Cooperante** – E são só vocês as duas? Mais ninguém pode entrar? Secalhar podiam deixar mais pessoas entrar. Então levantem o dedo para falarmos sobre isso. M.S. tens o Ra.C., tens a D. com o dedo no ar, ah e afinal a S. também está.

M.S. – D.

D. – Eu quero fazer um teatro.

**Educadora Cooperante** – Um teatro de quê?

D. – De. . .

**Educadora Cooperante** – Atores, fantoches, marionetas ainda não fizemos nenhum de marionetas.

D. – Quero de atores.

**Educadora Cooperante** – Teatro de atores. . . Então o teatro não pode ser mais para dar a oportunidade às outras pessoas também. . . para escolherem a sala.

D. – Eu quero que a S. faça.

**Educadora Cooperante** – Depois na altura tu escolhes.

M.S. – Ra.C.

Ri.C. – Eu quero fazer um teatro de atores.

**Educadora Cooperante** – Oh querido já está. . . fazes da equipa do A.A. ou da equipa da D.?

Ri.C. – Do A.A.

**Educadora Cooperante** – Pronto, o teatro fechou.

A.A. – Agora só da D. pode entrar um, porque o resto é para as outras salas.

**Educadora Cooperante** – M.Cr. estavas com o dedo no ar, diz lá era o quê? Querias fazer teatro? Do da D.?

**M.Cr.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Ah eu achei que tu tinhas outra proposta, está bem então vamos já pôr-te aqui com a D. Mais alguém?

**Auxiliar** – A S. deve ter uma proposta de certeza, está dentro do armário.

**Educadora Cooperante** – Então M.S. vamos lá falar sobre isso, tu queres fazer uma pequena investigação sobre as estações do ano é isso?

**M.S.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Se o Sol é mais quente em que altura do ano é isso?

**M.S.** – Sim.

**Auxiliar** – Bom nome: “Quando é que o Sol é mais quente?”

**Educadora Cooperante** – Pronto eu acho que é uma boa investigação, porque a verdade é que também tem a ver com a rotação, eu acho que é muito interessante. Ok a M.S. e a S. e mais? Quem é que gostaria de fazer mais?

**A.P.** – Eu queria uma dança.

**Educadora Cooperante** – Sim, mas agora estamos aqui na parte das estações do ano, quando é que o Sol é mais quente? Então é da S., da M.S. e mais quem?

**A.A.** – O A.M.

**Educadora Cooperante** – Mas o A.M. já fez um. Quem é que ainda não fez projeto?

**Auxiliar** – Oh Ri.C. não gostavas de saber?

**Ri.C.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Oh Ri.C. era importante. E a M.Cr.

**Auxiliar** – A M.Cr. já esta num.

**Educadora Cooperante** – Não!

**S.** – Pode ser a M.Cr.

**Educadora Cooperante** – E o V.?

**Auxiliar** – Olha quem é que ainda não fez projetos? Ponham lá o dedo no ar quem ainda não fez projetos.

**Educadora Cooperante** – A L. também.

**S.** – O G.E., o L.

**Educadora Cooperante** – Espera já temos aqui alguns que já começar, temos o Projeto do Escorpião que é o L., o A.A., o G.E. e o A.N.; temos o dos Leões que é o T., o Gu.R. e a M.C. e “Quando é que o Sol é mais quente?” a S., a M.S. e. . . quem vai fazer este projeto mais?

**S.** – D.

**Educadora Cooperante** – A D. já fez um projeto.

**Auxiliar** – A L. estava com o dedo no ar. Mas L. tens que vir à escola todos os dias, não podes ficar em casa, está bem? E tens que ficar cá da parte da tarde porque os projetos são da parte da tarde, tens que falar com a mãe.

**Educadora Cooperante** – Quando é que o Sol é mais quente e descobrir se é no Verão, se é na Primavera, se é porque é que acontece assim.

**S.** – Eu acho que é na parte do Verão.

**L.** – Eu vou falar com o meu pai.

**Auxiliar** – Olha pai eu quero participar num projeto que são feitos da parte da tarde, não há escolha e eu tenho que ficar na sala até à hora do lanche, esta bem?

**Educadora Cooperante** – E o V.? Não podia também fazer este?

**V.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Mas olha é assim o V., a M.Cr e o Ri.C. e o M.M. vão ter que depois fazer um projeto ou. . .

**Auxiliar** – Põe já aí o nome deles na parte de trás assim sabemos as pessoas que vão ter que fazer um projeto ou uma investigação.

[Educadora Cooperante escreve o nome das crianças na parte de trás da folha que ainda não participaram em nenhum projeto]

**Educadora Cooperante** – V., M.C. e Ri.C. é importante porque vocês aprendem mais coisas e nós também queremos aprender com vocês porque depois são vocês que nos vão ensinar. Isso é muito importante, nós queremos todos aprender. Pronto então para a próxima semana posso já escrever estes projetos?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E agora os adultos vão escolher o projeto que vão apoiar. Vá vamos deixar a J.M. escolher qual é o projeto que quer apoiar.

**J.M.** – Ai não sei.

**Educadora Cooperante** – Queres pensar e dizes segunda-feira?

**J.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então a J.M. vai pensar e depois eu e a S. decidimos qual vamos apoiar.

**Auxiliar** – Vai ser uma surpresa.

**Educadora Cooperante** – Olha e as monotípias achas que conseguíamos avançar?

**Auxiliar** – Hoje?

**Educadora Cooperante** – Não, hoje não. Vamos fazer monotípias de quê? Era de uma história não era?

**A.A.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Fica em aberto.

**A.A.** – Eu acho que era com o Ri.C.

**Educadora Cooperante** – Era com o Ri.C. sim era porque era giro se envolvesse história também assim dava para. . .

**Auxiliar** – É mais fácil sabes?! Senão estão a fazer por fazer.

**Educadora Cooperante** – Não é fazer por fazer porque a técnica em si já é . . . Pronto vamos ver aqui um livro de uma história que possam fazer. Mais alguma coisa?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então podemos fechar o Conselho?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Estamos a fechar não é?! E quando fechamos já não podemos escrever mais nada.

**Auxiliar** – Oh S. sabes que hoje é sexta-feira? Dia de propostas não sabes?! Não tens nenhuma proposta?

**S.** – Não.

**Auxiliar** – Pronto, ainda bem.

[Conselho acaba e de seguida há a comunicação de uma história elaborada pelo Ra.C., Ri.C. e o Ga.R.]

### **Conselho 03/02/2022**

**Educadora Cooperante** – Oh D. vê lá quem foi o último responsável do dia ali na nossa lista? Quem foi o último? Qual é a última bolinha?

[D. levanta-se e vai até à lista que se encontra próxima do tapete]

**D.** – O V.

**Educadora Cooperante** – Não, isso é o último da lista, quem foi o último a ser responsável do dia? Tens que ir à quarta coluna.

**D.** – O L.

**Educadora Cooperante** – Não, eu estou a ver que a M.S. foi, a seguir era o M.C. e a seguir. . .

**A.M.** – É o M.C. mesmo.

**Educadora Cooperante** – Mas o M.C. não está cá. Quem é a seguir ao M.C.?

**A.M.** – M.M.

**Educadora Cooperante** – M.M. não está, quem é a seguir?

**Ra.C.** – Sou eu.

**Educadora Cooperante** – Então és tu o responsável do dia, um aplauso para o responsável. O responsável do dia é o Ra.C. vamos respirar fundo para começar o Conselho, está bem A.P.?

[crianças respiram fundo e fazem a respiração das montanhas]

**Educadora Cooperante** – Ra.C. nós temos este diário que já tem duas semanas, já é muito antigo, mas quando nós fizemos este diário e escrevemos algumas coisas que queremos fazer e essa semana foi quando começámos a ter muitos casos. . . muitos meninos que estavam doentes que começámos a ter poucos e então não fizemos nada do que tínhamos aqui. Porque aqui tínhamos escrito o que queríamos fazer: uma lista de animais que era o A.M., o S. e o T.

**A.M.** – O S. disse que estava a fazer uma história.

**Educadora Cooperante** – Pois eu não sei se essa história, o A.M. fazia parte, por acaso acho que não. O A.M., o S. e o T. têm uma lista de animais; o A.A. e o Ra.C. queriam fazer um teatro de atores; a D. e a M.Cr. queriam fazer outro teatro de atores; depois tínhamos os projetos: leões, escorpião, quando é que o Sol é mais quente? E ainda tínhamos aqui uma monotípia que era o A.A. e o Ri.C. O que eu vos ia sugerir é: nós continuarmos. . . está aqui escrito que é de 17 a 21, a E. escreve a data da próxima semana, ficamos com este diário, não vamos estar a fazer outra folha, vamos é tentar resolver isto que está aqui, riscamos e depois as pessoas na próxima semana escrevem aqui em baixo e também secalhar escrever aqui no gostámos, porque não temos nada no gostámos. Vejo mais pessoas a escrever coisas no não gostámos para resolver do que coisas que gostaram e eu não acredito que seja só isso que acontece.

**A.M.** – Eu já escrevi uma coisa no gostámos.

**Educadora Cooperante** – Pronto está bem sim. Na próxima semana está aqui esta coluna que diz gostámos a precisar que alguém olhe para ela, está bem?! Que alguém tenha alguma coisa para escrever sobre os outros. Então Ra.C. vamos só resolver isto e ver mais alguma outra coisa que se queira fazer para a próxima semana. Ra.C. dá a palavra.

**Ra.C.** – A.A.

**A.A.** – Eu não gosto que os puzzles não fiquem completos porque quando eu fiz o puzzle com o Ga.R. e o A.N. do homem-aranha não estava completo faltavam algumas peças e nós fomos procurar nos outros puzzles e afinal estavam misturadas, mas não conseguimos encontrar todas. Eu não sei onde é que as pessoas puseram as outras peças.

**S.** – Secalhar as pessoas vêm uma peça bonita e depois põem no bolso.

**Educadora Cooperante** – E podemos fazer isso?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – O que é que acham que aconteceu? A.P. o que é que achas que tem acontecido?

**A.P.** – Eu acho que algumas pessoas podem levar para casa e foi uma atitude que não foi boa.

**Educadora Cooperante** – Pois não, mas nós também não sabemos que alguém levou para casa. Isso é uma possibilidade mas há outra possibilidade. Porque A.A. depois descobriste as peças ou não?

**A.A.** – Descobri algumas. . . no puzzle das princesas, no puzzle dos animais e já não me lembro em que outros jogos. Mas o Ga.R. eu lembro-me que ele viu muitas peças em muitos jogos, lembraste Ga.R.?

**Ga.R.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então isso quer dizer o quê?

**A.A.** – Que também há outra possibilidade que é. . .

**Auxiliar** – Mas quando encontraram aí quer dizer que? Que quem fez aquele jogo. . .

**Ga.R.** – Perdeu as peças.

**Auxiliar** – Perdeu? Vocês encontraram. Arrumou foi quê?

**A.A.** – Não conseguimos montar.

**Educadora Cooperante** – A outra possibilidade é o quê?

**A.A.** – A escondê-las.

**Educadora Cooperante** – Temos mais pessoas para falar, não sei se o Ra.C. está interessado em ouvir.

**Ra.C.** – A.M.

**A.M.** – Eu quero dizer uma coisa sobre isso que o A.A. está a dizer.

**Educadora Cooperante** – Claro é sobre isso que nós estamos a falar.

**A.M.** – Eu sei que as peças mais bonitas que há naquele puzzle são as do spider-man das teias de ferro, são as mais bonitas.

**Auxiliar** – Mas também não sabemos se são essas que faltam.

**A.A.** – Há uma que era do homem-aranha que era preto que não conseguimos acabar a cara. Só faltavam duas peças.

**Auxiliar** – Oh Ra.C. querido tens que acordar.

**Ra.C.** – D.

**D.** – Eu acho que algumas pessoas levaram as peças para casa.

**Educadora Cooperante** – Certo, já dissemos que isso é uma possibilidade, pode ser isso, pode haver pessoas que levem para casa outra possibilidade? Essa já dissemos mais ninguém vai repetir essa.

**Ra.C.** – S.

**S.** – Ou também as pessoas esconderam, sem necessidade nenhuma.

**Educadora Cooperante** – Então duas possibilidades: ou andam a esconder as peças ou andam a levar para casa, mas há uma terceira possibilidade. Quem é que consegue pensar qual é a terceira possibilidade? De quererem fazer os puzzles e as peças não estarem nos sítios certos?

**Auxiliar** – Quer dizer que aconteceu alguma coisa.

**Ra.C.** – A.A.

**A.A.** – Eu lembro-me que um dia, a M.Cr. e o A.N.

**Educadora Cooperante** – Não interessa quem.

**A.A.** – Estavam ali a fazer coisas que eu não percebi o que é que era na mesa de luz.

**Auxiliar** – Ah não era com um puzzle, mas secalhar podia ser. Eles estavam a atirar peças mas não eram de puzzles.

**A.A.** – Eram aquelas bolinhas?

**Auxiliar** – Eram, eram. . .

**A.A.** – São frágeis.

**Auxiliar** – Também e depois perdem-se e não podemos fazer o jogo.

**Educadora Cooperante** – Gu.R. secalhar tu sabes.

**Gu.R.** – Acho que alguém levou para casa.

**Educadora Cooperante** – Já dissemos isso, outra possibilidade é que alguém anda a esconder as peças.

**Gu.R.** – Eu já vi peças debaixo da mesa.

**Educadora Cooperante** – Isso quer dizer o quê?

**Auxiliar** – Quando estão debaixo da mesa quer dizer o quê?

**A.A.** – Que caíram.

**Auxiliar** – Que caíram. . . e o que é que nós temos que fazer para não as perder?

**Grupo** – Apanhar.

**Educadora Cooperante** – E depois apanhamos e metemos aonde?

**A.A.** – Na caixa.

**Educadora Cooperante** – Mas uma caixa qualquer?

**S.** – A caixa certa.

**S.** – Eu acho que as duas peças caíram e depois alguém levou para casa.

**A.A.** – As duas peças caíram e depois as pessoas podem não ter visto e não apanharam.

**Auxiliar** – E também pode ter acontecido que depois a pessoa deixaram cair não apanharam, veio a senhora que vaeem limpar o chão que não tem acontecido agora mas antigamente acontecia e isto não quer dizer que não esteja já e depois limpou. E foi para aonde?

**S.** – Para o aspirador.

**Auxiliar** – Foi para o aspirador porque a pessoa não vê, pode ter acontecido as peças terem ido para o aspirador e a pessoa está a aspirar e não vê se vai alguma peça e depois vai para o lixo, quer dizer que vamos perdendo essas peças. Temos que ter mais quê?

**A.A.** – Cuidado.

**A.N.** – Ou alguém varreu e depois foi para o lixo.

**Educadora Cooperante** – Ou isso sim.

**A.A.** – E agora já não as podemos encontrar.

**Educadora Cooperante** – Agora já percebemos as possibilidades do que pode ter acontecido e agora o que é que vamos fazer para melhorar?

**Ra.C.** – A.M.

**A.M.** – Ou alguém estava a arrumar o jogo e outro jogo estava em cima das peças do outro jogo e depois a pessoa arrumou o jogo sem querer.

**Educadora Cooperante** – Arrumou noutra jogo. Agora atenção! Vamos falar do que vamos fazer para melhorar para isso não voltar a acontecer.

**S.** – Estar sempre com atenção.

**Educadora Cooperante** – Estar com atenção quando estamos a fazer um jogo, boa!

**A.A.** – Ter cuidado.

**Educadora Cooperante** – Estar com atenção e ter cuidado quando fazemos jogos.

**T.** – Temos que olhar para o chão.

**Auxiliar** – Mas sempre ou quando estamos a arrumar ou falta uma peça?

**T.** – Quando nós estamos a arrumar algumas peças caem.

**Auxiliar** – Então quando arrumamos temos que olhar à nossa volta.

**A.A.** – E se houver temos que apanhar, não podemos deixar no chão.

**A.M.** – Oh S. sabes quando eu fazia aquele jogo do lego city e estava a brincar sozinho, eu quando estava na hora de arrumar, eu às vezes precisava de ajuda e iam pessoas a ajudar e depois quando estava a arrumar com as pessoas, nós às vezes deixávamos cair peças e eu via que elas caíam.

**Auxiliar** – Pois, mas olha estes legos têm desaparecido, porque a caixa estava cheia e agora já só temos estes.

**Educadora Cooperante** – Então vá deixem-me escrever: Temos que melhorar algumas coisas quando estamos a fazer jogos e agora já sabemos que jogos não são só puzzles: temos que ter cuidado e atenção, não foi?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Olhar para o chão e à volta e apanhar ou arrumar no sítio certo.

**L.** – É quando a E. chama que está na hora de arrumar, as pessoas têm de arrumar.

**Educadora Cooperante** – E levar para casa?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Mas é melhor escrever esta parte vocês falaram tanto disso: não levar peças para casa mesmo que sejam bonitas.

**Auxiliar** – Temos mesmo que ter muito cuidado porque às vezes falta uma peça e não conseguimos concluir o jogo.

**Educadora Cooperante** – Mas também não esquecer das regras que já escrevemos.

**A.A.** – Porque já escrevemos ali uma regra que está mesmo no meio.

**Educadora Cooperante** – Não fazer confusão e arrumar tudo no sítio certo.

**A.A.** – Isso é uma coisa que nós temos que melhorar.

**A.M.** – A última regra é a regra de arrumar.

**Educadora Cooperante** – É isso mesmo!

**A.M.** – Eu adivinhei porque vi a pessoa ali com a caixa.

**Educadora Cooperante** – Ra.C. se não te importas vais ali buscar aquele jogo dos mosaicos se faz favor?

[Ra.C. levanta-se e vai buscar]

**Educadora Cooperante** – Ora então sobre este jogo, nós recebemos este jogo novo aqui na nossa sala, temos este jogo que é muito divertido, chama-se um jogo de mosaicos de madeira e tem aqui várias imagens, podemos fazer ou podemos imaginar e criar a nossa própria imagem. Este jogo é para pessoas crescidas que não desistem porque é preciso muita atenção e concentração.

**A.A.** – E depois temos que contar. Já me aconteceu a mim que eu não contei e depois enganei-me

**Educadora Cooperante** – Isso é uma estratégia depois podes ajudar os outros a fazer também assim. E tem muitas peças, muito pequenas, umas são quadrados outras são em triângulos e como vocês vêm está organizado como?

**A.A.** – Cores.

**Educadora Cooperante** – E porque é que acham que está organizado por cores?

**A.M.** – Por causa que assim vamos buscar uma peça e não sabemos onde é que elas estão.

**Educadora Cooperante** – Se este jogo é preciso muita concentração, ajuda-nos se estiver tudo organizado por cores, assim sabemos exatamente a cor. Se nós ainda estamos a tentar ver qual é o sítio dela e ainda temos que procurar onde é que está a cor é muito mais difícil este jogo. Oh D. querem ir ao cabeleireiro a seguir? Podemos falar ali com a senhora da frente que tem um cabeleireiro e vão lá a seguir pentear o cabelo porque agora estamos no Conselho.

**A.M.** – Eu tenho um cabeleireiro ao pé da minha casa.

**Educadora Cooperante** – Além de estar organizado por cores, não é para estar espalhado na mesa e muito menos para levar para casa. Este jogo tem mesmo que cumprir, isto tudo que acabamos de combinar que é: ter cuidado e atenção, olhar para o chão e à volta, apanhar o tiver no chão ou arrumar no sítio certo.

**S.** – E ver se está no bolso.

**Educadora Cooperante** – É assim dificilmente cai no bolso. As peças não caem nos bolsos, as peças são metidas nos bolsos, porque cair no bolso não cai.

**Auxiliar** – Nem estas nem nenhuma, não há nenhuma peça que caia nos bolsos.

**Educadora Cooperante** – Além disso, não levar peças para casa mesmo que sejam assim tão giras como são estas e não fazer confusão. Este jogo neste momento está arrumado ali em cima mas é para ficar aqui para vocês poderem utilizar à vossa vontade, mas têm que cumprir estas regras porque se não cumprirem estas regras não vamos meter o jogo, vocês querem experimentar fazer este jogo não querem?

**Grupo** – Sim

**Educadora Cooperante** – Temos mesmo que cumprir aquilo que acabámos de combinar e este jogo dá para quantas pessoas?

**A.P.** – 1 de cada vez.

**Educadora Cooperante** – O melhor é ser uma, se não conseguir uma, máximo duas. Por exemplo, o A.N. hoje teve muito bem a fazer com o A.P. [sala Intelectual] faziam em equipa, o A.N. dizia qual era a cor que queria e via o sítio certo onde tinha que meter e o A.P. dava-lhe a peça e ele metia no sítio. Mas o melhor é fazer sozinho porque assim conseguem-se concentrar, esta bem?

**Auxiliar** – Imagina que ele quer muito fazer e o Gu.R. também quer muito fazer mas eu tenho que perguntar primeiro se ele quer fazer comigo ou sozinho, mas não vamos estar aqui a gritar. Primeiro dá para um, se houver alguém, por exemplo, o Ga.R. foi ajudar a M.S. e correu bem mas porque a M.S. começou primeiro e o Ga.R. foi ajudar.

**Educadora Cooperante** – Este jogo só dá para uma pessoa, a outra que está, está a ajudar, só há um jogador. Pode haver um jogador e o jogador está sozinho ou pode haver um jogador e um ajudante. O ajudante não está a fazer está a . . .

**Grupo** - Ajudar.

**Educadora Cooperante** – Não está a jogar, é diferente. Pronto está resolvido. Mais coisas para resolver?

**Ra.C.** – A.A.

**A.A.** – Eu não gostei que o Gu.R. me pegasse ao colo e dissesse desculpa. Eu não sei se nas filasse pode pegar ao colo e acho que nós já combinámos que não se pode pegar ao colo na fila.

**Educadora Cooperante** – Gu.R. o que é que tens a dizer?

**Gu.R.** – Mas eu já disse desculpa ao A.A.

**A.M.** – As desculpas não se dizem.

**Auxiliar** – Evitam-se.

**Educadora Cooperante** – Dizem-se mas é melhor não fazer as coisas para não termos que pedir desculpa. Porque olha se eu estiver sempre a empurrar e a bater e tiver sempre a pedir desculpa posso-te bater é isso? O melhor é não bater.

**L.** – Oh E. a D. está a mexer no meu cabelo.

**Educadora Cooperante** – Oh D. . . L. vai tu ali para ao pé da A.P. para ver se ela te deixa em paz. D. agora estás sozinha eu vou ver quem é que vais esta a chatear. Gu.R. então vá já pediste desculpa mas agora o A.M. disse-te uma coisa, o que é que tu achas que agora tens que melhorar? É que as desculpas. . .

**A.M.** – Só se dizem quando foi sem querer.

**Educadora Cooperante** – Não se pedem, tem que se. . .

**Grupo** – Evitar.

**Educadora Cooperante** – Está bem Gu.R.?

**Gu.R.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E isso quer dizer o que? Que já não vais fazer o que?

**Auxiliar** – Não sabes?

**Educadora Cooperante** – O que é que tu fizeste ao A.A.?

**Gu.R.** – Peguei ao colo.

**Educadora Cooperante** – E então o que é que não vais voltar a fazer?

**Gu.R.** – A pegar o A.A. na fila.

**Educadora Cooperante** – Na fila nem em lado nenhum porque pode correr mal.

**Auxiliar** – As pessoas não são para pegar ao colo somos todos crescidos.

**A.A.** – Lá fora nós podemos bater com a cabeça no chão.

**Auxiliar** – É verdade.

**Educadora Cooperante** – Está resolvido A.A.?

**A.A.** – Sim.

**Ra.C.** – S.

**S.** – Já esta resolvido.

**Auxiliar** – Falta o A.N., a M.S. e a D.

**Ra.C.** – D.

**D.** – Não gostei que ontem a M.N. brincasse comigo e depois fui-me embora.

**Educadora Cooperante** – Então não estamos a perceber o problema.

**A.A.** – Não querias ir embora?

**Educadora Cooperante** – O A.A. está a perguntar se não te querias ir embora?

**D.** – Eu queria ficar mais tempo.

**Educadora Cooperante** – D. então isso pode ser uma das razões mas não foi por isso que tu escreveste ali. . . O que é que aconteceu com a M.N. que tu não estás a querer contar? Tu ontem trouxeste uma mochila de brinquedos.

**Auxiliar** – Mas isto foi ontem ou anteontem, que tu estavas muito triste?

**D.** – Foi anteontem.

**Auxiliar** – Ontem trouxe a mochila mas anteontem não trouxe a mochila e elas estavam a brincar muito bem e depois saiu a K. [sala das expressões] e a M.N. abandonou a D. e foi brincar com K. e depois já não queria brincar com a D., não foi?

**D.** – E fui brincar com a N. [sala Intelectual]

**Educadora Cooperante** – Mas isso foi ontem.

**J.M.** – Isso foi ontem, ela veio ontem à hora de almoço escrever.

**Educadora Cooperante** – Elas ficaram a brincar muito bem com a N.

**Auxiliar** – Então mas o problema foi quando? Ela estava muito coiso porque a M.N. agora que já tinha a K. já não queria brincar com ela e eu disse-lhe “Vai brincar com outra pessoa, não lighes”.

**Educadora Cooperante** – Pois e ontem voltou a estar triste porque queria brincar com a M.N. e a M.N. não queria brincar com a D., agora vamos perguntar à M.N. se ela gosta de brincar sozinha, secalhar ela gosta. M.N. tu preferes brincar sozinha é isso? Não gostas de brincar com a D.?

**D.** – Ela às vezes brinca comigo.

**Educadora Cooperante** – Porque é que achas que outras vezes não brincam?

**S.** – Porque tu fazes alguma coisa que não deves fazer ou bater.

**D.** – Eu quero brincar com ela todos os dias.

**Educadora Cooperante** – M.N. estás a ouvir o que a D. te está a dizer? O que é que tu podes dizer sobre isso?

**M.N.** – Eu não fiz nada de mal à D. eu só estava a brincar com as pessoas que eu gosto de brincar.

**Educadora Cooperante** – Então não gostas de brincar com a D. é isso?

**M.N.** – Eu só queria se a D. me deixasse brincar para ser amiga de outras pessoas.

**Educadora Cooperante** – E conseguiste isso?

**M.N.** – Não consegui.

**Educadora Cooperante** – Não conseguiste. . . e tiveste a brincar com quem?

**M.N.** – Com. . .

**Educadora Cooperante** – Quando a K. foi embora?

**M.N.** – Sozinha.

**Educadora Cooperante** – E estavas feliz a brincar sozinha?

**M.N.** – Sim, ninguém veio chatear-me.

**Educadora Cooperante** – A D. chateia-te?

**M.N.** – Às vezes ela não faz aquilo que eu quero.

[auxiliar lança uma gargalhada]

**Educadora Cooperante** – E tu fazes às vezes o que ela quer?

**M.N.** – Eu quero que ela faça o que eu quero, mas às vezes eu faço.

**Educadora Cooperante** – Mas isso . . . às vezes. Alguém quer dizer alguma coisa? Alguém quer explicar à M.N. como é que se brinca?

**S.** – Tu podes fazer amigos novos mas não é deixar os outros para trás e não brincar com eles. É arranjar amigos e voltar a brincar com a pessoa que estava a brincar também.

**A.M.** – Hoje é sexta-feira?

**Auxiliar** – Não, é quinta.

**A.M.** – Então porque é que estamos a fazer Conselho hoje?

**Auxiliar** – Porque amanhã a E. não vai estar cá.

**Educadora Cooperante** – E quis estar presente neste Conselho, neste e nos outros todos.

**A.M.** – O G.N. estava a dizer que amanhã era fim de semana.

**Auxiliar** – Não querido, mas o G.N. devia saber porque a E. explicou porque é que íamos fazer Conselho na quinta-feira e devia ter sido o G.N. a explicar-te a ti porque estamos a fazer Conselho hoje – quinta-feira – a E. ontem explicou na quarta-feira que íamos fazer quinta porque a E. não ia estar connosco na sexta-feira, não foi G.N.? Então hoje é. . . quinta.

**D.** – Mas depois na hora de entrar a M.N. brincou comigo.

**Educadora Cooperante** – Espera. . . oh S. repete lá o que é que disseste.

**S.** – Brincar é uma coisa divertida, então não é deixar os outros amigos para trás é dizer ao amigo que vai buscar mais amigos para brincar e depois quando ele volta brinca com a mesma pessoa e depois chama as outras pessoas para brincar com a mesma pessoa.

[Educadora Cooperante vai registando o que a S. está a dizer]

**Auxiliar** – Juntamos os amigos velhos com os amigos novos e brincamos todos juntos é isso?

**S.** – Sim.

**Auxiliar** – Mas para brincarmos os amigos velhos com os amigos novos e connosco, vou perguntar, têm que fazer só aquilo que tu queres?

**S.** – Não. Nós temos que fazer. . .

**A.M.** – Oh E., oh E.

**D.** – Depois acontece como a J.F. que só queria brincar comigo e não quis brincar com as outras pessoas.

**Auxiliar** – Oh S. vais mesmo continuar a lascar a mesa?

**A.A.** – Quando querias brincar. . .

**D.** – Eu no início estava sempre a brincar com a M.N. e depois quando eu vim para esta sala a J.F. começou a brincar comigo e agora. . .

**Auxiliar** – E tu deixaste de brincar com a M.N.?

**D.** – Sim e depois comecei a brincar com a M.N.

**Educadora Cooperante** – Certo mas nós isso. . . nós depois vimos em Conselho que tu não estavas. . . tu não te sentias bem em estar a fazer isso à M.N. e em Conselho até falámos sobre isso e disseste que na verdade a J.F. era ela que te obrigava a brincaremos sempre com ela e a não brincaremos com os outros.

**D.** – Ela estava sempre a dizer que eu estava estranha.

**Educadora Cooperante** – Mas a M.N. está a fazer isso agora, mas ainda. . . eu gostava que vocês ajudassem aqui a M.N., porque a M.N. disse que até prefere brincar sozinha porque assim faz aquilo que lhe apetece e que quer, não é? E a pergunta que eu vou fazer a vocês todos para pensarmos todos juntos sobre isto é: Quando estamos a brincar fazemos só o que queremos ou fazemos o que os outros querem, o que eu quero. . . temos que partilhar como é que fazemos?

**Grupo** – Partilhar.

**S.** – Fazer o que nós queremos e o que os outros querem.

**Educadora Cooperante** – Ajudar os outros, fazer o que os outros querem também, ouvir os outros, partilhar ideias ou formas diferentes de fazer as brincadeiras. . . Então M.N. tu achas que essa atitude que tu estas a ter nas brincadeiras é a melhor?

**M.N.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então o que é que tu achas que deves melhorar?

**M.N.** – Brincar sozinha.

**Educadora Cooperante** – Sim, podes brincar sozinha também mas eu acho que há uma coisa importante que tu deves aceitar não é?! Que não podes fazer só o que tu queres.

**Auxiliar** – Eu tenho uma pergunta para a M.N. – quando tu brincas com a K. só fazes aquilo que tu queres? Ou tu fazes o que a K. quer?

**M.N.** – Faço o que a K. quer.

**Auxiliar** – Ahh

**Educadora Cooperante** – Então porque é que com a D. é diferente?

**Auxiliar** – Porque com a K. ela não deixa cá ninguém mandar na brincadeira, porque a K. é que manda e a M.N. faz o que a K. manda.

**Educadora Cooperante** – Então qual é a diferença entre a K. e a D.? Com a K. tu deixas ela mandar na brincadeira e fazes tudo aquilo que ela quer e depois quando chegas à D. queres ser tu a fazer essa parte.

**M.N.** – Eu deixo a D. às vezes mandar nas brincadeira, outras vezes não deixo porque temos que deixar os outros mandar nas brincadeiras.

**Educadora Cooperante** – Porque é que para a D. dizes e concordo, concordamos todos não concordamos?

**Grupo** – Sim.

**A.M.** – Porque eu acho que a M.N. gosta mais da K. do que a D.

**Educadora Cooperante** – Achas que é por isso?

**A.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Será que é por isso que. . . É porque gostas mais da K. do que a D.?

**M.N.** – Eu vou sempre ao ballet com ela e com a mãe dela.

**Auxiliar** – E então?

**Educadora Cooperante** – Eu percebo mas não é por isso que tens que deixar que ela mande em ti, não é? É por isso que deixas que ela mande em ti?

**M.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Mas não tem que ser assim, a amizade não é isso.

**S.** – A amizade é uma coisa que é ter um bom coração e uma boa atitude.

**Auxiliar** – Ai adoro S.! O que é que te aconteceu nesta estadia em casa? Adoro!

[Educadora Cooperante volta a registar o que a criança disse]

**Auxiliar** – Muito bem S., é verdade.

**Educadora Cooperante** – E um bom coração é saber dar espaço aos outros também.

**Auxiliar** – E ouvir o que os outros têm para partilhar connosco, porque a brincadeira fica muito mais divertida se for. . . eu tenho uma ideia e o Gu.R. tem outra e se juntarmos as duas ideias vais ser muito mais divertido.

**Educadora Cooperante** – Não quer dizer que naquele dia, a S. pode ter a sua ideia e quer fazer a sua ideia e fazem a sua ideia, mas no dia a seguir é o Gu.R. a dar a sua ideia e fazem a sua ideia, podem indo alternando.

**S.** – Ou podem brincar os três juntos.

**A.M.** – Um dia um, um dia outro.

**Auxiliar** – Sim, às vezes uma ideia do Gu.R. pode ser melhor, eu achar assim “Olha realmente a tua ideia é bem mais gira, vamos fazer a tua”, não é? Não quer dizer que a nossa ideia seja a melhor sempre e sabermos ouvir os outros é muito importante.

**Educadora Cooperante** – Então como é que vamos resolver isto? A M.N. está a perceber como é que é a amizade. Ra.C. como é que vamos ajudar aqui a D. no seu problema?

**D.** – Eu acho que ela podia brincar de vez em quando comigo.

**Auxiliar** – Isso era o que tu gostavas? Que ela gostasse de brincar contigo de vez em quando?

**D.** – Sim.

**Auxiliar** – E tu M.N. estás disposta a brincar com a D.? De vez em quando? Aceitar as propostas da M.N.? E se calhar também tens que começar a. . . O que é que achas? Tu gostas quando a K. manda na brincadeira?

**M.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Ai gostas? Então tudo bem, mas há aqui outra coisa que tens que perceber tu gostas de estar sozinha?

**M.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então eu hoje vou dizer à K. que ela não pode brincar contigo.

**Auxiliar** – Não, ninguém vai brincar com a M.N.

**Educadora Cooperante** – Tu vais ficar feliz de estar sozinha?

**M.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então vamos ver se é isso que vai mesmo acontecer. Vocês acreditam que a M.N. vai gostar de estar sozinha?

**A.A.** – Eu acho que não.

**S.** – Eu acho que não.

**Educadora Cooperante** – Tu acreditas que vais gostar de estar a brincar sozinha? Não vais pois não?

**M.N.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então tens que pensar. . . eu não vou dizer à K. para não brincar contigo, tens que pensar o que é que a D. pensa também sobre isso e o que é que ela sente quando tu a deixas sozinha e não queres brincar com ela. Achas que ela se sente bem? Achas que ela gosta?

**M.N.** – Não.

**S.** – Ninguém gosta de brincar sozinho.

**Educadora Cooperante** – Eu lembro-me de um dia deste ano sim, na sala do Jogo Dramático, de tu vires a chorar ter comigo a dizer que estavas sozinha porque a D. não queria brincar contigo. Se tu estavas a chorar é porque não gostas.

**A.P.** – E agora é ao contrário.

**Educadora Cooperante** – Porque é que estás a fazer o contrário? Nós ajudámos a D. a melhorar para começar a brincar contigo.

**A.M.** – E agora tu não queres brincar com a D.

**Educadora Cooperante** – Há uma coisa muito importante a aprender: não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti.

**A.A.** – Pois é, eu às vezes faço à minha mana o que eu não gosto que me façam a mim.

**Educadora Cooperante** – Então temos mesmo que guardar isto dentro do nosso coração: não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti.

**A.A.** – Podes escrever.

**Educadora Cooperante** – Fui eu que disse. M.N. o que é que vais melhorar? Vá temos que avançar para outras coisas.

**M.N.** – Eu vou melhorar. . . vou brincar com os outros.

**Educadora Cooperante** – Ok. . . brincar com os outros.

**M.N.** – Brincar com mais ideias, ouvir as ideias dos outros.

**Educadora Cooperante** – Muito bem! Incluindo ali a D. não é?

**M.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Parece-me resolvido, está resolvido?

**Grupo** – Sim.

**A.A.** – Falta o A.N.

**T.** – Eu queria dizer que um dia a M.N. brincou comigo.

**Educadora Cooperante** – Isso é bom. Quer dizer que ela estava a brincar sozinha?

**T.** – Não, nesse dia não estava.

**Educadora Cooperante** – Eu sei, e a D. estava a brincar sozinha?

**T.** – Nesse dia não sei.

**Educadora Cooperante** – Olha T. ainda bem que brincas com a M.N. e que te entendes com ela, mas eu acho que a D. não se está a entender com ela. Mais alguma coisa? Está tudo resolvido aqui do nosso diário?

**Auxiliar** – Não há ninguém mais que tenha nome?

**A.A.** – Há o A.N.

**Educadora Cooperante** – A.N. tens alguma coisa para resolver?

**Auxiliar** – Ou já te esqueceste?

**A.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então olha o Ra.C. depois não é agora vai riscar isto tudo e na próxima semana só há este espacinho para escreverem ok? Próxima semana, além disto aqui que está escrito que é. . . aqui no queremos fazer além de fazermos a lista de animais, vamos começar a escolha outra vez e a monotípia fazemos na próxima semana, temos mais duas coisas: uma delas é a entrega. . . lembram-se daqueles desenhos que fizeram da escola?!

**A.A.** – Os pais vão ver. . .

**Educadora Cooperante** – Aqui a E. e vocês no dia 10 que é quinta-feira os pais vêm aqui, não vêm todos ao mesmo tempo mas vêm aqui à nossa escola e vocês vão mostrar o vosso portefólio aos pais, mas é só mostrar não podem levar para casa está bem?

**D.** – O meu mano faz dia 11 seis meses.

**Educadora Cooperante** – Está bem, mas estamos a falar dos portefólios. . . e vão receber os pais o vosso desenho da escola e aqui dentro está aquele texto que a E. disse que ia dizer sobre vocês, o que é que vocês já sabem, o que é que precisam de melhorar, todas as pessoas tem coisas para melhorar, não há problema nisso e aqui está escrito a minha parte e vossa é esta e o portefólio. Portanto vocês todos vão mostrar tudo o que está lá dentro e explicar tudo aos vossos pais está bem? Combinado?

[Educadora Cooperante e auxiliar falam entre si sobre o tempo que os pais vão ter para ver os portefólios]

**Educadora Cooperante** – Entrega das avaliações. . .

**A.M.** – É o portefólio e o separador ou não?

**Auxiliar** – Não amor, tudo o que estava no separador está no portefólio.

**Educadora Cooperante** – Depois vocês na próxima semana vamos arranjar um momento que todos vão estar a ver o vosso portefólio e perceber o que é que lá está. As capas não é para levarem já nem mostrarem já. . . as capas com as pinturas que fazem, os desenhos nas expressões, isso é só no fim do ano. . . quem tem. . . G.N. a tua capa está vazia temos que ir mais para as expressões está bem?

**Auxiliar** – Mas fazer pinturas não é para os jogos está bem?!

**Educadora Cooperante** – Entrega das avaliações e ver portefólios. Outra coisa que eu vou passar à frente porque o Ra.C. trouxe já á muito tempo para a Hora do Conto não foi?! Qual é o livro?

**Ra.C.** – *O Melro Artista.*

**Educadora Cooperante** – E para este dia. . . eu não sei a J.M. já pensou em alguma coisa?

**J.M.** – Mais ou menos.

**Educadora Cooperante** – Ok, depois falamos. Então mas vamos fazer qualquer coisa sobre *O Melro Artista* não sabemos bem o quê mas vamos fazer.

**A.M.** – Foi desde quando?

**Educadora Cooperante** – Desde quando o quê querido?

**A.M.** – Que o Ra.C. trouxe o livro?

**Educadora Cooperante** – Ah não te sei dizer mas já foi. . . antes do Natal acho eu, não foi?

**Ra.C.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Pronto, já só cabe mais uma proposta aqui. Acho que o A.A. qual era a tua proposta? Estavas a falar de uma história não era?! Mas para a Hora do Conto já temos.

**A.A.** – Pode ser para o teatro que eu quero fazer com o Ra.C.

**Educadora Cooperante** – Pode. . . depende, qual é a história?

**Auxiliar** – É melhor trazeres a história segunda-feira e depois nós vemos.

**A.A.** – Eu sei qual é a história é *O Cuquedo e um Amor que Mete Medo*.

**A.M.** – Já fizemos *O Cuquedo e os Pequenos Aprendizes do Medo*.

**Educadora Cooperante** – *O Cuquedo e um Amor que Mete Medo* ainda não fizemos. Pronto está bem, pode ser. Mais?

**S.** – Como estamos a fazer as histórias podíamos um dia levar para casa no final do ano também, depois os pais contavam à noite e depois ficava uma história por dia.

**Educadora Cooperante** – Ok. . . Podemos fazer uma feira do livro, com os livros que vocês andam a fazer.

[Crianças ficam entusiasmadas]

**Educadora Cooperante** – Mas neste momento ainda só temos um feito.

**Auxiliar** – Então temos que começar a pensar melhor naquilo que vamos fazer.

**Educadora Cooperante** – Se querem começar aqui a criar uma fábrica de histórias também têm que começar a fazer mais histórias, é um bom desafio.

**Auxiliar** – Mais histórias e com. . . a pensar, não é inventar.

**L.** – Oh E. a S. está a por os sapatos ao contrário.

**Educadora Cooperante** – Então aceitam o desafio do S.?!

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então nós agora vamos para o mês de fevereiro, mas no mês e março há uma semana que se chama a Semana da Leitura e nessa semana podemos fazer uma feira do livro se tivermos muitos livros e quisermos comprar os livros para lermos em casa com os pais, pode ser?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – É uma boa ideia S.

**S.** – A minha mãe é que disse para eu fazer isto.

**Educadora Cooperante** – Então é uma ideia encomendada. Mas também esta história vai estar no teu portefólio de qualquer forma, mas depois logo se vê como é que se pode fazer isto. Mais alguma ideia? Está tudo?

**Auxiliar** – Ra.C. querido.

**Ra.C.** – M.N.

**M.N.** – Eu tenho uma coleção de livros do Cuquedo lá em casa.

**Educadora Cooperante** – Pois tens, foi quando foste lá ao trilho do Cuquedo. Olha mas agora lembrei-me da tua sugestão, do S, que a S, trouxe uma caixa com cartas muito giras que dá para criar histórias e podemos a partir dessa caixa fazer várias histórias e construir vários livros. Podemos fazer grupos e cada grupo criar uma história.

**A.M.** – Uma caixa de quê?

**J.M.** – De cartões.

**S.** – Nós temos as instruções.

**Educadora Cooperante** – Para a semana estamos um bocadinho cheios de coisas para fazer.

**S.** – Dá para fazer um castelo, uma cabana, . . .

**Educadora Cooperante** – As cartas são muito giras, isto não é para esta semana é só para a outra porque não vamos conseguir fazer isto, mas são muito interessantes porque tem várias imagens e a partir destas imagens podem criar histórias muito giras.

**S.** – Sim, mas eu tenho um conjunto de cartas que é: cabanas, castelos, muitas coisas.

**Educadora Cooperante** – Sim, mas estas são diferentes, esta caixa chama-se mesmo “Conta-me uma história”

**S.** – E depois também tem histórias.

**Educadora Cooperante** – Por exemplo, era uma vez no meio do bosque.

**S.** – Não é assim que o meu pai faz, ele vira as cartas, deixa-me escolher e depois quando calha uma, eu tenho que contar a partir daí a história.

**J.M.** – De uma carta só?

**S.** – Então primeiro contamos de uma carta a história, depois tiramos outra carta virada, depois a história, depois tiramos outra.

**Educadora Cooperante** – E vamos criando a história.

**S.** – E depois chegou ao fim porque só podemos tirar três cartas.

**Educadora Cooperante** – Eu sei, eu também estou a fazer assim mais ou menos. Por exemplo, uma casa em cima de uma grande montanha.

**G.N.** – No bosque.

**Educadora Cooperante** – Onde vivia um senhor.

**Auxiliar** – Com o seu?

**Grupo** – Chapéu.

**A.M.** – Chapéu gigante e o seu pássaro.

**Educadora Cooperante** – O seu periquito era o M. e andava sempre em cima do chapéu. Um dia. . . houve um dia em que o mago ia a passear pelo bosque ao pé da sua casa e encontrou esta flor.

**S.** – Eu já usei essa flor para uma história.

**Educadora Cooperante** – E pensou “O que é que estaria um nenúfar a fazer no meio de um bosque se precisa de água?”.

**S.** – Deve ser um flor mágica.

**Educadora Cooperante** – É isso mesmo.

**Auxiliar** – Que transportou para um bosque encantado, onde o vento soprava muito.

**S.** – É só três cartas.

**Educadora Cooperante** – Ah é só três?

**S.** – Sim.

**Auxiliar** – Mas pode ser mais, imagina podes usar cinco cartas.

**S.** – Mas é o que o meu pai diz.

**Auxiliar** – Oh amor, está bem.

**S.** – Quando vamos fazer à noite.

**Educadora Cooperante + Auxiliar** – Ahhh [riem-se]

**Auxiliar** – Cada um faz as regras com o tempo que tem.

**Educadora Cooperante** – Então depois nós já sabemos que temos que tirar cartas e inventar a história com as cartas, é melhor limitar mesmo a três.

**S.** – Podes terminar.

**Educadora Cooperante** – Então depois estava muito vento naquele bosque e o mago pensou. . .

**Auxiliar** – Ui é melhor voltar para casa.

**Educadora Cooperante** – Está tanto vento e eu não sei o que é que este nenúfar está aqui a fazer no meio bosque, vou mas é embora. . . fez o seu caminho, chegou a casa e fechou-se lá dentro até o vento passar e o nenúfar desaparecer daquele bosque. Pronto já sabemos que isto vai dar histórias muito giras, mais giras do que esta certamente.

[crianças riem-se]

**Educadora Cooperante** – E vamos aqui fechar o nosso Conselho porque não temos mais nada para escrever.

**Auxiliar** – Responsável do dia diga lá como é que vamos fechar o Conselho.

[Ra.C. faz o gesto e som como se tivéssemos que fazer silêncio para o fecho do Conselho]

**Conselho 11/02/2022**

[Crianças lavam as mãos e sentam-se em roda para o momento do Conselho]

**Educadora Cooperante** – Quem é que ainda não foi Presidente?

**T.** – Eu não.

**Gu.R.** – Eu não.

[existem mais duas crianças com o dedo no ar – o V. e a M.C.]

**Auxiliar** – Tu ainda não foste porque tu ainda tens muito que caminhar para conseguires.

**A.N.** – V.

**Educadora Cooperante** – V. muito bem! V. senta-te aqui ao pé do A.N. Olhem deixem-me só perguntar a semana passada quem é que foi o Secretário e o Presidente?

**A.A.** – O Presidente eu não me lembro mas o responsável na sexta-feira, da semana passada. . .

**Auxiliar** – Então não foi o Ra.C.?

**J.M.** – Foi.

**Auxiliar** – Que até estavam os dois apagados, era ele e. . . quem é que ele escolheu? Estavam os dois a olhar para o lado.

**J.M.** – O Ra.C. até estava ao lado da E.

**Auxiliar** – Foi o Ra.C. e a outra pessoa eu não me lembro. Quem é que estava a ajudar o Ra.C. no Conselho?

**G.N.** – O A.M.

**A.M.** – Não.

**Auxiliar** – Não, não era o A.M. Vá não vamos inventar.

**Educadora Cooperante** – Não era o T.?

**A.M.** – Eu já ajudei o Ra.C. mas já foi à muito tempo.

**Educadora Cooperante** – Fica só o Ra.C. por agora. Antes de começarmos o nosso Conselho vamos só ler a Ata daquilo que combinámos na semana passada.

**M.S.** – E as nossas couves. . . temos que ver se elas já cresceram.

**Educadora Cooperante** – É quando fomos ali escrever naquele diário, quando fomos pensar no que vamos fazer na próxima semana está bem?! Guarda essa ideia, não te esqueças dela! Olha então nós combinámos a semana passada que. . . Quem é que está ao lado da M.C. que eu não vejo?

**Auxiliar** – É o G.N.

**Educadora Cooperante** – Oh G.N. vai ali para ao pé do G.E. consegues ver bem ali ao pé dele. O A.M. chega-se um bocadinho para a frente para eu o ver. Então nós combinámos que temos que melhorar algumas coisas quando estamos a fazer jogos: que temos que ter cuidado e atenção; olhar para o chão e à volta; apanhar e arrumar tudo no sítio certo; não levar as peças para casa mesmo que sejam bonitas; não esquecer as regras que já escrevemos, que é não fazer confusão e arrumar tudo no sítio certo. Conseguiram esta semana perceber bem esta parte?

**Grupo** – Sim.

**V.** – E ajudar os outros.

**Educadora Cooperante** – Ajudar os outros não foi aqui, mas sim, a outra semana aplaudimos as pessoas que sabiam ajudar que era importante ajudar os outros sim.

**L.** – E. porque está ali uma panela?

**Educadora Cooperante** – Eu estou a perceber porque estás a dizer isso, porque secalhar algumas pessoas têm ido para a casinha e não têm corrido bem. Nós escrevemos na Ata que íamos arrumar tudo no sítio certo, nos jogos correu bem mas secalhar temos que escrever nos jogos e em todas as áreas. Quem foram as pessoas que tiveram na casinha? Por acaso até deixaram ali os cartões por isso conseguimos ver. . . foram: o L. . .

**J.M.** – É a A.P., o M.C. e a outra pessoa não consigo ver.

**Auxiliar** – E a M.N.

**M.N.** – Não eu não tive na casinha.

**Auxiliar** – M.M.

**Educadora Cooperante** – Olha então o M.M., o L.

**M.N.** – A A.P.

**Educadora Cooperante** – A A.P. não está aqui. . . secalhar não perceberam esta parte das regras que nós combinámos: arrumar tudo no lugar. M.M. percebeste?

**M.M.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – É preciso acrescentar a casinha ou já percebemos?

**A.M.** – Já percebemos.

**Educadora Cooperante** – Vamos avançar que há aqui coisas para resolver sobre isso. Então o A.N. e o V. vão começar a dar a palavra, a ajudar a resolver os problemas todos.

**A.A.** – Mas eles ainda não escolheram se é o gostámos ou não gostámos.

**Educadora Cooperante** – Calma, agora é que eles vão tratar disso. A.N. e V. vamos começar por qual?

**A.N.** – Não gostámos.

**Educadora Cooperante** – Então podem começar a dar a palavra a quem tem o dedo no ar.

**A.N.** – S.

**Auxiliar** – Eu vou começar por ler o que escrevemos na Ata nº 8: combinámos que a S., a D., a M.S. não podem ir para a casinha.

**S.** – São as mesmas pessoas.

**Auxiliar** – São as mesmas, eu não me enganei pois não?

**S.** – Não, eu é que disse que eram as mesmas.

**Auxiliar** – Esta semana, na terça-feira, a S. era a responsável do dia, a M.S., a S. e a D. foram para a casinha, eram só as três pessoas que estavam lá, tiraram tudo dos armários, tudo espalhado no meio do chão.

**S.** – E ficaram lá dentro.

**Auxiliar** – Puseram-se dentro dos armários, estava na hora de irmos lanchar, pedimos a todos para arrumar, estas três pessoas continuaram a brincar, a rir, a porem-se dentro dos armários, estávamos a espera da responsável do dia para nos levar à casa de banho porque íamos lanchar, a responsável do dia dentro do armário a rir, toda muito feliz e contente e . . eu disse-lhes que elas não podiam ir o resto da semana para a casinha e disse que estas são as mesmas pessoas que já foi escrito na Ata que elas não podiam ir para a casinha. Eu acho que elas continuam iguais. Olha eu não sei, estás-te a rir D.? Eu não acho graça, tens 5 anos. . . vais fazer 5 anos.

**Educadora Cooperante** – No domingo.

**Auxiliar** – A S. tem 5 anos, a M.S. tem 5 anos. . .

**Educadora Cooperante** – Não tem 5 anos.

**Auxiliar** – Não tem mas vai fazer, é crescida! Eu não sei mas vocês gostaram de não ir para a casinha esta semana toda?! Eu para mim este problema estava resolvido mas naquela terça-feira não ficou nada resolvido porque vocês em vez de perceberem que estávamos todos à espera, o grupo estava todo à espera com a sala toda arrumadinha, estivemos aqui prai 5 minutos à espera que a S. acelerasse não é? Mas a S. não quis saber de nós, pôs-se dentro de um armário, a rir, não sei quem era a outra pessoa que estava com ela.

**S.** – Era a M.S.

**Auxiliar** – Riam, riam e nós à espera. Olha não sei a falta de respeito foi muita.

**Educadora Cooperante** – Há duas coisas aqui que me deixam triste, a primeira coisa que me deixa mesmo triste é meterem-se dentro dos moveis, as portas estão-se a estragar e vocês. . . não é para se porem dentro dos armários porque eu acho que lá na vossa

cozinha também não se poem dentro dos armários. Mas quem vai ser responsável por pedir o arranjo vão ser vocês porque são vocês que vão falar com o senhor lá em baixo e vão-lhe dizer que querem arranjar a casinha, isso não há discussão. Outra coisa que eu vou perguntar ao grupo, eu acho que já tínhamos escrito e quando nós escrevemos uma coisa em Ata é um acordo que estamos a fazer e quando fazemos um acordo é para cumprir ou não cumprir?

**Grupo** – Cumprir.

**Educadora Cooperante** – Já vimos que não cumpriram, cumpriste M.S.?

**M.S.**- Não.

**Educadora Cooperante** – Cumpriste S.?

**S.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Cumpriste D.?

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Não cumpriram e ficaram sem ir para a casinha foi isso que aconteceu. Aprenderam alguma coisa?

**S.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Pronto então eu vou perguntar ao grupo como é que se ensina alguém a arrumar?

**S.** – Eu aprendi.

**Auxiliar** – Não, da outra vez. . . a E. está-te a perguntar desta vez, da Ata nº8 já passou muito tempo, já estamos na Ata nº11.

**Educadora Cooperante** – Não aprendeste, não vale a pena dizermos agora que não vão para a casinha porque vocês já perceberam que não aprenderam, secalhar temos que arranjar outra forma delas aprenderem. . . Como é que se aprende a arrumar?

**S.** – Arrumar nos sítios certos.

**Educadora Cooperante** – Sim, mas se as pessoas não arrumam como é que se ajuda a alguém a aprender a arrumar?

**A.A.** – Mostrar como se faz.

**S.** – Ou arrumar com a pessoa.

[Entretanto chega a L. e vai sentar-se numa cadeira]

**Educadora Cooperante** – Ninguém sabe como é que se ensina alguém a arrumar?

**V.** – Temos que arrumar depressa.

**Educadora Cooperante** – Sim, mas como é que ensina alguém a arrumar? Esperem vou fazer a pergunta de outra forma, vamos pensar noutra coisa, como é que se ensina alguém a saltar? **M.S.** queres-me ensinar a mim a saltar, como é que eu tenho que fazer?

**M.S.** – Pular.

**Educadora Cooperante** – Eu vou ter que saltar é isso?! Se eu quiser ensinar-te a arrumar o que é que tu vais ter que fazer?

**M.S.** – Arrumar.

**Educadora Cooperante** – Arrumar quantas vezes? Muitas? Para aprender bem. . . poucas?

**M.S.** – Muitas.

**Educadora Cooperante** – Então secalhar é isso que está a faltar à D., à S. e à M.S., é arrumar mais. E como é que elas podem arrumar mais?

**Auxiliar** – O A.A. já está ali com o dedo no ar.

**V.** – A.A.

**A.A.** – Secalhar arrumando mais vezes e não estar a brincar e a ir para dentro dos armários e perceber que não é para estar a brincar mas sim a arrumar.

**Auxiliar** – Uma ideia, está ali outra.

**A.N.** – G.N.

**G.N.** – Arrumar as coisas no sítio certo.

**Auxiliar** – Sim, mas como é que achas que elas vão aprender amor?

**G.N.** – Não brincar mas é para arrumar quando vamos almoçar ou lanchar.

**Auxiliar** – Ou mesmo quando os pais chegam temos que arrumar. Não podemos deixar as coisas desarrumadas e ir embora com as coisas em cima da mesa.

**Educadora Cooperante** – S. podes ir dormir, não há problema nenhum.

**S.** – Ou também podem desarrumar menos e assim não demoram tanto tempo a arrumar.

**Educadora Cooperante** – Isso é uma estratégia que elas podem sempre utilizar, não desarrumar tanto, não espalhar tudo, para ser mais fácil arrumar.

**Auxiliar** – Mas como é que achas que elas vão aprender a arrumar mesmo? Eu tenho uma ideia brilhante deve ser a mesma da E.

**S.** – Podem ir mais vezes para a casinha para aprender.

**Auxiliar** – Podem ir mais vezes para a casinha para aprender ou então. . . mas vão lá arrumar.

**Educadora Cooperante** – Mas vão brincar?

**Auxiliar** – Mas vão lá brincar ou só arrumar quando está na hora de arrumar?

**Grupo** – Arrumar.

**Auxiliar** – Então passam a ir sempre que estiverem nesta sala, sempre que for hora de arrumar.

**Educadora Cooperante** – Vão sempre arrumar a casinha e saem as pessoas que estiveram lá a brincar.

**Auxiliar** – E elas arrumam tudo sozinhas. Uma boa ideia, assim vão aprender a arrumar. Imagina, eu, a J.M. e a E. vamos brincar na casinha, brincamos, brincamos, brincamos, está na hora de arrumar, eu, a J.M. e a E. saímos, entra quem?

**S.** – A D., a S. e a M.S.

**Auxiliar** – E vão arrumar aquilo que nós tivemos a brincar e assim elas vão aprender a arrumar.

**A.A.** – Mas nos também podemos fazer uma coisa, se nós não quisermos desarrumar muito, elas depois também não têm que arrumar muito.

**Auxiliar** – Sim, mas também não é para ir espalhar tudo só porque sabemos que são elas que vão arrumar A.A. porque nós também vamos mostrar que para brincar não precisamos de tirar tudo de dentro dos armários e espalhar tudo no chão. Elas além de irem arrumar vão aprender que “olha realmente eles brincaram muito bem e não espalharam tudo no chão, secalhar nós vamos fazer a mesma coisa”. Não é porque são elas que vão arrumar que vamos espalhar tudo no meio do chão. Também vamos ajudar a ensiná-las a brincar, que elas vão ver quando forem lá arrumar que “Olha eles já tinham aqui as panelas dentro do armário direitas, secalhar usaram e arrumaram” é isso que vamos ter que ensinar à D., à M.S. e à S.

**S.** – Eu também estava a pensar nisso.

**Auxiliar** – Eu vi logo.

**Educadora Cooperante** – Então vamos aqui combinar na Ata nº12. . . V. o que é que combinámos aqui? Já que és o Presidente. Quando está na hora quem é que vai arrumar sempre a casinha para aprender a arrumar muito bem?

**V.** – A D.

**Educadora Cooperante** – Combinámos. . .

**V.** – S. e M.S.

[auxiliar chama a atenção ao Gu.R. por ele não conseguir estar sentado na cadeira a ouvir os amigos e a ajudar a resolver os problemas]

**Educadora Cooperante** – que a S., a M.S. e a D. na próxima semana vão ficar responsáveis por arrumar todos os dias a casinha. . . arrumar e organizar tudo nos lugares certos.

**Auxiliar** – E vão pedir o arranjo das portas.

**Educadora Cooperante** – Sim. Está combinado?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E resolvido? Presidente e responsável?

**A.N. + V.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Mais ninguém tem nada para resolver? Podem riscar aqui o nome da S. Quem tem mais coisas para resolver no não gostámos, o A.N. vai dar a palavra.

**Auxiliar** – O meu nome está a cinzento. [para ajudar a criança a riscar o seu nome] Mais ninguém tem nada para resolver?

**Educadora Cooperante** – Ninguém tem nada escrito aqui?

**S.** – A J., a D.

**Educadora Cooperante** – E o Gu.R.

**Auxiliar** – No não gostámos.

**A.N.** – J.

**J.** – Eu não gostei que a D. tivesse em cima dos cacifos.

**Educadora Cooperante** – Alguém tem alguma coisa a dizer sobre isto?

**S.** – Mas ela ficou em pé ou estava de joelhos?

**J.** - Não, ficou em pé.

**S.** – De joelhos pode estar mas em pé não.

**Educadora Cooperante** – Tens os joelhos aqui? [dirige-se à D.]

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Ah.

**S.** – Mas ficaste em pé com os pés, não foi com os joelhos.

**A.A.** – J. eu tenho uma pergunta, a D. já tinha chegado ao cacifo ou estava a chegar ao cacifo?

**Auxiliar** – Não te lembras?

**J.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então secalhar podes perguntar à D.

**A.A.** – D. tu já tinhas chegado ao cacifo ou. . .

**D.** – Eu estava a chegar porque o banco estava no outro lado e eu podia buscar.

**S.** – E porque é que não foste buscar o banco? Porque estava longe? Era para ires mais rápido?

**D.** – O banco estava ao pé dos cacifos das Expressões.

**S.** – Então porque é que não ias lá buscá-lo?

**D.** – Estava muito longe.

**A.A.** – Secalhar era porque estavas cansada.

**D.** – Eu estava cansada e eu estava com sede e fui beber água.

**S.** – Mas podias ter perguntado a alguém se podia ir buscar o banco, não podias? Em vez de estares em pé, com os pés.

**A.A.** – Mas a quem é que tu pediste?

**Auxiliar** – A ninguém querido.

**D.** – Eu não pedi a ninguém.

**S.** – Ela podia ter pedido a alguma pessoa.

**Auxiliar** – A J. que estava lá e viu, podia ser que a J. não tivesse cansada.

**D.** – A J. até não estava comigo.

**S.** – J. só tu é que viste ou mais gente?

**J.** – Não me lembro, eu só me lembro que eu vi.

**Auxiliar** – Oh D. mas tu não me pareces muito preocupada com isso.

**Educadora Cooperante** – D. como é que vamos resolver isto?

[faz-se silencio à espera que a D. fale]

**S.** – Tu não pediste porque não estava lá ninguém ou. . .

**D.** – Não estava lá ninguém, só a J. e eu.

**S.** – Ah por isso é que não pediste a ninguém, podias ter pedido à J. Pediste?

**D.** – Não.

**Auxiliar** – Oh J. porque é que te incomodou ela subir os cacifos com os pés? Tinhas medo que ela caísse?

**J.** – Não.

**Auxiliar** – Porque é uma regra?

**J.** – Sim.

**Auxiliar** – Não se pode por os pés em cima dos cacifos, é isso?

**J.** – Sim.

**A.A.** – Mas também a D. também não estava assim tão longe do banco.

**S.** – E também podias ter pedido à J., nem pediste.

**Educadora Cooperante** – Então por um lado. . . D. como é que achas que vamos resolver este problema contigo?

**S.** – Ninguém pode por os pés no cacifos.

**Auxiliar** – Mas isso é uma regra, não é?

**S.** – Sim, mas podes pedir a uma pessoa que esteja contigo para ir buscar o banco. Ou a J. oferecer-se para ir buscar.

**Educadora Cooperante** – Mas porque é que tu não pediste à J.?

**S.** – Porque a J. também estava cansada, estavas cansada quando a D. também estava?

**Educadora Cooperante** – Como é que resolvemos? Como é que saímos daqui?

**V.** – A.A.

**Auxiliar** – S. tu já falaste muito temos que dar a oportunidade a outras pessoas.

**A.A.** – Eu tenho uma pergunta, D. mas nós podemos sentar-nos nos cacifos ou também não nos podemos sentar?

**Auxiliar** – Mas isso tem a ver com o problema delas?

**S.** – Não.

**S.** – Eu quando vou buscar o casaco ou a garrafa ponho os pés.

**Auxiliar** – Desculpa, o problema é mesmo esse, é por os pés em cima desse tabuleiro dos cacifos, foi o que aconteceu e esse é o problema, não podemos e é uma regra, só podemos por o que?

**S.** – Os joelhos.

**Auxiliar** – Os joelhos para chegar ao nosso cacifo. Quando não chegamos ao nosso cacifo vamos buscar o. . .

**Grupo** – Banco.

**Educadora Cooperante** – D. vais olhar para o grupo se faz favor?! Está tudo a tentar resolver um problema que é teu, em vez de estares a estragar as calças. É que parece que todas as pessoas estão aqui a tentar ajudar-te e tu estas a olhar para as tuas calças. Podes pedir desculpa ao grupo se faz favor?

**D.** – Desculpa.

**Educadora Cooperante** – Não queres ajuda?! Se faz favor tenta resolver este assunto. Achas que estiveste bem em pôr os pés em cima do cacifo?

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então se faz favor resolve com o grupo e com a tua amiga que acha que tu não fizeste bem, em vez de estares a mexer nas calças e a fingires que nós não estamos aqui. O que é que tens a dizer sobre isso? Desculpem lá eu estar assim a meter-me mas custa-me um bocadinho estar aqui todo o grupo a tentar ajudar a D. e a D. estar a ignorar e a fingir que não é nada com ela. . . e a achar que esteve muito bem, estava cansada, não foi buscar o banco e acha que tudo bem.

**Auxiliar** – E a culpa ainda é da J. que não quis ir buscar o banco. D. achas que tiveste uma boa atitude?

**Educadora Cooperante** – Pode-se pôr os pés em cima dos cacifos?

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então o que tu podes dizer D. ao grupo ou dizer à J. “sim, realmente estive mal não devia ter posto os pés, mas estava cansada, não me apeteceu ir buscar o banco, mas não volta a acontecer?”. Acho que é isso que podes dizer, em vez de estares a mexer no atacador das calças e estares a estragar isso tudo e não falar connosco, não achas?

**D.** – Secalhar eu devia ter ido buscar o banco.

**Educadora Cooperante** – Pronto e se não te apetecer ir buscar o banco o que é que podes fazer?

**S.** – Pedir à J.

**Educadora Cooperante** – E se a J. não te oferecer ajuda o que é que podes fazer?

**D.** – Pedir a outra pessoa.

**Educadora Cooperante** – E se essa pessoa não te ajudar o que é que podes fazer?

**Auxiliar** – Tem que ir buscar ela não é?

**Educadora Cooperante** – Ou então, pode por os joelhos me vez de meter os pés, não consegues?!

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então tens mesmo que ir buscar o banco.

**Auxiliar** – Ou então bebe água do bebedor lá de fora.

**Educadora Cooperante** – Ah também pode ser.

**Auxiliar** – Lá não precisa de banco, até porque isto de andarmos sempre cá dentro tem que acabar.

**Educadora Cooperante** – Querem escrever sobre pôr os pés em cima dos cacifos ou não é preciso?

**M.N.** – Toda a gente sabe.

**Gu.R.** – Eu pus os joelhos.

**A.A.** – Eu também só ponho os joelhos.

**S.** – Eu também.

**Educadora Cooperante** – Por acaso não tem chovido mas se chovesse os nossos sapatos e mesmo não chovendo, os bichinhos andam todos pelo chão, os nossos sapatos metemos lá em cima, ficam os bichos, a lama e o sujo, fica tudo lá. . . e depois vamos meter os nosso casacos, vamos sentar os nossos rabos, vamos por as nossas mãos.

**Auxiliar** – A nossa garrafa de água.

**Educadora Cooperante** – Pois já viram, não pode ser. Muito bem Gu.R. meter sempre o joelho, se quiserem escrever podemos escrever. V. o que é que eu escrevo?

**V.** – A D. . .

**Educadora Cooperante** – Não, o que é que vamos combinar aqui para todos? O grupo todo?

**S.** – Não podemos. . .

**Auxiliar** – Oh S., o V. também sabe.

**V.** – Que não podemos pôr os pés em cima dos cacifos.

**Educadora Cooperante** – E mais? Se quisermos ajuda, podemos pedir.

**Auxiliar** – E não podemos ser preguiçosos, porque se estamos muito cansados para beber água ou para ir buscar o banco, também estamos cansados para brincar lá fora no recreio.

**S.** – Mas se a outra pessoa puser os pés. . .

**Auxiliar** – Mas ninguém vai pôr, já percebemos que ninguém faz isso aqui, foi a D. que teve esse cansaço.

**Educadora Cooperante** – Está resolvido?

**Auxiliar** – Sim, agora falta o Gu.R. e a D. que têm coisas para resolver.

**A.N.** – Gu.R.

**Auxiliar** – Gu.R. tens alguma coisa para resolver?

**Gu.R.** – Não.

**Auxiliar** – D. tens alguma coisa para resolver?

**Gu.R.** – Eu não me lembro do que é.

**Auxiliar** – Não faz mal amor, é porque já resolveste.

**D.** – Eu já falei do meu nome no outro dia.

**Educadora Cooperante** – Mas voltaste a escrever.

**Auxiliar** – O Ra.C. riscou todos os nomes que estavam resolvidos.

**Educadora Cooperante** – Olha D. eu não sei o que se passa no diário e contigo, mas olha escreveste mais duas vezes aqui e ainda decidiste não sei porquê.

**Auxiliar** – Porque foi ela que ilustrou o diário.

**Educadora Cooperante** – Ah aqui está assinado, pronto e aqui?! Não te lembras? Já passou?

**D.** – Eu tenho de duas pessoas mas já não me lembro.

**Educadora Cooperante** – Então o Presidente antes de adormecer pode riscar?

**Grupo** – Sim.

[Presidente e responsável do dia riscam o nome das pessoas que tinham escrito na coluna do não gostámos]

**Educadora Cooperante** – Gostámos.

**A.N.** – A.M.

**A.M.** – Eu gostei de voltar à escola.

**Educadora Cooperante** – Ainda bem!

**Gu.R.** – Quando o Conselho vai acabar?

**Educadora Cooperante** – Falta um bocadinho porquê? Tens o comboio para apanhar?

**Gu.R.** – Estou cansado.

**Auxiliar** – Não faz mal, quando nós formos ao recreio, ficas aqui a dormir.

**Gu.R.** – Não, eu quero ir ao recreio.

**Educadora Cooperante** – Nós ainda temos coisas para acabar, podes estar também a ter ideias connosco.

**Gu.R.** – Posso deitar ali?

**Educadora Cooperante** – Não, porque depois não vais ao pátio connosco, porque vais estar deitado.

**Gu.R.** – Só um bocadinho.

**Auxiliar** – Não, não é só um bocadinho tens 5 anos.

**A.M.** – Eu também gostei de experimentar fazer aquele jogo dos quadradinhos.

**Educadora Cooperante** – Muito bem!

**Auxiliar** – Mais pessoas? S. escreveste no gostámos lembraste? Foi de alguém que te tinha ajudado a fazer alguma coisa.

**S.** – Quando eu ia buscar aquele jogo, eu deixei cair um jogo ali e a A.P. ajudou-me a arrumar.

**Educadora Cooperante** – Muito bem! Olha A.P. obrigada por estares sempre disponível, nós já tínhamos escrito numa das Atas que tu, o A.A., o S., o G.E. e a M.S. estavam sempre disponíveis para ajudar, lembram-se que tínhamos escrito? A E. passou agora para uma folha para vocês fazerem um desenho e ir para o vosso portefólio está bem? Obrigada, querida, por ajudares sempre os outros.

**Auxiliar** – Mais alguém?

**Educadora Cooperante** – O S. tinha escrito que tinha gostado muito de fazer o texto, lembraste?

**S.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E o T. não está cá mas eu achei interessante. . . é giro o T. dizer que gostou muito de ver o S. a fazer o texto, quer dizer que o T. já está a querer também experimentar outras coisas diferentes e que o S. tem sido uma boa. . . um bom amigo para os outros, por estares a ajudar os outros com coisas mais difíceis, isso é bom. Mas com o Ga.R. também ele tem aprendido muitas coisas contigo.

**Auxiliar** – E nesse dia o A.N. também quis fazer o texto dele com as letras coladas porque o S. foi fazer e eu achei. . . e disse logo naquele dia “Boa A.N. é importante fazeres coisas diferentes”. O S. foi uma boa ajuda para ti e eu acho que isso é muito importante S.

**Educadora Cooperante** – E também é bom olharmos para o que os outros estão a fazer e querermos fazer igual, quer dizer que queremos fazer mais e queremos crescer e isso é bom para todos. Obrigada, S., depois falamos com o T. Mais coisas no gostámos? Não há mais nada?

**S.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então vamos aqui à parte do fizemos.

**S.** – Eu queria dizer uma coisa.

**Educadora Cooperante** – Queres dizer alguma coisa ao grupo? Tens que falar com eles.

**S.** – Posso dizer uma coisa?

**A.N.** – Sim.

**S.** – Gostei de fazer a lista dos animais com o A.M.

**Educadora Cooperante** – Ainda bem que gostaste de fazer a lista de animais com o A.M. é uma das coisas que vamos falar porque hoje vamos acabar as comunicações, aquilo tudo que temos para comunicar vai ser hoje. Então posso ler aqui o fizemos?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Então nós esta semana fizemos: começámos o Projeto dos Leões; os textos; Hora do Conto *O Melro Artista* e sobre a história fizemos o recorte e colagem para fazer uma obra de arte. . . na verdade podem ser vocês a dizer-me o que é que fizeram sobre esta obra? Eu não estava cá.

**A.N.** – Pintámos com berlindes.

**Educadora Cooperante** – Fizeram a técnica do berlinde foi isso? E mais?

**M.N.** – A outra é a do Pollock.

**Educadora Cooperante** – Não, qual foi a outra?

**A.M.** – A outra. . .

**D.** - Era para cortar folhas.

**A.M.** – E depois colar numa folha branca.

**D.** – Eram folhas fininhas.

**Educadora Cooperante** – Como é que se chamava?

**M.N.** – Ele pintava folhas coloridas.

**Educadora Cooperante** – Recortava folhas. O Matisse é um artista do recorte, gosta muito de recortar.

**S.** – Henri Matisse.

**Educadora Cooperante** – Muito bem S.! Henri Matisse. Depois fizemos o teatro da Carochinha, as histórias com os cartões, S. vais a algum sítio?! A dança do compositor Camille; lista de princesas e listas de animais, fizemos muitas coisas. O que é que nos faltou fazer?! O teatro de atores da D. e da M.Cr., os projetos dos escorpiões e quando é que o Sol é mais quente e a monotípia, foi a única coisa que nos faltou. Vamos passar para a próxima semana isto e vamos às ideias do queremos fazer M.S.

**S.** – Temos que fazer histórias com cartões.

**Educadora Cooperante** – Já fizemos algumas.

**J.M.** – Pelo menos uma já fizemos.

**Auxiliar** – Com e sem cartões porque o Ra.C. fez uma sem cartões.

**Educadora Cooperante** – Mas era melhor fazerem em pares, em grupo.

[Educadora Cooperante escreve no diário da próxima semana o que ficou a faltar fazer]

**A.A.** – Vocês já sabem dizer quem vai ficar com os projetos.

**Educadora Cooperante** – Ainda não falámos sobre isso.

[Crianças já se encontram agitadas e a Educadora Cooperante sugere fazerem a respiração das cinco montanhas e todos fazemos]

**Educadora Cooperante** – Os projetos, teatro de atores da D., esperemos que para a semana a D. consiga estar na área do teatro e a M.Cr. e é para continuar as histórias é isso?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – As histórias com cartões e as monotípias.

**A.A.** – Que sou eu e o Ri.C.

**Educadora Cooperante** – Agora ideias daquilo que querem fazer.

**A.N.** – S.

**S.** – Eu queria fazer um teatro de atores com a M.S. e a A.P.

**Educadora Cooperante** – Já sabem qual é a história?

**M.S.** – Já sabemos.

**S.** – Não é uma história, nós vamos inventar.

[Educadora Cooperante regista esta ideia no diário]

**Educadora Cooperante** – A E. tinha feito a proposta de fazermos a dança sobre. . . com uma música de ópera pode ser?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Para conhecermos uma obras de ópera.

**Gu.R.** – O que é uma ópera?

**Educadora Cooperante** – Ópera é um estilo musical com projeção de voz, mas nós depois vamos falar melhor sobre isto está bem Gu.R. para saberes bem o que é uma ópera.

**D.** – Eu quero fazer uma lista de princesas.

**Educadora Cooperante** – Mas não fizeste uma?

**D.** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então?

**J.M.** – Fizeste quando trocaste com a M.S.

**D.** – Fiz com a A.P. mas só pintei e fiz.

**Educadora Cooperante** – Mas eu encontrei duas listas.

**J.M.** – Uma é da D. e da A.P. e outra do D. e da F. [sala das Expressões]

**Educadora Cooperante** – Ah ok, mas D. não vais repetir de princesas vais ter que escolher outro tema, outra coisa que gostes.

**D.** – De unicórnios.

**Educadora Cooperante** – Mas conheces muitos unicórnios? Quais são os que tu conheces?

**D.** – Conheço os machos e as fêmeas.

[Educadora Cooperante + auxiliar riem-se]

**Auxiliar** – Olha uma lista. . .

**Educadora Cooperante** – De espécies de unicórnios conheces muitos? Quais são as que conheces? Por acaso há muitas espécies de unicórnios, já fizemos um projeto sobre isso. Há muitos animais que são unicórnios.

[crianças começam a falar entre si]

**M.N.** – Eu tenho dois peluches unicórnios, que são parecidos a unicórnios.

**Educadora Cooperante** – Primeiro chama-se unicórnio e há muitos animais que são unicórnio. . . e unicórnio é a palavra de um corno. E há muitos animais que têm um. . .

**Grupo** – Corno.

**Educadora Cooperante** – Por exemplo. . .

**A.M.** – O narval tem.

**Educadora Cooperante** – O narval tem, ainda que não se possa considerar o narval porque não é um chifre é um dente. Mas mais animais que vocês conhecem assim com um chifre?

**S.** – Rinoceronte.

**Educadora Cooperante** – Outros animais que conheçam?

**A.P.** – Hipopótamo.

**Educadora Cooperante** – Não tem chifre.

**L.** – Eu sei a baleia unicórnio, ela tem um chifre.

**Educadora Cooperante** – Eu não sei mas é possível. D. queres fazer uma lista de animais que têm só um chifre que são unicórnios queres? E pesquisar esses animais?

**D.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – E queres pesquisar com quem? Ou quem é que quer fazer com a D.? É melhor as pessoas oferecerem-se.

**D.** – Com a J.

**Educadora Cooperante** – Com a J. boa!

**D.** – E a M.N.

**Educadora Cooperante** – Não D. vais escolher uma pessoa, a J. ou a M.N.

**D.** – A J.

**Educadora Cooperante** – Pronto.

**M.N.** – Eu não queria ser até.

**Educadora Cooperante** – Lista de unicórnios da D. e da J., mais alguém tem alguma coisa que queira fazer? Não queiram depois ouvir a M.S., porque agora ela tem o seu momento para falar mas agora está não sei aonde. Não tinhas uma coisa que querias fazer?

**M.S.** – Sim, o teatro.

**Educadora Cooperante** – Não, não é do teatro.

**M.S.** – Ver as cenouras.

**Educadora Cooperante** – Ahh na segunda-feira à tarde querem ir à horta ver como é que estão as nossas cenouras e as nossas couves?

**Grupo** – Sim!

**Gu.R.** – Mas com as botas.

**Auxiliar** – Vai ser preciso porque no domingo vai chover.

**M.N.** – E também precisamos de levar o casaco.

**Educadora Cooperante** – Ir à horta ver as cenouras e as couves. E já chega não é? Responsável e Presidente chega?

[abanam com a cabeça que sim]

**Educadora Cooperante** – Então podem terminar o Conselho, como é que querem fazer?

[Responsável e Presidente terminam o Conselho fazendo o gesto de abanar as mãos e o resto do grupo imita]

### **Conselho 18/02/2022**

[As crianças encontram-se sentadas em roda nas cadeiras. O Gu.R. é o responsável do dia e o T. é o Presidente. A Educadora Cooperante dá uma caneta ao Gu.R. para ele depois ir riscando os nomes]

**Educadora Cooperante** – Então vamos começar. . . começamos pelo gostámos ou não gostámos?

**Gu.R.** – Não gostámos.

**Educadora Cooperante** – Então vá quem tem coisas escritas no não gostámos levanta o braço.

**Gu.R.** – A.P.

**A.P.** – Eu não gostei que o Ga.R. e o A.A. tivessem estragado a nossa brincadeira.

**Gu.R.** – Foi lá no pátio agora. Com a A.P., com a S., comigo.

**A.P.** – Com a M.S. e o Ri.C.

**Gu.R.** – E a M.N.

**M.N.** – Eu deixei a A.P. brincar um bocadinho com a varinha mas alguém tirou a varinha.

**V.** – Foi o M.C.

**M.N.** – Não foi o M.C.

[crianças começam a falar todas ao mesmo tempo]

**S.** – A M.N. estava na brincadeira distraída e foi assim que o A.A. e o Ga.R. roubaram a varinha que nós tínhamos encontrado no chão.

**M.N.** – E também foram buscar a varinha.

**Educadora Cooperante** – Desculpem lá, é assim que nós falamos num Conselho ou em todos os momentos que estamos em grupo? Apetece-nos falar e falamos, é assim que fazemos?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Então como é que fazemos?

**T.** – Esperamos a nossa vez para falar.

**Educadora Cooperante** – E quem é que dá a palavra?

**T.** – O responsável do dia.

**Educadora Cooperante** – Então se faz favor é dessa maneira que vamos fazer. A A.P. já meteu o seu problema quem quer falar sobre isso levanta o dedo e espera. E acho que o A.A. e Ga.R. devem dizer alguma coisa sobre isto, porque eles são as primeiras pessoas a falar.

**Auxiliar** – E o A.A. tem estado o tempo todo com o dedo no ar para falar.

**Educadora Cooperante** – Se faz favor podes dar a palavra, ou tu [Gu.R.] ou o T.

**T.** – A.A.

**A.A.** – Eu queria pedir desculpa.

**Gu.R.** – Então podemos avançar. . . Ga.R.

**S.** – Ga.R. estamos à espera.

**Educadora Cooperante** – Mas a S. continua a falar?

**Ga.R.** – Desculpa.

**Gu.R.** – O problema da A.P. já está feito.

**Educadora Cooperante** – Sim, podes riscar.

**Gu.R.** – Como é o teu nome?

**A.P.** – O meu nome é o depois.

**M.S.** – É que eu estava a pegar na varinha. . .

**Auxiliar** – Mas eu acho que já está resolvido.

**Educadora Cooperante** – Já está resolvido.

**Gu.R.** – É o nome de quem?

**Educadora Cooperante** – A.A.

**Gu.R.** – A.A.

**A.A.** – Eu não gostei que dois meninos da sala das Expressões que eles deitaram o jogo do corpo humano e depois eu e o T.S. é que apanhamos, eles não apanharam nada. Eu não gostei que eles fizessem isso.

**Educadora Cooperante** – Quem?

**A.A.** – O A.A. e o R. [sala das Expressões]

**Educadora Cooperante** – Então se isso aconteceu não era no nosso diário que devias ter escrito, devias ter escrito no diário das Expressões porque é com o grupo deles, nós aqui podemos tentar resolver mas é uma situação que aconteceu na sala das Expressões.

**Auxiliar** – Eles já fizeram Conselho.

**Educadora Cooperante** – Pois, o Conselho deles já foi, mas se achas que não consegues mesmo resolver com eles de outra forma na próxima semana escreves, está bem?

**A.A.** – Sim, mas eu escrevi no nosso diário porque estava. . . porque foi no dia que havia escolha, nós íamos ver a dança.

**Auxiliar** – Ah e foi aqui na nossa sala?

**A.A.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Só que como é com pessoas que não são daqui.

**A.A.** – Foi no dia que íamos ver o teatro das sombras. Quando eu era responsável do dia.

**Educadora Cooperante** – Pronto mas o A.A. já sabe que da próxima vez vai escrever no outro diário ou quem tiver problemas. . . o T. também teve um problema qualquer com. .

T. – O R.V.

[Entretanto o telemóvel da sala toca e a Educadora Cooperante vai atender e o grupo fica à espera da docente em silencio]

**Educadora Cooperante** – Quando vocês têm um problema com alguém que não é da nossa sala, escrevem no diário deles.

**Auxiliar** – Avançando está aqui outro nome escrito?

**Gu.R.** – Qual? [olha à sua volta e exclama] G.N.

**G.N.** – Não gostei que o A.M. entalasse o meu dedo.

**Gu.R.** – Aonde?

S. – Não sei. Foi na porta?

**Educadora Cooperante** – G.N. explica lá que eu acho que o grupo está mais curioso do que a querer resolver.

**G.N.** – Foi na. . .

**Auxiliar** – Já não te lembras?

**Educadora Cooperante** – Lembra-se sim, só não sabe o nome daquilo.

**A.M.** – Eu lembro-me que entalei o dedo.

**Educadora Cooperante** – Aonde?

**A.M.** – Eu não me lembro onde é que foi.

**Educadora Cooperante** – Entalaste-lhe o dedo e não te lembras onde é que foi?

**M.N.** – Eu sei que foi hoje, eu ouvi ele a dizer.

**Educadora Cooperante** – Foi na gaveta não foi?

**M.S.** – Era a gaveta das ferramentas.

**Educadora Cooperante** – A.M. o que é que tens a dizer sobre isso?

**A.M.** – Desculpa G.N.

**Educadora Cooperante** – G.N. desculpas o A.M.?

**G.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Mas ficaste triste com ele? Com aquela atitude dele, de fechar a gaveta com o teu dedo lá dentro.

**Gu.R.** – Qual é o nome dele?

**Educadora Cooperante** – Acho que podes riscar sim, está resolvido G.N.?

**G.N.** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Pergunta se mais alguém tem alguma coisa a resolver.

**Auxiliar** – Eu não escrevi mas eu queria perguntar se podia dizer duas coisas que quero resolver. . . posso?

**Gu.R.** – Sim.

**Auxiliar** – Ora a primeira coisa é com o T. e com o V. que eu acho que deviam olhar para o resto do grupo e ver como é que eles brincam, como é que as outras pessoas brincam, pessoas de quatro e cinco anos, porque sempre que vamos para o recreio, o T. e o V. estão sempre às lutas. As outras pessoas estão a brincar e eles os dois estão às lutas, eu não sei o que é que vocês. . . não sabem brincar de outra maneira? Precisam de ajuda? Peçam ajuda aos outros. Não conseguem brincar juntos? Não é isso que me parece, vocês gostam muito um do outro, mas ainda não conseguiram crescer o suficiente para conseguirem brincar um com o outro e levam o tempo às lutas, mas mesmo à séria e depois juntam-se as pessoas da sala das Expressões, que são as pessoas mais novas das nossas três salas de escolha, são as pessoas que ainda têm três a fazer quatro, nós aqui já temos quatro, vamos fazer cinco, já somos mais crescidos.

**Educadora Cooperante** – E outros já vão fazer seis. . .

**Auxiliar** – Então vocês estão no grupo das pessoas mais crescidas, deviam mostrar aos mais novos como é que se brinca porque hoje correu muito mal para o T., no outro dia correu muito mal para o T. que levou um pontapé na boca e hoje correu muito mal porque levou uma mordidela.

**Gu.R.** – Onde?

**Auxiliar** – Levou uma mordidela nas costas. . . mas eu não sei se acham boa ideia continuarem a brincar às lutas.

**S.** – Não é bom, nada bom.

**Auxiliar** – Não sei, vamos ouvi-los.

**Educadora Cooperante** – O que é que tens a dizer sobre isto? [T]

**Auxiliar** – Não olhes para mim, a mim não me doeu a mordidela. Tu queres continuar a brincar às lutas?

**T.** – Não.

**Auxiliar** – Então secalhar tens que mudar o quê?

**T.** – A brincadeira.

**Auxiliar** – Tens que mudar a brincadeira.

**M.S.** – O V. no ano. . . velho brincava comigo aos PJ Masks e não brincava às lutas.

**Auxiliar** – Não sei então.

**S.** – Secalhar foi aí que aprendeu. . . Secalhar quando estavam a brincar um dia.

**Auxiliar** – Eles deram a palavra à E., tu não levantaste o dedo querida.

**Educadora Cooperante** – E eu a semana passada, o V. não esteve cá e eu vi menos brincadeiras de lutas e estes dias que o T. não veio, o V. esteve cá sozinho, teve a brincar com a M.N. tiveste a brincar às lutas com o V.?

**M.N.** – Não.

**Educadora Cooperante** – E o V. não brincou às lutas, o problema é quando o V. e o T. estão juntos. Temos que arranjar aqui uma maneira, ou deixam de estar os dois juntos ou têm que dizer ao grupo que outras brincadeiras é que vão fazer para nós confiarmos em vocês.

**T.** – Mas quando eu estou sozinho, o V. não está cá, eu brinco com outras pessoas e outras vezes brinco sozinho.

**Educadora Cooperante** – Às vezes brincas com outras pessoas e às vezes também tens lutas porque magoaste-te a semana passada e o V. não estava cá.

**Auxiliar** – Sim e que vai procurar as mesmas pessoas, são as pessoas da sala das Expressões e continuas a brincar às lutas e a culpa não é das pessoas da sala das Expressões porque essas são mais novas que nós.

**T.** – Mas eles estão sempre a procurarem-me para lutar.

**Educadora Cooperante** – Tu tens que explicar.

**Auxiliar** – Eu não quero, se é para brincar às lutas eu não quero, deixem-me em paz. E se eles continuarem a querer lutar contigo e tu dizeres eu não quero, eu não quero, eu não quero, eles vão perceber que tu não queres mesmo. Agora se eles vão ter contigo para brincarem às lutas e tu continuas a lutar com eles acham que tu queres.

**T.** – Mas eu estou sempre a correr.

**Auxiliar** – Hoje não estavas a correr, hoje estavas mesmo a dar murros, é que nós tivemos a olhar para ti, eu e a E. e o V. viu, não nos viste a olhar para ti? E foste sentar-te na baliza não foi? Mas tu não viste.

**Educadora Cooperante** – Ou viste e fingiste que não viste porque olhaste várias vezes.

**T.** – Eu vi vocês.

**Educadora Cooperante** – Ah e continuaste a brincar como se tivesses muito bem, ao menos foste mordido acho que era isso que tu querias.

**Auxiliar** – Ele queria ser magoado.

**Ra.C.** – É para brincar, não é para lutar.

**Auxiliar** – Eu acho que se as pessoas querem fazer lutas têm que se inscrever numa área de lutas que lá aprendem a lutar sem se magoarem. Agora aqui não temos aulas de lutas.

**T.** – Eu, no dia que a minha mãe tiver de folga, vou para o karaté.

**Auxiliar** – Sabes que o karaté não é para magoar os outros.

**Educadora Cooperante** – Tu ainda não andas, gostavas de ir um dia.

**T.** – Gostava.

**Educadora Cooperante** – Tens que pedir à mãe.

**Auxiliar** – Olha eu gostava de ouvir o V.

**Educadora Cooperante** – Se querem partilhar com o grupo a conversa. . . digam lá o que é que estavam a conversar? Estavas a dizer o quê A.P.?

**A.P.-** Sobre o judo.

**Educadora Cooperante** – Porque a S. falou em karaté e tu lembraste-te do judo e disseste à S. o quê?

**A.P.** – Que eu tenho que pedir aos pais. . .

**S.** – Eu já pedi aos pais para ir ao judo e não há vaga.

**Educadora Cooperante** – O judo só temos um professor não é?! Que é o professor R. e não pode ter muitos meninos e então as pessoas que vão primeiro ao judo são as que têm seis anos ou que têm cinco quase, quase, quase a fazer os seis. Tu tens cinco à pouco tempo e isso quer dizer que no próximo ano, tu vais ser uma das pessoas que tem os cinco quase a fazer seis e já vais poder estar no judo. Só há lugar para as pessoas mais velhas.

**Auxiliar** – E não é todas.

**A.A.** – Mas a A.P. também não anda pois não?

**Educadora Cooperante** – A A.P. anda no judo.

**Auxiliar** – Então V. gostávamos mesmo de te ouvir, o T. diz que vai arranjar outras brincadeiras e tu?

V. – Também vou.

**Educadora Cooperante** – Mas quais?

**T.** – Eu vou brincar às escondidas, às apanhadas.

**M.S.** – Aos animais.

**S.** – Animais selvagens não.

**Educadora Cooperante** – Muito bem, então eu acho que devíamos escrever J.M.

[J.M. escreve na Ata o que ficou combinado]

**Auxiliar** – E o outro assunto tem a ver com as pessoas que andam nos triciclos sem terem cuidado com quem esta no recreio a brincar.

**T.** – Eu estou sempre a dizer ao V.: “Não se empurra” e ele empurra-me.

**Auxiliar** – Pronto eu acho que isso ele também tem que melhorar. A questão é: quando estamos a andar de triciclo nós temos que estar a ver se vamos passar por cima de alguém, se vamos bater nas pernas de outra pessoa, se há alguém no chão a brincar com algum brinquedo e vamos tão distraído que não vemos. Mas quando vemos que magoamos, eu acho que nós já conversámos sobre isto, nós temos que quê?

**A.A.** – Pedir desculpa e cuidar.

**Auxiliar** – Cuidar. . . Não é olhar e ficar indiferente. Hoje aconteceu uma situação com o braço do V. que por acaso ele tinha um casaco bem forte e ele não ficou magoado, mas ele ficou muito vermelho e a pessoa não quis saber. Eu acho que nós temos mesmo que ter atenção quando andamos nos triciclos lá fora porque sem querer podemos mesmo provocar um acidente grave.

**A.A.** – Mas atropelou o braço?

**Auxiliar** – Sim, passou mesmo por cima do braço.

[Em grupo decidimos que é melhor escrever em Ata]

**Educadora Cooperante** – Oh A.M. explica lá o que é que vamos escrever.

**A.M.** – Que vamos ter mais atenção quando andamos nos triciclos.

[J.M. escreve na Ata]

**Educadora Cooperante** – Não temos mais nada para resolver no não gostámos mas temos uma coisa para falar. Então nós deixámos de ter trampolim porque a esponja que está à volta do trampolim estragou-se e a rede também estava estragada. E estragou-se porquê? Porque muitas vezes as pessoas estão a puxar, a por as mãos por baixo, as redes andam aos saltos e põem-se para cima da rede e por isso estragou-se. Quando alguma coisa se estraga o que é que se faz?

**A.A.** – Temos que arranjar.

**Educadora Cooperante** – Arranjar. . . E quando não tem arranjo temos que fazer o quê?

**T.** – Deixar os adultos arranjarem.

**Educadora Cooperante** – E quando os adultos não conseguem arranjar?

**T.** – Temos que pedir aos outros grandes.

**Educadora Cooperante** – Quando os outros grande não conseguem arranjar, o que é que se faz?

**A.M.** – Pede-se ajuda.

**Educadora Cooperante** – A quem? Quando as coisas não têm arranjo o que é que temos que fazer?

**S.** – Temos que pedir a todas as pessoas para tentarem arranjar connosco.

**Auxiliar** – Mas quando não dá para reciclar e não dá para arranjar e nós queremos voltar a usar a coisa temos de fazer o quê?

**A.A.** – Comprar.

**Educadora Cooperante** – Comprar. . . e nós temos dinheiro?

**Grupo** – Não.

**Educadora Cooperante** – Não?! Por acaso eu acho que temos, porque nós fizemos um mercadinho e esse dinheiro era para as coisas que precisássemos aqui da nossa escola, era para comprarmos coisas que quiséssemos para nós, para as salas ou para o Jardim de Infância, mas vocês queriam um trampolim não queriam?

**Grupo** – Sim!

**Educadora Cooperante** – E o trampolim precisava de ser arranjado, portanto parte do dinheiro que ganhamos com o mercadinho teve que ser para comprarmos uma esponja e isto aconteceu porque estávamos a usar o trampolim com pouco cuidado.

**A.A.** – Já não brincamos com o trampolim à muito tempo.

**Educadora Cooperante** – Porque fizemos o nosso mercadinho, tivemos oportunidade de comprar a esponja para o trampolim e os adultos conseguiram arranjar a rede do trampolim mas para isto não voltar a acontecer nós não vamos gastar mais dinheiro no trampolim, secalhar temos que definir algumas regras e percebermos todos juntos como é que estamos no trampolim. Uma das regras diz lá A.M.

**A.M.** – Não se pode ir para baixo do trampolim quando alguém está a saltar.

**Educadora Cooperante** – A partir de agora o trampolim está a funcionar e vai abrir não é permitido estarem debaixo do trampolim. Ninguém pode ir para baixo do trampolim brincar ok? Olha secalhar vamos escrevendo, fica em Ata.

[J.M. escreve na Ata as regras para a utilização do trampolim]

**T.** – A.A.

**A.A.** – Não podemos por as mãos por debaixo da rede do trampolim.

**Educadora Cooperante** – Quer dizer que quando alguém está a saltar, ninguém pode estar com as mãos na esponja.

**S.** – O que é a esponja?

**Auxiliar** – É aquela parte verde.

**A.A.** – Também não podemos estar a passear por cima da esponja.

**Gu.R.** – M.S.

**M.S.** – Também não podemos por os pés na rede.

**Auxiliar** – Não podemos puxar a rede nem saltar contra a rede é verdade.

**T.** – S.

**S.** – Não podemos por as mãos na mola.

**Educadora Cooperante** – Na parte verde, claro.

**T.** – G.N.

**G.N.** – Não podemos levar brinquedos para dentro do trampolim.

**Educadora Cooperante** – Muito bem!

**Auxiliar** – Nem atirar os brinquedos cá de fora lá para dentro para as pessoas que estão no trampolim,

**A.A.** – Nem sapatos.

**Educadora Cooperante** – Isso já sabemos.

**T.** – Ra.C.

**Ra.C.** – Também não podemos estar debaixo do trampolim.

**Educadora Cooperante** – Sim, isso já escrevemos.

**T.** – M.N.

**M.N.** – Não se pode estar sentado no trampolim só à espera que o outro salte.

**Educadora Cooperante** – Ah pensei que tu tivesses a falar de outra coisa que é: as pessoas quando estão à espera para saltar, ficam lá em cima da parte verde à espera, isso não pode ser, têm que ir para outro lado, ninguém pode estar à volta do trampolim.

**A.A.** - Podemos estar à frente.

**Educadora Cooperante** - Sim, mas o melhor é irem brincar e quando for a vossa vez vocês sabem.

**A.A.** - Ou depois as pessoas podem avisar. Ah e também temos de ajudar os outros quando não conseguem subir.

**Educadora Cooperante** - Só falta uma pessoa para avançarmos, temos outras coisas para falar.

**A.M.** - Quando uma pessoa está a saltar não podemos abrir o fecho do trampolim.

**T.** - Porque senão as pessoas podem cair.

**M.N.** - E podem bater. . .

**Educadora Cooperante** - Essa é aquela regra que nós dissemos, se ninguém tiver lá à volta do trampolim isso não acontece.

**A.M.** - Porque a pessoa pode cair e depois ir para os buracos e cair do trampolim.

**Ri.C.** - E partir a cabeça.

**Educadora Cooperante** - Está aqui o Ra.C. Com o dedo no ar.

[crianças começam a falar entre si]

**Educadora Cooperante** - Pronto já estamos a repetir, eu acho que já sabemos as regras todas, só há uma coisa que vai mudar.

**A.A.** - Vamos estar sempre a saltar 2-2, só o M.C. é que vai estar a saltar sozinho.

**Educadora Cooperante** - A partir de agora podem ir duas pessoas está bem?

**A.A.** - Mas temos que combinar as duas pessoas ou é quem quiser?

**Educadora Cooperante** - É quem quiser. Só há mais uma coisa: vamos ter que nos inscrever depois vamos arranjar um quadro para vocês se inscreverem com o giz está bem? Com o vosso nome, mas são vocês a inscreverem-se. É importante saberem escrever o vosso nome para depois se inscreverem.

**A.P.** - Eu sei escrever o meu nome sem o cartão.

**Educadora Cooperante** – Pronto então vamos avançar.

**Grupo** – Sim.

**J.M.** – Podemos ver aqui a coluna do fizemos?

**Grupo** – Sim.

**J.M.** – Fizemos o teatro de sombras “Os músicos de Bremen”, os textos do fim de semana, listas de palavras, a dança no auditório com ópera, construção de jogos, ilustração do diário, registo das cenouras, experiência dos fósseis na sala Intelectual, teatro da história inventada, fomos à horta apanhar as cenouras e arrancar as ervas.

**Educadora Cooperante** – Falta a Hora do Conto, a dança do teatro do compositor Camille.

[J.M. escreve na coluna do fizemos o que falta]

**Educadora Cooperante** – Ah e ainda me lembrei de mais uma coisa.

**J.M.** – Eu também me lembrei de outra coisa. J. o que é que fizemos ontem? A J., o G.N. e o G.E.

**J.** – Fizemos aquela coisa das folhas do sapo.

**Educadora Cooperante** – E como é que isso se chama? Foi uma . . .

**J.** – Pesquisa.

**Educadora Cooperante** – J. não precisas de ficar assim, estamos a aprender.

**J.M.** – Agora já está tudo?! Foi uma semana em cheio.

**Auxiliar** – Já puseste o projeto dos leões?

**J.M.** – Não e falta o do Sol também.

[crianças conversam entre si sobre os projetos]

**J.M.** – Então no queremos fazer da semana passada, nós pusemos: os projetos: escorpiões, leões e quando é que o Sol é mais quente?; o teatro de atores com a D. e com a M.Cr.;

as histórias com cartões; as monotípias; o teatro de atores com a M.S., a S. e a A.P.; a lista de unicórnios com a D. e a J.; a dança de ópera do A.A e ir à horta ver as cenouras e as couves.

**Educadora Cooperante** – Então as coisas que temos que levar para a próxima semana são os projetos e as monotípias. E na próxima semana vai haver o Carnaval, na sexta-feira, dia 25. A E. e a L. já estiveram a escrever aqui um texto mas depois precisamos das vossas ilustrações: O Carnaval está a chegar e vamos festejar no dia 25 numa arruada eco-musical. Podemos escolher os fatos que quisermos mas não podemos trazer facas ou objetos que nos possam magoar. Atentos ao nosso planeta pedimos também que não tragam serpentinas ou confetis. Precisamos da ajuda dos pais para recolher alguns matérias: a sala do JD cada pessoa deve trazer um garrafão ou uma garrafa de 1,5L é isto?

**Grupo** – Sim.

**Educadora Cooperante** – Não é preciso trazerem a colher de pau, senão depois vamos ter colheres de pau perdidas por todo o lado. Estamos combinados? Vamos escrever no diário festejar o Carnaval.

**S.** – Vamos fazer o tambor.

**Educadora Cooperante** – A nossa sala combinamos então os tambores, a sala de Transição como são mais pequenos vão fazer umas maracas com umas garrafinhas e a sala das Expressões e a sala Intelectual também vão fazer tambores, também vão precisar de garrafões.

**A.M.** – É para trazer as garrafas quando?

**Educadora Cooperante** – Boa pergunta! E se quiserem começar a trazer a partir de segunda podem trazer. Ninguém vai pintar garrafas é para trazer a garrafa como está, está bem? Então festejar o Carnaval na sexta-feira com uma arruada. . .

**S.** – Musical.

**G.N.** – Eco.

**Auxiliar** – Boa G.N.

**Educadora Cooperante** – E agora falta outra coisa que combinámos fazer que votámos e tudo.

**A.M.** – O bolo de cenoura.

**Educadora Cooperante** – Secalhar poderíamos fazer na quinta-feira, querem partilhar com as outras salas?

**S.** – Sim, queremos partilhar com as outras salas.

**Educadora Cooperante** – Podemos partilhar na sexta-feira, no dia de Carnaval, com as outras salas mas não só. Quem é que nos ajuda muito na horta?

**Grupo** – O G.

**Educadora Cooperante** – Então eu acho que devemos ter pelo menos uma fatia para o G.

**A.M.** – E para o A.

**Educadora Cooperante** – E outra para o A. E podemos partilhar com outras pessoas da escola, mas não sei se o bolo vai dar para tudo.

[Educadora Cooperante vai buscar à receita e explica às crianças os ingredientes que são necessários]

**Educadora Cooperante** – Esta receita é só para um bolo e nós precisamos de três para dividir por todos. Então vamos precisar:  $4 \times 3$  é quanto?  $4+4+4$

**S.** – 12.

**Educadora Cooperante** – 12 ovos, 12 pessoas cada um trazer um ovo.

[As crianças que querem trazer um ovo colocam o dedo no ar e o mesmo para os restantes ingredientes: óleo, açúcar, farinha. O fermento é a escola que vai fornecer]

[O responsável do dia e o presidente fecham o Conselho batendo palmas]

**ANEXO I - Análise Categorial  
dos registos dos momentos do  
Conselho de Cooperação Educativa**

| ' ' | | ' ' |

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidades de Contexto</b>	<b>Frequência</b>
<b>Conselho de Cooperação Educativa</b>	Resolução de Conflitos	Autonomamente	Autónoma e independente	<p>“M.S. – O que eu não gostei foi de A.P. não brincar comigo. A.P.- Eu é que inventei a brincadeira, depois ela destruiu a brincadeira, porque ela estava a tirar a bandolete. M.S. – Eu não estava a tirar, aquilo estava a sair. A.P. – Mas tu estavas a mexer.”</p> <p>“S. – Não, eu não lhe dei um pontapé. D. – Deste sim.”</p> <p>“Gu.R. – Mas eu já disse desculpa ao A.A.”</p> <p>“S. – Mas ela ficou em pé ou estava de joelhos? J. - Não, ficou em pé. S. – De joelhos pode estar mas em pé não.”</p>	4
		Intervenção da Equipa Educativa	Guiada	<p>“E então o que é que tens que dizer ao G.?” “Tu não lhe bateste com as mãos, tu bateste-lhe com um tacho.”</p> <p>“E.C. – O que é que tu fizeste ao Ri.C.? Gu.R. – Não sei. E.C. – Então ouve o que ele te vai dizer.”</p>	

				<p>“Auxiliar – E tu eras a responsável do dia? A.P. – Não. Auxiliar – Estavas na fila à espera amor?”</p> <p>“Auxiliar – Não tivemos já esse problema?”</p> <p>E. C. – Não foi com as mesmas pessoas.”</p> <p>“E. C. – E o que é que tu fizeste? D. – Escrevi no Diário. E. C. – Mas primeiro devias ter tentado resolver o assunto.”</p> <p>“Auxiliar – Era essa a minha pergunta atirava? Podemos atirar peças para arrumar?”</p> <p>“Auxiliar – Ah e a S. apanhou? A.M. – Sim. Auxiliar – Ah ok, não respeitou porque tu ias por aquela peça e caiu e depois tu ias apanhá-la mas ela foi mais rápida que tu, foi isso? A.M. – Sim.”</p> <p>“Auxiliar – Pronto e eu pensei que tinhas percebido que não foi a M.S. foi mesmo o elástico que se estragou querida.”</p> <p>“E. C. – Como é que isso aconteceu? Auxiliar – Era a J., o A.N. e M.N. eram essas pessoas.”</p> <p>“A.A. – Sim, foi essas cordas. Auxiliar – Mas porque é que a D. está a falar de um casaco?”</p>	16
--	--	--	--	--	----

				<p>Educadora Cooperante – Pois, não estou a perceber.”</p> <p>“E. C. – O que é que acham que aconteceu? A.P. o que é que achas que tem acontecido?”</p> <p>“E. C. – Arrumou noutro jogo. Agora atenção! Vamos falar do que vamos fazer para melhorar para isso não voltar a acontecer.”</p> <p>“E. C. – D. então isso pode ser uma das razões mas não foi por isso que tu escreveste ali. . . O que é que aconteceu com a M.N. que tu não estás a querer contar? Tu ontem trouxeste uma mochila de brinquedos.”</p> <p>“E. C. – Pronto então eu vou perguntar ao grupo como é que se ensina alguém a arrumar?”</p> <p>“Educadora Cooperante – Então se isso aconteceu não era no nosso diário que devias ter escrito no diário das Expressões.”</p> <p>“E.C.– Entalaste-lhe o dedo e não te lembras onde é que foi? (...) Foi na gaveta não foi?”</p>	
--	--	--	--	---	--

		<p>Grupo tenta ajudar a resolver o conflito</p>	<p>Questões e sugestões de como se pode resolver o problema</p>	<p>“S. – O pão. Eu lembro-me desse dia . . . um dia quando eu estava na mesa do Gu.R. ele pôs o pão ao pé dos óculos do Ri.C. assim [demonstra] e ele não queria.”</p> <p>“A.A. – Ga.R. porque é que tu chamaste isso se nós já tínhamos conversado num Conselho que não se podia chamar esse nome. . .”</p> <p>“A.P. – Eu acho que não se pode chamar isso às outras pessoas.”</p> <p>“A.A. – Só se tu lhe disseres no próximo Conselho?!”</p> <p>“A.A. – Está ali uma regra [aponta para a parede ao pé do lavatório]”</p> <p>“A.P. – Depois eu vejo qual é a cor e depois ponho no sítio certo.”</p> <p>“A.P. – É colocar na caixa direito, ver a cor e colocar no sítio certo.”</p> <p>“A.M. – Eu acho que ele tinha que ver primeiro e depois é que atirava ou então ia lá por.”</p>	<p>33</p>
--	--	---	---	---	-----------

				<p>“A.A. – O A.M. primeiro tentou resolver com a S.?”</p> <p>“A.P. – Continuamos a bater e a não pedir desculpa, as pessoas ficam tristes.”</p> <p>“M.S. – E se elas cuidarem, elas já não ficam tristes.”</p> <p>“A.A. – Vou fazer uma pergunta à D.. . D. gostavas de fosse eu com uma coisa qualquer a magoar-te e não pedir desculpa e a não cuidar? Tu ias gostar?”</p> <p>“A.A. – Isso vai ter que melhorar. A desculpa não vem do calhas vem do coração.”</p> <p>“A.A. – Tentaste resolver com o L.?”</p> <p>“A.A. – D. tu tentaste resolver com a S.?”</p> <p>“A.A. – Então porque é que escreveste no diário? É que nós escrevemos no diário quando tentamos resolver e não estamos a conseguir.”</p> <p>“S. – E não sei porque é que a S. deu um pontapé à D. na barriga, ela devia ter dito que não queria</p>	
--	--	--	--	---	--

	<p>Término do Conflito</p>			<p>brincar com a D., não era dar-lhe um pontapé na barriga.”</p> <p>“S. – Secalhar as pessoas vêm uma peça bonita e depois põem no bolso.”</p> <p>“S. – Ou também as pessoas esconderam, sem necessidade nenhuma.”</p> <p>“A.A. – Ter cuidado.”</p> <p>“T. – Temos que olhar para o chão.”</p> <p>“A.A. – Não querias ir embora?”</p> <p>“S. – A amizade é uma coisa que é ter um bom coração e uma boa atitude.”</p> <p>“S. – Arrumar nos sítios certos.”</p> <p>“A.A. – Mostrar como se faz.”</p> <p>“S. – Ou arrumar com a pessoa.”</p> <p>“S. – Ou também podem desarrumar menos e assim não demoram tanto tempo a arrumar.”</p> <p>“A.A. – D. tu já tinhas chegado ao cacifo ou. . .”</p> <p>“S. – E porque é que não foste buscar o banco? Porque estava longe? Era para ires mais rápido?”</p> <p>“S. – Então porque é que não ias lá buscá-lo?”</p>	
--	----------------------------	--	--	---	--

		Pedido de desculpa	Desculpa	<p>“A.A. – Secalhar era porque estavas cansada.”</p> <p>“T. – Deixar os adultos arranjamem. (. . .) T. – Temos que pedir aos outros grandes. (...) A.M. – Pedese ajuda.</p> <p>“Gu.R. – Desculpa.”</p> <p>“T. – Desculpa.”</p> <p>“Ga.R. – Desculpa A.M.”</p> <p>“D. – Desculpa.”</p> <p>“A.A.– Eu queria pedir desculpa.”</p> <p>“A.M. – Desculpa G.N.”</p>	6
		Pedido de desculpa incentivado pela Equipa Educativa	Tens alguma coisa para dizer Podes pedir desculpa	<p>“ (. . .) tu tens uma coisa para resolver com o G.E. podes-lhe pedir desculpa porque senão ele não vai querer brincar contigo. L. – Desculpa.”</p> <p>“E. C. – Vamos seguir. A.A. secalhar deves dizer alguma coisa ao G.N. A.A. – Desculpa.”</p>	4



			Lista de animais	<p>“A.P. – Eu gostei mais daquela massa que estica.”</p> <p>“A.M. – Eu gostei de fazer a pintura do arco-íris na sala das Expressões.”</p> <p>“M.S. – Eu gostei de fazer a estrela de Natal na sala das Expressões.”</p> <p>“A.A. – Eu gostei de regressar à escola.”</p> <p>“A.M. – Eu gostei de voltar à escola.”</p> <p>“A.M. – Eu também gostei de experimentar fazer aquele jogo dos quadradinhos.”</p> <p>“S. – Gostei de fazer a lista dos animais com o A.M.”</p>	
	Fizemos	Fizemos na semana seguinte	<p>Dança</p> <p>Teatro</p> <p>Listas de palavras</p> <p>Ilustração do diário</p> <p>Horta</p> <p>Projetos</p> <p>Histórias</p>	<p>“Auxiliar – [A dança] Da ópera.”</p> <p>“Auxiliar – Ontem não fomos a lado nenhum. Ontem tivemos aqui na sala toda a tarde sentados?”</p> <p>Grupo – Pai Natal.”</p> <p>“E.C. - começámos o Projeto dos Leões; os textos; Hora do Conto <i>O Melro Artista</i> e sobre a história fizemos o recorte e colagem para fazer uma obra de arte”</p>	9

				<p>“E.C. - o teatro da Carochinha, as histórias com os cartões, dança do compositor Camille; lista de princesas e listas de animais, fizemos muitas coisas”</p> <p>“Fizemos o teatro de sombras “Os músicos de Bremen”, os textos do fim de semana, listas de palavras, a dança no auditório com ópera, construção de jogos, ilustração do diário, registo das cenouras, experiência dos fósseis na sala Intelectual, teatro da história inventada, fomos à horta apanhar as cenouras e arrancar as ervas.”</p> <p>“E. C. – Falta a Hora do Conto, a dança do teatro do compositor Camille”</p> <p>“J. – Fizemos aquela coisa das folhas do sapo.”</p> <p>“Auxiliar – Já puseste o projeto dos leões?”</p> <p>“J.M. – Não e falta o do Sol também.”</p>	
--	--	--	--	---	--

		Deixámos para outra semana	Monotípias Jogo de experiências Jogo das cartas Teatro	<p>“E. C. – Mas nós vamos ter que deixar isso [monotípias] para o próximo ano, em janeiro.”</p> <p>“E. C. – Não avançámos com o jogo de ciência porque tivemos outras coisas para fazer”</p> <p>“E.C. - Ah não fizemos o desenho da avaliação e eu já explico porquê.”</p> <p>“Então daquilo tudo que nós íamos fazer só faltam duas coisas que é o desenho da nossa escola e eu vou explicar porquê e o jogo das cartas”</p> <p>“O que é que nos faltou fazer?! O teatro de atores da D. e da M.Cr., os projetos dos escorpiões e quando é que o Sol é mais quente e a monotípia, foi a única coisa que nos faltou”</p>	5
	Queremos fazer	Propostas das Crianças	Monotípias Dança Teatro Livro Listas Projetos	<p>“A.A. – Íamos fazer a monotípia.”</p> <p>“A.A. – Eu queria propor fazer uma dança.”</p> <p>“O jogo da experiências”</p> <p>“eu levei as vossas ideias e todas as pessoas gostaram da ideia do piquenique”</p>	

			Bolo	<p>“S. – Eu para a semana queria fazer um teatro da Vaiana.”</p> <p>“M.N. – Uma dança.”</p> <p>“M.S. – Eu para a semana queria trazer o meu livro <i>De que cor é um beijinho.</i>”</p> <p>“S. – Na próxima semana eu queria trazer o jogo das cartas.”</p> <p>“A.A. – Eu para a próxima semana queria trazer um livro para a Hora do Conto.”</p> <p>“M.S. – Na próxima semana eu quero fazer uma comunicação com os ímanes.”</p> <p>“A.M. – Eu queria fazer uma lista de animais.”</p> <p>“A.A. – Eu gostava de fazer um teatro para a semana.”</p> <p>“D. – Eu quero fazer um teatro.”</p> <p>“S. – Lista quando é que o Sol é mais quente.”</p> <p>“Ri.C. – Eu quero fazer um teatro de atores.”</p> <p>“A.P. – Eu queria uma dança.”</p> <p>”Ra.C. – <i>O Melro Artista.</i>”</p>	25
--	--	--	------	---	----

		Propostas da equipa educativa	<p>Instalação</p> <p>Sugestões de passeios</p> <p>Livro de Natal</p> <p>Carta da avaliação</p> <p>Surpresa</p> <p>Estilos musicais</p>	<p>“A.A. – Pode ser para o teatro que eu quero fazer com o Ra.C”</p> <p>“A.A. – Eu sei qual é a história é <i>O Cuquedo e um Amor que Mete Medo</i>”</p> <p>“S. – Como estamos a fazer as histórias podíamos um dia levar para casa no final do ano também.”</p> <p>“S. – Eu queria fazer um teatro de atores com a M.S. e a A.P.”</p> <p>“D. – Quero fazer uma lista de unicórnios.”</p> <p>“M.S. – Ver as cenouras.”</p> <p>“Projeto dos Leões”</p> <p>“A.M. – O bolo de cenoura.”</p> <p>“E.C. – lembrei-me que tínhamos ali um tronco com um poema que dá para nós utilizarmos . . . Que é aquele tronco que está ali.”</p> <p>“E. C. – Então vamos fazer uma espécie de uma escultura grande (...) e essas esculturas vão ser feitas com objetos vossos”</p>	8
--	--	-------------------------------	--	--	---

			<p>Carnaval</p>	<p>“E.C. - Descobri ontem que na Quinta do Pisão em Cascais vai haver um trilho do Cuquedo.”</p> <p>“E.C. - Como é que vai levar o seu livrinho: então vamos ter que fechar e vamos por em cada um o coraçãozinho ou a estrelinha que fizeram está bem?”</p> <p>“E. C. – tenho sempre que escrever uma carta para os vossos pais e nessa carta eu escrevo o que é que vocês já sabem fazer, o que é que vocês já aprenderam, o que é que vocês têm que melhorar e normalmente nessa carta vai sempre um desenho vosso”</p> <p>“E.C. - Portanto na próxima semana vai acontecer uma surpresa.”</p> <p>“E.C. – A E. tinha feito a proposta de fazermos a dança sobre. . . com uma música de ópera pode ser?”</p> <p>“E.C. - O Carnaval está a chegar e vamos festejar no dia 25 numa arruada eco-musical.”</p>	
--	--	--	-----------------	--	--

## ANEXO J - Roteiro Ético

| ' ' | | ' ' |

Princípios éticos e deontológicos (Tomás, 2011) e legislação em vigor	Prática Profissional Supervisionada II	Ética na Profissionalidade (APEI, 2011)
<p><b>1. Objetivos do Trabalho</b></p>	<p>Desde o primeiro dia em que me apresentei no contexto socioeducativo que surgiu a necessidade de me apresentar às crianças, às famílias e à equipa educativa que, a partir daquele dia, iriam fazer parte do meu percurso. Assim, entreguei à Educadora Cooperante uma carta de apresentação para ser colocada na porta da sala onde refiro a instituição e o curso que frequento, o que pretendo fazer na sala com o grupo de crianças e o período em que irá decorrer o meu estágio profissional. Para além disso, elaborei um documento que foi entregue às famílias, com o objetivo de obter a autorização para tirar registos fotográficos aos seus educandos tapando a cara sempre a mesma fosse reconhecível. Para além disso, foi possível ter algumas conversas informais com as famílias no momento do acolhimento.</p> <p>Relativamente à investigação que pretendo realizar, tentarei procurar dar a conhecer os principais aspetos e objetivos da minha investigação a todos os que fizerem parte do processo. Além disso, entrevistei a educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa.</p>	<p><b>No compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (p.1).</li> <li>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</li> <li>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p.2)</li> </ul> <p><b>No compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar as famílias e a sua estrutura, valorizando a sua competência educativa.” (p.2)</li> </ul>

	<p>Em relação às crianças, expliquei-lhes que estava a fazer um trabalho para a escola e tentei sempre deixá-las à vontade quando tirava fotografias e/ou quando tirava notas.</p>	<p>- “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família.” (p.2)</p> <p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes” (p.2)</p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações.” (p.2)</p> <p>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</p>
<p><b>2. Custos e Benefícios</b></p>	<p>Tal como defendem Benavente et al. citados por Tomás (2011), “o objetivo será que, depois da saída do investigador de campo, os actores locais se apropriem das dinâmicas entretanto criadas” (p.161), considero que da investigação que conduzirei não irá resultar qualquer dano ou custo, mas sim benefícios que poderão ter efeitos a longo prazo, nomeadamente, em práticas de qualidade.</p> <p>Desde o início que me integrei nas rotinas do grupo de modo a dar resposta às necessidades do mesmo o mais eficazmente possível e prestando auxílio a todos os agentes educativos.</p>	<p><b>No compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p> <p>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de</p>

	<p>Desejava proporcionar momentos significativos às crianças, através de atividades previamente planeadas e que fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças.</p> <p>Em relação aos custos, destaco a quebra da relação que criei com as crianças, a equipa educativa e as famílias, quando terminar o meu estágio. Para além disso, ressalvo que a educadora cooperante e a auxiliar sintam que o maior custo foi o facto de despendem o seu tempo para responder às questões da minha entrevista.</p>	<p>desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p.1)</p> <p>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p.2)</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica.” (p.2).</p> <p><b>No compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras na ação educativa.” (p.2)</p> <p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <p>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade” (p.2)</p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações.” (p.2)</p>
--	--	--

<p><b>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</b></p>	<p>Durante toda minha intervenção terei sempre o cuidado de manter o anonimato dos intervenientes, preservando a sua identidade. Desta forma, quando me quero referir a alguma criança ou profissional, fá-lo-ei através de letras e não dos seus nomes, mas também pela utilização de termos como “educadora cooperante” e “auxiliar”, não colocando em causa a privacidade e/ou confidencialidade de qualquer interveniente. Também não farei qualquer referência à Organização Socioeducativa em que a minha intervenção ocorrerá. De modo a certificar o meu compromisso de respeito pela privacidade de cada interveniente, redigirei diferentes protocolos de consentimento informado em que me comprometerei a respeitar a confidencialidade que me é exigida pelas questões deontológicas e éticas bem como pelos meus valores pessoais.</p> <p>Para além disto, quando tirar fotografias às crianças e ao ambiente educativo (sala de atividades), tentarei sempre não apanhar a cara das crianças, e quando acontecer, desfocarei sempre que o rosto da criança for reconhecível. Uma vez que é o grupo de crianças o centro da minha ação educativa, procurarei desde o início da minha intervenção, assegurar-me de que se sentem confortáveis enquanto estão a ser fotografadas, terminando de imediato a minha ação, se tal não se verificar.</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 1)</li> <li>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspetiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</li> </ul> <p>“Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p.2)</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p.2)</li> </ul> <p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p>
--	---	---

	<p>No momento que realizar a entrevista à educadora cooperante e à auxiliar, informá-las-ei que o carácter da mesma será confidencial e que os dados obtidos serão tratados de forma anónima. É importante salientar que os dados recolhidos serão apenas apresentados à minha educadora cooperante e à orientadora da PPSII. Posto isto, posso afirmar que a privacidade das crianças, das famílias, da equipa educativa e organização socioeducativa serão garantidas a nível ético e pessoal.</p>	<p>- “Partilhar informações relevantes acerca da equipa de trabalho, dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)</p>
<p><b>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</b></p>	<p>A recolha de dados incidiu em todas as crianças do grupo, através da sua participação e das observações realizadas.</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p> <p>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2).</p>
<p><b>5. Fundamentos</b></p>	<p>Segundo Tomás (2011), a “investigação tem de ter em conta o papel das crianças e dos adultos significativos que as rodeiam, na análise e revisão dos métodos e objectivos da mesma investigação.” (p.83)</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e</p>

	<p>Durante todo o período de estágio, terei sempre em consideração que a minha ação se baseará nos princípios descritos na Carta de Princípios para uma Ética Profissional da APEI (2011), sendo alguns destes: a competência, a responsabilidade, a integridade e o respeito. Para nortear a minha prática, terei sempre em consideração as necessidades e os interesses do grupo de crianças. Para além disso, reconhecerei que cada criança tem o seu ritmo, mas tentarei sempre que o seu desenvolvimento e aprendizagem ocorram de forma holística.</p>	<p>situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (p.1)</li> <li>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (p.1)</li> </ul> <p><b>Compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações.” (p.2)</li> <li>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade” (p.2)</li> </ul>
--	--	---

<p><b>6. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</b></p>	<p>Ao longo de toda a minha investigação, pretendo partilhar com a equipa educativa os objetivos, métodos de recolha e análise de informação e, mais tarde, os resultados da investigação. Este envolvimento irá ser feito através de conversas, registos fotográficos e documentos informativos.</p> <p>Estarei sempre disponível para responder a questões que possam surgir no que diz respeito aos objetivos e métodos da investigação.</p>	<p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</li> <li>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p.2)</li> </ul>
<p><b>7. Consentimento informado</b></p>	<p>Tal como Tomás (2011) afirma “No momento de se obter o consentimento das crianças e dos seus pais para se desenvolver uma investigação, as crianças devem estar perfeitamente conscientes de que a sua recusa ou desistência da investigação não as poderá prejudicar de qualquer forma” (p.84).</p> <p>Assim, para decidirem participar ou não torna-se essencial elaborar o protocolo de consentimento informado que autoriza ou não o registo fotográfico e/ou filmagens das crianças. No entanto, em conversa com a Educadora Cooperante a mesma explicou-me que no início do ano letivo os encarregados de educação assinam um papel, pelo que não seria necessário enviar outro. Contudo, salientou que sempre que possível devia tentar não apanhar a cara das crianças.</p>	<p><b>No compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</li> <li>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p.2)</li> </ul> <p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p>

	<p>Em relação às crianças, perguntava-lhes sempre se podia registar o que estavam a fazer, quer fosse através de fotografias quer fosse com de notas de campo e tentei compreender através das suas ações se consentiam ou assentiam através dos seus comportamentos. A participação infantil assume aqui um papel de relevo, na medida em que “tem como principal pressuposto defender que as crianças têm os seus próprios direitos e que têm a capacidade de poder participar nas decisões sobre todas as questões que as afectem” (Tomás, 2007, p.192).</p> <p>Para as entrevistas que realizei no âmbito da investigação, elaborei um protocolo de consentimento informado à educadora e à auxiliar, comprometendo-me novamente a respeitar a sua privacidade e a tornar confidenciais os dados pessoais que as identifiquem.</p>	<p>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes da equipa educativa, sem discriminações.” (p.2)</p>
<p><b>8. Uso e relato das conclusões</b></p>	<p>No sentido de beneficiar e apresentar o trabalho que será desenvolvido com as crianças durante a minha intervenção, será interessante mostrar os resultados obtidos à equipa educativa.</p>	<p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <p>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</p> <p>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p.2)</p>
<p><b>9. Possível impacto nas crianças, famílias ou equipa</b></p>	<p>Segundo Tomás (2011, p.88), é “fundamental que o investigador considere não somente o impacto provocado nas crianças envolvidas na investigação, mas também nos grupos mais alargados de crianças”.</p>	<p><b>No compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e</p>

	<p>Assim, com esta investigação pretendo aprofundar o tema da minha investigação com os intervenientes, assim como, levar a uma reflexão dos atores, papéis e potencialidades do Conselho de Cooperação Educativa.</p>	<p>situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no contexto.” (p.1)</li> <li>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (p.1)</li> <li>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo.” (p.2)</li> <li>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p.2)</li> </ul> <p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</li> </ul>
--	--	---

<p><b>10. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as</b></p>	<p>De acordo com O’Kane (2005), citado por Tomás (2011, p.88), “todo o processo de investigação deve ser transparente” e, desta forma, a minha intenção será partilhar os resultados com a equipa educativa e com as famílias.</p> <p>Durante toda a minha investigação, farei o melhor possível para envolver todos os intervenientes, mantendo um contacto recorrente com a equipa educativa, dando ouvidos a possíveis sugestões que podem surgir. Irei também tentar ter um feedback por parte da educadora cooperante de modo a que a investigação decorra da melhor forma possível.</p> <p>Relativamente às famílias, estarei sempre disponível para responder a qualquer questão bem como lhes será enviado todas as informações que se considerem importantes ao longo do processo da investigação.</p> <p>Para além disso, tentarei manter as crianças informadas todos os dias, através de conversas em grande e pequeno grupo.</p>	<p><b>No compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial desenvolvimento e capacidade de aprendizagem” (p.1)</li> </ul> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família.” (p.2).</li> <li>- “Disponibilizar-se para dar apoio e reunir com a família, no sentido de, em conjunto, encontrar atitudes e práticas no que respeita à educação de cada criança.” (p.2)</li> </ul> <p><b>No compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</li> <li>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)</li> </ul>
---	---	---

<p><b>11. Tratamento dos dados<sup>2</sup></b></p>	<p>No que se refere ao presente princípio, é imprescindível que os encarregados de educação tenham consentido a recolha de dados, de forma, a evitar a utilização dos dados que não foram aprovados quer pelos encarregados de educação quer pelas crianças. Para além disso, é fundamental respeitar as decisões das crianças, sendo que a recolha dos dados sobre as mesmas tem que ser aprovadas por elas.</p>	<p><b>No compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p.2)</li> <li>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p.2)</li> </ul> <p><b>No compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p.2)</li> </ul>
--	---	---

<sup>2</sup> “a entidade deverá garantir a recolha do consentimento do titular dos dados - ato positivo claro que indique uma manifestação de vontade livre, específica, informada e inequívoca de que o titular de dados consente no tratamento dos dados que lhe digam respeito – i.e.: declaração escrita que indique claramente que aceita o tratamento proposto dos seus dados pessoais, nesse contexto. O consentimento deverá abranger todas as atividades de tratamento realizadas com a mesma finalidade, indicando quem é o responsável, qual a categoria de dados pessoais tratados, informar o titular sobre o exercício do direito de acesso, retificação, atualização e apagamento dos dados pessoais, existência ou não de comunicações ou interconexões de dados, qual o prazo de conservação dos dados salvaguardando as condições de segurança dos dados recolhidos para objeto de tratamento. Nos casos em que o tratamento sirva fins múltiplos, deverá ser dado um consentimento explicitando esses fins. Importa que prevaleçam os interesses, direitos e liberdades do titular dos dados consagrados no RGPD.” In <https://www.dge.mec.pt/inqueritos-em-meio-escolar-0>

**ANEXO K - Tabelas de análise  
da participação das crianças nos  
Conselhos de Cooperação Educativa**

| ' ' | | ' ' |

Legenda:

- Responsável do Dia/ Presidente
- Participou
- Escreveu no Diário, mas já não se lembra
- Não participou

<b>Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (26/11/2021)</b>						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						
A.M.						
A.A.						O A.A. vai participando ao longo do Conselho.
D.						
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						
J.						
M.N.						
M.Cr.						
M.C.						
M.S.						A M.S. consegue perceber a importância da ajuda do outro.
M.C.						

M.M.						
Ra.C						
Ri.C.						
S.						
S.						
T.						
V.						





Legenda:



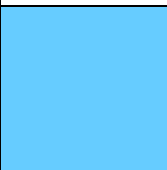











- Responsável do Dia/ Presidente
- Participou
- Escreveu no Diário, mas já não se lembra
- Não participou

<b>Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (10/12/2021)</b>						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						
A.M.						
A.A.						O A.A. percebe que não pode atirar peças.
D.						
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						
J.						
M.N.						
M.Cr.						
M.C.						
M.S.						
M.C.						
M.M.						

Ra.C						
Ri.C.						
S.						
S.						
T.						
V.						

Legenda:

	Responsável do Dia/ Presidente
	Participou
	Escreveu no Diário, mas já não se lembra
	Não participou

Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (17/12/2021)						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						A A.P. percebe que a M.S. não teve culpa que o elástico se tivesse estragado.
A.M.						
A.A.						O A.A. tenta ajudar a resolver os conflitos.
D.						A D. percebe que não pode continuar a bater.
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						O L. não quer um aplauso.
J.						
M.N.						
M.Cr.						
M.C.						

M.S.						A M.S. percebe que é importante cuidar quando magoamos os outros.
M.C.						
M.M.						
Ra.C						
Ri.C.						
S.						
S.						
T.						
V.						

Legenda:

- Responsável do Dia/ Presidente
- Participou
- Escreveu no Diário, mas já não se lembra
- Não participou

<b>Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (14/01/2022)</b>						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						
A.M.						
A.A.						
D.						
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						
J.						
M.N.						
M.Cr.						
M.C.						
M.S.						A M.S. escreveu sobre ela no gostámos.
M.C.						
M.M.						

Ra.C						
Ri.C.						
S.						
S.						
T.						
V.						O V. não quis fazer parte do projeto.

Legenda:

- Responsável do Dia/ Presidente
- Participou
- Escreveu no Diário, mas já não se lembra
- Não participou

<b>Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (03/02/2022)</b>						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						
A.M.						
A.A.						
D.						
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						
J.						
M.N.						A M.N. entende que ela não pode mandar sempre nas brincadeiras.
M.Cr.						
M.C.						
M.S.						
M.C.						

M.M.						
Ra.C						
Ri.C.						
S.						A S. explica ao grupo que devemos brincar com os amigos velhos e novos.
S.						
T.						
V.						

Legenda:

- Responsável do Dia/ Presidente
- Participou
- Escreveu no Diário, mas já não se lembra
- Não participou

<b>Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (11/02/2022)</b>						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						
A.M.						
A.A.						
D.						A D. entendeu que não pode colocar os pés em cima dos cacifos.
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						
J.						
M.N.						
M.Cr.						
M.C.						
M.S.						
M.C.						

M.M.						
Ra.C						
Ri.C.						
S.						
S.						
T.						
V.						

Legenda:

- Responsável do Dia/ Presidente
- Participou
- Escreveu no Diário, mas já não se lembra
- Não participou

<b>Participação das crianças em Conselho de Cooperação Educativa (18/02/2022)</b>						
Nomes	Responsável do dia/ Presidente	Gostámos	Não gostámos	Fizemos	Queremos fazer	Observações
A.N.						
A.P.						
A.M.						
A.A.						
D.						A D. entendeu que não pode colocar os pés em cima dos cacifos.
G.N.						
Ga.R.						
Gu.R.						
G.E.						
L.						
L.						
J.						
M.N.						
M.Cr.						
M.C.						
M.S.						
M.C.						

M.M.						
Ra.C						
Ri.C.						
S.						
S.						
T.						O T. combinou que ia mudar as brincadeiras.
V.						O V. combinou que ia mudar as brincadeiras.